

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL DO  
MUSEU NACIONAL

**ANA CARMEN AMORIM JARA CASCO**

O ARCO DAS LAPAS: um estudo de antropologia urbana

RIO DE JANEIRO  
2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA CARMEN AMORIM JARA CASCO

O ARCO DAS LAPAS: um estudo de antropologia urbana

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Orientador: Gilberto Alves Velho

Rio de Janeiro  
2007

XXXXX

Jara Casco, Ana Carmen Amorim.

Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana / Ana Carmen Amorim Jara Casco. – 2007.

343 f.: il.

Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

1. Bairro. 2. Memória. 3. Identidade e Mudança Social. 3. Tradição. 4. Evolução urbana. Teses. I. Velho, Gilberto Cardoso Alves (orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. III. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA CARMEN AMORIM JARA CASCO

ARCO DAS LAPAS: um estudo de antropologia urbana

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Aprovada em

---

Gilberto Cardoso Alves Velho, doutor, professor do PPGAS/MN/UFRJ

---

Antonio Carlos Souza e Lima, doutor, professor do PPGAS/MN/UFRJ

---

Karina Kuschnir, doutora, professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ

---

Myriam Moraes Lins de Barros, doutora, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ

---

Renata Menezes, doutora, professora do PPGAS/MN/UFRJ

## RESUMO

Esta tese de doutorado é um estudo de antropologia urbana sobre a Lapa, tradicional bairro boêmio da cidade do Rio de Janeiro, que vem sendo revitalizada nos últimos anos a partir da transformação e requalificação dos espaços, e da retomada das atividades comerciais tradicionais. A Lapa integra a primeira área de expansão do centro da cidade que ocupou inicialmente a região a volta da Praça XV de Novembro e rua Primeiro de Março. Localizada na interseção de caminhos que se deslocavam na direção Sul e Norte e ocupada desde a primeira metade do século XVIII, a Lapa se desenvolve como uma área residencial periférica, assumindo aos poucos o papel de reduto da boemia, artistas e marginais pelo qual ficará conhecida durante toda a primeira metade do século XX. Nos anos 1940 a Lapa perde sua posição para bairros como Copacabana, e experimenta um processo de esvaziamento social e urbano, permanecendo no interior da área central como um lugar de caráter popular, ocupado por edificações antigas e uma população de baixa renda.

Esta pesquisa investiga aspectos ligados à vida dos atuais moradores, suas redes e relações locais e procura contribuir para a interpretação das características de populações que habitam as áreas centrais de grandes cidades. Procurou-se investigar a evolução urbana, mapear de modo breve a realidade em termos culturais e sociais, entrevistar alguns moradores bem como observar e participar de seu cotidiano com a finalidade de descreve-lo e permitir enxergar a dinâmica social que de forma quase invisível estrutura e sustenta a permanência de um lugar dentro da cidade. Os resultados da pesquisa apontam para a importância de se (re)conhecer a população local, indagar sobre a criação de mecanismos que facilitem a sua permanência face ao processo de revitalização econômica, utilizar os instrumentos da pesquisa antropológica para qualificação dos dados a respeito da população residente que permitam melhor informar os processos de gestão da cidade.

## ABSTRACT

This Doctor's Degree Thesis is an urban anthropology study on Lapa, a traditional bohemian borough of Rio de Janeiro, which lately has been revitalized starting from the transformation and requalification of its spaces, and from the return to its traditional business activities. Lapa integrates the first expansion area downtown which has initially occupied the area around Praça XV de Novembro and Rua Primeiro de Março. Located in the intersection of roads towards the South and North and occupied since the first half of the 18<sup>th</sup>. Century, Lapa grew as a peripheral residential area, progressively assuming the role of a bohemian point, full of artists and bohemians for which it will be known throughout the first half of the 20<sup>th</sup>. Century.

This research investigates aspects connected to the life of the current dwellers, their networks and local relations and aims at contributing for the interpretation of the characteristics of populations living in the downtown areas of large cities. The purpose of the research was to investigate the urban evolution, briefly map the local reality in social and cultural terms, interview some dwellers, as well as observe and participate in their daily life with the purpose of describing it and providing a social dynamic view which, almost invisibly, structures and supports the permanence of a place within the city. The results of the research point out the importance of recognizing the local population, inquiring on the creation of mechanisms which facilitate its permanence in view of the economic revitalization process, use the anthropological research tools for qualification of the data regarding the resident population, which may provide better information on the management procedures of the city.

## SUMÁRIO

Agradecimentos	p. 08
Lista de ilustrações	p. 14
1. Introdução	p. 17
2. Uma antropóloga <i>flâneur</i> na Lapa	p. 30
3. Lapa: histórias e tradição	p. 63
3.1. Lapa crônica, Lapa aguda	p. 63
3.2. Aspectos históricos	p. 80
3.3. Uma breve história das ruas	p. 109
3.4. A secreta descrição densa dos documentos	p. 123
4. Lapa: categoria urbana e social	p. 133
4.1. Olhares românticos e a Escola de Chicago	p. 133
4.2. A Lapa reinventada na constelação móvel da cidade	p. 141
4.3. Os lugares	p. 152
4.4. Lugar de memória reinventado	p. 161
4.5. Interseções locais – a rua do Lavradio	p. 163
4.6. A designação formal e a apropriação simbólica	p. 166
4.7. Os limites limitam – a Lapa transborda	p. 169
4.8. Tradição lapiana – entre o típico e o popular	p. 178
4.9. A Lapa a contrapelo de Bica e Alfama	p. 185
4.10. Várias Lapas sob um mesmo arco	p. 189
5. Diversidade complexa: tradições reinventadas do sagrado ao profano	p. 192
5.1. Os lugares de boêmia	p. 197
5.2. A tradição religiosa	p. 205
5.3. A revitalização da Lapa	p. 223
6. Entre o sagrado e o profano – o espaço da moradia	p. 228
6.1. A primeira entrevista – memória e tradição reinventada	p. 235
6.2. Vasculhar a vida na Lapa – garimpo de diamantes	p. 247
6.3. Da indução à sedução – observar é participar	p. 278
6.4. Travestis num sobrado meio mocambo	p. 294
6.5. Colorir de So Ho a Lapa – uma balada para poucos	p. 303
7. Considerações Finais	p. 309



8. Referências

p. 332

ANEXO A - Ilustrações

Ilustrações

p. 1 à 59

Legendas e comentários

p. 60 à 67

À cada um e à todos os que [apostaram, provocaram, confiaram, induziram, encorajaram, dialogaram, corrigiram, escreveram, ajudaram, opinaram, esperaram, dedicaram, pensaram, desejaram, acreditaram, tributaram, inspiraram, estimularam, fotografaram, permitiram, revelaram, incentivaram] imaginaram de mim nesta empreitada, o (im)possível, dedico o inacabado da obra, próprio da existência.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido realizado sem a ajuda inestimável de várias pessoas e instituições que gostaria de agradecer. O risco de nomeá-las é o de expor esquecimentos condenáveis pelos quais peço desculpas antecipadamente. Aposto que especialmente os amigos saberão com o coração o quanto foram importantes em partilhar comigo esta trajetória.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador, professor Gilberto Velho, desde a acolhida inicial a meu projeto de pesquisa, por todas as lições ensinadas ao longo dos cursos, das leituras e da orientação, assim como pela generosidade na aceitação de meus limites e estilo de pensar.

Agradeço, na seqüência, ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-UFRJ, seu corpo docente e discente, coordenadores de curso, que ao longo dos anos de doutorado contribuíram para a minha formação e para que o curso seguisse seu caminho exemplar na formação de antropólogos.

Em especial agradeço aos professores Luiz Fernando Dias Duarte, José Sergio Leite Lopes e Eduardo Viveiros de Castro, pelas aulas densas e as discussões animadas em sala de aula.

Agradeço aos professores que generosamente aceitaram compor esta Banca de Doutorado: Myriam Moraes Lins de Barros, Karina Kuschnir, Renata Menezes e Antonio Carlos de Souza Lima.

Ao professor Antonio Firmino da Costa, do Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Lisboa, que me foi apresentado por meu orientador, e cuja obra *Sociedade de Bairro*, gentilmente presenteada, me permitiu estabelecer um diálogo muito rico não só com seu trabalho, como de outros pesquisadores portugueses.

Às colegas de doutorado Fernanda, Alessandra, Sandra e Rogéria pelo caminhar lado a lado em muitos momentos do doutorado.

Dentro do Programa ainda gostaria de agradecer aos funcionários da secretaria, na pessoa da secretária Tânia, que sempre me respondeu prontamente a qualquer solicitação administrativa; assim como ao pessoal da Biblioteca, através da bibliotecária Carla, que sempre fez cumprir as regras com boa vontade, companheirismo e solidariedade.

Como funcionária do Iphan reconheço que este doutorado não teria sido possível sem as licenças parciais e integral a que tive direito, considerando que a Instituição viu em meu trabalho um mérito relevante. Como instituição vinculada ao Ministério da Cultura, em alguns momentos tive a honra de ser apoiada pela equipe do Ministério, a qual gostaria de agradecer na pessoa do secretário executivo Juca Ferreira.

Assim, agradeço ao presidente do Iphan, Luis Fernando Almeida; à diretora de Planejamento e Administração, Maria Emília Nascimento e sua equipe; ao Coordenador-geral de Promoção, Luiz Philippe Torelly; à amiga Grace Elizabeth, que exercendo cargo de chefia ou não, sempre apoiou, incentivou e acompanhou meus passos profissionais e intelectuais; ao amigo João Tadeu, que se mantém firme na luta por um Iphan atuante e que durante este ano de licença integral prestou todo o apoio e solidariedade de que precisei para terminar a tese; às parceiras do dia à dia Graça Mendes e Vera Lúcia Mesquita, com quem as trocas são ricas e os apoios inestimáveis; aos colegas do Iphan, espalhados pelos diversos departamentos, coordenações, superintendências, museus, que em diversas ocasiões me ajudaram, apoiaram e incentivaram.

À Cíntia Mayumi cuja interlocução na orientação de seu projeto de pesquisa me fez reler textos importantes e refletir sobre o cruzamento de várias áreas de saber na construção do conhecimento.

Ao Willians, jornalista que flerta com a antropologia e o cinema, de cuja relação pude me beneficiar com a indicação de leituras que muito me enriqueceram e permitiram pensar outras dimensões do meu trabalho.

Gostaria de agradecer aos funcionários da Biblioteca Nacional, na pessoa de seu presidente, professor Muniz Sodré, pela inestimável colaboração na reprodução dos mapas que apresento nesta pesquisa e dizer-lhes, mais uma vez, que são pessoas muito importantes, guardiões de tesouros que as pesquisas devem revelar com a seriedade que o Brasil merece. Espero, neste sentido, que meu trabalho tenha se colocado, de alguma forma, à altura do material que tive acesso.

Agradeço ainda aos funcionários Íris e Sílvia, que trabalham na área de documentação da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro, e que me auxiliaram na pesquisa, leitura e interpretação da legislação que trata da divisão administrativa da cidade, desde o século XIX.

Como professora e pesquisadora devo dizer que pesquisar no Brasil é lidar com os limites e a falta de recurso das instituições detentoras dos acervos. Isso faz com que um clima de permanente tensão se estabeleça e muitas vezes torne impossível a pesquisa, ou pior, haja um desencorajamento para a importante tarefa de produzir conhecimento a partir das fontes documentais existentes e desconhecidas. Aos diretores de instituições responsáveis pela guarda e acesso de documentação primária e secundária deixo aqui meu apelo para que, sem colocar em risco os acervos, estimulem os pesquisadores a descobrirem as jóias raras que guardam e revela-las ao público interessado.

Integrando a equipe de professores da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, gostaria de agradecer a todos os colegas que direta ou indiretamente me apoiaram nesta empreitada, relevando minhas ausências em importantes processos de discussão dos caminhos da universidade. Agradeço, em especial, à professora Maria Laís que, durante o processo de seleção do doutorado, me disponibilizou sua preciosa biblioteca particular na área de Ciências Sociais. Agradeço aos meus alunos, nestes anos do doutorado, por terem tido a compreensão necessária em relação ao desafio que eu enfrentava e me

apoiarem. Espero devolver este apoio com a qualificação intelectual que o doutorado me ofereceu.

Agradeço a meus pais, Zaira e Florêncio, por tudo o que sempre me ensinaram e que se explicita na integridade medida de cada passo dado.

Aos filhos, Vinicius e Gregório, porque estão ao meu lado sempre (mesmo quando em desacordo), são pessoas maravilhosas e é um prazer vê-los descobrir a vida e crescer.

Ao Marcelo, cuja partilha no caminhar se estende para antes do casamento e para depois da separação, como se os grandes afetos nos ultrapassassem, feitos de duração decantada pelo tempo e pelo sentimento.

À Rita que faz parte da família e conduz o dia a dia com a mestria do cuidado nutrido de carinho e dedicação.

À Silvia Steinberg cuja vizinhança de corpo e alma foi essencial e decisiva na realização deste projeto. Sua colaboração extrapolou o que seria possível aferir e retribuir, mas precisa ficar registrada no livro das grandes amizades.

Ao Pedrinho que silenciosa e discretamente apoiou e colaborou com todas as maluquices e excessos de ajuda que sua mulher, Silvia, me deu.

Ao Hugo, feliz e prazeroso encontro, que foi lúdico interlocutor de muitos momentos deste trabalho, enriqueceu com seu olhar a minha escrita, foi leitor atento de algumas passagens e intuitivo intérprete desta pesquisa que sintetizou no título com que me presenteou para a tese.

Aos amigos Renata e Marcos pelos bons momentos de convivência generosa sob a atmosfera familiar na varanda do Cosme Velho.

Ao amigo Plínio Fróes pela longa, porque intensa e profunda, caminhada que compartilha comigo pela cidade e pela vida.

Ao amigo Augusto Ivan que, como arquiteto e urbanista, sempre partilhou o interesse pela cidade e em várias ocasiões me indicou pessoas importantes dentro da Prefeitura do Rio de Janeiro com quem dialogar.

À equipe do PSF- Lapa – médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, enfermeiros, psicólogos, agentes comunitárias e alunos – por terem me acolhido com tanta generosidade no interior da rotina do trabalho; por terem me apresentado uma realidade tão particular, por desempenharem com tanta dedicação seus papéis, meu sincero agradecimento.

Aos amigos que fiz no PSF-Lapa: Damião, Igor, Perpétua e família, Creuza, Elizete, Rosa.

Aos interlocutores lapianos que gentilmente cederam suas versões de Lapa: Adilson, Cristina, Alexei, Dani, Cíntia, Wander, Anita, Laura, Celeste, Geni e Décio.

Ao amigo Washington Lessa, professor da ESDI, que generosamente me cedeu todos os originais de seu trabalho final de graduação em que investigou de um ponto de vista semiótico, a Lapa dos anos 1970.

Ao amigo César Barreto, pelas fotografias, por compartilhar o olhar e o interesse documental, pelas inexatas conversas sobre a Lapa e a vida.

Á amiga Lygia Segalla por sua presença discreta, sua parceria confiante, sua competente e generosa atuação como educadora e parceira de vários projetos.

Aos amigos que andam pela Lapa, bebem pela Lapa, dançam na Lapa e assim me ajudaram a ver outras camadas: André, Fabiano e Guilherme.

Á Lapa e seus anônimos personagens, por existirem, resistirem, insistirem e terem permitido que eu lhes descobrisse e pudesse me aventurar nesta inacabada viagem pelo surpreendente mundo que faz as cidades e as culturas serem o que são: diamantes a garimpar.

Rio, julho de 2007.

*“Acho que você pode mudar as coisas desse jeito. Na maior parte das vezes, é assim que as coisas são mudadas, escrevendo sobre elas.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Frase dita por Doc, interlocutor de Willian Foote Whyte, quando este se dispôs a apresentar seu projeto de pesquisa e obteve de Doc o compromisso de ser seu “guia” pelo mundo de Cornerville. *Sociedade de esquina*. p. 295.



## ANEXO A - Ilustrações

Abertura. “Boneca”	p. xx
Fig. 1 a, b, c, d, e, f – Arcos da Lapa, desenhos	p. 1
Fig. 2 a, b, c – Arcos da Lapa, iconografia histórica	p. 2
Fig. 3 a, b, c, d, e – Largo da Lapa, iconografia 1817 a 2007	p. 3
Fig. 4 a, b, c, d, e – Lapa, várias ruas – fotografias	p. 4
Fig. 5 a, b – Rua do Lavradio – fotografias	p. 5
Fig. 6 – Largo da Lapa, 2004 – fotografia	p. 6
Fig. 7 a, b – Aqueduto em perspectiva, 1970 e 2007 – fotografias	p. 7
Fig. 8 a, b – Rua Joaquim Silva, 1970 e 2007 – fotografias	p. 8
Fig. 9 a, b, c, d – Rua Visconde de Maranguape, vários momentos – fotografias	p. 9
Fig. 10 a, b, c, d – Redutos da boemia e tradição – fotografias	p. 10
Fig. 11 a, b, c, d, e – Lapa, várias ruas – fotografias	p. 11
Fig. 11a a, b – Avenida Mem de Sá, 1905 e 2007 – fotografias	p. 11a
Fig. 12 a, b – Arcos e rua Gomes Freire – fotografias	p. 12
Fig. 13 – Planta conjectural, 1565	p. 13
Fig. 14 – Rio de Janeiro em meados do século XVIII	p. 14
Fig. 15 – São Sebastião do Rio de Janeiro, 1758/1760	p. 15
Fig. 15a. – Detalhe ampliado	p. 15a
Fig. 16 – São Sebastião do Rio de Janeiro, 1808	p. 16
Fig. 17 – Detalhe ampliado	p. 17
Fig. 18 – São Sebastião do Rio de Janeiro, 1852	p. 18
Fig. 19 – Detalhe ampliado	p. 19
Fig. 20 – Rio de Janeiro e subúrbios, início do século XX, sem data	p. 20
Fig. 21 – Detalhe ampliado	p. 21
Fig. 22 – Rio de Janeiro, 1910	p. 22
Fig. 23 – Detalhe ampliado	p. 23
Fig. 24 – Rio de Janeiro Central Monumental, 1914	p. 24
Fig. 25 – Rio de Janeiro, 1929	p. 25
Fig. 26 – Detalhe ampliado	p. 26
Fig. 27 – Ville du Rio de Janeiro, ca. 1937	p. 27
Fig. 28 – Detalhe ampliado	p. 28
Fig. 29 – Foto aérea de trecho da Lapa	p. 29
Fig. 30 – Rio de Janeiro, c.1959	p. 30
Fig. 31 – Detalhe ampliado	p. 31
Fig. 32 a, b – Projeto do arquiteto Reidy	p. 32
Fig. 33 – Planta perspectiva do Centro do Rio de Janeiro, 1965	p. 33
Fig. 34 – Detalhe ampliado	p. 34
Fig. 35 – Centro do Rio, perspectiva isométrica, 1989	p. 35
Fig. 36 – Detalhe ampliado	p. 36
Fig. 37 – Catadores de lixo, c.1970 e 2007	p. 37
Fig. 38 – Rua Gomes Freire, calçadas do lado par e ímpar	p. 38
Fig. 39 – Rua do Lavradio em diversos momentos	p. 39
Fig. 40 – Limite áreas criadas pela Prefeitura do	p. 40
Fig. 41 – Limites da Lapa Brasil Gerson	p. 41
Fig. 42 – Limites da Lapa Moacir Werneck de Castro	p. 42
Fig. 43 – Limites da Lapa Adilson	p. 43
Fig. 44 – Limites da Lapa Alexei Bueno	p. 44
Fig. 45 – Limites da Lapa Cristina	p. 45

Fig. 46 – Limite do Programa de Saúde da Família-Lapa	p. 46
Fig. 47 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , 2000	p. 47
Fig. 47a – Arcos da Lapa, 2007	p. 47a
Fig. 48 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , mapa 2000	p. 48
Fig. 49 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , 2006	p. 49
Fig. 50 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , mapa 2006	p. 50
Fig. 51 – Matérias do <i>Jornal O Globo</i> , 2007	p. 51
Fig. 52 – “Cores da Lapa”, publicidade, 2006	p. 52
Fig. 53 – Mapeamento dos lugares de boemia na Lapa, 2007	p. 53
Fig. 54 – Turma OK, Democráticos e Bar das Quengas, 2007	p. 54
Fig. 55 – Fila do sopão e “formigões”	p. 55
Fig. 56 – Arco dormitório	p. 56
Fig. 57 – Espaços religiosos na Lapa	p. 57
Fig. 57a – Espaços religiosos na Lapa	p. 57a
Fig. 58 a, b, c – Procissão e Lampadário – fotografias	p. 58
Fig. 59 – Mapa indicando edificações com uso residencial	p. 59

## 1. Introdução

### *Foto fretar a Lapa.*

Quem, como eu, chegar desavisado ali no Largo da Lapa talvez não perceba a densidade do ar rarefeito que a história local insufla, cadenciada pela sucessão da dupla arcada do monumental aqueduto. Nem vai saber que até 1790 – nos tempos do Vice-rei Luis de Vasconcelos e Sousa – no Rio de Janeiro, não existiam ainda o Passeio Público, nem as ruas do Passeio, das Marrecas e da Lapa. Perceberá diferenças se chegar por ali de dia ou de noite, se na segunda ou na sexta, para assistir um show, tomar um chope, trocar um pneu, almoçar, assistir a uma missa, fazer uma aula de balé ou de música, ouvir um concerto, encenar um texto, atrair um cliente, participar de uma roda de capoeira ou estar de passagem. A cada situação uma Lapa diferente se desnudará, como uma mulher que a cada encontro se apresenta com roupa, maquiagem e atitudes distintas.

Mas ela será diferente também se nos aproximarmos dela sempre na mesma hora do mesmo dia, como que a buscar o habitual, a repetição, os iguais. Encontraremos a diferença na repetição. A Lapa é transitória como a lua e nômade como povos ancestrais que como fantasmagorias nos espreitam detrás de cada recanto mal iluminado pela razão. A Lapa é um Aleph<sup>1</sup> no olho da cidade, primeira letra do alfabeto da língua sagrada ou abertura microscópica através da qual podemos enxergar todo o universo.

Se o calor for grande ou a sede mortal e o sol já tiver capturado as insinuações de que a noite se aproxima é possível sentar-se num dos conjuntos de cadeiras plásticas arrumados sobre o calçadão da rua Visconde de Maranguape, em torno de um isopor cheio de refrigerantes e cerveja gelados e uma chapa quente onde sanduíches são preparados de acordo com o gosto do freguês.

Ali sentado, diante do vazio do largo da Lapa, uma falsa fachada te espreita, pintada como um *tromp l'oeil*, – um engana o olhar enquanto você degusta um engana a fome –, sobre a empena cega, descoberta e posta a nu por demolições que o tempo apagou. Por alguns instantes ou depois de muitas cervejas o *tromp l'oeil* parecerá mais real que a própria realidade da Lapa e a vista enganada pela perspectiva desenhada sobre a parede poderá desfrutar de um conforto visual, ainda que a imagem seja apenas uma citação, uma alegoria.

No espaço desterritorializado pela ilusão dos jogos de luzes a Lapa é vermelha, imperfeita e mambembe como um carrinho de frete empurrado por um *homeless* – meio *clown* meio mendigo, com um coração tatuado a ferro e fogo pela agulha suja da vida. Um carrinho atulhado de tralhas e lixo, feito de pedaços de madeira para guardar as fantasias dos brinquedos infantis e do sonho de ter um quarto mobiliado como o da fotografia colada no carrinho.

O sonho do quarto arrumado é uma imagem imantada na literalidade provisória do morador de rua, o catador de lixo, o que freta o nada para lugar nenhum, e que da borda marginal da cidade acalenta desejos tão humanos como o de trocar dormir na rua por uma cama coberta com lençóis brancos.

O carrinho de frete, metáfora da cidade, é o lugar que abriga o universo infinito da vida de um homem, mesmo quando lhe tiraram quase tudo – casa, trabalho, roupa e comida – mas não lhe tiraram a capacidade de fabular e circular pela cidade. Posse definitiva que se afirma no livre caminhar pela rua, no levar e trazer do frete interminável de uma carga inútil que não se destina a ninguém, carga em que restos e sonhos são a mesma coisa.

A Lapa é o lixo recolhido no relicário de um carrinho sobre rodas de rolimã, fábula de uma pintura gasta e manchada, objetos quebrados, restos usados onde a leveza branca de uma renda de filô explícita que há lugar para sonho e fantasia naquela caçamba predestinada a carregar apenas detritos. Assim é a Lapa: frete de ilusões.

Quantos mundos cabem no clique instantâneo de um olhar?

Quantos planos se sucedem na perspectiva polifônica de uma cidade partida? O excesso é efêmero como o nada, tem a densidade do silêncio que grita. Este lugar mágico de sínteses incômodas e cheias de beleza. Planos imperfeitos nos quais as sucessões de imagens e afetos nos dão a impressão de serem

---

<sup>1</sup> “un Aleph es uno de los puntos del espacio que contiene todos los puntos” (P. 623 – Obras completas de Jorge Luis Borges – 1923-1972, Buenos Aires Emece Editores, 1985)

jogos de espelhos, onde eu te espelho ao me espelhares e os dois já somos outros na travessia do canteiro central iluminado por um arco íris sob o qual meninos viram meninas e vice versa. Vago travesti.

A Lapa erra incerta na corredeira da borda do abismo. Na Lapa só se vive uma vez e para sempre no transitório das passagens fugidias que cada um nela experimenta. Ficar na Lapa é ver o tempo passar imóvel e imperial e perdê-lo para sempre sem o roteiro proustiano de sua redescoberta. Na Lapa redescobrir dói como uma ferida em carne viva, melhor esquecer, como faziam os boêmios nos braços despossuídos das prostitutas perfumadas de Madame Gaby. Vago permissiva.

É o lugar do encontro com o poeta amador que habita as nervuras nervosas do entre arcos enquanto o show da vida não começa e um alto falante inunda de ruídos a calçada esburacada. Ruídos de solidão, ruídos de amores perdidos, ruídos de desilusão, ruídos mentirosos, ruídos polifônicos, ruídos sujos, ruídos despojados – ruídos. Arte de poetar entre a sarjeta e o céu que a bailarina trapezista promete desafiar do alto do moderno arranha céu. Só o poeta pede bis e goza gostosamente a vertigem da queda. Vago inerte.

Mais adiante uma insólita instalação de objetos roubados ao lixo marca o lugar de cada um na fila do sopão, desilusão da comida aguada sob a maior obra de engenharia do século 18 que por ironia da vida servia para abastecer de água a cidade – o aqueduto monumental. Sob os Arcos da Lapa oferece-se água aos mendigos infames e famélicos, não para matar a fome, para redimir dos pecados que devem jejuar até a morte.

Fratricídio e piedade sob a lápide do arco de tempo que tramando coisas do arco da velha constrói uma armadilha para os incautos transeuntes que velam pela Lapa. Vago impune.

Uma religião incógnita circula pelas ruas, becos e vielas. A crença no amor romântico oferecido em paus que esporram peitos e amamentam leitões disformes na conformidade de ser duplo – travesti – a rua subverte a ordem enquanto ultraja desejos na espuma branca das areias de Espanha distantes. Vago errante.

A cidade feita de vários planos fretados da realidade desvendada pelos olhos atentos de um *voyeur* injeta seus fragmentos na minha veia. Nada acontece. A droga parece ser inofensiva diante da urgência das sensações, diante da espreita do poeta amador. Já estou quase desistindo da viagem induzida quando o olhar travestido de esquina da Lapa acena da borda do abismo para que eu me aproxime. Desconfio: será que este é o início da viagem? Aquieto meu coração e me aproximo da esquina fatal onde me deixo seduzir pelo desvio inevitável no curso da cidade. Ali o mundo se bifurca e eu escolho o atalho sombrio da esquerda, pavimentada por luzes escassas e convites irrecusáveis. Deslizo na direção masculina do desejo flertando com sensações que me parecem divertidas e insólitas dentro da cena noturna na Lapa. Percebo nacos de amor amassados junto com o lixo varrido das mesas dos bares e com os olhos suplico ajuda ao poeta rendido de tanto amar a dor. Vago tentada.

Vasculho a ambigüidade como condição de acesso ao mundo obscuro dos lugares que misturam memórias sutis e perspectivas de futuro lavadas – estamos fora da cena e podemos experimentar os atalhos que a cidade, tão generosamente puta, nos oferece. Penso ainda, antes de dar o próximo passo, qual será o preço desta aventura? Ninguém cobra o ingresso, ninguém vigia a entrada para o cadafalso. É uma aventura só para os incautos e minha alma encantada pelo efeito tardio da droga injetada nos poros abertos com que farejo a cidade nela se perde, feliz como um pinto no lixo. Vago perdida.

Uma cidade a meia luz mais se oculta do que se revela a não ser que eu opere em negativo toda a experiência do corpo e do afeto embebido no álcool acético da travesti visceral que rebola na minha frente, sob luzes amareladas, como se fosse uma mariposa hipnotizada pelo fascínio do brilho de cristais da cidade.

A calçada arqueada à minha frente é uma sucessão de frontarias, ranhuras pétreas e arabescos férreos. Planos horizontais e visadas verticais confundem o olhar preso a uma iluminação paralela dramática, de ponta cabeça onde as sombras cobrem o branco dos olhos e cegam os sentidos expostos a desejos não catalogados pela lista da libido oficial.

Procuro uma cidade que me ofereça a verdadeira grandeza de sua entrega e não me contento com um cardápio *self service* grávido de cópias imperfeitas da culinária engendrada na reprodutibilidade digital das franquias que se proliferam como ratos pela cidade. Vago faminta.

Encontro várias cidades. Provo de cada uma seu doce e seu amargo. Inalo perfumes, suores e fedores. Nas altas horas da madrugada a única coisa que desejo é ser recolhida, como um objeto usado, pelo

carrinho de frete do anônimo fotógrafo catador de lixo e adormecer sonhos suicidas entre os lençóis e os filós que envolvem a boneca da minha infância perdida, para sempre, nas ruas da Lapa.”

Ana Carmen Amorim Jara Casco, 2007.

A crônica escrita sobre a Lapa, no outono de 2007, é um convite à leitura deste trabalho que registra a Lapa, alguns de seus moradores, suas redes de sociabilidade, detalhes do cotidiano historicamente significativo (Bolle, 1984) – um lugar e uma cultura no interior do centro da cidade do Rio de Janeiro –, a respeito do qual elaborei uma etnografia na área da antropologia urbana entre os anos de 2003 e 2007. Importa sublinhar que estas páginas guardam uma cidade e pessoas que o movimento da vida transforma em outras a cada minuto passado. É mais um relato póstumo que tem o mérito de preservar a imaterialidade da substância que sustenta o ser e o estar de uma cidade no tempo e no espaço, a vida das pessoas que por ela passam, mais efêmeras que as pedras, e tão finitas quanto estas. Preservo, através do registro etnográfico escrito, o que será em algum momento parte da memória desta cidade, antes que o tempo e os homens a modifiquem e destruam. Como autora pretendo desempenhar o papel benjaminiano<sup>2</sup> de ser o sujeito histórico, um indivíduo exposto e vulnerável, ameaçado pelo desaparecimento, mas capaz de agir, capaz de empunhar a tarefa de preservar a memória, a história, os vestígios materiais e imateriais da cultura de um grupo social como um projeto de construção do presente.

Esta etnografia é fruto de um atento exercício de aproximação e distanciamento de realidades observadas na Lapa em que, ajudada pelo tempo, pude experimentar a transformação de mundos e olhares estranhos aos meus se tornarem familiares, pessoas desconhecidas se tornarem próximas até que uma relação de confiança se estabelecesse e elas

---

<sup>2</sup> Referencio diretamente o texto do professor de literatura alemã da USP, Willi Bolle, que inspira estas linhas iniciais, e que em sua comunicação sobre “Cultura, patrimônio e preservação”, analisa o texto *Infância berlinense por volta de 1900* de Walter Benjamin, para construir os conceitos de cultura, patrimônio e preservação.

se dispusessem a me apresentar seus universos particulares. Não só a diversidade existente entre meus interlocutores era explicitada, observada e interpretada, mas também as diferenças entre eles e eu, o meu modo de tentar compreender o ethos e a visão de mundo que postos em cena passavam a interagir comigo a partir de um determinado momento.

Este trabalho pretende mostrar a singularidade da existência de pessoas que habitam o centro da cidade, em particular na região denominada de Lapa e suas imediações. Pretende compartilhar o movimento curioso do pensamento na capacidade que tem de modificar a realidade no que ela precisa, deve e merece ser transformada. Pretende iluminar uma parte da cidade já iluminada pela luz do dia, excesso de branco, luzes estouradas como no sertão de Graciliano Ramos<sup>3</sup>. Olhar a cidade durante o dia e não falar da rotina das atividades de trabalho inerentes a um centro de negócios, mas dos detalhes da vida dos moradores.

Dar voz à vida das pessoas e como ela escoia pela materialidade urbana da cidade e pela imaterialidade dos laços afetivos, de identidade, de vizinhança, fazendo coro com a linha de trabalho do cineasta e documentarista Eduardo Coutinho que, segundo o diretor João Moreira Salles, é um cinema no qual “mais importante do que uma câmera no tripé diante de alguém que fala é a curiosidade de quem ouve. Uma curiosidade sincera, genuína e sem artimanhas, quase uma qualidade moral, no sentido de reconhecer o valor e o interesse daquilo que o personagem decide contar.” Ouvir histórias tocantes e usar a etnografia como uma caixa de ressonância onde a voz do observado possa ser ouvida por tantos outros quantos se interessem pela cidade e seus habitantes.

Perscrutar os limites geográficos delineados no tempo, nos diferentes momentos que entalham a cidade até chegar à forma pela qual é reconhecida nos dias atuais. Investigar os aspectos simbólicos e reais que estruturam a teia de arruamentos, o dédalo de ruas e histórias

---

<sup>3</sup> Referência ao filme *Vidas secas*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos, 1963.

e edifícios e lugares e nomes que na espiral do tempo conferiram sentido ao que chamamos Lapa.

Esta pesquisa não pretende mostrar dados quantitativos para justificar o interesse pelas pessoas que moram na Lapa, seu modo de vida, a cultura que materializam nas suas relações sociais e com a cidade, ou seja, não é a quantidade de pessoas que indica ser importante prestar atenção ao processo social, cultural, econômico, de revitalização que acontece hoje na Lapa, no Rio de Janeiro. Quero mostrar que existem pessoas, não importam quantas, cuja identidade e singularidade do modo de vida, cujo embate com novas realidades e desafios, explicitam por si só a importância de conhecê-las, saber de sua existência e refletir seriamente sobre o que significa habitar o centro de uma metrópole, quais valores estão embutidos e são negociados para que tenha direito à qualidade de vida uma população tão heterogênea e diversa e que, em última análise, conforma o que antropologia chama de sociedade complexa.

O capital intelectual acumulado na formação em diferentes disciplinas como a arquitetura e a antropologia, e no caso da arquitetura mais especificamente a um viés de preservação do patrimônio, dos vestígios materiais da cultura brasileira, me faz estabelecer uma ponte permanente com a preservação, tanto de objetos, quanto da vida, em determinadas condições em que estas se encontram indissolúvelmente imbricadas e uma depende da outra para permanecer. Assim à revitalização econômica, chamada de cultural, da Lapa devia corresponder uma (re)ação social, especialmente por parte dos moradores, que não apareciam em nenhuma notícia sobre o bairro, que não se manifestavam publicamente, era como se fosse uma população inexpressiva, mas que eu sabia existir e quem sabe até resistir ao processo de revitalização sem serem expulsas por um processo de *gentrification*<sup>4</sup>. Mas para pensar qualquer destas hipóteses, na permanência ou na mudança das condições de vida, era preciso saber de que vida estávamos a falar.

---

<sup>4</sup> Ver análise este conceito no capítulo 2.

O dado de que existem pessoas que moram no centro não há de ser novo para uma cidade como o Rio de Janeiro que, como mostram os estudos de sua evolução urbana, já recebeu tantos projetos e tratamentos diferenciados, seja do ponto de vista da legislação urbana, do planejamento da cidade, das políticas de preservação e revitalização que entraram em moda a partir de uma determinada época. Várias pesquisas e o recente investimento privado na construção de moradias no centro atestam que esta não é uma questão desconhecida. Existem os que moram e existe uma demanda por morar no centro.

A questão que proponho é qualificar os dados desta presença muda e quase invisível dos moradores da Lapa, mostrar as sutilezas do modo de viver desta população, situá-las na constelação das populações que habitam os diferentes bairros no Rio e que os estudos urbanos na área das ciências sociais revelam, como os moradores de Copacabana estudados por Velho (1973), os moradores da Baixada Fluminense estudados por Enne (2002), os velhos das camadas médias da zona sul estudados por Lins de Barros (1987), os jovens do subúrbio estudados por Heilborn (1984), os moradores do Catumbi e os movimentos sociais urbanos estudados por Santos (1981) etc.

A antropologia me ajuda a olhar a Lapa com as gamas de cinza que uma boa fotografia em preto e branco, bem revelada, deve mostrar. Ou seja, mostrar a qualidade do objeto fotografado, da fotografia e do processo de revelação; a qualidade do campo social investigado, do registro desta etnografia e sua interpretação, ainda que parcial, ainda que sobre uma pequena parcela desta população, ainda que fragmentário, ainda que estilhaçado pela multiplicidade não convergente das situações etnografadas, ainda que sob um ponto de vista genérico e *bricoleur* (Lévi-Strauss, 2002).

A questão comparativa, inerente ao modelo de pesquisa adotado pela antropologia, se explicita no trabalho a partir do diálogo que procuro estabelecer, sempre que possível, com o



variado universo de pesquisa empreendido no campo das ciências sociais em Portugal<sup>5</sup>. De lá partiram fortes inspirações que me fizeram buscar paralelos e confrontos entre as realidades sociais estudadas, as situações específicas de cada pesquisa e abordagem, filiações, heranças, disparidades e diferenças. Além disso, procurei investigar de um modo geral as pesquisas sobre a área central da cidade e bairros do Rio de Janeiro, a história, os “tipos” que transitam pela cidade<sup>6</sup>, no sentido de enriquecer a análise e interpretação do objeto de estudo, a Lapa.

Além disso, uma importante literatura sobre a Lapa, especialmente produzida no primeiro quartel do século XX, permitiu revisitar a mitologia de suas histórias, reais ou imaginadas, tendo seus autores como biógrafos ou biografados, misturando a experiência vivida com o que restou da memória e experimentando o que Bergson (1990) e Proust (1957) identificam como memória involuntária, memória do não vivido, a redescoberta do tempo perdido. É uma literatura singular, reavivada pela organização de Antologias e reedição de vários textos que retratam a Lapa, a *ambience* do lugar, os traços caricaturais de seus freqüentadores, *habitués* e moradores<sup>7</sup>. Muitos destes textos se localizam na fronteira da literatura com o que poderíamos chamar de uma espécie de etnografia, crônicas da vida, explicitando os olhares agoniados de seus autores diante da infelicidade, pobreza, miséria, marginalidade, ameaça de desaparecimento da vida e dos lugares. Textos que retratam o demasiadamente humano da Lapa, experimentado por escritores que protagonizaram parte daquela história; que guardam a Lapa, no para sempre das bibliotecas, como Luís Martins, “na gaiola de papel onde se prende esse fantasma de pássaro canoro, a saudade. A Lapa está neste livro, para sempre.”<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Baptista (2003), Brito (1999, 2003), Cordeiro (1997, 1999 e 2003), Costa (1999, 2003), Fradique (1999).

<sup>6</sup> Abreu (1997), Benítez, (2005), Bernardes & Soares (1987), Costa (1993), Cunha (1998), Denizart (1997), Gerson (2000), Mafra (2005), Silva (1992), Silveira (1995).

<sup>7</sup> Andrade (1998), Bandeira & Andrade (1965), Damata (1978), Di Cavalcanti (1964), Lustosa (2001), Martins (1979, 2004), Rio (1987),

<sup>8</sup> Guilherme Figueiredo, “Apresentação da 1ª edição” do livro *Noturno da Lapa*, de Luís Martins, reeditado em 2004.

O aprofundamento da pesquisa e as interlocuções travadas levaram-me a flexionar o nome do bairro para o plural – Lapas – e localizar a diversidade local que encontrei sob um grande arco espaço-temporal, jogo humorado de palavras<sup>9</sup> que traduzia mais que perfeitamente o labirinto invisível de situações humanas e urbanas que conformava a Lapa sob o meu olhar.

No segundo capítulo – Uma antropóloga *flâneur* na Lapa – enfrento a descrição do caderno de campo imaginário, escrito desde a primeira vez que estive na Lapa e nas suas imediações em busca de um pretexto para pesquisar a cidade, uma porta de entrada para aquele universo que me atraía mais do que eu saberia explicar. Pareceu-me importante explicitar as relações de minha biografia com o trabalho desenvolvido ao longo de vários anos de convivência com a Lapa e o centro da cidade. Talvez este capítulo sirva para que o leitor entenda todas as lacunas, as deficiências, as insuficiências do trabalho, percorra comigo os atalhos que escolhi, sinta um pouco da perplexidade diante do universo com o qual me deparei e me perdoe por todas as falhas do trabalho, inclusive pelo uso exaustivo da primeira pessoa, do qual não consegui me desvencilhar com a elegância que a academia merecia.

Não é um capítulo que me justifica, mas onde procuro descrever a estranha alquimia que se operou na intensa troca que não me neguei a fazer com a Lapa, correndo o risco de me perder na paixão que se instalou e que não foi possível disfarçar.

O terceiro capítulo – “Lapa: histórias e tradição” – é dedicado a estudar a evolução urbana e a história do Rio de Janeiro no sentido de identificar o aparecimento da Lapa na cidade e contextualizar sua presença na constelação de bairros e lugares que, com o passar do tempo, consolidaram a trama urbana. É interessante observar que uma vasta bibliografia sobre o Rio de Janeiro nos permite ler e conhecer de que maneira a cidade nasce, se desenvolve e evolui até chegar aos nossos dias. Entretanto, são poucos os estudos que relatam de uma

---

<sup>9</sup> O jogo de palavras entre Arcos da Lapa e Arco das Lapas, me foi generosamente oferecido por Hugo Denizart a quem devo inúmeros bons momentos de conversa sobre a pesquisa e que resultaram em reflexões importantes sobre a Lapa.

maneira mais sistematizada a história da cidade ao longo do século XX. O importante estudo da evolução urbana do Rio, do geógrafo Maurício Abreu (1997), assim como as fascinantes histórias das ruas do Rio de Janeiro contadas por Brasil Gerson (2000), se constituíram ao lado de pesquisas na Biblioteca Nacional e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, em importantes fontes para reconstituição da história recente do bairro da Lapa, reflexo da história mais geral da cidade, de como esta cresceu, sob a influência de inúmeros projetos políticos e urbanísticos. Destaco neste capítulo a importância da cartografia pesquisada no acervo da Biblioteca Nacional e de como a interpretação antropológica dos documentos me ajudou a descobrir, relacionar e apresentar dimensões que o olhar historiográfico, arquitetônico ou urbanístico não tinham desvendado, ou pelo menos apresentar nesta composição em forma de bricolagem. Na verdade a leitura dos mapas se revelou um rico exercício de superposição de olhares e interpretações que deram à cidade, e à Lapa em particular, uma espessura insuspeita.

No quarto capítulo – “Lapa: categoria urbana e social” – trato da questão específica de tentar identificar a Lapa como bairro ou não no interior da geografia, divisão administrativa e imaginário da população que habita a cidade. Para este desafio fui buscar companhia nos conceitos estabelecidos pelos cientistas sociais da Escola de Chicago<sup>10</sup>. Era preciso entrar no território do estudo das sociedades complexas bem acompanhada e com o estranhamento do mesmo olhar provocado pelo deparar-se com as grandes cidades e o desafio de estudar a sua própria sociedade. Enfrentar a diversidade e a complexidade que circulam pelas veias das metrópoles, habitadas por grandes populações, constituídas pela diversidade de classes sociais e de trabalhadores, de identidades, multiplicidade de culturas, estilos de vida que levam os indivíduos a participarem de vários mundos. Populações em trânsito entre o local e o global e

---

<sup>10</sup> Foote Whyte (1943, 1973), Goffman (1959), Park (1979), Simmel (1971, 1979), Wirth (1979).

que integram, cada dia mais, numerosas redes, desde as familiares, as constituídas por afinidade, até as virtuais criadas pelo mundo da Internet.

Para isso trabalhei com os importantes estudos de Gilberto Freire<sup>11</sup>, no entendimento de sua visão a respeito da sociedade brasileira, mostrando com uma rara riqueza de detalhes a transição do mundo rural para o mundo urbano, assim como a intensa produção na área de Antropologia Social, no PPGAS/MN/UFRJ, inaugurados pela potente e fértil linha de pesquisa do professor Gilberto Velho<sup>12</sup> que vem produzindo reflexões sobre a sociedade brasileira nas múltiplas abordagens que os problemas sociais permitem olhar, desde as relações de moradia com a segmentação e estruturação urbana da cidade, passando pela identificação dos projetos de vida, pelas questões de identidade cultural, violência, consumo de drogas etc. Os estudos disponibilizados na área de ciências sociais em outras universidades brasileiras, em particular, na USP e na Unicamp<sup>13</sup>. E finalmente a inestimável contribuição dos estudos que vem sendo realizados em Portugal com uma forte interação e troca com o Brasil, listados na nota 5 desta Introdução.

No quinto capítulo – “Diversidade complexa: tradições reinventadas do sagrado ao profano” – faço um rápido relato de outras dimensões da vida na Lapa que me pareceu ser importante registrar como uma espécie de pano de fundo, cenário no qual as demais cenas se desenrolavam. Durante algum tempo observei a função religiosa desempenhada pela Igreja responsável por nomear o bairro, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, tombada pelo Iphan e emblemática da arquitetura religiosa deixada pelos portugueses em nossa cidade. Lugar de memória (Nora, 1984-1992) e lugar de culto a igreja representa, na contra luz da localização geográfica no bairro, a transformação dos modos de habitar a cidade, a mudança da centralidade da Lapa que se localizava à volta da Igreja e que hoje se desloca na direção da rua do Lavradio.

---

<sup>11</sup> Freire (1998, 1968)

<sup>12</sup> Velho, G. (1973, 1980, 1981, 1986, 1994, 1999)

<sup>13</sup> Cardoso (1986), Feldman-Bianco (1987), Magnani & Torres, (2000).

A boêmia, tradição mais reafirmada da Lapa, e a partir da qual se ancorou todo o projeto de revitalização local, também não poderia deixar de comparecer nesta descrição densa (Geertz, 1989) da Lapa. A literatura, a história, as crônicas jornalísticas a respeito do bairro mostram, em diversos momentos, o comportamento desta dinâmica social e de como este uso estruturou, ao longo do tempo, aquela parte singular da cidade, passando pela desmobilização da Lapa nos anos 1950, pelo desenho de novos planos urbanos nos anos 1970 e finalmente pela revitalização dos anos 1990. Mapear a boêmia lapiana nos dias atuais era um compromisso com o meu próprio entendimento do local na medida em que, com o tempo, descobri que era neste território onde melhor se expressavam as dimensões do que vem a ser tradicional, típico, popular no Rio de Janeiro, constituindo parte do que podemos chamar de sua paisagem cultural. Mais do que a profundidade dos dados, é importante que eu diga, o trabalho pretende mostrar a diversidade das informações que de algum modo dão a dimensão da complexidade da Lapa.

O sexto capítulo – “Entre o sagrado e o profano – o espaço da moradia” – trata especificamente dos moradores que encontrei na Lapa. Um universo que reconstruí como um *patchwork*, um tecido de retalhos formado por vários indivíduos que justapõem no encontro das vizinhanças, na superposição de freqüentarem os mesmos mundos, nos nós das redes que articulavam ou pelas quais eram articulados. Abordei o espaço social da Lapa como uma *flâneur*, mas levava no bolso o catálogo de botânica do asfalto (Benjamin, 1991) para me auxiliar na investigação e na interpretação da realidade social que encontrava. Junto de seus moradores a Lapa parecia ser mais plural do que em qualquer outro recanto da pesquisa. Sob o arco das Lapas e num território razoavelmente restrito encontrei todo o tipo de morador, desde os mendigos que ocupam as praças, as calçadas, as marquises que ainda não receberam grades demarcando a entrada dos edifícios, passando por moradores de cortiços, cabeças de porco, pessoas que alugam vagas em apartamentos, que moram em habitações semi-

arruinadas, até famílias de classe média, aposentados e uma expressiva população de idosos, cadastrados no Programa de Saúde da Família que funciona no Hospital do Carmo e faz atendimento domiciliar. Este universo me colocou diante de questões como qualidade de vida associada não apenas ao tipo de moradia ou infra-estrutura de serviços, mas a importância da criação de alternativas que permitam o restabelecimento das redes de sociabilidade, como a promoção de eventos, programações, atividades de rotina, que recuperem as relações de tipo face a face no interior das metrópoles ameaçadas pela desumanização da perda da escala humana.

O processo social experimentado pela Lapa indica que este foi um espaço de degradação progressiva que levou ao esvaziamento e perda das relações de vizinhança desenvolvidas em bairros que mantiveram uma função eminentemente residencial. A Lapa perdeu seus moradores, perdeu o glamour de ser berço da boêmia, teve a prostituição proibida num processo progressivo de decadência urbana e social. A moradia resistiu como uma espécie de resíduo no centro que deveria desempenhar eminentemente a função de comércio e negócios. A perda de uma identidade residencial, construída ao longo de décadas de esvaziamento de sua importância no cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro, fez com que a Lapa se tornasse um lugar procurado pelas classes mais pobres, por pessoas de menor poder aquisitivo, ou uma população que não se importava em viver num lugar decadente e abandonado. Constituiu-se na Lapa uma população bastante heterogênea e com pouca identidade em relação ao bairro ao mesmo tempo em que os tecidos urbanos antigos eram preservados por puro descaso e porque não interessava verticalizar aquela área da cidade.

O morador da Lapa, como o morador dos centros das grandes cidades, que convive com uma rotina de atividades que funcionam de segunda a sexta, de oito da manhã às seis da tarde, e que além disso vive bombardeado por uma propaganda maciça a respeito da violência, da falta de segurança etc., se comporta de maneira isolada, indiferente, desconfiada,

e individualista em muitos casos. As diferenças culturais e sociais também são um importante fator de isolamento dentro da cidade.

Com o processo de revitalização local e ações como um programa de saúde que prevê o atendimento domiciliar, uma nova luz é lançada sobre a população residente da Lapa a quem dou a voz para dizer alguma coisa sobre este lugar e a maneira de viver nele. É sobre o detalhe do cotidiano de vida destas pessoas, histórias e projetos de vida, relação com a cidade e com as mudanças em curso que trato no sexto capítulo deste trabalho.

Por questões econômicas e práticas separei todas as ilustrações do trabalho no Anexo A da tese, para que estas possam ir sendo folheadas ao mesmo tempo em que o texto é lido. Neste volume cada número de página corresponde ao número da figura indicada no texto. Quando existem várias imagens em uma página, estas são indicadas por letras ao lado da imagem. Ao final do Anexo A está organizada uma lista com todas as legendas, comentários e referências a respeito da iconografia pesquisada e produzida.

## 2. *Uma antropóloga flâneur na Lapa.*

“Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da saúde (...) É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência.”  
(João do Rio, *A alma encantadora das ruas.*)

Fazendo botânica do asfalto<sup>1</sup> foi como me senti durante muitos momentos desta pesquisa com caráter etnográfico e fortemente impregnada de meus olhares diversos, constituídos pela arquitetura, pelo urbanismo, pela filosofia (com quem flertei durante alguns poucos e bons anos), pelo trabalho de mais de 20 anos no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelos 10 anos de vida acadêmica universitária como professora da Universidade Federal Fluminense.

Olhares que se misturaram e às vezes embaçaram a visão da cidade sempre apaixonadamente cartografada pelos (meus) sentidos que tentei contrabalançar com doses de cosmopolitismo desapegado para não ficar piegas demais e que ao final tenho dúvida se atingi ou não este objetivo.

Em momento algum procurei uma distância intencional para melhor observar a cidade, sua arquitetura, textura urbana, e o trabalho de restauração dos edifícios antigos me obrigava a um contato íntimo com as edificações, conhece-las por dentro, suas histórias, seus habitantes, que me capturava mais do que o ato de sintetizar dados e projetar. Isso sempre fez com que eu não fosse considerada uma arquiteta “de prancheta” e frequentemente me confundissem com cientistas sociais, antropólogos, psicanalistas.

Experimentar uma formação eclética, não especializada, interessada pela diversidade e a dispersão, nem sempre foi confortável ou me permitiu fazer trabalhos que pudessem ser considerados brilhantes do ponto de vista científico. Rastrear os personagens que transitam

---

<sup>1</sup> Expressão usada por Walter Benjamin para falar sobre as complexas cidades do século XIX, transformadas pela Revolução Industrial e produtoras de um homem contemporâneo impregnado pelo paradoxo da paixão e do ceticismo. Benjamin, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*, Obras Escolhidas III, 2ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.



pelo asfalto provocava uma vontade de se aventurar pelos desvios, por cada um deles em sua singularidade e no que me permitiam pensar, produzindo abordagens e relatos fragmentários que exigiam, as vezes, muita licença poética, difícil de ser concedida pelos parceiros de travessia, como os professores orientadores e meus superiores no Iphan, que me espreitavam cheios de expectativa e um pouco desconfiados.

No curso da pesquisa alguns fotógrafos me emprestaram seus olhares, alguns informantes me emprestaram suas histórias, eu lhes emprestei minhas interpretações, algumas metáforas, citações, um olhar apaixonado, o ofuscamento do fascínio. Neste *melting pot* forjamos uma cidade ou várias, recriamos, num imaginário permeado por doses de racionalidade, metodologias de estudo e análise, rHugoes técnicos de iluminação e registro, curiosidades indomáveis, as fantasias de nossas passagens ou permanências no espaço urbano.

Transformamos espaços em lugares – lhes conferimos sentidos. Revelamos fetiches e escondemos a vulnerabilidade diante do insondável e complexo da realidade humana colada nas ranhuras e cesuras da cidade. Apontamos as flechas de sentidos descobertos ou roubados na direção dos alvos móveis que o trânsito das pessoas e o nomadismo dos lugares formavam diante de nosso olhar curioso e usurpador. Investigamos a cidade a cada fotograma outra.

Há no trabalho antropológico uma dimensão de apropriação parcial do observado e uma devolução inacabada que nunca se compara à realidade experimentada em cada momento singular de contato com o campo. São as luzes naturais, os humores viscerais, a temperatura ambiente, o tom de voz, o calor trocado entre os interlocutores que definem a doação e coleta de dados, ou apenas a distensão em que nos apoiamos para simplesmente observar o outro em seu habitat cultural. Uma atmosfera muitas vezes perdida para sempre na memória do vivido e jamais traduzida nas palavras-guardiãs com que tentei segurar a realidade para que ficasse colada ao relato.

A realidade que insiste em escapar ao relato, fugidia e que se recusa à entrega, é um dos desafios do trabalho antropológico no espaço urbano que por sua vez tenta desvendar estruturas, relacionar exemplos, encontrar constâncias que permitam decifrar códigos, hábitos, formas sociais que dialogam e interagem com a cidade. Realidade que escoa na familiaridade e repetição das cenas, que foge ao olhar distraído pelo excesso de informações ou engarrafado pelos aparatos de comunicação dispersos por todo lado, em todas as direções; realidade que se oculta a cada vez que o olhar tenta registrar um modo de caminhar, vestir, falar, gesticular ou desaparecer num vão escuro de porta entreaberta. O trabalho antropológico é atravessado pela angústia diante do fugidio da cena, do instante não capturável, que passa. É uma luta na qual nem sempre é possível apontar o vencedor. Luta para a qual o importante talvez não seja encontrar o vencedor, mas a sombra tênue do desejo de lutar.

O interesse pela Lapa era manifestação da minha vontade de entender a cidade. Era fruto de um encanto pelas áreas antigas da cidade, quando ainda no curso de graduação de arquitetura fui estagiária do arquiteto Antonio Pedro de Alcântara em pesquisa sobre o casario da região do centro da cidade conhecida como Saara, quando comecei a aprender a ler a superposição dos tempos produtora de densidades que se revelavam e podiam ser descobertas no exercício sensível de observar a cidade e tentar entendê-la. Mais do que observar e traduzir, outro motor deste interesse era o fascínio pelo envelhecimento descuidado e bruto da cidade, as sujeiras e impurezas que se depositavam ao longo de uma evolução urbana desigual e impregnada de contradições, exclusões, deslealdades, abandonos.

Prazer de ver ser preservado e restaurado, gosto pelos circuitos *undergrounds* e fora de moda, desconfiança em relação à transformação da cidade em mercadoria, tudo isso ia aos poucos se montando como um quebra cabeças nas minhas peregrinações urbanas, onde até hoje muitas peças ainda não se encaixaram, mas que a antropologia vem ajudando a compor e interpretar.

A primeira entrada na Lapa se deu através da rua do Lavradio, quando em 1995 um amigo arquiteto argentino me convidou para assistir a apresentação de um estudo seu a respeito da revitalização da rua, inspirada no modelo dos projetos empreendidos pelo Rio Cidade, implantados no Rio de Janeiro na primeira gestão do prefeito César Maia pelo então secretário de urbanismo, arquiteto Luís Paulo Conde, e que tinham por objetivo a melhoria e qualificação do espaço urbano público e sua devolução aos pedestres. Pepe, meu amigo arquiteto, era por sua vez amigo de Alberto, outro argentino, proprietário do restaurante Álíbi, localizado numa transversal da rua do Lavradio, a rua do Senado. A apresentação do estudo projetado por Pepe foi feita num dos imóveis da rua, hoje o famoso Rio Scenarium, que naquela época era um simples antiquário que alugava objetos de época para novelas, filmes e programas de televisão, e já pertencia ao empresário Plínio Fróes. Estavam presentes vários comerciantes da área e não sei precisar se naquele momento já estava formada a associação de comerciantes locais ou se estava em processo de formação.

Tive contato então com a rua e o embrião de um processo de revitalização local que tinha por agentes os próprios comerciantes locais, que buscavam uma forma de pressionar o poder público a atuar mais naquela área. Várias idéias germinavam naquele ovo de serpente<sup>2</sup> translúcido que observei pela primeira vez naquela noite. Desde a implantação de uma feira de antiguidades na rua, passando pelas idéias de instalar bares com música ao vivo no interior dos antiquários, assim como uma maior profissionalização daquele tipo de comércio, fortalecida por uma idéia de associativismo dos comerciantes para conquistar, por exemplo, um espaço público – calçadas, ruas, praças, iluminação adequada etc. – mais decente, capaz

---

<sup>2</sup> Desde o primeiro momento e em meio à poeira do interior das casas, a desorganização urbana da rua, o desinteresse municipal pela área, era possível pressentir a latência de um movimento de virar o jogo e inserir a rua do Lavradio nos processos mais amplos de revitalização cultural que transformavam o centro do Rio. A alusão ao “Ovo da serpente” se refere ao filme do cineasta Ingmar Bergman, em que esta explicação sobre a transparência do ovo que permite ver a serpente que se forma ali dentro é relacionada com a emergência do nazismo na Alemanha.

de modificar a frequência do local, atraindo um outro tipo de público que fizesse movimentar a engrenagem da sustentabilidade econômica da área.

Quando, em 1996, ingressei como professora na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, para lecionar a disciplina de Projeto de Restauração, escolhi a rua do Lavradio como palco das aulas de campo, com o apoio irrestrito do empresário Plínio Fróes que sempre me ajudou a abrir as portas do comércio local para a investigação arquitetônica de meus alunos.

Utilizávamos o Rio Scenarium e o Empório 100, dois antiquários localizados na rua, para reunir os alunos, orientar o trabalho de campo, trocar idéias sobre os conceitos de restauração e preservação de imóveis, num cenário completamente inspirador, no meio de inúmeras quinquilharias que aprendemos a olhar como objetos de arte. Originais ou falsos, autênticos ou não, era como se fossem documentos desorganizados, acumulados por um colecionismo empírico e intuitivo daqueles comerciantes, e que transformávamos em documentos<sup>3</sup>, obras de arte, monumentos da pequena história que escrevíamos naquele canto perdido e até então abandonado da cidade.

O abandono durou pouco tempo. A Feira do Rio Antigo, espécie de mercado de pulgas, instalada na rua ao lado dos terminais de ônibus e do caos urbano vigente acabou por chamar a atenção da Prefeitura que resolveu investir na requalificação urbana da rua do Lavradio, apostando na capacidade dos comerciantes de por sua vez revitalizarem o comércio local, criando um novo pólo de atração comercial e cultural dentro da cidade (ver fig. 5, 39 “a”-“f”).

Na rua do Lavradio fizemos várias exposições dos trabalhos dos alunos da Uff e foi quando descobri que com aquele trabalho fazia uma espécie de garimpo de diamantes urbanos, consolidando minhas impressões sobre a relação da vida infame com uma obra de

---

<sup>3</sup> Uso neste caso os conceito de documento e monumento elaborado pelo historiador Jacques LeGoff, 1990.

arte<sup>4</sup> inacabada e por fazer e que em muitos casos já se encontrava em um estado avançado de envelhecimento e degradação que nos pedia a intervenção de uma restauração.

A ausência de fama e importância atribuída àquela arquitetura, somada à pobreza de seus moradores, desvalorizada pelo abandono do poder público produziu um cenário sombrio e desafiador e um bom número de arquitetos hoje formados e atuando no mercado tiveram a chance de aprender a pensar em restauração a partir da reinvenção de valores e símbolos no meio de áreas degradadas e limiares da cidade como a Lapa que naquele momento era um lugar que se localizava completamente à margem da cidade oficial e que poderia ser designada como marginal.

Os anos de trabalho na rua do Lavradio e a consolidação do processo de revitalização local a partir da implantação de um expressivo comércio de bares, restaurantes, casas noturnas, o sucesso da Fundação Progresso, a “re-paginação” do Circo Voador, os inúmeros títulos que os projetos culturais para a área receberam, me levaram a pensar em investigar a população residente local e seu destino em meio à balbúrdia de um novo sangue que era bombeado naquelas veias da cidade.

Os exemplos de valorização de antigas áreas degradadas, com a substituição das populações, eram categóricos e se repetiam na Europa, na América do Norte e do Sul, onde o processo recebia o pomposo nome de *gentrification*, traduzido como enobrecimento<sup>5</sup>. Para

---

<sup>4</sup> As idéias de vida infame e obra de arte retirei das leituras de Michel Foucault, 1992, com quem aprendi o gosto pela efemeridade das coisas, o passageiro do pensamento e a aversão às cristalizações do saber. Trata-se de pensar histórica e socialmente à partir dos vencidos, dos que anonimamente constituem sociedades e estados, forjam ou são forjados por seus mecanismos de controle e poder. Por outro lado se dedicar a estudá-los como quem se debruça sobre um material precioso e inestimado, daí a idéia de obra de arte, desprezado pela história oficial e disciplinas congêneres.

<sup>5</sup> No verbete da enciclopédia livre Wikipédia encontrei uma definição para *gentrification* que está completamente associada ao uso que faço do termo. “Chama-se gentrificação (ou enobrecimento, de acordo com algumas traduções) um conjunto de processos de transformação do espaço urbano, altamente criticados por estudiosos do urbanismo e de planejamento urbano devido ao seu comum caráter excludente e privatizador. A expressão da língua inglesa *gentrification* foi usada pela primeira vez pela socióloga britânica Ruth Glass, em 1964, ao analisar as transformações imobiliárias em determinados distritos londrinos. Entretanto, é no ensaio “The new urban frontiers: gentrification and the revanchist city”, do geógrafo britânico Neil Smith, que o processo é analisado em profundidade e consolidado como fenômeno social presente nas cidades contemporâneas. Smith identificou os vários processos de gentrificação em curso nas décadas de 1980 e 1990 e

Sharon Zukin<sup>6</sup> os processos de *gentrification*, assim como os de transformar as cidades em réplicas de um modelo Disneylândia de ser, e neste caso uma crítica aos parques temáticos com suas réplicas falsas de todas as culturas do mundo, faz parte não apenas dos processos de globalização, como é inerente à lógica de “entregar” ao mercado a modelagem das cidades. E eu me perguntava o que aconteceria com aquela população que eu adivinhava existir e morar no meio da degradação marginal daquela parte da cidade que integrava o centro antigo do Rio, um outro centro que nada tinha a ver com o sítio primitivo da Praça XV, Rua Direita e suas imediações? Antes de vê-los partir (e se partiriam) queria saber quem eram aquelas pessoas, como viviam, o que pensavam a respeito da cidade, de morar na Lapa, como delimitavam as fronteiras entre as localidades e se a Lapa poderia ser considerada como um bairro a exemplo de outros estudos empreendidos no campo dos estudos urbanos, desde os primórdios da Escola de Chicago, passando pela produção brasileira dos últimos 30 anos, até a produção recente compartilhada com países como Portugal? Se haviam vizinhanças na Lapa e de que tipo? Como se estruturava a vida das pessoas que habitavam aquele lugar que então se definia por sua aparência e função como de passagem, tão impregnado de antiguidade ao mesmo tempo em que esgarçado por inúmeras intervenções, descaracterizações, modificações que se superpunham e se superpõem numa cidade que não pára de se reinventar ao longo do tempo?

---

tentou sistematizá-los, especialmente os ocorridos em Nova Iorque (com destaque para a gentrificação ocorrida nos bairros do Soho e do Harlem, naquela cidade).

Normalmente os processos de gentrificação identificam casos de recuperação do valor imobiliário de regiões centrais de grandes cidades que passaram as últimas décadas por um período de degradação, durante o qual a população que vivia nestes locais era, em geral, pertencente às camadas sociais de menor poder aquisitivo. Através de uma estratégia do mercado imobiliário, normalmente aliado a uma política pública de suposta “revitalização” dos centros urbanos, procura-se recuperar o caráter outrora *glamoroso* da região em questão, de forma a sutilmente expulsar a população original e atrair residentes de mais alta renda.

Foi adotada a expressão em inglês *gentrification* devido ao caráter “enobrecedor” que tais estratégias imobiliárias procuram associar às suas regiões-alvo (a raiz “gent” pode ser grosseiramente traduzida como “nobreza”). Em português, alguns textos chegam a traduzir o processo, de fato, através da expressão “enobrecimento”, embora seja mais comum utilizar-se do aportuguesamento “gentrificação”. Eventualmente o processo também é chamado de *higienização social* ou de *limpeza social*, quando se referindo às regiões centrais das cidades, especialmente.

<sup>6</sup> In “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”, publicado na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 24, organizada pelo antropólogo Antonio Augusto Arantes.

A tradição boêmia da Lapa construída nos anos 1920 e 1930 deixou um legado literário e de histórias significativo como mostrarei de modo aproximado nos capítulos iniciais deste trabalho. Alguns estudos sobre desvio, sexualidade, uso habitacional no centro do Rio, memória de velhos apresentados no programa de Pós graduação em Geografia na UFRJ e no PPGAS<sup>7</sup> me revelavam pistas interessantes como a presença de travestis, a questão da malandragem desde os anos 1930, a presença de portugueses no bairro, a concentração do uso residencial no entorno da Praça da Cruz Vermelha e a criação por parte da Prefeitura da área de Proteção Ambiental desta região que num determinado momento foi nomeada de “moradias ao sul do Corredor Cultural”. Estas pesquisas, cada uma com seu recorte, são nós de uma extensa rede que lança sobre a cidade luzes, visadas, perspectivas a partir das quais podemos pensá-la. No caso dos bairros, por exemplo, os estudos empreendidos pela geografia contextualizam esta discussão de limites, circunscrições na cidade do Rio de Janeiro, explorando exemplos como o de São Cristóvão, Gávea, Santa Teresa, sem, no entanto, abordar o centro da cidade e a especificidade de suas localidades que me permitissem avançar sobre o estudo da Lapa<sup>8</sup>.

Este panorama eclético sobre a Lapa me incitava a usar uma estratégia de *flânerie*, a exemplo dos personagens que no século XIX desenvolviam modos de apreensão e convivência com as cidades atravessadas pela velocidade dos processos industriais. No século XXI outra vez a *flânerie* aparece como um estilo, uma maneira de abordar a cidade, para dar conta dos processos de globalização e estruturação de redes virtuais. Meu espanto e temor, aliado a uma certa expectativa e descrença em relação aos sujeitos urbanos que protagonizavam aquela história talvez fosse o mesmo (guardadas as diferenças) de Baudelaire, João do Rio ou Walter Benjamin, mais tarde. Eu precisava construir um olhar capaz de capturar a multiplicidade no ultrapassamento das informações materializadas em

---

<sup>7</sup> Costa, Normalina. 1993; Silveira, Carmen. 1995; Bernardes & Soares, 1987.; Cunha, Olívia. 1998; Silva, 1992.

<sup>8</sup> Ver sobre isso as questões tratadas no capítulo 4.

paisagens urbanas familiares ou não, que com seus excessos entupiam meus canais de percepção da cidade. Uma abordagem que não deixasse os diferentes personagens de fora mesmo que eu não conseguisse aprofundar em certos círculos a compreensão das redes e estruturas que informavam as relações sociais, de trabalho, de vizinhança, as hierarquias, as interações com os lugares. Manipulando e ajustando lentes com estas características o trabalho me revelou as várias Lapas que como um *patchwork* tento reconstruir no relato desta etnografia. Foi sobre este *patchwork*, que cobre a cidade como um tapete, que me vi muitas vezes como um camaleão<sup>9</sup>, definitivamente mimetizada com o objeto observado e fazendo antropologia *na* cidade, não do alto, mas de dentro (Hannerz, 1983).

As pistas fornecidas pelos autores, aliadas ao acaso de divulgar entre os amigos meu objeto de pesquisa me levaram aos três primeiros entrevistados – Verônica, Edson, e Alexei Bueno, cuja participação nesta etnografia será comentada no capítulo 6. Várias pessoas no meu círculo de amigos e conhecidos conheciam alguém que morava ou tinha morado na Lapa e comecei o trabalho fazendo estes contatos esparsos na esperança de encontrar um fio de meada que me levasse ao interior do labirinto lapiano mais fechado, formado pelas redes de moradores.

O contato com Verônica levou-me a investigar, num primeiro momento, alguns moradores da vila localizada na rua Joaquim Silva, onde reside. Entrevistas esparsas e densas construíram uma visão de vizinhança conturbada, marcada por diferenças de estilos de vida muito fortes e que levavam a uma espécie de reserva em relação aos vizinhos como modo de se preservar das diferenças não compartilháveis. Não é possível afirmar estatisticamente, mas no interior da mistura social própria da Lapa, talvez esta realidade de conflito de estilos de vida seja muito mais comum do que se pensa ou se pode perceber observando. Por outro lado

---

<sup>9</sup> Hannerz (1983, p.296) usa esta expressão para falar a respeito dos diferentes papéis que os homens das sociedades complexas desempenham a cada vez que se deparam com um lugar ou uma situação social distinta, para ilustrar este trânsito entre mundos e a troca de máscaras (Goffman, 1975, Velho, 1994).



o rol de entrevistas desta primeira fase do trabalho de campo mostrou como a Lapa se oferece como uma escolha bastante consciente a respeito da busca de moradia, para um público de jovens adultos, com uma forte demanda de viver em locais centrais, por causa da facilidade de acesso e locomoção.

“Pois é, na época eu estava fazendo a faculdade, a Unirio lá na Urca, então tudo meu estava voltado para cá. Antes, logo no iníciozinho da faculdade eu morava em São João, fazia faculdade aqui e trabalhava num Ciep lá em São João, e dava aula também numa escola particular aqui em Botafogo, aí a minha vida foi ficando dividida, depois eu fui achando que não era legal ficar dando aula assim em escola porque você ganha menos é explorado, e entrei numa de dar aula particular, e a coisa foi começando a dar certo, aí eu já saí de um, saí do outro, e fiquei dando só aula particular. E aí as minhas aulas todas eram para cá, então a minha vida ficou toda voltada para cá, faculdade e trabalho, eu só ia em casa para dormir, foi ficando complicado isso, e aí surgiu essa casa aqui. Aluguei eu e mais uma amiga da faculdade, que mora ali daquele lado. Ela é argentina, então fica mais complicado de alugar, e então apareceu um amigo nosso que já morava aqui e estudava lá na Unirio e que conseguiu uma bolsa de estudos para a Holanda e foi embora para a Holanda. A gente pediu a ele para falar com o dono da casa e ele concordou em passar a casa para a gente. Desde então a gente mora aqui.” (Verônica, moradora da uma vila na Joaquim Silva, 2004)

No capítulo 6 explorarei mais a qualidade dos dados e informações colhidos em campo.

Rapidamente percebi que o espaço doméstico era fechado e guardado com bastante desconfiança o que dificultava sobremaneira minha entrada em campo. Além disso, meus interlocutores não abriam as portas para um contato com suas redes, ou porque já se haviam mudado da Lapa, como no caso de Edson, ou porque não mantivessem uma rede de amigos no local como no caso de Verônica ou Alexei. Da pequena rede estruturada por Verônica e sua companheira na época, Carol, cheguei à roda de capoeira, freqüentada por ambas, comandada pelo mestre Mosca e que acontecia num terreno vazio existente na Lapa. Durante várias noites acompanhei a roda de capoeira na esperança de estabelecer um contato com as mães das crianças que faziam capoeira e através delas desvendar uma rede de moradores da Lapa. Os pais das crianças formavam um círculo fechado e como eu não era do bairro e não tinha um filho fazendo a aula de capoeira não consegui me aproximar e apresentar meu projeto de pesquisa para que eles pudessem colaborar. As aulas de capoeira na Lapa foram o

espaço de sociabilidade no qual mais de perto pude perceber a presença de uma população de classe média baixa e pobre, muitas vezes sem condição de pagar as aulas (e neste caso o professor cobrava um valor simbólico), integrada por um número expressivo de crianças, para as quais a formação na capoeira poderia funcionar como uma alternativa de vida, um esporte saudável, capaz de produzir algum tipo de resistência à “vida fácil” oferecida pelo tráfico de drogas local, por exemplo. Estas informações breves me foram passadas numa pequena entrevista que fiz com o mestre Mosca quando me apresentei e falei um pouco de minha pesquisa. Entendi que por trás de suas aulas havia um trabalho de caráter social parecido com muitos outros voltados para crianças e jovens de favelas. Guardei estas informações ao tempo em que percebia que não seria possível apurar detalhes tendo em vista os riscos de exposição que poderiam criar. Ele mesmo morador da Lapa, onde vive atualmente com a mãe, já tendo antes morado em vários endereços na Lapa, se dizia um filho do bairro e via com uma certa preocupação o destino das crianças das famílias mais pobres que, se não encontram uma boa motivação para crescer saudavelmente, são um alvo das práticas ilícitas que se disseminam pelo local. Era o instantâneo de uma Lapa que, como numa favela, desenvolvia dispositivos de resistência, projetos de caráter social para uma população de baixa renda que de modo estranho habitavam os caminhos da cidade formal. Neste momento, naquelas aulas de capoeira, vendo as crianças saltarem como pequenos sacis, correrem sem parar, mas atenderem obedientemente aos chamados do mestre (que por isso mesmo pode ser chamado de mestre), me sentia como se estivesse no meio do território de uma comunidade carente, uma favela na periferia ou nos morros da cidade, bem longe daquele asfalto urbanizado onde um renque de palmeiras imperiais crescia pontuando perspectivas monumentais, quase sempre a relatar a história dos vencedores, a poucos metros de distância de impérios como a Petrobrás, o BNDES, a Cinelândia, no centro financeiro do Rio. Foi na Roda de Capoeira, no vazio das imediações dos Arcos, na rua Joaquim Silva diurna, no mercado de usados que

ocupa as calçadas da rua da Lapa que mais senti esta dimensão de uma cidade a margem da outra, dentro dela mesma, e com as fronteiras completamente apagadas ou diluídas pelo trânsito de pessoas e veículos. Ali a cidade formal e a cidade informal se imbricam de uma maneira que é difícil distinguir, saber quem é quem, exercitar a exclusão que advém da clareza da classificação de cidadãos entre os de primeira e de segunda classes. Aquela era, sem dúvida, uma das muitas faces da Lapa.

Os ambulantes do mercado informal de objetos usados que ocupam calçadas na rua da Lapa e da Glória (ver fig. 4c, 11d) e na sua extensão natural ao longo do Catete, principalmente nos dias de sábado e domingo, mas também durante a semana, são alvo de ações policiais que procuram baní-los das ruas. Estas ações têm uma peculiaridade que as diferencia de outras que são realizadas com os camelôs no centro da cidade e que vendem objetos novos: são acompanhadas pelo caminhão da companhia responsável pela coleta de lixo da cidade – a Comlurb – no qual são jogadas as mercadorias apreendidas quando o ambulante se recusa a sair rapidamente da rua com suas quinquilharias. Neste caso a mercadoria de objetos usados, comercializada entre uma população de baixa renda, é tratada como lixo pelos policiais encarregados da manutenção da ordem e dos bons costumes na cidade.

O Rio de Janeiro é uma cidade permeada pela contradição e convivência, nem sempre pacífica, da cidade formal – bairros, ruas oficialmente designadas – e a cidade informal – favelas, loteamentos clandestinos, invasões. De um modo geral as fronteiras entre estes espaços estão demarcadas física ou simbolicamente. O urbanismo das áreas informais é distinto do das áreas formais, construídas segundo parâmetros urbanísticos e construtivos previstos em lei. As favelas se localizam nos morros ou nos alagados e as diferenças de padrão urbano e arquitetônico permitem distinguí-las sublinhadas pelos relevos e acidentes geográficos nas quais se incrustam.

“Olha o que acontece: às vezes eu me sinto, eu nunca morei numa favela, mas as vezes eu tenho a sensação de que uma favela é assim. Eu chego à noite, por exemplo na quinta feira, já começa a pegar fogo aqui na Lapa, cheio de gente. Então você passa pelo tráfico de drogas, porque tem várias pessoas que vem para cá para usar droga, ai vai atrás do cara para usar aqui mesmo, então isso é uma situação que você passa constantemente. Atualmente tem uma repressão da prefeitura, então não ta rolando assim tão fácil como era antes, desde que começou este projeto da Lapa limpa neste ano. Todo ano eles fazem isso, mas esse ano está mais rígido, então nem os caras do tráfico estão vindo mesmo porque não ta dando vazão, tem polícia todo dia de segunda a segunda, em todas as esquinas ai da rua, na rua da Lapa (...) Eu não acho legal, porque a polícia também reprime o lado boêmio da Lapa, não só o tráfico de drogas como também os usuários, porque agora eles estão nesta política de que o usuário é um dos maiores causadores da existência do tráfico, então eles estão reprimindo o usuário. Essa semana teve um amigo nosso que veio ai e contou que eles estão jogando spray de pimenta em todo mundo às seis horas da manhã de sábado para domingo, aqui na Lapa ai na rua, com o pessoal na farra, e enquanto não foi todo mundo embora eles não saíram. (...) O tráfico não me intimida particularmente, mas não é uma coisa boa, então o que que eu queria? Que não existisse tráfico na rua para também não trazer a polícia para cá. O tráfico não me intimida porque eu não crio problemas com eles, nem com a polícia, nem com ninguém, eu não tenho problema com ninguém, mas a presença deles gera a violência. Pode gerar, como já aconteceu várias vezes aqui na rua, problemas entre o tráfico e a polícia, aparece alguém morto, aparece um policial morto, aparece um dos meninos que ficam ai na rua vendendo maconha morto, quer dizer, estas pessoas que a gente conhece de passar e cumprimenta né? A gente passa sempre por perto, acaba conhecendo, visualmente cumprimenta e ai vai saber daqui a pouco que o cara morreu porque enfim teve um problema e morreu. Então essa realidade é muito chocante, por isso o tráfico por perto não é bom, porque vai trazer a polícia... eu acho que o ser humano está chegando numa situação que ele perdeu a noção de preservação da própria espécie, (...) então isso me amedronta, eu não quero me acostumar de jeito nenhum a isso, pelo amor de Deus, somos seres racionais né? E isso é completamente irracional. (...) Porque de alguma forma, quem vive no tráfico, neste mundo, muito violento, banaliza totalmente a vida, pode chegar e te dar um tiro na cabeça e você sabe que isso pode te acontecer a qualquer momento, eu acho chocante, assim, quer dizer você tem uma vida que se você perder você não tem como retomar isso é o que a gente sabe hoje, se você levar um tiro na cabeça agora você não tem como dar um *control* “z”, né, desfazer isso, a vida é menos importante...” (Carol, moradora de uma vila na rua Joaquim Silva, 2005)

Na Lapa o informal do prédio invadido ou do cortiço que abriga um número maior de habitantes do que a arquitetura comporta, sem condições adequadas de instalações e salubridade, se localiza lado a lado na calçada dos prédios ocupados pelas camadas médias da população que ai vive, ou por bares e restaurantes frequentados pelos empregados das empresas sediadas na área central.

A distinção entre o tipo de habitante que mora na Lapa, as vezes, fica por conta do estado de conservação da fachada das casas antigas, sem manutenção, ocupadas como cabeças de porco, onde vivem desempregados, ambulantes, pessoas ligadas à atividades ilegais etc. Aqui os códigos de segregação social se inscrevem sobre outros como a antiguidade dos imóveis, programas arquitetônicos característicos do século XIX, tecidos urbanos tratados também como espaços de memória e signos da cultura e tradição de uma sociedade.

A biografia de Edson me revelou uma Lapa como lugar de memória, cenário do desenrolar de uma história de vida fortemente ancorada no que eu havia lido na literatura sobre a Lapa, os relatos de Luís Martins, a biografia de Madame Satã, o texto de Di Cavalcanti, os poemas de Drummond, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes. Era como se a partir de seu relato eu reencontrasse uma Lapa guardada nas páginas literárias que as Antologias permitiam revisitar, mas que não substituíam as cores mais fortes dos quadros que Edson pintou na minha frente, ao vivo.

A surpreendente e longa entrevista concedida pelo poeta Alexei Bueno redesenhava a temporalidade da Lapa. Boêmio dos anos 80, freqüentador dos cabarés e boates decadentes do bairro, afeiçoado pela Lapa no período em que ela vive o entreato do abandono a que esteve relegada antes de experimentar este processo de revitalização recente (e que dura uns 10 anos), Bueno representa o intelectual que tem uma cidade tatuada dentro de si. A escolha de morar na área central da cidade pode ser interpretada como resultado de um desprendimento (próprio de artistas) em relação aos preconceitos que, de alguma forma, segregam invisivelmente a cidade e seus bairros. Esta entrevista também me devolveu o fervor pela literatura sobre a Lapa, assim como me instigou a aprofundar o contato de pedestre com o bairro, percorrendo de cabo a rabo os percursos por ele indicados, passando pelas portas dos estabelecimentos comerciais por ele nomeados, revisitando seus passos no mote de talvez perseguir um dos últimos autênticos boêmios locais.

A teimosia em buscar um filão que me permitisse entrar no universo pessoal dos moradores me fez descobrir a rede criada pelo Programa de Saúde da Família-Lapa e a partir daí trabalhar um pouco com os grupos de pessoas atendidos pelo programa. Um dia, fazendo uma pesquisa na Internet sobre a Escola Municipal Celestino da Silva, encontrei um artigo sobre um trabalho realizado com alunos da escola a respeito de educação sexual que era assinado por uma pesquisadora e trazia seu endereço de *email*. Resolvi escrever para a autora

do artigo e experimentar a eficácia da navegação na Internet que, em muitos sentidos, têm me provocado gratas surpresas. Recebi uma resposta da autora do artigo informando que ela trabalhava na área de saúde pública, num posto de saúde na Lapa, que fazia um trabalho de atendimento domiciliar e formação profissional dos alunos da Universidade Estácio de Sá. Informei-lhe sobre meu interesse em pesquisar os moradores da Lapa e Fátima, a profissional por mim contatada através de um *email*, e que era enfermeira do Programa de Saúde da Família na Lapa, se dispôs a me abrir, na medida do possível, as portas da rede de saúde instalada pelo programa na Lapa. Em seguida fiz uma reunião com ela no Posto de Saúde, no dia em que ela deixava seu cargo por ter sido aprovada em concurso para um emprego na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Naquela ocasião ela me falou durante uma hora mais ou menos sobre o Programa e me apresentou as agentes comunitárias e o médico responsável pela coordenação do Posto, doutor Eduardo.

Ao decidir fazer trabalho de campo junto à alguns dos usuários do PSF-Lapa tive que me ater aos limites da área geográfica delimitada pelo programa para seu atendimento, e que representa aproximadamente quatro quadras no interior da imensa Lapa (ver fig .46) . Esta delimitação, pelo que pude perceber, é completamente aleatória e circunscrita a partir da proximidade com o Hospital da Ordem Terceira do Carmo, local onde funciona o Posto de Saúde do PSF, conveniado com a Universidade Estácio de Sá e que fica na rua do Riachuelo<sup>10</sup>. Se o quadrilátero do PSF-Lapa, artificialmente criado por uma questão metodológica do trabalho a ser desenvolvido, pode ser identificado como uma das Lapas talvez seja uma questão menos importante do que reconhecer que ele reforça a idéia do plural da Lapa, cujos limites por mim identificados ao longo da pesquisa de campo se estendem até onde o espírito Lapa alcance (Lessa, 1973). As inúmeras pessoas a que tive acesso neste universo permitiram testemunhar a delicadeza com que a vida sutilmente subverte as

---

<sup>10</sup> O PSF delimitou como área de sua responsabilidade atender a população que vive entre as ruas do Resende e do Riachuelo e entre a rua do Lavradio e a dos Inválidos, aí incluídas parte a rua Gomes Freire e da Avenida Mem de Sá.

(des)ordens aparentemente estabelecidas e revogadas<sup>11</sup>, construindo quadros sociais complexos e constituídos pela diversidade que forma as sociedades contemporâneas.

A noção de que a Lapa é um lugar popular, para adiantar algumas das discussões abordadas no capítulo 4, ou um bairro residencial de população de baixa renda pode ser inferida da própria estratégia utilizada pelo PSF-Lapa para implantar o Programa na área. O método de abordagem da população, que pressupõe um contato direto para identificação da área, tipo de população, principais problemas, agentes comunitários dispostos a fazerem a mediação entre a equipe médica e a população, é o mesmo desenvolvido com favelas, com a diferença de que no caso da Lapa, a equipe médica inicial observa que há uma maior “desorganização” social. Na favela, por exemplo, a aproximação com a comunidade é feita à partir da Associação de Moradores, lugar de representação comunitária e onde, em tese, é possível estabelecer negociações com as lideranças locais e atingir o grupo social mais amplo. Na Lapa esta “porta de entrada” não existe ou se existe não desempenha o papel necessário à entrada do Programa nas casas. Assim, segundo relato dos médicos, o trabalho inicial do PSF foi o de visitar diretamente cada imóvel, explicar a proposta de trabalho e identificar pessoas da comunidade que pudessem vir a fazer o papel de mediadores – agentes comunitários de saúde – entre o PSF e a comunidade. Ou seja, a ausência de uma Associação local com liderança e representatividade é um dado interessante sobre o estilo de vida, talvez menos gregário e mais individualista, que caracteriza hoje os grandes centros urbanos. Apesar de sua vocação popular e de em muitos aspectos lembrar a informalidade presente nas favelas, a Lapa não se apresenta socialmente estruturada a partir de dispositivos sociais de maior proximidade social, laços de vizinhança e solidariedade que são encontrados nas favelas e nas áreas periféricas da cidade. A Lapa representa um híbrido de área central – bairro que já desempenhou várias funções estratégicas, que já foi área decadente e hoje vive

---

<sup>11</sup> Pessoas que ficaram na Lapa, quando a Prefeitura proibia o uso residencial na área central; e que continuam na Lapa à despeito da proliferação de casas noturnas e da nem sempre harmoniosa convivência com o projeto de revitalização local.

processo de revitalização – , e periferia, nas quais estas diferentes realidades sociais se superpõem como se fossem camadas depositadas pelo tempo no solo da cidade.

Estava ali também, no dia da minha primeira visita ao PSF-Lapa, dona Célia, antiga agente comunitária que fez parte do grupo inicial do programa, e que se desligou por estar muito cansada e com problemas nas pernas que lhe dificultavam fazer as visitas domiciliares. Combinei com ela uma entrevista para um outro dia e com o pessoal do Programa de voltar no dia seguinte. As conversas preliminares que tive me indicaram que eu deveria vir participar dos grupos de trabalho existentes, que mobilizavam moradores e profissionais do Programa e nos quais eu poderia conhecer melhor as pessoas que eram atendidas, os moradores da área, num espaço semi público como o de reuniões abertas dos diversos grupos existentes.

Ainda nesta segunda visita ao Posto encontrei as profissionais ligadas ao trabalho de fisioterapia e fui informada do trabalho com o grupo de caminhada e convidada a participar dele, por ser um grupo animado e bastante aberto no qual, segundo a fisioterapeuta, eu teria facilidade de encontrar interlocutores para a minha pesquisa. Soube que o grupo se encontrava no Posto, e fazia suas atividades duas vezes por semana no Passeio Público, um parque municipal que fica próximo ao Hospital da Ordem Terceira do Carmo, onde o Programa está instalado.

O Programa de Saúde da Família – PSF, é um projeto do Ministério da Saúde, e no caso do PSF-Lapa é apoiado pela Prefeitura do Rio de Janeiro e pela Universidade Estácio de Sá. Em sua proposta mais ampla é um programa de atendimento médico domiciliar que serve como espaço de formação profissional para os alunos de diversos cursos da Universidade Estácio de Sá como Medicina, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Enfermagem.

Mas o que vem a ser exatamente o PSF? A forma que encontrei de apresentar o Programa é utilizar as próprias definições que integram o sítio do Ministério da Saúde, no



qual os principais programas são apresentados em termos de objetivo e funcionamento. Do ponto de vista acadêmico é um projeto de formação de “médicos de família”, disciplina que vem sendo retomada por alguns cursos de Medicina no país.

“A Saúde da Família é entendida como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde. Estas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma área geográfica delimitada. As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, e na manutenção da saúde desta comunidade. A responsabilidade pelo acompanhamento das famílias coloca para as equipes saúde da família a necessidade de ultrapassar os limites classicamente definidos para a atenção básica no Brasil, especialmente no contexto do SUS.

A estratégia de Saúde da Família é um projeto dinamizador do SUS, condicionada pela evolução histórica e organização do sistema de saúde no Brasil. A velocidade de expansão da Saúde da Família comprova a adesão de gestores estaduais e municipais aos seus princípios. Iniciado em 1994, apresentou um crescimento expressivo nos últimos anos. A consolidação dessa estratégia precisa, entretanto, ser sustentada por um processo que permita a real substituição da rede básica de serviços tradicionais no âmbito dos municípios e pela capacidade de produção de resultados positivos nos indicadores de saúde e de qualidade de vida da população assistida.

A Saúde da Família como estratégia estruturante dos sistemas municipais de saúde tem provocado um importante movimento com o intuito de reordenar o modelo de atenção no SUS. Busca maior racionalidade na utilização dos demais níveis assistenciais e tem produzido resultados positivos nos principais indicadores de saúde das populações assistidas às equipes saúde da família

### Equipes de Saúde

O trabalho de equipes da Saúde da Família é o elemento-chave para a busca permanente de comunicação e troca de experiências e conhecimentos entre os integrantes da equipe e desses com o saber popular do Agente Comunitário de Saúde. As equipes são compostas, no mínimo, por um médico de família, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e 6 agentes comunitários de saúde. Quando ampliada, conta ainda com: um dentista, um auxiliar de consultório dentário e um técnico em higiene dental.

Cada equipe se responsabiliza pelo acompanhamento de cerca de 3 mil a 4 mil e 500 pessoas ou de mil famílias de uma determinada área, e estas passam a ter co-responsabilidade no cuidado à saúde. A atuação das equipes ocorre principalmente nas unidades básicas de saúde, nas residências e na mobilização da comunidade, caracterizando-se: como porta de entrada de um sistema hierarquizado e regionalizado de saúde; por ter território definido, com uma população delimitada, sob a sua responsabilidade; por intervir sobre os fatores de risco aos quais a comunidade está exposta; por prestar assistência integral, permanente e de qualidade; por realizar atividades de educação e promoção da saúde.

E, ainda: por estabelecer vínculos de compromisso e de co-responsabilidade com a população; por estimular a organização das comunidades para exercer o controle social das ações e serviços de saúde; por utilizar sistemas de informação para o monitoramento e a tomada de decisões; por atuar de forma intersetorial, por meio de parcerias estabelecidas com diferentes segmentos sociais e institucionais, de forma a intervir em situações que transcendem a especificidade do setor saúde e que têm efeitos determinantes sobre as condições de vida e saúde dos indivíduos-famílias-comunidade.”<sup>12</sup>

As dinâmicas de trabalho estabelecidas têm, no meu modo de ver, dois aspectos centrais: o atendimento médico caracterizado pelas visitas domiciliares e a tentativa de desconstrução da cultura de que saúde é sinônimo do uso de medicamentos. Nesta medida o programa estabelece um corpo a corpo com a comunidade e enfrenta logo de saída a questão do isolamento e da solidão nos grandes centros, lida com a assombração do fantasma da vida e morte experimentados no anonimato. Procura redefinir papéis sociais a partir de uma rotina de visitas, da noção de compromisso ético entre as partes, da construção de uma relação de confiança e cuidado fundada no conhecimento e respeito ao espaço e vida privados. Pelo que pude perceber durante meu trabalho de campo é um interessante mecanismo de entrada nas sociedades complexas que habitam as áreas centrais das grandes cidades contemporâneas, marcadas pelo isolamento, anonimato, fragilidade ou ausência de laços de vizinhança.

Já a outra vertente do trabalho voltada para a chamada “desmedicalização” e que pressupõe a mudança de uma cultura, bastante arraigada na nossa sociedade, em que o médico é aquele que nos salva pela prescrição de receitas, leva a criação de estratégias de informação e trocas, como grupos de trabalho, palestras, oficinas, nas quais uma noção de saúde mais ligada à qualidade de vida procura ser difundida. A primeira grande questão que se coloca é precisamente o que vem a ser “qualidade de vida”. Fazer exercício físico, alimentar-se corretamente, manter uma vida social e atividades lúdicas e intelectuais são apresentadas como alternativas que permitem uma vida saudável e longa. Os grupos criados com esta

---

<sup>12</sup> Fonte: Ministério da Saúde, Departamento de Atenção Básica, Saúde da Família.  
<http://portal.saude.gov.br/saude>; <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/atencaobasica.php>

finalidade no interior do programa mostram que as novas sociabilidades criadas entram na dinâmica da vida dos adeptos ao programa, modificando sensível e sutilmente a qualidade da vida de cada um. O que pude, grosso modo, perceber é que o programa, através de suas atividades de grupo, criou redes de sociabilidade antes inexistentes, estruturou vizinhanças que não estavam dadas pelo fato de uns morarem ao lado de outros, produziu novos hábitos e gerou em alguns o interesse pela vida do outro.

Ao lado da versão oficial do Programa procurei observar se existiam outras como a das agentes comunitárias, dos usuários e dos profissionais ligados ao programa. Os médicos, no final do ano de 2006, e a equipe profissional de um modo geral, estiveram muito mobilizados com mudanças no PSF, e tinham pouco tempo para conversar, pois a prioridade era manter o atendimento ao público. Em uma conversa que tive com doutor Eduardo, coordenador do Posto, no início do meu trabalho de campo, pude verificar a importância dada por ele à formação dos profissionais de saúde com uma visão diferenciada e mais humanizada das práticas médicas. Ou seja, para ele, a importância do Programa de Saúde da Família e sua interface com o ensino prático, tinha como um de seus principais méritos o de difundir uma visão de que doenças não são sintomas a serem tratados de forma anônima, genérica e impessoal; que o paciente é um indivíduo que tem uma história, habita um determinado lugar, em determinadas condições e que todos estes fatores e o conhecimento deles é essencial para o desenvolvimento de uma política pública de saúde. O tratamento pessoal, sem filas, regular e constante ao longo do tempo, domiciliar em certos casos, é o que caracteriza a proposta do PSF-Lapa.

No início de 2007 pude então entrevistar duas agentes comunitárias, quando muitos funcionários estavam de férias, inclusive todo o contingente de alunos, e o atendimento ao público havia diminuído sensivelmente. Havia um clima de insegurança gerado por um programa de demissões e redução de carga horária implantado pela Universidade e uma certa

insatisfação em relação ao andamento dos trabalhos e futuro do Programa por parte da equipe como um todo e que se refletia nas agentes comunitárias.

O trabalho do agente comunitário é principalmente o de estabelecer uma ponte entre o programa e a comunidade e por isso mesmo são escolhidos entre as pessoas do grupo social alvo da ação do programa. Segundo as agentes do PSF-Lapa que entrevisei seu papel é trazer para os profissionais do Programa informações que não são obtidas no consultório, que estão relacionadas com as visitas domiciliares nas quais elas adquirem uma intimidade que permite saber e observar mais coisas do que as que são ditas nos momentos das consultas. Cada agente comunitária atende ao que o PSF designa como uma micro área<sup>13</sup> e as agentes comunitárias têm uma rotina de visitas que se divide entre aquelas que são feitas com os profissionais e alunos do PSF-Lapa/Universidade Estácio de Sá, e aquelas em que fazem as visitas sozinhas, seja por solicitação dos usuários, ou para lembrar datas de consulta, entregar resultados de exame etc. Cada micro área tem uma especificidade mas as duas entrevistas que realizei mostram que a maioria da população local é formada por idosos que moram há bastante tempo na Lapa e que em geral são proprietários de seus imóveis. Existe ainda uma população de adultos e jovens adultos que possuem certa mobilidade e se mudam da Lapa ou procuram sair quando as condições locais (barulho das casas noturnas, por exemplo) passam a incomodar. Em geral o centro é considerado um lugar bom para morar por causa da acessibilidade e da infra-estrutura comercial instalada. Entre os jovens adultos, travestis e prostitutas que moram no bairro, existe, segundo as agentes comunitárias, uma maior rotatividade residencial. Em geral estas pessoas são novas no bairro e se mudam por não terem como pagar os aluguéis de casas, cômodos ou vagas, ou por se desentenderem com os parceiros conjugais, ou com as pessoas com quem dividem o aluguel etc. No caso da micro área que inclui a rua do Lavradio a agente comunitária me informou ainda que a revitalização

---

<sup>13</sup> Divisão inserida no interior da área de abrangência do programa e formada por uma média de 350 pessoas.

da rua vem fazendo com que as pessoas se mudem pois as casas estão sendo alugadas para bares, restaurantes e lojas de antiguidades e usados.

Para as agentes comunitárias entrevistadas o Programa mudou a dinâmica de vida das pessoas na Lapa e, num certo sentido, atua na melhoria das condições de vida local. Para elas a qualidade do PSF está na diferença do atendimento pessoal e qualificado, com hora marcada, que é oferecido, ao contrário dos demais postos de saúde da rede pública. Além disso, existem as atividades que promovem as reuniões de grupos o que no entendimento delas é um estímulo interessante para pessoas acostumadas a ficarem dentro de casa e a não fazerem nenhuma atividade e que, segundo elas, é um dos motivos mais comuns das “doenças” diagnosticadas.

A permanência destas agentes no Programa parece ser provisória, apesar delas estarem aí desde o início dos trabalhos, há mais ou menos cinco anos. A baixa remuneração e os desgastes do trabalho as leva a procurar alternativas, sempre dentro do campo da saúde, como fazer cursos e se aperfeiçoarem para ingressar em um emprego melhor. O trabalho permanente com idosos gera um interesse pela saúde e cuidado da população de terceira idade e elas parecem querer continuar a trabalhar com este tipo de público que, segundo elas, ainda é muito discriminado e mal tratado na nossa sociedade.

O que posso observar é que o papel da agente comunitária é construído dentro do PSF a partir do trabalho em campo, diretamente com a população. Mais do que a representação de um papel pré-definido, a agente vai descobrindo o que fazer diante da realidade desconhecida que se abre diante dela. Imagino que em muitos momentos elas se dêem conta do quanto pensavam conhecer a área e seus moradores e do quanto parte daquela realidade lhes é realmente estranha e desconhecida. Seus olhares e reações são construídos no estranhamento das situações vividas e muitas vezes não compartilhadas com os colegas de trabalho. Durante o cadastramento da população e o estabelecimento da rotina de visitas elas se preparam para

lidar com situações inesperadas e surpreendentes como a pobreza urbana, valores éticos e morais diferentes dos seus, excluídos e marginalizados, o que nos primeiros contatos as desestabiliza e obriga a construir um aparato emocional capaz de lidar com cada situação. O PSF não prevê, em sua dinâmica operacional de trabalho, desenvolver um acompanhamento psicológico da agente comunitária. Isso me pareceu ser necessário no sentido de estruturá-las minimamente para o trabalho e ajudá-las a se desgastarem menos emocionalmente. A expressão mágica “ser uma agente de saúde” parece resolver, com o tempo, os conflitos morais de lidar com travestis, prostitutas, viciados, doenças sexualmente transmissíveis, aids. Fome, abandono, gravidez prematura e falta de condições mínimas de higiene e cuidado com a saúde, entretanto, são inimigos mais difíceis de serem enfrentados por estas mulheres (as cinco agentes são todas mulheres) que pelo que pude observar se deixam abater apenas em situações muito extremas. As agentes comunitárias pertencem a faixas etárias que variam dos 20 aos 50 anos e possuem padrões familiares e de moradia bem diferenciados o que produz estilos singulares na abordagem dos problemas, maneira de lidar com os grupos sociais dentro do PSF, assim como nas atitudes diante dos médicos e alunos. A autoridade/poder<sup>14</sup> das agentes está inicialmente posta no acesso que têm com a comunidade. Em segundo lugar no universo de informações que detêm sobre as pessoas que atendem. A agente comunitária é portadora de informações detalhadas sobre cada micro área, detêm dados estatísticos e qualitativos que são buscados pelos alunos e coordenadores na hora de “prestar contas” do desenvolvimento do trabalho junto às instâncias financiadoras e gestoras do programa. Além disso, tem a autoridade fundada no estilo do trabalho que realizam, o carisma pessoal, a maneira mais ou menos agressiva, mais ou menos carinhosa e prestativa com que

---

<sup>14</sup> É possível perceber uma linha tênue separando poder de autoridade e Foucault nos ajuda a pensar nisso nos textos escritos para o livro *Microfísica do Poder*. Observei nas atitudes das agentes comunitárias, em alguns momentos de seu trabalho e especialmente junto aos alunos, o exercício de poder na manipulação de informações e seleção das visitas na medida em que elas “conhecem” muito mais a realidade local do que os alunos. No entanto, elas estão todo o tempo avaliando a atuação dos alunos, chamando a atenção dos mais preguiçosos, estimulando-os a fazerem as visitas e a se envolverem com os pacientes. Fazem um trabalho efetivo de apoio na formação dos “médicos de família”. Por outro lado, junto à comunidade elas exercem uma liderança/autoridade, fundadas na confiança e no compromisso, que torna quase todo o trabalho do PSF possível.

encaminham e resolvem os problemas etc. Sua experiência de vida na duplicidade de serem moradoras da Lapa e agentes comunitárias é um filão de pesquisa que não consegui explorar como gostaria mas que deixa o caminho aberto para o prosseguimento da pesquisa sobre a Lapa.

As duas agentes comunitárias por mim entrevistadas – Norma e Julieta – possuem estilos de vida e maneiras de lidar com o trabalho bastante diferentes. Norma é a agente comunitária mais velha do grupo, que mora em um de classe média na Lapa, que tem o glamour arquitetônico de ser um antigo hotel. No momento em que a entrevistei estava separada de seu antigo companheiro, de quem é amiga segundo me informou, e mora com um dos filhos, a nora e netos. O outro filho mora no apartamento ao lado do seu. Norma é do subúrbio carioca, de Maria da Graça, e se mudou para o centro há mais ou menos trinta anos para vir trabalhar como ajudante de costureira de sua tia que fazia cortinas para fora. No PSF, além de cuidar de sua micro área, participa ativamente do grupo de caminhada o que faz com que ela eventualmente substitua a própria fisioterapeuta, quando esta precisa faltar, na coordenação da atividade de fisioterapia ao ar livre. Frequentando o grupo de caminhada pude perceber que ela tem um grande envolvimento social com os moradores da Lapa e é considerada pelas pessoas do grupo como alguém que tem carisma e liderança e está sempre sendo convidada para participar de todos os encontros sociais – aniversários, saídas para dançar, idas à espetáculos de teatro etc. – que ocorrem foram das atividades do Programa.

“Eu sempre fui uma pessoa comunicativa, de falar com todo mundo, mas com o trabalho eu passei a falar muito mais, porque ai eu fiz um ciclo bem maior de amizades, conhecimentos e facilita o fato de você ser conhecida do prédio. Porque quando eu comecei no PSF eu não conhecia muita gente mais todo mundo me conhecia, sabiam onde eu morava e sabiam quem eu era, então a partir do momento que eu comecei a entrar na casa delas, os vínculos se estreitaram, então agora eles me conhecem muito mais e eu a eles. (...) Algumas vezes, quando estão com dificuldades as pessoas me procuram. Elas me telefonam ou vem aqui no PSF, me contam o problema, mas as vezes você nem tem como ajudar muito. Quando uma pessoa morre no fim de semana, por exemplo, você sendo agente comunitária não tem como conseguir um atestado médico para ajudar, então tem que encaminhar ou pedir para os bombeiros, ou então pedir para o SOS, ou ver o médico particular que a família tenha, para poder dar um atestado, são dificuldades que a gente não tem como ajudar. (...) Em geral, elas esperam pela visita domiciliar para conversar com a gente, só mesmo quando eu chego na casa delas é que desabafam, as vezes choram, ai a gente aconselha, sugere coisas: ‘vamos passear’,

‘vamos para o grupo da caminhada, da colagem’, que são os grupos que tem aqui no PSF. Eu pergunto: ‘você não ia à praia?’, ‘então vamos voltar a passear na praia’, essas coisas, a gente procura dar uma força né? (...) Eu tenho uma legião de amigos, quer dizer, muitos colegas. Amigo é mais especial, depende de cada pessoa, você tem que ter amigo, aquela pessoa que quando você tá na pior é seu amigo, e quando você está numa boa é seu amigo também. Então eu tenho muitos colegas e conhecidos, tenho amigos também que eu sei que posso contar, mas amizade, amigos mesmo, são poucos.” (Norma, agente comunitária PSF, 2007)

Julieta tem um outro estilo pessoal e de vida. É nordestina e desde que se mudou para o Rio de Janeiro já viveu em outros bairros como Santa Teresa para onde pretende voltar pois, segundo ela, é o lugar mais parecido com seu jeito de ser que encontrou por aqui. Julieta é casada e tem três filhos adolescentes. Seu marido trabalha em uma padaria em Botafogo e é garçom de profissão. Eles moram num prédio invadido na Lapa, cuja construtora faliu durante a construção do empreendimento, e que ficou inacabado – os espaços estão todos construídos mas não existe nenhum tipo de acabamento nas paredes, pisos e tetos dos apartamentos. Julieta e seu marido compraram de um antigo invasor, um apartamento no oitavo andar do edifício e hoje participam ativamente de todo o processo de legalização da construção junto à prefeitura para que possam obter os termos de posse dos imóveis. O edifício tem luz e água, mas não tem elevador. Segundo Julieta cada morador fez as obras necessárias e possíveis, de acordo com a renda de cada um, para adaptar o espaço inacabado a uma moradia habitável. Julieta é de pouco falar, sua atitude pode ser facilmente confundida com timidez ou reserva mas, com o passar do tempo, ela se revela uma pessoa intensa, atenta, sensível e com uma rara visão política da realidade. Durante o trabalho de campo tive chance de acompanhar uma visita de aproximação dos médicos do programa com a comunidade de um determinado edifício. A visita tinha por objetivo divulgar o programa e estimular as pessoas a falarem de suas demandas e expectativas em relação às questões de saúde como estratégia para que passassem a frequentar o Posto de Saúde e suas atividades. Cada profissional falou um pouco de sua área e das atividades que eram desenvolvidas num trabalho de saúde preventivo, mas havia um claro interesse de ouvir as pessoas no sentido de identificar uma demanda de



prestação de serviços que com o desenrolar da reunião se voltou para as atividades de fisioterapia e ginástica. Durante a reunião fiquei junto de Julieta e conversamos um pouco sobre esta dinâmica de reunir as pessoas e identificar problemas, estimular à participação e ter que dar um retorno em termos de ações concretas. Neste momento ela me revelou suas preocupações em relação à continuidade do programa ou a saída de algumas agentes comunitárias e de como ela se sentia envolvida e responsável pelo trabalho que fazia há mais de três anos. Mostrou-me a dimensão ética e política de seu envolvimento com aquela política pública de saúde, um compromisso pessoal e coletivo, construído no dia à dia do desvelamento do universo social da Lapa. Foi a agente comunitária de quem mais me aproximei e por isso talvez tenha podido perceber melhor esta dimensão na sua atitude que, mesmo sendo a de uma pessoa desgastada pelo trabalho e a baixa remuneração é capaz de enxergar a importância de seu papel e assumir o compromisso com o trabalho acima mesmo do desejo de melhorar de emprego e ter um salário melhor. Ela se sente completamente responsável pelas pessoas de sua micro área e se preocupa com o que será destas pessoas se o Programa deixar de existir. Ela é capaz, em alguma medida, de compreender a relação de mão dupla estabelecida por uma política pública deste tipo em que à expectativa criada junto aos usuários corresponde um comprometimento da equipe envolvida no trabalho em termos de dar respostas às demandas produzidas. Em sua micro área, além dos idosos que parecem formar a maioria da população atendida pelo programa, está localizada a expressiva população de travestis, prostitutas e homossexuais que habita o quadrilátero delimitado pelo PSF-Lapa. O contato com esta população, rigorosamente atendida por Julieta, destrava um processo de muita reflexão que leva à mudança de atitude de sua parte. Proveniente das camadas populares da sociedade e portadora de um capital cultural construído, muitas vezes, na falta de informações, na ausência de esclarecimentos, Julieta percebe na prática que tinha elaborado dentro de si todo um arcabouço de preconceitos e discriminações em relação à

travestis, prostitutas e homossexuais. Segundo seu próprio relato foi no trabalho, conversando com os médicos do programa que procuravam inculcar-lhe a necessidade de se ver como uma agente de saúde e, portanto, uma pessoa capaz de ultrapassar seus próprios preconceitos na tentativa de realizar um trabalho de saúde, ensinar o outro a cuidar de si, que ela aprendeu a descolar-se de certos preconceitos de ordem moral que a impediam de se aproximar das pessoas como seres humanos, independentemente das escolhas sexuais e opções de vida que fazem.

“(...) a primeira vez que eu fui visitar o sobrado da Mem de Sá<sup>15</sup>, eu fiquei transtornada. Eu pensei: nossa como pode um homem usando unha vermelha e batom na boca, aquele rosto cheio de barba, nossa aquilo para mim era um absurdo... eu quase nem consegui dormir à noite. Depois eu conversei com a doutora Vilma<sup>16</sup> e comecei a chorar, e perguntei: ‘Doutora Vilma como é que eu vou trabalhar com esse povo?’ Ai ela me disse: ‘Ah Julieta você vai acostumar’. Ela me deu a maior força e disse: ‘Julieta você hoje é uma agente de saúde’ Então eu botei aquilo na minha cabeça, que eu era uma agente de saúde e que tinha que encarar tudo aquilo. No nosso trabalho temos que enfrentar muita coisa, tipo assim, chegar na casa de uma mãe que não tinha nada para oferecer ao filho, que dormia no chão, na Mem de Sá, eu começava a chorar e pensava o que é que eu vou fazer? ‘Eu tenho que arrumar leite’, aquela coisa de ajudar, propunha de fazermos uma vaquinha, cansei de fazer vaquinha aqui com as meninas<sup>17</sup> e até mesmo com os alunos, para ajudar aquelas famílias que não tinham nada para comer. Então hoje em dia eu sei que dá aquele impacto assim, o coração fica apertado, mas eu tenho que respirar, pensar que sou agente de saúde, eu tenho que trabalhar, tenho três filhos para ajudar, se eu chegar todo dia chorando no trabalho eles vão me mandar embora, ai aquilo me deixava toda hora triste, eu chegava em casa e o meu esposo perguntava: ‘mas porque é que você está assim?’ E ai eu contava para ele a história, e ele me dizia: ‘Se você vê que não agüenta, então sai deste trabalho.’ E eu dizia que não queria sair porque já tinha muito tempo que eu não trabalhava, e eu tinha criado um compromisso com as pessoas.” (Julieta, agente comunitária, 2007)

O trabalho que fascina Julieta, entretanto, é o de atendimento à população de terceira idade que segundo ela merece todo o investimento de recursos e trabalho para terem direito a uma vida mais saudável. Fiquei com a impressão de que todos estes valores, ainda que desde sempre estivessem presentes em Julieta, na sua formação enquanto indivíduo e cidadã, foram delicadamente cultivados nas atividades do PSF.

De setembro a dezembro de 2006 acompanhei o trabalho do PSF participando dos grupos de canto coral, colagem e caminhada; assisti a palestras do grupo de nutrição e

---

<sup>15</sup> Sobrado onde vive um grupo grande de travestis atendidas pelo PSF-Lapa.

<sup>16</sup> Médica do PSF-Lapa que atende a sub-área desta agente comunitária.

<sup>17</sup> Outras agentes comunitárias.

acompanhei visitas domiciliares com as agentes comunitárias. Fiquei particularmente próxima de algumas pessoas que não entrevistei e com as quais pratiquei a observação participante que acabou por me revelar dados diferentes dos coletados em entrevistas. É neste momento que percebo a diferença entre a indução provocada pelas perguntas de uma entrevista, mesmo que seu roteiro seja muito pouco rígido e o entrevistador consiga deixar seu entrevistado completamente à vontade, e a sedução necessária à construção de uma relação próxima de confiança, onde visões de mundo são compartilhadas e um nível interessante de trocas se estabelece, permitindo ao antropólogo enxergar outras dimensões de uma mesma realidade. Participar das atividades como alguém que faz parte do grupo permite sair do palco e freqüentar os bastidores da encenação social o que ratifica a riqueza do trânsito entre estes espaços sociais já demonstrada por Goffman (1975). Este trânsito, segundo ele, permite construir outros pontos de vista sobre os sujeitos que trocam de papéis, que se comportam de modo diferente no palco ou no bastidor, demonstrando que algumas dinâmicas só podem ser apreendidas com o tempo e a conquista de certa intimidade, como a de ser convidado a atravessar as fronteiras das cortinas do palco. Uma destas dinâmicas, por exemplo, no caso do Programa é a do jogo de responsabilidade recíproca acionado por um tipo de projeto político que estimula as pessoas a saírem de suas casas e participarem de várias atividades em que estilos e qualidade de vida são mapeados/identificados, confrontados e discutidos. É possível observar que um trabalho como este cria expectativas quanto ao seu desdobramento, produz desconfianças à despeito da exposição de trajetórias de vida, estabelece a interação entre diferentes capitais sociais e culturais (Bourdieu, 2001) expressos em variados estilos de vida, enfim, torna público e comum diferentes modos de viver e usar a cidade, explicitando conflitos, diferenças, identidades. O que acaba por ser uma dinâmica social extremamente rica para uma etnografia. Na verdade, as dinâmicas de grupo do PSF-Lapa colocam em cena o que Velho (1994) identifica como heterogeneidade cultural e complexidade sociológica e que

produzem e expressam coexistências muitas vezes contraditórias, de diversos estilos de vida e visões de mundo e para as quais não parece existir dentro do Programa um olhar específico que lhes saiba tirar as ricas informações que permitiriam redesenhar algumas práticas.

A diversidade dos aspectos envolvidos num trabalho como este, permite inúmeros desdobramentos em termos de pesquisa e exigia o planejamento da atividade de campo de uma outra forma e com muito mais tempo do que o que eu dispunha para terminar o trabalho quando tive acesso a esta rede de relações sociais, de trabalho etc. do PSF-Lapa. Existem vários níveis diferenciados de relação como as redes existentes entre os funcionários dentro do próprio Posto de Saúde, entre os funcionários da saúde e a comunidade, assim como as “novas” relações estabelecidas no interior da própria comunidade a partir das interações construídas dentro do Programa. Além disso, existem os vários cruzamentos entre estes diferentes níveis, e um intrincado de redes que seria preciso dissecar quase anatomicamente, para usar uma metáfora médica. Seria necessário fazer um cuidadoso mapeamento destas redes e escolher um recorte, de preferência desde o início da pesquisa, tendo em vista os prazos acadêmicos. Como a minha situação era a de estar a meio caminho do trabalho de campo e não ter mais prazo para reiniciar por este filão de pesquisa resolvi associar parte do que me era oferecido acessar para enriquecer e diversificar minha abordagem nômade e *flâneur* sobre os moradores da Lapa.

No corredor do Posto de Saúde, ante-sala dos consultórios, pude observar e confirmar o perfil singular daquela população heterogênea e complexa formada por gêneros, raças, faixas etárias, procedências, classes sociais as mais diversas. Ali pude presenciar situações de discriminação ostensiva ou discreta, observando travestis sendo olhados de soslaio e com sorrisos irônicos ou de desprezo, sendo atendidos rapidamente para “não haver confusão”, segundo me informaram as agentes comunitárias; encontrei idosos com vontade de conversar, chamar a atenção sobre suas vidas, idosos com problemas de hipertensão, diabete, coração,

depressão, solidão; crianças brincando enquanto aguardavam a hora das atividades de fonoaudiologia em que seus dramas pessoais de vida transformados em deficiências na fala, na escrita, no aprendizado, na motricidade, eram tratados; recém nascidos fazendo as primeiras consultas médicas de suas vidas; homens e mulheres fazendo exames e consultas de rotina; jovens mães menores de idade sendo atendidas e recebendo informações que a família e a vida não lhes souberam dar. A sala de espera dos consultórios, instalada no corredor do prédio do Posto de Saúde, parecia uma miniatura das ruas da Lapa e me instigava a não deixar de fora das minhas observações nenhum daqueles personagens, desde que me fosse permitido entrar em suas casas. O corredor era um modelo reduzido da diversidade humana e social local que de alguma forma me seduzia a transitar pela armadilha de aparentar ser retilíneo, embora cheio de portas, e expor todos os seus personagens na superfície dos bancos de espera.

Do corredor do Posto de Saúde às ruas da Lapa, passando pela bibliografia sobre o local, percebi, por exemplo, que travestis e prostitutas faziam parte da complexa tradição do bairro. As pesquisas de Silva e Denizart<sup>18</sup> confirmavam que este era um filão de pesquisa que por si só justificaria uma tese inteira (ou várias) e não era o caso do meu recorte. Acompanhar uma visita domiciliar ao sobrado onde várias travestis alugam quartos e vagas, no horário diurno quando estão acordando, me fez incluí-las como uma parte importante do contexto social da Lapa, ilustrando a tradição de como as antigas práticas sexuais de prostituição integram o modo de ser daquela parte da cidade, para o qual um décor todo especial é exigido, como calçadas mal iluminadas, pouco movimento, iluminação difusa, discrição e preservação da identidade dos fregueses.

Os grupos de atividade, especialmente o da caminhada e o da colagem, assim como as visitas domiciliares me apresentaram uma expressiva população de terceira idade vivendo na Lapa. As conversas com estes idosos, desde a agente comunitária Célia, passando por vários

---

<sup>18</sup> Helio Silva, 1992; Hugo Denizart, 1997.

dos meus entrevistados – Hugo, Inara, Socorro, Raquel, Carlota, Cosme, Judite etc. – me mostraram que hoje existem vários projetos para a população de terceira idade na cidade, como cursos universitários, ginástica nas praças, dança de salão, ioga, tai chi chuan e muita disposição deles em participar e freqüentar estas atividades. Ainda que não seja possível, como alerta Debert, falar de uma identidade do idoso, ainda que a velhice seja um estágio a que se chega na vida, cada um a seu tempo e sem que parâmetros comuns possam determinar “quando” alguém se torna velho, este é um grupo social que merece atenção, demanda de nossa parte exercícios de entendimento de suas dinâmicas sociais, afetivas, culturais, para que de alguma forma as cidades sejam também vistas como um reflexo de sua presença e sua participação no cotidiano da vida, sua presença seja um dado qualitativo relevante para os gestores urbanos e as políticas públicas (Debert, 1988). Baseada na dificuldade de se delinear uma identidade do idoso, seja porque a velhice é um estágio transitório da vida, seja porque a percepção da velhice varia segundo a experiência e expectativa de cada um, Debert identifica uma dificuldade em se pensar políticas públicas que lidassem com a velhice. Entretanto, o que o trabalho sobre a Lapa demonstrou é que hoje existem vários programas destinados à terceira idade, como indiquei acima, inclusive a universidade da terceira idade que oferece inúmeros projetos de capacitação e desenvolvimento intelectual e prático para idosos com interesses os mais diversificados. O próprio PSF-Lapa, se por um lado não se constitui como um programa especificamente voltado para a velhice, na medida em que encontra uma expressiva população de idosos, como no caso da Lapa, passa a desenvolver estratégias de trabalho que contemplem aquela população com suas demandas, limites e questões próprias. Parte significativa do trabalho hoje desenvolvido pelo PSF-Lapa é voltado para a população de idosos que habita o centro. Assim os velhos se tornam um grupo social importante, expressivo, que atua na cidade, constituindo uma (ou várias) rede de sociabilidade que partilha problemas, visões de mundo, expectativas. E na medida em que os conhecemos,

vemos seus rostos, interpretamos suas falas, passamos a ser capazes de formular proposições que contribuam para incluí-los como usuários da cidade, valorizar sua presença no meio dos grupos sociais que usam e vivem *na e da* cidade, integrá-los ao contingente ativo que condiciona a cidade a ser o que ela é. Vários pesquisadores e estudiosos têm se dedicado a identificar, estudar e refletir sobre as inúmeras questões que envolvem a velhice no Brasil, entre os quais destaco a importante contribuição trazida pela professora Myriam Lins de Barros, cujas pesquisas tive a chance de acessar durante todo o doutorado e que pela qualidade dos resultados atingidos têm trazido importantes contribuições para este debate (Lins de Barros:1987; 1998). São pesquisas que, iluminando histórias de vida e fazendo uso dos relatos orais, nos convidam a rever interpretações, desenvolver novas hipóteses e encaminhar novas pesquisas de forma a refinar os muitos conceitos apresentados e seus pressupostos (Debert, 1986).

Guiada pelas agentes comunitárias fui a algumas visitas domiciliares e inseri estes relatos como mais uma pedrinha a se movimentar entre os espelhos do caleidoscópio. A participação nos trabalhos de grupo, sem a mediação das agentes comunitárias<sup>19</sup>, me permitiu conhecer algumas pessoas e freqüentar suas casas, assim como ter acesso a suas redes familiares e de amigos, observando as vizinhanças existentes. Este é por fim o material que reúno e apresento no sexto capítulo desta tese.

Como se pode perceber, depois desta breve descrição da maneira como fiz meu trabalho de campo, não houve uma única entrada em campo, mas várias e a partir de diferentes momentos, canais e pessoas que descobri no curso de uma certa rotina de trabalho na área, das pesquisas que realizei, das aproximações que fiz ao acaso e nas idas à campo. Desta forma uma Lapa fragmentária se constituiu a minha frente como uma bricolagem, um *patchwork* ou uma imagem de caleidoscópio. Na verdade destas três metáforas, neste

---

<sup>19</sup> As agentes comunitárias operam como mediadoras naquele universo complexo, entre marginal, desviante e oficial. Elas aprendem, na prática, a desenvolver o que Velho chama de interação entre diferentes estilos de vida e visões de mundo. (Velho,1994: 81)

momento, a que mais define o que penso é a idéia de caleidoscópio, como aquela que muda a cada minúsculo movimento, compondo e representando uma outra imagem a cada instante. Assim é para mim a cidade, uma imagem móvel e em permanente reconstrução, impossível de ser capturada na mobilidade passageira de suas transformações. Aprofundar um ou dois aspectos desta etnografia talvez me permitisse demonstrar mais claramente uma determinada realidade e como ela se apresentaria em certas condições sociais de espaço e tempo. Prefiro enfrentar a diversidade fragmentária e correr o risco de me perder em aproximações sucessivas, em diferentes atalhos. Uma vez perdido o foco, eu poderia exercitar a escuta, o olfato, o tato, enfim, outros sentidos aguçados pela perda das referências dos caminhos conhecidos, para abordar a cidade.



### 3. Lapa: histórias e tradição.

“Nos próximos dez anos, quando muito, só restará da velha, da pecaminosa Lapa, uma ou outra casa térrea ou assobradada, esmagada entre os edifícios que invadiram as suas ruas circunjacentes. Como a Joaquim Silva, a Taylor, a Conde de Laje, a Moraes e Vale, a Teotônio Regadas, a Travessa do Mosqueira, completamente descaracterizadas, em luta desigual com o progresso. E em muito menos tempo – uns cinco anos no máximo, a velha Rua da Lapa, de todas, talvez, a mais desfigurada, terá, em substituição às poucas casas que ainda restam, duas cerradas fileiras de arranha-céus. E pouca gente lembrará que ali, um dia, houve residências, famílias, que aos domingos e dias-santos iam à missa, vida pacata, que por ali passaram carruagens de reis e princesas, tálburis e bondes, que das sacadas dos sobrados podia-se ver a praia, os barcos ancorados, a baía, o mar” (Gasparino Damata)<sup>1</sup>

#### 3.1. *Lapa crônica, Lapa aguda*

A história de uma cidade e dentro dela seus vários lugares pode ser contada de muitas maneiras e a mais fascinante talvez seja esta que reúne o maior número de informações vasculhadas e entrecruzadas a partir de linhas etnográficas escolhidas para tecer a trama de uma descrição densa (Geertz, 1989). Relatos históricos, literários, biográficos, memórias impecáveis, recuperadas voluntariamente, memórias recriadas pelas fantasias que povoam o tempo da duração, memórias involuntárias, ativadas por cheiros, sabores, um acorde musical, um objeto fora de lugar, um retrato guardado entre as páginas esquecidas de um livro abandonado na prateleira de uma biblioteca, caixas com documentos, jornais são as fontes de uma etnografia adensada por pesquisas bibliográficas e arquivísticas.

A história de um bairro acompanha e participa de uma outra maior: a da própria cidade e dos grupos sociais que fazem dela o seu território. Assim, muitas vezes, sua história se confundirá com outras, nascidas em lugares diversos e de pessoas consideradas *outsiders* para os estabelecidos (Elias & Scotson, 2000) ou será produto das misturas com as geografias locais e as biografias nativas. Para contar estas histórias é possível usar vários métodos: o arqueológico – para entender a estratigrafia dos solos que se superpõem na construção do presente; o do garimpo até encontrar o veio denso da história; o do cartógrafo, para mapear

---

<sup>1</sup> “A Lapa ficou na saudade”, in Antologia da Lapa, 1978.

não apenas as ruas principais e os números oficiais, mas os atalhos e desvios, os endereços escondidos em números inexistentes, as fontes de energia e cabos de TV clandestinos, os limites fugidios; o do antropólogo para traduzir e interpretar familiaridades por princípio estranhas, exotismos conhecidos, grupos sociais e suas formas de viver singulares, pessoais, fragmentadas e descontínuas como pepitas que rolam nas águas caudalosas deste rio, metáfora quase perfeita da complexidade que dá forma às cidades contemporâneas.

Fazer uma etnografia de fontes bibliográficas secundárias, assim como de fontes primárias de informação, é um dos passos possíveis neste método de buscar pistas para reconstruir referências e interceptar os sentidos guardados no presente de uma cidade complexa. Reconstruir no tempo e no espaço a evolução urbana da Lapa é como desenhar um mapa que jamais existiu, é criar um relato sincopado de um tempo espaço que não é mais possível recuperar na realidade de seu instante passado, é percorrer labirintos, espaços caóticos, tempos complexos, sem ter a certeza da precisão dos dados. É considerar que precisões são relativas e lidar com aproximações e recriações, dos autores e das próprias interpretações do pesquisador. A idéia de interpretação aqui mencionada se relaciona com o que Geertz chama de antropologia interpretativa, onde à dimensão observadora se soma uma outra de interpretar um “manuscrito estranho” (Geertz, 2000; 20). Geertz considera, neste sentido, que o trabalho do antropólogo não é o de decifrar códigos que a realidade estudada lhe apresenta, mas o de exercitar uma espécie de crítica literária a respeito dos “textos” que a etnografia acessa e lê. Esta interpretação, entretanto, não seria uma espécie de estetização sociológica, licença poética para falar do outro, mas o reconhecimento da dimensão poética existente no discurso construído pelo outro e a invasão deste espaço poético. Informado ou instruído pelo contato inescapável com a superfície dura da vida – realidades políticas e econômicas, necessidades biológicas e físicas, – a análise cultural que a antropologia interpretativa oferece permite mergulhar nas dimensões simbólicas da ação social e dialogar

com elas. Mais do que oferecer respostas e conclusões esta atitude antropológica permite sustentar uma discussão, um diálogo refinado pela troca de idéias (Geertz, 2000; 39). Assim percebemos como Blanchot<sup>2</sup> que cada pesquisa nos depara com pegadas, pistas que nos levam sempre a trilhar outros caminhos, e não provas definitivas que nos encurralam diante da fantasia provisória das conclusões.

Etnografar um campo bibliográfico em busca de uma descrição densa, oferecer interpretações e novas versões da história é se arriscar a ir até onde a imaginação puder chegar, amparada nas histórias lidas e contadas, nos relatos escritos ou gravados, nas literaturas, nas memórias de seus antepassados e antigos moradores, nas crônicas jornalísticas, nas informações históricas – factuais ou processuais –, nas diversas tentativas de registrar as bifurcações, retas, atalhos e desvios que a história e a geografia de um lugar guardam. É lidar com o tempo espesso e vertical da duração na qual casas, ruas, quadras, pessoas aparecem e desaparecem e ficam como que condensadas num instante vazio de tempo porque resultante da fusão de passado, presente e futuro.

Entender como a cidade se forma e se transforma no espaço físico territorial, no espaço social é compreender que a cidade e seus espaços são produto do entrelaçamento de olhares, de materialidades e imaterialidades. Tramas construídas por redes de relações familiares, sociais, de trabalho, de exploração, de afeto; estruturadas por posturas políticas dos governantes, das organizações sociais; limitadas por fatores econômicos, espaciais e urbanos; explicitadas na diversidade cultural de uma sociedade que se modifica no tempo e no espaço. É lidar com um conjunto quase infinito de informações, dados, textos e imagens que apenas um hipertexto e um antropólogo obsessivo talvez pudessem dar conta, mas nem sempre.

---

<sup>2</sup> Citado por Leyla Perrone-Moisés no artigo “Recensão ao livro por vir, de Maurice Blanchot”, publicado originalmente no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 26 de novembro de 1960 e reeditado pela *Revista literária Polichinello* n.º 6, 2006.

O computador facilita esta aventura, mas o texto ainda se embaralha nos olhos cansados de tentar estranhar familiaridades (Velho, 1981). O exercício de relativizar as noções de distância e objetividade esgotam o pensamento que de bom grado aceita a permissão para escapar das armadilhas de apresentar resultados imparciais e neutros em relação à pesquisa. E desta forma assumir que a realidade entre aspas que apresenta é fruto do filtro de seu ponto de vista, da interpretação consolidada em seu texto/discurso etnográfico, que deverá ser sempre uma visão diferenciada e pessoal, em alguma medida autoral, mesmo que a autoria seja compartilhada com os vários autores com quem escolheu dialogar ao longo do trabalho.

Quem, como eu, chegar desavisado ali no Largo da Lapa talvez não perceba a densidade do ar rarefeito que a história local insufla (Ver fig. 1 “a” – “f”, Anexo A). Nem vai saber que até 1790 – nos tempos do Vice-rei Luis de Vasconcelos e Sousa – não existiam ainda o Passeio Público, nem as ruas do Passeio, das Marrecas e da Lapa (Gerson, 2000; 303). Perceberá diferenças se chegar por ali de dia ou de noite, se na segunda ou na sexta, para assistir um show, tomar um chope, trocar um pneu, almoçar, assistir uma missa, fazer uma aula de balé ou de música, assistir a um concerto, comprar gelo e bebidas, encenar um texto, atrair um cliente, participar de uma roda de capoeira ou estar de passagem. A cada situação uma Lapa diferente se desnudará, como uma mulher que a cada encontro se apresenta com roupa, maquiagem e atitudes distintas.

Mas ela será diferente também se nos aproximarmos dela sempre na mesma hora do mesmo dia, como que a buscar o habitual, a repetição, os iguais. Encontraremos a diferença na repetição. A Lapa é transitória como a lua, como as piscadelas insinuantes que não sabemos se são tique nervoso, como as borbulhas da bebida gasosa, como as arrumações urbanas, cristalizadas em intervenções de arquitetos e recriadas na ocupação dos usuários. A

Lapa pode ser o Aleph<sup>3</sup> de qualquer cidade, primeira letra do alfabeto da língua sagrada ou abertura microscópica através da qual podemos enxergar o universo. (ver fig. 6)

Os espaços criados na dinâmica social e econômica local são nômades na Lapa. As fachadas imóveis e muitas vezes cegas observam a rua que, na Lapa, é o lugar do devir. Grande parte das coisas que há décadas acontecem na Lapa, são descritas a partir da publicidade de virem à tona na rua, são interpretadas e recontadas em cadeiras de plástico postas nas calçadas, ou com a barriga apoiada nos balcões dos botecos, ou junto aos meios fios que separam ruas de calçadas.

É nas ruas que a Lapa se faz bairro por tradição, mesmo que o aconchego e a escala humana de alguns quarteirões tenham ido embora junto com a demolição dos quarteirões do ferro de engomar<sup>4</sup> demolidos lá no final da década de 60 para dar lugar a avenidas que nasceram para morrer no papel, como a Norte-Sul, ou fiquem inacabadas como a avenida República do Paraguai.

É preciso compreender as transformações da Lapa como momentos de inspiração variada. Desde o renque das palmeiras imperiais que cresce plantado pela mão do estilo classicizante reinventado pelo Corredor Cultural<sup>5</sup> criando uma perspectiva inusitada do Aqueduto (ver fig. 1f e 6), passando pelas demolições do casario local justificadas por projetos modernizantes, da avenida Norte-Sul, ou da urbanização da esplanada de Santo Antonio de inspiração modernista, nos moldes da Carta de Atenas, até a cidade que crescia aterrando mangues, pelas fraldas dos morros, com chácaras que iam se adensando em lotes estreitos e profundos e casas úmidas coladas nas divisas, com alcovas, pátios internos e

---

<sup>3</sup> “un Aleph es uno de los puntos del espacio que contiene todos los puntos” (P. 623 – Obras completas de Jorge Luis Borges – 1923-1972, Buenos Aires Emece Editores, 1985)

<sup>4</sup> Do trabalho de Washington Lessa sobre a Lapa, nome dado às quadras de formato triangular, criadas quando da abertura da avenida Mem de Sá no governo Pereira Passos, por lembrarem a forma da base de um ferro de engomar, existentes no coração da Lapa, demolido no final dos anos 1960, cujo vazio urbano foi objeto de obras de requalificação na década de 80/90.

clarabóias, na conquista das terras do interior de uma cidade fundada na costa e espremida pelo mar e pelas montanhas. Falemos um pouco de cada uma destas inspirações.

Em 1975 uma “nova Lapa” é inaugurada pelo prefeito Chagas Freitas, em final de mandato<sup>6</sup>, e sua principal característica é a reestruturação do vazio urbano deixado pela demolição de um conjunto significativo de casas e transformado em praça (ver fig. 1e). Nos anos 1980 o escritório do Corredor Cultural elabora um novo projeto de urbanização do Largo da Lapa, de cunho preservacionista em relação à história local e seus remanescentes, reinserindo o lampadário<sup>7</sup> (ver fig. 58c), criando um calçadão central e organizando a praça com silhuetas de um anfiteatro para shows ao ar livre, além de plantar um renque de palmeira imperiais no eixo da perspectiva dos Arcos. Para além de qualquer intenção o projeto ratifica o tratamento de monumento atribuído à arcada do aqueduto como um cenário da memória, pano de fundo das cenas urbanas movidas a música, embaladas por diferentes estimulantes etílicos ou não, que podem representar a civilidade urbana ou a mais pura barbárie destilada nas veias abertas de uma cidade descuidada no que diz respeito às necessidades básicas de uma população que cresce sem destino e sem alternativa; cresce sem saber que fazer da vida e começa vendendo bala ou fazendo malabarismo com bolinhas de tênis nos sinais de trânsito e evolui sabe-se lá para onde. Os meninos de rua cheiram cola, traficam, comem de favor, assaltam para continuar na rua, dormem debaixo do sol, são alvo de inúmeros projetos sociais, estão sob a mira dos olhos “do bem” e escapam sempre pelas frestas “do mal”<sup>8</sup>.

Se o calor for grande ou a sede mortal e o sol já tiver baixado é possível sentar-se num dos conjuntos de cadeiras plásticas arrumados sobre o calçadão da rua Visconde de

---

<sup>5</sup> Projeto de revitalização da área central do Rio, criado no âmbito da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação da Prefeitura, em 1979, e que atua até o presente através de “braços” instalados no Instituto Pereira Passos, na secretaria de Patrimônio e nas sub-Prefeituras.

<sup>6</sup> Notícia veiculada no Jornal Tribuna da Imprensa, 1-2 de março de 1975.

<sup>7</sup> Equipamento de iluminação pública, confeccionada no governo Pereira Passos, para assinalar o eixo da Avenida Mem de Sá, então aberta.

Maranguape, em torno de um isopor cheio de refrigerantes e cerveja gelados e uma chapa quente onde o ambulante, ou o “cara do isopor” (categoria nativa) prepara o sanduíche escolhido pelo freguês/comensal. (ver fig. 4b)

Ali sentado, diante do vazio do largo da Lapa, uma falsa fachada te espreita, pintada como um *tromp l’oeil*, – um engana o olhar enquanto você degusta um engana a fome –, sobre a empena cega, descoberta e posta a nu pelas demolições do início da década de 70. A empena lateral da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro explicitamente exposta, recoberta pudicamente pela representação falsa da cópia do traje de sua fachada principal é parte do cenário do Largo. Por alguns instantes ou depois de muitas cervejas ela parecerá mais real que a própria realidade da Lapa e a vista enganada pela perspectiva desenhada sobre a parede poderá desfrutar do conforto de uma escala urbana, ainda que seja apenas uma citação. Pode-se escolher entre ser ator de um *take* urbano, do tipo “habitué-frequêntador-conhecido-familiar-popular” ou do tipo “blasé-ocasional-distinto-educado-exótico-estrangeiro”. E pode ainda, como eu, ser apenas alguém que passa por ali, com uma certa insistência e sem explicação, deixando no ar um rastro de desconfiança e desentendimento do que faz ali, desencaixado na calçada como uma pedra portuguesa solta, na Lapa.

Não é a roupa diferente, nem a lente de aumento com a qual olha os vestígios do passado que produzem a desconfiança. O detetive é um investigador, e como o pesquisador, um sujeito sob suspeita. Pesquisa a história, quer vasculhar o passado e o presente e recontar os fatos, erguendo ou detonando monumentos pelo caminho, tentando desvendar o que o futuro guarda. Mas pode encontrar o que não buscava e criar problema para todos, como lidar com o que é ilegal, imoral ou pode matar. Em alguns pontos da Lapa as pessoas (con)vivem o

---

<sup>8</sup> Jogo com expressão em voga e cuja origem remonta aos desenhos animados em que o bem enfrenta o mal em situações que capturam o imaginário infantil e foram incorporadas pelos adultos. Trata-se de uma visão simples de dividir o mundo em sistemas binários opostos, com os quais não concordo.

desconforto de certa ilegalidade, ou de ocupar posições marginais, nas quais falta legitimidade e a sensação de pertencimento em relação à cidade e à sociedade. Falta, a muitas das pessoas observadas, o sentimento confortável de fazer parte e não precisar explicar aos homens da ordem, porque estão ali, dormem nos bancos, comem restos de comidas retirados do lixo, traficam droga, cheiram cola, habitam como invasores a cidade e casas em ruínas. Não que esta seja uma preocupação permanente mas o desconforto surge quando alguém, como eu, quer puxar conversa e ouvir histórias. Como lhes explicar o fascínio de meu interesse e o resultado de meu trabalho, de apenas colecionar histórias que constituem a alma e o sentido dos lugares, sem classificar ou julgar seus feitos, mas fazendo um pouco de botânica do asfalto<sup>9</sup>? Como lhes explicar o delicado exercício de fazer literatura sobre os fatos banais e corriqueiros do seu dia a dia? Como traduzir a vontade de mergulhar no seu modo de vida sem expô-los ou denunciá-los, mas apenas para enxergar melhor a espessura da realidade, devidamente protegida pelo anonimato da ausência dos nomes ou dos rostos fotografados fora de foco ou com vendas pretas sobre os olhos?

Em 1996 iniciei um trabalho de campo na rua do Lavradio desenvolvendo um laboratório de projetos de restauração dos imóveis situados nesta rua, entre a praça Tiradentes e a Rua do Riachuelo, próxima aos Arcos da Lapa, sobre o qual falo mais detalhadamente no capítulo 2.

Naquele momento a rua passava por um processo de revitalização a partir de um significativo movimento social protagonizado pelos comerciantes de antiguidades e móveis usados da área. Inaugurava-se a Feira do Rio Antigo<sup>10</sup> que num determinado sábado do mês, fechava a rua ao tráfego dos carros para aí instalar uma série de barracas representativas do

---

<sup>9</sup> Era assim que Baudelaire caracterizava o *flâneur*, ambos – autor e personagem – estudados por Walter Benjamin nos textos agrupados na publicação *Obras escolhidas II - Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Publicado no Brasil em 1991.

<sup>10</sup> A primeira Feira aconteceu em outubro de 1996, representava um processo de ocupação da rua, que na época era um exemplo de descaso e falta de cuidado. Era um movimento estratégico de chamar a atenção para o interesse do comércio local em revitalizar a área.



comércio local. Nesta época, na rua do Lavradio, só existia o Empório 100, um antiquário que à noite dava continuidade as suas atividades funcionando como bar, com música ao vivo. Ficava no número 100 da rua, e era administrado por Lou Vicente e seus sócios. As peças antigas e usadas do antiquário se transformavam no cenário do bar criando um clima exótico de meias luzes, onde as temporalidades pareciam acumular-se sob a penumbra dos usados e pousarem como a poeira sobre os móveis. A empresária Lou, ao lado do jovem ex-estudante de arquitetura capixaba Plínio Fróes, foram os primeiros comerciantes a perceberem a vocação de aliar o décor antigo – a potencialidade cenográfica dos objetos usados e antigos –, com o comércio de bar e restaurante com música ao vivo. Localizados na proximidade do Centro de Negócios da cidade e de grandes empresas como a Petrobrás e o BNDES, perceberam a possibilidade de atrair um público diferenciado para o local equacionando a auto sustentabilidade dos negócios, assim como editando uma versão carioca dos glamurosos “mercado das pulgas” internacionais.

A rua do Lavradio possuía bares, botecos e restaurantes tradicionais como o da esquina da rua do Senado, o Bar Brasil, o boteco ao lado do Brasil<sup>11</sup>, mas nenhum deles com a característica inaugurada pelo Empório 100 e depois seguida por tantos outros comerciantes, interessados em atrair um público noturno ou de fim de dia, para beber e ouvir boa música. O objetivo era não apenas revitalizar edifícios, calçadas, rua, mas o próprio glamour de uma boemia quase extinta, recriar o espírito da tradição cultural da área que era conhecida por reunir uma grande quantidade de casas noturnas, teatros, clubes.

A rua e seus comerciantes brigavam por um projeto de reurbanização do local que se encontrava completamente degradado pela presença de um terminal de ônibus no trecho entre as ruas do Resende e Senado, responsável pelo trânsito, barulho, sujeira do local. Além disso, as constantes enchentes provocadas por um sistema de esgotamento de águas pluviais antigo e

obsoleto contribuíam para a desvalorização da área, mas sobretudo, a aparência degradada e abandonada do espaço urbano impedia a atração de um público capaz de gerar um processo de revitalização social, cultural e econômica do local. (ver fig. 5 “a”-“b” e 39 “a”-“f”)

Movidos por uma vontade férrea de transformar a realidade e percebendo a potencialidade de um projeto de revitalização da rua do Lavradio a partir de sua vertente histórica e tradicional, da densidade da qualidade dos edifícios escondida sob a má conservação das fachadas, da potencialidade de um público interessado na tradição musical e boêmia de algumas partes da cidade, os comerciantes iniciaram um longo processo de cobrança e parceria com o poder público no sentido de viabilizar o que hoje é considerado um sucesso em termos de projeto de revitalização de uma área antiga no centro do Rio.

Enquanto a rua do Lavradio vivia este processo de reconstrução, cujas obras foram inauguradas em 2000, uma outra rua da Lapa experimentava processo singular que também poderia ser chamado de revitalização. Era a Rua Joaquim Silva, nas fraldas do morro de Santa Teresa, com o bar Semente e as biroscas e bares da rua, fazendo música noite adentro e trazendo para a rua uma população de jovens interessados em programas baratos e na novidade de ocupar a rua com um lazer noturno *sui generis* e muito democrático na abolição de fronteiras sociais, musicais e espaciais. Esta última caracterizada pela mistura de um dentro e fora que demarcam o público e o privado no usufruto da cidade. Enquanto os bares e restaurantes com música ao vivo cobravam consumação mínima e, pelo menos, os habituais 10% para quem se sentava em suas mesas e era atendido por garçons, na rua a dinâmica era outra: mais barata, mais popular, mais despretensiosa, menos seletiva. Lugar de um mercado livre, observado pela polícia e pelos guardiões da ordem com desconfiança e preocupação. Até que a ocupação ostensiva dos policiais acabava por expulsar os novos boêmios que, por sua vez, na melhor das tradições de povos nômades, iam criar novos territórios em outros

---

<sup>11</sup> Hoje parte destes botecos desapareceu ou foi substituído por versões mais sofisticadas, tendo em vista a

cantos de uma mesma região simbólica da Lapa, como o “beco do Rato” no trecho sem saída da rua Moraes e Vale, o sucesso sem badalação dos anos 2006. (ver fig. 4e)

Havia música para todos os gostos e cerveja a preço barato, além do comércio de outros artigos menos lícitos, consumidos no espírito democrático (ou transgressor) da diversidade do local, até que a polícia chegasse, procurando controlar a legalidade urbana. Além da rua Joaquim Silva, os isopores de cerveja e os vendedores ambulantes de comida – cachorro quente, churrasquinho, pizza – ocupavam o calçadão da rua Visconde de Maranguape, entre os Arcos da Lapa e a Sala Cecília Meirelles, depois que anoitecesse. Não só a calçada mas todo o comércio de rua, aberto para o calçadão e formado por bares, restaurantes, casas noturnas, centros culturais, escolas de teatro, fervilhavam de gente nas noites de quinta a sábado.

Hoje é possível conferir a programação cultural na Lapa em diversos sites na Internet, destinados aos turistas ou aos múltiplos públicos que freqüentam o local, segundo estilo de vida, classe social, faixa etária e preferências culturais. Os “guias” disponibilizados na Internet sob a rubrica Lapa desenham um mapa imaginário cujas fronteiras se espriam entre o Largo da Lapa e a Praça Tiradentes, incluindo arredores como a rua da Carioca e a Cinelândia. De fato hoje existe uma divulgação ostensiva da programação cultural noturna no centro da cidade, da Praça Mauá à Cinelândia e Lapa. A Lapa engloba o circuito cultural ou é por ele engolida num processo antropofágico de recriação dos limites dos bairros dentro da cidade.

Um trabalho de formatura desenvolvido na Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), cujo campus está localizado na Lapa, nos idos de 1973, sob o título “Indicações para uma leitura semiótica da Lapa” (Lessa, 1973), mostra como este interesse pelo bairro e sua história/tradição, é recorrente e de alguma forma acompanha esta área da cidade que teve seus

dias contados para desaparecer ou ceder aos novos empreendimentos urbanos em alguns momentos críticos de sua história.

Para o autor deste trabalho os limites da Lapa iam “até onde os tentáculos do estado de espírito Lapa alcançavam” (Lessa, 1973; 49) e posso dizer que esta continua sendo uma das melhores definições da circunscrição geográfica e moral da Lapa, ou seja, é possível dizer que alguns tipos de “estado de espírito” sobrevivem aos processos de transformação, às mudanças de sentido, às diversas atribuições de valor que atravessam a Lapa e a complexa sociedade que nela habita, com ela convive ou para ela se dirige motivada por algum interesse específico. É da imaterialidade deste estado de espírito que emergem valores simbólicos, a tradição permanece, os espaços urbanos ganham sentido e podem então ser chamados de lugares. Para ele, como para muitos dos autores compilados por Lustosa<sup>12</sup> entre o final do século XIX e o século XX, ou como para alguns dos meus entrevistados, os limites da Lapa na direção sul iam até o Largo da Glória, onde era possível terminar a noite na Taberna da Glória; na direção leste, iam até a confluência das ruas Mem de Sá, Resende e Inválidos; e na direção norte, iam até o Assírius, nos subterrâneos do Teatro Municipal. Segundo Alexei Bueno, escritor, poeta e tradutor, morador da Lapa por mim entrevistado, boêmio e freqüentador dos cabarés locais nos anos 80, a Lapa se estende sobre a espinha dorsal das ruas Mem de Sá e Riachuelo e vai do Largo fronteiro à Igreja de N. S. do Carmo da Lapa do Desterro e ruas adjacentes (Moraes e Vale, Teotônio Regadas, Joaquim Silva etc.) até a praça da Cruz Vermelha. Minha vivência local também desenhava contornos parecidos com esta mancha abrangente para a Lapa. Eu não conseguia excluir a rua do Lavradio do meu mapa que chegava até a rua da Carioca onde no passado ficava o complexo bar-restaurante-casa musical de Cartola e dona Zica, o Zicartola. Mas os meus entrevistados, de um modo geral,

---

<sup>12</sup> *Lapa do desterro e do desvario – uma antologia*. Livro organizado por Isabel Lustosa, e publicado em 2001, no qual estão compilados vários textos literários sobre a Lapa de um período que vai de 1884 a 1998.

podaram este desejo de expansão de um “Distrito Lapa” por mim idealizado, e em várias entrevistas restringiram a Lapa a uma área no entorno do Aqueduto.

Ninguém discorda, entretanto, que o coração da Lapa, ainda que desvitalizado pela incisão do enorme vazio entre os Arcos e a Igreja, ficou guardado entre o quadrilátero formado pelo Convento de Santa Teresa, o Passeio Público, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa e Capela do Divino Espírito Santo anexa, e o Aqueduto, onde antigamente se erguiam os quarteirões do “ferro de engomar” (ver fig. 6). Ali se localizava o antigo restaurante Capela, a leiteria Bol, casas de cômodos, hospedarias baratas, o ponto de venda do hidrolitol (para curar ressaca), e viviam manicuras, prostitutas, motorneiros, garçons, cafetões, policiais...

É na passagem do século XIX para o século XX que a Lapa deixa de abrigar famílias tradicionais, abastadas ou não, e passa a ser conhecida pelos cabarés, prostíbulos, bares, por suas prostitutas, travestis e boêmios que se tornaram, nos tempos atuais, outra vez a tradição do bairro. A leitura semiótica de Lessa não escapa do registro destes ícones e personagens que fizeram e ainda fazem a fama do bairro, mas segundo ele, em 1973, a Lapa era apenas um bairro de passagem, procurado durante o dia por causa dos restaurantes baratos, mas que à noite se esvaziava à exceção de uns poucos lugares freqüentados por um público de *habitués*, nada comparado ao modismo que se instalou mais tarde, nos anos 90.

A semiótica de Lessa tem vestígios arqueológicos. As imagens por ele utilizadas como ilustração do trabalho são como camadas antigas reveladas no folhear da monografia. Camadas que se desprendem dos conteúdos buscados pelo autor e que se atualizam na memória de quem de alguma forma conviveu com a transformação da Lapa. É possível ainda, por mais incrível que pareça, refazer algumas destas fotos, com os mesmos elementos um pouco envelhecidos, mas quase idênticos, como se estivessem contaminados pelo espírito de uma vida eterna. (ver fig. 3, 7, 8, 9a/c, 9b/d, 10a/c, 10b/d) Ou ainda, fotografar outros

elementos, como se fossem contemporâneos daqueles registrados em 73, mais de trinta anos depois. Sobre os bordéis, o trabalho de Lessa os situa no que então era a saída da cidade, anos mais tarde substituída pelo Mangue e a Vila Mimososa, a nova saída mais distante da cidade na direção da zona Norte agora localizada na avenida Presidente Vargas. Localizar a prostituição nas zonas de transição e saída da cidade parece uma leitura semiótica cheia de sentidos para uma determinada época e neste caso investe a Lapa do significado de borda da cidade, área limítrofe, franja que contorna o núcleo duro da cidade e que com o tempo foi engolida pela expansão do centro. O encontro de travestis, prostitutas, garotos de programa nas zonas pouco iluminadas, semi abandonadas, meio degradadas da área central da cidade ou mesmo em plena avenida Mem de Sá revitalizada por casas noturnas, bares e restaurantes, revelam complexas recriações do imaginário e de símbolos no mundo do comércio sexual – entre explícito e escondido, público e privado – entretendo novas singularidades na cidade iluminada pela luz difusa do abajur lilás (Lustosa, 2001). A cidade se recria, a Lapa se reinventa na tradição de comportamentos desviantes que lhe conferem colorações de lugar de fronteira entre centro e periferia, oficial e marginal, formal e informal. A cidade complexa exige mergulhos arriscados, observação à distância, coragem para se embrenhar por seus labirintos, atenção refinada, sintonia fina porque muitas vezes o que é óbvio na cidade engana, o explícito é uma armadilha que encobre muitas sutilezas. A permanência de suas formas espaciais guarda desvios que nos fazem hesitar, a estrutura móvel das redes sociais explicitam fragilidades, encobrem laços de vizinhança cultivados na contramão do passageiro e produzem milhares de escolhas a respeito do caminho a seguir na tentativa de investigar a cidade e seus moradores. Nos coloca frente a frente com a diversidade e sua natureza arredia, não capturável ou traduzível.

Em 1969 o homem chegava à lua, no Brasil vigorava o Ato Institucional número 5 (AI-5) cassando direitos constitucionais, enquanto na cidade maravilhosa eram demolidas as

últimas casas dos quarteirões centrais da Lapa, entre as quais o número 30 do Largo da Lapa (demolido no dia 13 de agosto de 1969, segundo informação do dono do restaurante) onde funcionava, desde 1903, o bar e restaurante A Capela (ver fig. 10a). Era o fim do processo de demolição, iniciado por volta de 1957, do casario que formava o coração da Lapa (ver fig. 9b). A nova praça, entretanto, só foi inaugurada em 1975, e sem a avenida Norte-Sul, última promessa que justificava o processo de demolição. A notícia veiculada pelo Jornal *A Tribuna da Imprensa*, em março de 1975, tinha por título “A nova Lapa do sr. Chagas” e não poupava críticas ao governador que estava encerrando seu mandato. O jornal critica o episódio da intervenção na praça enquanto todo o entorno permanece degradado, inseguro e mal tratado como as ruas do Lavradio, do Resende, do Passeio, do Visconde do Rio Branco. Ainda o mesmo jornal faz menção ao fato de que os moradores despejados não teriam ficado satisfeitos e que os que permaneceram não acreditavam no sucesso do empreendimento urbano sem um policiamento eficiente, problema que ainda hoje habita as calçadas locais e faz com que um trailer “permanente” do batalhão de polícia militar treinada para o atendimento a turistas ocupe um dos cantos da praça dos Arcos.

A evolução urbana que tento descrever, é também antropológica, sem abrir mão das dimensões histórica e cartográfica que a boa tradição de uma história do urbanismo propõe. Aos relatos e olhares que a pesquisa de campo me permite colher acrescento os dados de uma indispensável bibliografia secundária. São várias versões de uma história descosturada que procuro reunir e interpretar, textos e imagens que procuro justapor ou conectar num tempo nem sempre cronológico e num espaço muitas vezes transformado reconstituindo uma memória imemoriável e, portanto, interpretável na sua recriação.

A história da formação da cidade se desenrola dócil como um fio de Ariadne se a opção for por um preliminar ordenamento cronológico. A irrefutável sucessão do tempo linear que se desloca do passado na direção do futuro escava sulcos, deixa registros permanentes de

como se passaram fatos e produziram acontecimentos e, as vezes, deixam pegadas nas construções e nas ruas da cidade. É possível descobrir como viveram alguns personagens, como se desenvolveu a tecnologia construtiva e da circulação, ou como a densidade populacional fez crescer os limites da cidade e obrigou os homens a dominarem a natureza e uns aos outros. Os documentos (livros, mapas, jornais, fotografias, manuscritos, códices) e as memórias dos homens nos relatam que lagoas e mangues foram aterrados, morros foram desmontados, caminhos foram abertos, águas canalizadas, encostas ocupadas, a terra loteada, as chácaras viraram sobrados, as edificações unifamiliares transformadas em multifamiliares, doenças das águas paradas e do calor foram enfrentadas e proibidas as alcovas insalubres e sem ventilação, os pobres ou sem trabalho foram retirados das cercanias da cidade que se oferecia ao capital internacional. As histórias nos revelam que culturas estruturaram as relações sociais e vice versa, e que a cada tempo correspondeu uma cidade e uma sociedade, uma estética e uma ética.

Enquanto a antropologia opera na interpretação de signos, no desvendamento de significados verossímeis fragmentados pela trama banal da vida que observa, a história interpreta e traduz a representação de fatos que desapareceram, que aconteceram no passado e não estão mais ali para serem vistos, a história reinventa a memória voluntária (Bergson, 1990) <sup>13</sup>. É no fato de que ambas produzem um texto, e nesta medida traduzem e descrevem um tempo, um espaço, um modo de ver o mundo – tanto dos (con)textos que revelam, quanto dos cientistas que os escrevem – que sugiro buscar suas afinidades. E que a partir daí se faça uma boa crítica literária, ou se produza uma boa literatura. Se considerarmos a etimologia da palavra traduzir como contendo em si mesma o radical de traição vamos perceber que o ato de traduzir um texto, uma imagem, um pensamento contém, em si, além da vontade de ser fiel, a inexorabilidade da traição – quem traduz, trai. E trair uma idéia pode ser encontrar novos



sentidos, nem verdadeiros, nem falsos. Toda tradução é relativização e provisoriedade, é resposta do momento, modo (ou estratégia, artifício) de enfrentar o que estranhemos ou nos afeta. A tradução permite compreender o outro na sua diferença e tentar interpretá-lo. A história, como gestos de resgate do passado, é sempre construção, feita com engenho e arte, memória e esquecimento, seleção e descarte, é a versão que resta legada pelos diferentes autores e espectadores que nos antecederam e que no futuro, se apossando de nosso relato escrito ou não, nos sucederão. Assim subjazem formas fantasmiais que o abrir de um livro vai liberando a cada passar de página. A história em suas traições<sup>14</sup> revela formas que são reconstruídas no imaginário de cada um: autores, informantes, pesquisadores e grupos sociais.

No emaranhado destas possibilidades permanece e se reinventa a história de um bairro, vincada por eventos mais ou menos marcantes, dependendo da pena e do olho que a guardou no passado, da esferográfica e da lente que a recupera no presente.

A memória mais antiga pode ser retomada pelo fio de uma fiel cronologia. Mas ao se ler, por exemplo, *A história das ruas do Rio* (Gerson, 2000), nos deparamos com o fato de que falar dos lugares e como estes se espacializaram no tempo é reconstituir um labirinto onde os corredores têm idades distintas, é ficar preso numa teia caótica feita de tempos, histórias, pessoas que a magia do texto do autor entrecruzou na faina de perseguir um passado nos testemunhos encontrados no presente. São lugares apagados, renomeados mil vezes, palcos de eventos que tomam parte da história aos saltos, sem seqüência lógica e desenrolar contínuo. História de descontinuidades é o que a cidade nos reserva e não há recurso literário ou cientificismo inquiridor que permita disfarçar esta característica. Tempos justapostos em fachadas que explicitam nos elementos construtivos postos lado a lado, o desalinho do tempo,

---

<sup>13</sup> Neste texto Bergson explica as categorias de memória voluntária e memória involuntária que depois serão usadas por Proust na obra *Em busca do tempo perdido*.

<sup>14</sup> Toda tradução é sempre e antes de tudo uma traição em relação ao original. Sebastião Uchoa Leite

as quedas vertiginosas no abismo do passado irreversível revelado aos trancos, modernidades que nos projetam no futuro.

### *3.2. Aspectos históricos*

A cidade do Rio de Janeiro é fundada no Morro Cara de Cão e em seguida se instala no Morro do Castelo, erguendo igrejas e fortificações nos pontos estratégicos de proteção e vigia, assinalando que a terra foi descoberta e tem dono (ver fig. 13). É cidade que se instala no interior protegido da Baía da Guanabara. Uma garganta estreita separa a concavidade da baía do mar aberto por onde se supõe devem vir agora os invasores, a garganta vigia e estrangula os inimigos que vêm do mar, e as montanhas encadeadas a volta, como uma fileira de soldados, vigiam e protegem dos inimigos de dentro, os antigos nativos, os donos da terra agora tratados como invasores. É em meio a tantas defesas que o passar do tempo faz cair por terra que a cidade se esgueira e cresce, espremida pela geografia de um sítio localizado entre o mar e a montanha. A estratégia de defesa é ocupar o interior, que depois se chama de subúrbio e empurrar para os lugares mais distantes do núcleo original ou para as favelas nos morros ou nos alagados a gente mais desvalida, os que povoam com sua força de trabalho a primeira cidade e que depois serão vistos cada vez mais como deserdados.

A primeira rua, a Direita, hoje Primeiro de Março, ligava o Morro do Castelo ao de São Bento, fechando com um cordão de terra os sucessivos aterros que permitiriam a construção do centro antigo da cidade ao redor do alagado do Largo do Paço onde ficava o cais e se estabeleceram o comércio, a gente nobre, a família real, as igrejas e o convento do Carmo.

Dos morros originais e centrais integrados ainda pelos de Santo Antonio, Conceição, Saúde, Gamboa, Santo Cristo, Senado e Santa Teresa, foram desmontados o do Senado, o do Castelo e parte do de Santo Antonio, que serviram para aterrar a Lagoa do Boqueirão, onde se

construiu o Passeio Público; a Lagoa de Santo Antonio (entre a Cinelândia e o Largo da Carioca) e a orla da baía que ia da antiga ponta do Calabouço (onde se erguiam e estão lá até hoje a Santa Casa de Misericórdia na rua Santa Luzia, o Museu Histórico Nacional na rua Marechal Câmara e o Aeroporto Santos Dumont, na extremidade do Aterro do Flamengo) até a enseada de Botafogo.

Aos poucos o contorno da cidade modelado por vontades políticas, urbanismo e paisagismo transformavam a geografia física e social se afirmando como uma conquista do homem sobre a natureza, superando a cultura colonial, o primitivismo dos modos, a falta de higiene, as doenças da insalubridade, executando as obras necessárias ao adestramento do meio ambiente natural e humano pela ação de homens como o Marques do Lavradio na segunda metade dos anos setecentos, o engenheiro e prefeito Pereira Passos no início do século XX, o prefeito Carlos Sampaio nas décadas de 1920 e 1930, Getúlio Vargas e Dodsworth durante o Estado Novo, Juscelino Kubistchek e Negrão de Lima nos anos 1950, e nos anos 1990 os prefeitos César Maia e Luís Paulo Conde.

Por várias vezes a cidade teve a geografia alterada, o tecido social esgarçado e a trama urbana modificada para dar lugar a novo entrelaçamento de espaços e relações sociais, segregações, exclusões próprias de um modelo estratificado de sociedade, nem sempre tão pré determinado e estável.

É o caso da construção de uma trama urbana consolidada ainda nos tempos dos vice-reis; dos alargamentos de ruas, criações de praças, construção de pátios para iluminação e ventilação das casas e de clarabóias nos conjuntos contínuos de fachadas a empachar as ruas modernas e salubres, inauguração de um Rio Belle Époque no governo Pereira Passos capaz de atrair o capital internacional; início de favelização da cidade e dos processos nem sempre sutis de expulsões dos mais pobres da cidade formal; do desmonte do Morro do Castelo e a realização da exposição internacional de 1922, quando o neo-colonial brasileiro é apresentado

ao público no governo de Carlos Sampaio; da criação da esplanada do Castelo, contratação do Plano Agache<sup>15</sup> e abertura da Avenida Presidente Vargas, nas décadas de 1940; desmonte do Morro de Santo Antonio e concepção do projeto do arquiteto Reidy para a esplanada de mesmo nome, nunca realizado; abertura de túneis (o Santa Bárbara, inclusive, com o arrasamento de áreas antigas como o Catumbi), construções de elevados (o Paulo de Frontin, e a Perimetral, no período pós-golpe militar); grandes rodovias (no período JK); aterros das enseadas da Glória, Flamengo e Botafogo, com a criação do Parque do Flamengo (inaugurado pelo último prefeito do DF, Sá Freire Alvim, entre 1958/60); remoção de favelas, construção de conjuntos habitacionais nos subúrbios, crescimento da zona sul, ocupação da Baixada nos anos 1950 e 1960; criação do projeto Corredor Cultural, na década de 1970, com o objetivo de revitalizar, através do uso da cidade para além das fronteiras do horário comercial, a área central de negócios; embelezamento e urbanização de ruas com o objetivo de devolvê-las para os pedestres – o Rio Cidade; recuperação de programas habitacionais para baixa renda nas áreas centrais, urbanização e melhoria das condições habitacionais de favelas com o objetivo de integrá-las à cidade formal – o Favela Bairro, nos governos César Maia e Luís Paulo Conde, nos anos 1990.

A cidade passada à limpo, segundo a caligrafia política, social, econômica e cultural de cada época.

Este vôo rasante sobre a história do Rio, com uma intencional ênfase no que diz respeito à área central foi o desvio escolhido para aterrissar na história da Lapa.

A planta conjectural de 1565 (ver fig. 13) mostra que o antigo Largo da Lapa ficava a beira do mar e próximo a uma reentrância na geografia litorânea que parecia uma cópia reduzida da Baía da Guanabara, lagoa que depois recebeu o nome de Boqueirão, aterrada para dar lugar ao jardim mais tarde denominado Passeio Público e cujo ajardinamento original

---

<sup>15</sup> Plano de remodelação urbana elaborado por Alfred Donat Agache para o Rio de Janeiro no final da década de

foi obra de Valentim da Fonseca e Silva, o mestre Valentim, no século XVIII<sup>16</sup>, entre os Morros de Santo Antonio, das Mangueiras e Santa Teresa, nos baixios onde se alastravam alagadiços que iam desaparecendo com o saneamento dos aterros. Naquela época e segundo descrição apresentada por Oliveira, o Passeio Público tinha a forma de um hexágono irregular “a entrada deste realizava-se pela rua do Passeio, através de uma porta de ferro e, exceto no lado composto por um terraço<sup>17</sup> diante do mar, o jardim estava rodeado por um muro, e em certos intervalos apresentava janelas protegidas com grades de ferro” (Oliveira, 2005: 15). As alamedas que então formavam o jardim eram retilíneas e simétricas em relação a uma alameda central que tinha início na rua do Passeio e terminava no Chafariz dos Amores, junto ao terraço. Seu traçado foi totalmente alterado por Auguste Glaziou, em 1843 e 1883<sup>18</sup>, que nele introduziu as alamedas sinuosas, espelhos d’água e esculturas que caracterizam o paisagismo vigente na segunda metade do século XIX e que estão lá até hoje. O que se acrescentou à restauração do jardim, concluída nos anos 2000, além da iluminação, da recuperação dos caminhos, pontes, lagos, gradis, espécimes vegetais, foram os equipamentos de moradia para os gatos que habitam o local e são alimentados, dia sim dia não, por uma senhora que voluntária e particularmente cuida deles.

Confirmado pelas plantas da evolução urbana da cidade vemos que no início do século XVII os morros do Castelo, São Bento e Santo Antonio já eram ocupados por igrejas e conventos: Igreja de Santo Inácio e Colégio Jesuíta, Igreja de Nossa Senhora do Monserrate e Mosteiro de São Bento e Igreja e Convento de Santo Antonio, respectivamente, e no primeiro,

---

1920, na gestão do prefeito Antonio Prado Junior.

<sup>16</sup> O planejamento e execução do Passeio foi ação, em 1779, do governo do Vice-rei Luís de Vasconcelos, “Breve histórico dos jardins no Brasil”, Ana Rosa de Oliveira, in *Manual de Intervenções em Jardins Históricos*, Carlos Fernando de Moura Delphim, Iphan, 2005

<sup>17</sup> O terraço “apresentava piso de mármore, paredes azuladas, parapeito ornado com vasos de mármore sobre pilastras e seus dois pavilhões – um em cada extremidade – estavam internamente decorados, uns com conchas e também com numerosas telas de Leandro Joaquim, das quais restam ainda oito que mostram as paisagens do Rio”. Cf. Rachel Sisson. “Paisagismo no Brasil”. *Enciclopédia Mirador*, 1975, p. 8.419.

<sup>18</sup> Conforme José Mariana Filho in *O Passeio Público do Rio de Janeiro* (C. Mendes Jr.), 1943, citado por Ana Rosa de Oliveira, *op. cit.*, p. 16.

fortificações protetoras assinalavam que as terras tinham donos. O caminho que viria a ser a rua Direita estava aterrado; a ligação da área que envolvia a atual Cinelândia (antigo Campo da Ajuda) e o Largo da Carioca, no lugar da antiga Lagoa de Santo Antonio, com as terras interioranas do engenho de Dentro, pelas fraldas do Morro de Santa Teresa, também já existia e viria a ser o caminho conhecido como de Mata Cavalos (hoje rua do Riachuelo); além disso, havia um outro caminho, também saído das margens da Lagoa de Santo Antonio que seguindo pela costa buscava alcançar a zona sul da cidade, contornando a Lagoa do Boqueirão e margeando a própria Baía da Guanabara no local hoje ocupado pelo bairro da Glória, atingia Laranjeiras, Catete e Botafogo. A cidade era morro, alagado, várzea, rocio<sup>19</sup>, além de caminhos e homens aos punhados tentando capturar e catequizar a gente local, ao mesmo tempo em que proteger a terra descoberta de outros conquistadores e ocupá-la constituindo família, gerando descendentes, construindo uma cidade e formando uma sociedade.

No início do século XVIII (1721) já a cidade se expande para o interior, na direção norte, para as terras firmes na fuga do mar. O Rocio Grande, Terreiro da Polé, por causa da transferência do pelourinho da várzea do Carmo para lá, é desmembrado do Campo de São Domingos, se tornando mais tarde a Praça Tiradentes, lugar onde o alferes Joaquim José da Silva Xavier foi enforcado e esquartejado e que ficou famoso no século XIX por causa dos teatros que abrigou. A estátua, no entanto, que desde 1854 decora a Praça homenageia, em estilo romântico, o Imperador D. Pedro I.

Em meados do século XVIII a área central em torno do Largo do Paço já possuía uma trama densa de ruas, aproximadamente ortogonais, como um tabuleiro de xadrez adaptado a um relevo irregular e ia até a rua da Vala (atual rua Uruguaiana) onde se desenhava a linha de uma fortificação ligando o Morro do Castelo ao da Conceição, onde outra fortificação já se

---

<sup>19</sup> Rocio era “um campo de serventia pública, reservado para o estacionamento das carruagens, pastagens de animais, feiras e leilões e outras atividades coletivas. Para isso demarcava-os a Camara, impedindo que neles os moradores construíssem suas casas”. (Gerson, 2000: 112)

encontrava instalada (ver fig. 14). Não se sabe se esta fortificação que protegia a cidade de invasões vindas da zona norte da cidade chegou a ser construída e não existem notícias se, durante a abertura dos túneis para passagem do metroviário algum vestígio arqueológico foi descoberto antes de ser destruído.

É de 1750 a conclusão da obra do primeiro aqueduto, projetado pelo brigadeiro Fernandes Pinto Alpoim<sup>20</sup>, que trazia as águas de Santa Teresa para o morro de Santo Antônio e que eram recolhidas para abastecimento das casas no local onde hoje se situa o Largo da Carioca e o Vice-Governador Gomes Freire mandou construir o chafariz da Carioca, remodelado em 1848 por Grandjean de Montigny (Czajkowski, 2000a: 66). Em 1896 o aqueduto foi convertido em via para os bondes que levavam à Santa Teresa. E por falar em Carioca é importante registrar que a rua da Carioca, antiga do Egito e também do Piolho, é contemporânea da ocupação do morro de Santo Antônio. O lado ímpar da rua é formado por um casario neoclássico bastante íntegro, com portas e janelas ritmadas e gabarito constante com platibandas e frontões triangulares. O lado par apresenta uma diversidade eclética atribuída, na Coleção de *Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro* (Czajkowski, 2000b), às substituições promovidas pelo alargamento da rua projetado durante o governo Pereira Passos.

Em 1751 o padre Angelo Siqueira Ribeiro do Prado começou a levantar seminário e capela em louvor de Nossa Senhora da Lapa, no trecho que ficava entre a praia das Areias de Espanha e o morro das Mangueiras, próximo do morro de Santa Teresa (na época morro do Desterro), no local até hoje conhecido como Largo da Lapa. A dita igreja, cuja construção é atribuída ao brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, o mesmo que construiu o aqueduto e o Convento de Santa Teresa, ainda mantém, nos dias atuais, a localização original: dava fundos para a praia, ficando o largo a sua frente conhecido como “dos Formigões”, por causa da

roupa escura que usavam os seminaristas que por ali passavam. A arquitetura de sua fachada lembra a da Igreja do Convento de Santa Teresa com a qual mantém um diálogo muito antigo de olhares e visadas.

É uma relação especialmente valorizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que tombou a Igreja, o Convento de Santa Teresa, o Aqueduto e o Passeio Público em 1938.

A presença e proximidade deste conjunto de obras monumentalizadas pelo recorte incisivo e a intervenção do Iphan nesta área, constroem neste trecho da Lapa uma atmosfera densa de lugar de memória, diluído pela precariedade do estado de conservação de vários imóveis, assim como pelo desajuste urbano produzido pelo vazio da demolição do casario local para o qual, até o momento, não se encontrou uma solução urbana adequada, capaz de selar o esgarçamento gritante provocado pelo desaparecimento de parte do tecido histórico da Lapa.

O desenvolvimento desta região, desbravada pela abertura dos caminhos de Mata Cavalos (beirando o Morro de Santa Teresa) e Mata Porcos (beirando o Morro de Santo Antonio entre este e o da Conceição), provocando uma ocupação rarefeita de chácaras ao longo dos caminhos, se deu na época do Marques do Lavradio, que esteve no Rio entre 1769 e 1779 e que poderia ser considerado o Pereira Passos da época. Neste período, portanto, se consolida a trama urbana desta região, localizada às costas do morro de Santo Antônio, com a abertura da rua do Lavradio, entre a arcada do Aqueduto e o Largo do Rocio (praça Tiradentes), e da rua dos Inválidos, ambas paralelas entre si, e cortadas transversalmente pela rua Visconde do Rio Branco que sai da praça Tiradentes como se fosse uma continuação da rua da Carioca, e que também era conhecida como Real ou Nova do Conde da Cunha pois foi aberta a mando deste, seguindo na direção Norte da cidade até encontrar a rua de Mata

---

<sup>20</sup> A Alpoim são atribuídas inúmeras obras como o Paço Imperial e o Arco do Teles na Praça XV, o Convento de



Cavalos (Riachuelo), na região hoje localizada nas imediações da Praça Onze. É na esquina desta rua com a Praça Tiradentes que morou o Visconde do Rio Seco, em prédio oriundo do período colonial, muito modificado ao longo dos anos, o que lhe imprimiu a feição neoclássica que o caracteriza nos tempos atuais, e cujo histórico de usos indica ter sido também sede do Clube Fluminense.

É de 1763 a construção do hospital da irmandade do morro de Santo Antonio localizado na base da encosta voltada para o Largo da Carioca e cuja ocupação terminou por volta de 1773. É desta época a construção da capela vizinha à de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, pertencente a Irmandade do Divino Espírito Santo, que tinha então outra capela no campo de Sant'Ana, e que se tornam os dois lugares onde se realizava a festa do Divino no Rio de Janeiro, no período que ia do sábado de Aleluia até a terça-feira.

Foi o Marques do Lavradio ainda que construiu a primeira muralha para melhorar o caminho de passagem pela Lapa e Glória para a zona sul. Pereira Passos depois, no início do século XX, o reconstruiu com balaustrada vinda da Praça Tiradentes e aterrou a praia (das Areias de Espanha) transformando-a numa das primeiras quadras da avenida Beira Mar. Finalizou as obras com a instalação, em coluna de pedra, do relógio de quatro mostradores luminosos, ainda enfeitando o local com a elegância e o requinte da época. Mapas pesquisados na sessão de Cartografia da Biblioteca Nacional, desenhados por Ulrik Greiner e sem data precisa, assinalam em verde as obras de aterro, para construção do novo “Caes da Glória”.

A vinda da família real, no início do século XIX, vai transformar radicalmente o cenário de cidade rarefeita e pontilhada de chácaras para além dos limites do sítio original, consolidando as vertentes de crescimento da cidade apontadas nos séculos anteriores.

Em 1840 a zona central intermediária, ou seja, aquela formada pelos terrenos localizados depois da rua da Vala, atrás do Morro de Santo Antonio e nos baixios do Morro de Santa Teresa, era pontilhada de chácaras e nelas moravam barões, condes, marqueses e viscondes – a nobreza que acompanhava o Império. As terras destas chácaras foram, aos poucos, cedendo espaço para a abertura de ruas e subdivisões em lotes menores por onde se ergueu a cidade do século XIX, feita de casas térreas ou assobradadas, estreitas e compridas, coladas nas divisas dos lotes, iluminadas e arejadas por clarabóias, reservando os fundos para quintais, pomares ou jardins. Nela se instala a família tradicional, versão um pouco modificada da família rural com alterações de comportamento, incorporação de novas instituições no espaço familiar – escolas e hospitais, por exemplo –, inauguração de uma versão urbana um pouco mais permeável, na qual a cidade e sua estrutura interferem no espaço e relacionamento privado para depois irem aos poucos sendo também modificadas por estas estruturas familiares. A unidade de produção rural familiar se transfere para a cidade numa versão condensada – comércio no térreo, moradia no sobrado. As relações familiares e sociais se espremem dentro de lotes estreitos e subdivididos em alcovas sem janelas para a rua, mas a relação com a rua é quase uma exigência pois é nesta que a vida acontece. Chama a atenção de muitos viajantes citados por Gilberto Freire, as condições higiênicas de iluminação e ventilação destas casas, no período colonial desprovidas de água encanada, esgoto, iluminação e ventilação adequados (Freire, 1968). Casas úmidas e onde proliferavam bichos e doenças. Situação que se agravou quando as populações mais abastadas começaram a se mudar para os bairros mais distantes e estes sobrados começaram a ser ocupados como casas de cômodos e cabeças de porcos. As posturas municipais do início do século XX vão exigir clarabóias que iluminem e ventilem as casas compridas e coladas nas duas divisas dos lotes. O término do sistema escravocrata despeja sobre esta cidade saturada e carente de moradias, esgotada pelos poucos recursos de infra-estrutura coloniais, um contingente

populacional expressivo e sem destino. Consolidam-se, como ausência de alternativa, os cortiços, habitações coletivas de tipo “cabeça de porco”<sup>21</sup>, nas quais à falta de higiene veio rapidamente somar-se a disseminação de doenças epidêmicas. Eram, segundo Gilberto Freire, locais “onde mal se respirava tantas eram as camadas de gente que formavam sua população compacta, comprimida, angustiada” (Freire, 2000: 1007). A reação do governo Pereira Passos foi a de embelezar a cidade, de acordo com os padrões franceses da época, e desalojar pobreza, feiúra, insalubridades, problemas insolúveis, estratégia ainda vigente em muitas administrações públicas que sucederam a de Pereira Passos e a política higienista de Osvaldo Cruz.

Ao crescimento da população correspondeu o surgimento de novos usos e a Lapa e seus arredores, mas a cidade como um todo, viram surgir para além das igrejas, das residências, quartéis e do comércio, clubes, teatros, escolas, tipografias, jornais, casas de cômodos, mocambos, favelas etc.

É infinita a lista de personagens famosos, guardados pela história oficial ou não, que habitaram a região que vai da Lapa até a praça Tiradentes. É marcante o relato de sua transformação e decadência. Para Brasil Gerson, um dos autores desta etnografia que rascunhou, a Lapa se constituiu como lugar de religião e pecado (Gerson, 2000).

“Bairro que se tornou famoso na história da cidade pela sua vida noturna dissoluta, bairro de cabarés baratos, de casas de baixo meretrício, de malandros, de jogadores, de valentões e invertidos, e do *trottoir* de pobres mulheres ditas perdidas, como consta de muitas crônicas e livros, entre estes uma novela de Luís Martins –, a Lapa teve, no entanto, as mais puras e nobres origens, nascendo e crescendo que foi em torno de um seminário construído em louvor de Nossa Senhora e de uma Capela do Divino Espírito Santo. E na verdade é o que mais a caracteriza ainda hoje: essa sua curiosa dupla ‘personalidade’ com as suas seculares tradições religiosas a subsistirem nela, incólumes, não obstante a impetuosa invasão de coisas profanas que tanto a desfiguraram dos fins do Oitocentismo em diante...” (Gerson, 2000: 236)

Esta citação inteira, explícita em mostrar a visão de mundo do autor, seu universo de valores, a moral com que lê e interpreta a cidade que investiga através das histórias de suas

---

<sup>21</sup> Tipo de cortiço, aglomeração de habitações que servem de moradia para uma população pobre. Em geral é

ruas exige, por uma questão de método etnográfico e de investigação (quase policial) que ao se tornar relato revela também a intenção de quem copia a citação, que se diga duas ou três palavras sobre Brasil Gerson. Era catarinense de São Francisco do Sul este descendente de noruegueses, alemães e holandeses, nascido em 1904 e cujo sobrenome verdadeiro era Görresen. Jornalista de profissão foi desde cronista mundano em São Paulo, até comunista convicto, o que lhe valeu um exílio em Buenos Aires e Montevideú. O livro sobre a história das ruas do Rio foi publicado pela primeira vez em 1955 quando algumas transformações urbanas importantes ainda não tinham ocorrido, como o desmonte do Morro de Santo Antônio e o desaparecimento do antigo Largo da Lapa, mas revela a indisfarçável paixão e o profundo conhecimento físico e toponímico da cidade, por parte de seu autor. Brasil Gerson morreu em 1981, “aos 77 anos de idade, sempre atualizando a sua *História das ruas do Rio* para uma edição definitiva, que não pode presenciar”. (Bueno, 2000: X)

Ele nos revela uma Lapa inédita, atravessada por suas escolhas pessoais e julgamentos morais, surgida no cruzamento de caminhos que riscavam aleatoriamente a origem de bairros, lugares, ou de cidades inteiras. Há, como diz Mumford, cidades que surgem no cruzamento de rotas comerciais, da implantação de fortalezas emblemáticas dos sistemas de defesa de territórios, da implantação de igrejas, seminários e conventos que traduzem programas de catequese e civilização religiosa, cidades que materializam a sedentarização de povos que antes eram nômades (Mumford, 1998). Cidades que surgem como um “X” num mapa<sup>22</sup>. Pois bem, a Lapa surge com a implantação da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, no cruzamento do caminho de Mata Cavalos, com o que hoje conhecemos com rua da Lapa e depois da Glória, na época um caminho que vinha do núcleo central localizado na área da Cinelândia e que margeando a Baía da Guanabara, se deslocava para o sul desbravando o litoral. Esta descrição é um exercício de interpretação de mapas que desvendam a geografia do território na tentativa

---

uma casa de vários cômodos, em que cada cômodo é uma habitação.

de dominá-lo. O largo da Lapa se consolida no centro de uma espécie de “X” traçado entre o norte e o sul da cidade.

A história fascinante que Gerson escreve, descrevendo a cidade do Rio é confusa, revela ausência de método, explicita que não é historiador, é jornalista e cronista, que tem maneira própria, com método livre talvez, de fazer com que o pensamento se aproprie dos milhares de dados levantados e, mediados pela experiência do conhecimento da cidade, os justaponha na colcha de retalhos que tece, tentando guardar os fragmentos existentes ou não de uma cidade que não há, que nunca existiu, que é recriada no seu relato, e da qual podemos encontrar vestígios se seguirmos as pistas deixadas pelo texto. A cronologia dos fatos é parcial pois escolhe como eixo de descrição as localidades. Ocorre que há uma espécie de percurso imaginário que o conduz na escolha da seqüência em que os lugares aparecem e assim, ao sairmos da rua do Lavradio no início do século XX aterrissamos na praia das Areias de Espanha, em pleno século XVIII quando os padres construía a igreja de Nossa Senhora da Lapa e tomamos outra vez o bonde da cronologia para ir vendo a Lapa acontecer no tempo e no espaço até chegar outra vez no século XX (Gerson, 2000). É como andar numa montanha russa e depois tentar juntar de forma inteligível, na versão que tento compor, os cacos e fragmentos que a queda livre em alta velocidade desordenaram. O etnógrafo assume então sua máscara de *bricoleur*, entre o projeto do engenheiro e a composição “casual” do artista-bricoleur (Lévi-Strauss, 2002: 28-38). Estamos lidando com materiais fragmentários já elaborados e não matéria prima pura, signos, fragmentos de realidades distintas no tempo, e a etnografia se torna uma recomposição inacabada de objetos, fatos, personagens já narrados e descritos, a qual incorporo alguma coisa de mim mesma. Tento trabalhar com metáforas e não com metonímias, como quem cria um modelo reduzido da realidade que quer representar mesmo que sem um plano pré-definido.

---

<sup>22</sup> Conta e lenda modernista que foi assim que Lúcio Costa deu início ao seu traçado do plano de Brasília.

A Lapa de Brasil Gerson (2000) é formada pela rua Teotônio Regadas, antigo beco do Império porque aí era coroado o Imperador da festa do Divino, também chamado de beco da Alegria onde existiu o ruidoso café-concerto “Alcazar-parque” e onde, mais tarde, se localizaria o Cine Colonial que Carlos Lacerda, ao mesmo tempo em que demolia os dois triângulos de casas que ocupavam o grande vazio que hoje é o largo da Lapa, transformou em Sala Cecília Meireles; o beco das Carmelitas, aberto em 1820 ao lado da Capela do Divino pelos próprios padres; a rua Teixeira de Freitas, antigo beco do Campo dos Frades, onde depois foi instalar-se um Banco de Sangue no edifício da antiga casa de banhos “Termas cariocas”<sup>23</sup>; pela Travessa do Mosqueira, que tem este nome desde os Oitocentos; pela rua Manuel Carneiro, ligando a rua Joaquim Silva à travessa Santa Teresa; pela rua Detrás do Seminário da Lapa, a que se referiam as crônicas do setecentismo, que ligava o centro com a Glória e não existe mais; pela rua da Lapa, que só surgiu mais tarde e cuja continuação era a rua da Glória; pela rua Joaquim Silva que se chamava de Santa Teresa; pela rua Moraes e Vale que se chamava do Desterro (por causa do Morro de Santa Teresa que antes foi do Desterro), “infestada de prostíbulos até quase o começo da segunda guerra mundial” (Gerson, 2000: p. 238); pela rua Taylor e Conde Lajes abertas durante o segundo reinado (ver fig.41). Na seqüência do relato de sua caminhada ele chegava na Glória, indo e vindo no tempo, no espaço e nos personagens que descrevia para adensar o relato sobre a cidade. Para ele as ruas Mem de Sá e Riachuelo, ou mesmo Lavradio e Gomes Freire, não participavam da circunscrição da Lapa.

Antes de seguir, porém, ele povoa a Lapa com personagens ilustres que ai moravam como o Doutor Carlos Moncorvo, o engenheiro Bethencourt Silva (fundador do Liceu de Artes e Ofícios) e construtor de inúmeros edifícios na cidade, o Senador Eusébio de Queirós, o historiador Vieira Fazenda, ou de personagens que freqüentavam seus bares como Sinhô e

---

<sup>23</sup> Hoje uma “casa de massagens” com este mesmo nome ocupa um imóvel na rua Joaquim Silva na esquina da

Francisco Alves. Lapa dos hotéis como o Freitas (construído em 1896 em frente ao Largo da Lapa)<sup>24</sup>, que depois ficou conhecido como Grande Hotel da Lapa, preferido dos políticos mineiros, ou o Hotel Guanabara, no encontro da rua da Lapa com a rua da Glória com vista para o mar. O Guia prático para estrangeiros citado na nota n.º 24 indica ainda que havia o hotel Continental, na rua do Passeio n.º 40 e o dos Estados, na rua Visconde de Maranguape n.º 15, além das pensões Beethoven, na rua da Glória n.º 72, Portugal, na avenida Mem de Sá n.º 72 e Suissa, na rua da Glória 68. Outro aspecto interessante que Gerson revela é que a Lapa foi um bairro que, em vários endereços, abrigou a “roda dos expostos”<sup>25</sup> entre os anos de 1840 e 1860.

A rua Evaristo da Veiga, por exemplo, foi a única na qual encontrei registro de licenciamento de obra no Arquivo Geral de Cidade do Rio de Janeiro, indicando a existência de construção que abrigava uma “roda de expostos”. Esta rua chegava até o aqueduto, na altura do entroncamento com a Ladeira de Santa Teresa, esquina com rua Joaquim Silva e formava um dos lados de uma das quadras do “ferro de engomar”. Os primeiros registros de licença na rua datam de 1893 e tratam de reformas nos imóveis de n.º 5 e 71 (este já com três pavimentos). No número 106 habitava, em 1898, o Visconde de Caravellas e em 1899 se registra a licença para construção de um estábulo no prédio em que se localizava uma “casa dos expostos”.

Os limites difusos, abrangentes, restritos do bairro, as referências arquiteturais e humanas é o que este trabalho, de alguma forma, pretende revelar, a partir, inclusive, das várias representações e interpretações que cada aspecto destes assume ao longo do tempo, nas

---

avenida Augusto Severo.

<sup>24</sup> Segundo o Guia prático elaborado especialmente para os estrangeiros por Carlos Aenishänslin, em 1914, cujo exemplar consultei na sessão de cartografia da Biblioteca Nacional e cujos mapas reproduzo na página xxx, o Hotel Freitas ficava na Rua do Riachuelo n.º 120, e o Grande Hotel, no Largo da Lapa n.º 1. Já o Hotel Guanabara, ficava na rua da Lapa n.º 103.

<sup>25</sup> Denominação de um tipo de instituição que mais tarde viria a ser conhecida como orfanato, e que abrigava crianças abandonadas pelas famílias. A criança era deixada num tipo de mecanismo em que a pessoa que “expunha” (abandonava) e a que recebia não faziam contato visual.

diversas vozes que os constituem, guardam e relatam. Neste momento a imagem da Lapa é construída a partir de relatos escritos – históricos e literários – para, num segundo momento, e a partir do trabalho de campo apresentar a visão de alguns de seus moradores e vizinhos atuais. Ou seja, aos relatos históricos de uma Lapa não mais existente se superpõe a etnografia das Lapas existentes no início do século XXI (ano de 2006), e que serão outras a cada volta do tempo.

Para Isabel Lustosa, organizadora do livro *Lapa do desterro e do desvario - uma antologia* “O território livre da Lapa começava junto à Glória, na rua Conde de Lage<sup>26</sup>, para terminar bem depois dos Arcos, na praça Tiradentes. Os limites da sua cultura boêmia, entretanto, eram mais plásticos: estendiam-se até o Catete, de um lado, e chegavam à avenida Rio Branco, de outro” (Lustosa, 2001). É muito parecida com a do designer Washington Lessa, hoje professor da Escola de Desenho Industrial da Uerj, cujo trabalho realizado na década de 70 mencionei anteriormente (Lessa, 1973).

Lustosa recupera uma história/literatura que mostra a cultura dos bordéis das ruas Conde de Lage, Taylor e Joaquim Silva, as *rues chaudes*. Ruas da prostituição que se distribuía assim: “o beco dos Carmelitas para as francesas; a rua Joaquim Silva para as polonesas e a Moraes e Vale para o elemento nacional, a mulata. Não que muita polaca não mudasse aqui de nacionalidade e se transformasse em francesa. Pois as francesas é que davam a nota chique da Lapa, muitas delas, ‘com hábil e gracioso *savoir-faire*, daí a pouco passavam a mundanas de alto bordo, modistas, concubinas de políticos ou senhoras casadas,’ como escreveu Moacir Werneck de Castro em seu livro sobre a presença de Mário de Andrade no Rio.” (Lustosa, 2001: 2).

---

<sup>26</sup> Observar como a grafia do nome das ruas varia de autor para autor. Por questões de preservar a originalidade e a singularidade dos relatos não padronizei a nomenclatura dos logradouros optando por transcrevê-los conforme grafem os autores citados.



A antologia que reúne mostra, iluminada pela luz lilás (condescendente) do abajur<sup>27</sup>, as ruas “infestadas” de bordéis, o “*trottoir* de pobres mulheres ditas perdidas”, nem tão pobres nem tão perdidas assim, o glamour dos malandros, a dignidade dos “invertidos”, os amores, os jogos, os encontros, as desavenças, os relatos literários de uma vida que, decadente ou não, pulsava quente pelas artérias daquela parte da cidade.

A antologia de Lustosa nos revela uma Lapa diferente da de Gerson e de Gasparino Damata que, em 1965, organiza a primeira antologia da Lapa, com um outro olhar, talvez mais jornalístico; é feita dos relatos apaixonados por um mundo desviante, e a etnografia secundária, de fontes bibliográficas e documentais confirma a diversidade de que é feita a cidade complexa que se pretende observar. Para Simmel a complexidade residiria no crescimento ilimitado das cidades, a criação das metrópoles, e a construção de situações sociais e individuais paradoxais, entre as quais não seria necessário escolher, porque seriam excludentes umas das outras, mas para as quais precisaríamos desenvolver mecanismos de compreensão: a cidade complexa é um lugar de luta entre opostos que não nos cabe julgar, mas desenvolver formas de compreensão (Simmel, 1979: 25). Simmel entende como uma destas situações de conflito entre opostos, aquela na qual ao homem da metrópole é conferida a liberdade do anonimato ao mesmo tempo em que a servidão da massificação de gostos e atitudes, de uma sociedade regida pela rapidez do consumo e da informação, o que vai desenvolver uma atitude blasé como mecanismo de proteção ao permanente bombardeio a que está submetido na grande cidade, e que gera uma reação de quase indiferença. Incapaz de exercer a liberdade de escolha este homem urbano se fecha sobre si mesmo, afirmando sua completa e melancólica individualidade romântica.

Estes sinais de complexidade parecem estar presentes nos personagens, autores e textos escolhidos por Lustosa. Trata-se de uma Lapa literária de autores que percorrem o

---

<sup>27</sup> Referência ao título da introdução de Isabel Lustosa à antologia que organizou – *Lapa do desterro e do*

bairro entre 1884 (Aluísio de Azevedo) e 1998 (Moacyr Andrade), atravessando 114 anos de vivências cotidianas da cidade transformadas em obra de arte no relato sensível e as vezes amoral de escritores capturados pela cidade e pela vida que nela se espraia. Relatos e vidas que geram roteiros de filme e são inesgotáveis no seu recriar-se, mesmo que o cenário original, o único onde aquelas cenas poderiam ter-se desenrolado já não exista mais e seja impossível reconstruí-lo na materialidade das pedras, tijolos, fachadas, arruamentos. Mesmo que o prefeito fosse uma versão do Super Homem e seu desejo restaurador fosse reverter o tempo por causa de uma mulher. Os relatos escolhidos por Lustosa nos convidam a uma atitude mais apaixonada do que blasé, uma atitude romântica e um pouco introspectiva de quem experimenta a cidade como um mapa tatuado no corpo.

Nas páginas da antologia a luz lilás, de propósito, encobre os defeitos, joga sombras sobre as imperfeições dos corpos, das ruas e das casas. Revela uma Lapa de pensões e casamentos como o de Mme. Brizard, descrita por Aluísio Azevedo; ou a de famílias tradicionais que em 1915 viviam tranqüilas na rua Joaquim Silva, vizinha da Mem de Sá, onde a prostituição já incomodava e fazia até os pais de família escreverem cartas ao chefe da Polícia; ou sobre o humor e o viés letrado da cafetina do *rendez vous* na Maranguape que ao ser solicitada a oferecer uma prostituta inteligente sugeriu ao cliente ir dormir na rua São Clemente 134, com o Rui Barbosa; e a incrível história do sujeito que vagando pelos becos da Lapa reencontra a babá como prostituta num bordel na rua Moraes e Vale.

A Lapa informa que foi lugar de moradia de ilustres personagens não inventariados por Brasil Gerson (Gerson, 2000). Ai viveu Machado de Assis, na rua da Lapa em 1873, Manuel Bandeira na rua Moraes e Vale considerada o coração da Lapa, e que escrevendo sobre o Beco dos Carmelitas afirmou ter sido ali também que Swann, o personagem proustiano, encontrou Odete e que o *a cotê de chez Guermantes* era ao lado do convento.

“A poucos quarteirões (da Taberna da Glória) começava o famoso bairro boêmio da Lapa, onde tinham pontificado Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Jaime Ovalle, Noel Rosa, Orlando Silva e outras figuras do mundo intelectual e artístico. Reduto da malandragem, tinha como expressão mais célebre, nesse terreno, a Madame Satã, um homossexual assumido, notável pela valentia máscula demonstrada nas brigas com a polícia.”

“Naquele bairro, batizado por Luiz Martins de ‘Montmartre carioca’, moravam Manuel Bandeira e Cândido Portinari. O primeiro na rua Moraes e Vale, de onde avistava o beco dos Carmelitas; Portinari na rua Teotônio Regadas. Ambos vizinhavam em boa paz com os bordéis das ruas Conde de Lage, Taylor e Joaquim Silva ...” (Castro, [1989] 2001: 85)

O texto do jornalista Moacyr Andrade, “Salve as aquarelas”, cita que a última instituição a resistir na Lapa foi a feira livre dos sábados, no largo ao lado da estação do bonde e do ponto de venda do Hidrolitol, um sal para curar ressaca dos boêmios e do qual ouvi falar na primeira entrevista que gravei sobre as memórias infames da Lapa, de um informante que morou em uma casa de cômodos na rua do Lavradio entre 1956 e 1973.

Foi também lugar onde morou Mário Lago, numa Vila existente na esquina da rua dos Inválidos com Senado, um terreno que permanece desocupado até hoje como que a denunciar mudo a demolição desnecessária. É de Mário Lago o relato de jamais ter esquecido da briga que assistiu entre Madame Satã e oito meganhas em frente à leiteria Bol, quando o primeiro botou os oito para correr e que Ruy Castro<sup>28</sup> suspeita nunca ter ocorrido pois nenhuma outra testemunha ocular da Lapa de então comenta o ocorrido. Para Castro este fenômeno faz parte dos fatos que viram um relato quase folclórico. Segundo ele o episódio foi criado por Millôr Fernandes para um musical de teatro dos anos 1960 e que depois o teria relatado ao próprio Satã que incorporou o fato a sua biografia.

Madame Satã morava no número 171 da rua do Lavradio, quase esquina da Praça Tiradentes, e foi num bar perto de casa que, em 1928, matou o policial Alberto com um tiro, se refugiando na casa de dona Maria dos Anjos Pereira Carneiro que morava no número 20 da rua Francisco Muratori, na subida de Santa Teresa (Madame Satã, [1974] 2001: 115-125). Sobre Madame Satã – o João Francisco dos Santos, personagem antológico da Lapa dos anos

---

<sup>28</sup> “Noites da Lapa”, apresentação de Ruy Castro para a segunda edição do livro *Lapa* de Luiz Martins reeditado em 2004.

30, existem duas obras que o representam: uma delas é o livro *Memórias de Madame Satã*, redigido à partir de narração do próprio Satã à Sylvan Paezzo e editado em 1972. O outro é o filme *Madame Satã*, dirigido por Karim Aïnouz e estrelado pelo ator Lázaro Ramos, em 2002. Em ambos a biografia deste denso personagem – negro, homossexual, pai adotivo, segurança, capoeirista, malandro e assassino – encontra na Lapa o lugar de sua mais perfeita expressão. O glamour, a permissividade, a convivência entre o mundo da lei e da desordem, entre a moral conservadora e uma outra devassa, tudo isso iluminado por uma luz difusa e becos sombrios, conferem a necessária dramaticidade que a Lapa ao longo do tempo preserva com um certo pudor e firmeza. João Francisco morava, como dissemos, na rua do Lavradio: “Quem vinha andando da Praça Tiradentes passava por um botequim que ficava no térreo. Onde, aliás hoje é uma relojoaria. Só depois que se passava pelo bar é que se encontrava a escada.” (Satã, 1972: 3). Ele morreu em 1976, com 76 anos de idade e tendo passado 27 destes dentro da prisão.

Para Moacyr Werneck, autor de *Lapa - alegres trópicos*, a Lapa boêmia revelada pela luz do abajur lilás da antologia organizada por Lustosa começou a instalar-se na segunda década do século 20 com as seguintes características: “A Lapa em breve era um bordel toda, da rua das Marrecas à rua da Glória, da avenida Augusto Severo aos Arcos. Limites assimétricos e ultrapassados – prostíbulos, cabarés e clubes espriavam-se por imenso entorno – de uma área para além do espectro geográfico, o ponto maior do mapa da cidade, assim celebrado em samba carnavalesco de Benedito Lacerda e Herivelto Martins.” (Werneck, 1998: 14). (ver fig. 42).

A demolição do casario existente no Largo da Lapa, palco de tantas histórias que não sucumbiram ao vazio que ali se criou, foi provocada, como disse, pelo projeto jamais concluído da implantação da avenida Norte Sul. Desta restou um fragmento construído e

denominado de República do Paraguai<sup>29</sup> que cruza por cima, em forma de viaduto, a Avenida Chile, passando entre os edifícios da Petrobrás, do BNDES, e da Caixa Econômica Federal (antigo BNH), no espaço popularmente conhecido como “triângulo das Bermudas” onde, diziam as más línguas, “sumia todo o dinheiro do Brasil”.

Nos inventários que se pode fazer sobre a Lapa o das casas noturnas e restaurantes, o de artistas e o dos malandros e prostitutas formam listas respeitáveis que reproduzo por lealdade histórica, literária e etnográfica.

Dos cabarés, bares e restaurantes: Túnel da Lapa na rua Visconde de Maranguape junto ao Largo da Lapa, Brasil Dourado na rua da Lapa e que era rival do Novo México, Tabaris, Danúbio Azul que servia comida alemã e era um sobrado na avenida Mem de Sá e que no segundo andar alojava o Night Club Novo México, Viena-Budapeste que se tornou Casanova e pertencia a donos húngaros e se localizava na avenida Mem de Sá, Café Imperial, Leitaria Bol na Mem de Sá, Capela o epicentro do redemoinho boêmio no Largo da Lapa 30 depois transferido para a Mem de Sá, Siri na rua da Lapa 49, o 1900 na rua da Lapa perto de 49, o Leitão perto dos Arcos, Café Bahia, Gruta do Frade, Tabu, Primor, Royal Pigalle Rex, Apolo, o Indígena que ficava na esquina da Mem de Sá com o Largo da Lapa e era uma sinuca freqüentada por Santiago Dantas, Plínio Salgado e Gustavo Barroso, o Boa Amizade na travessa do Mosqueira, o Bico de Ouro da Joaquim Silva, o Café do Raimundo raro sobrevivente que tinha uma excelente cozinha e que hoje se chama Cosmopolita. (ver fig. 11a)

E dos malandros: Cardosinho da Saúde, Campolino capanga de Pinheiro Machado, Amorzinho protegido da família Segreto, Bexiga, os irmãos Meira (Meira Grande que se chamava Francisco e Meirinha, cego de uma vista), cachorro Elefante, Joãozinho da

---

<sup>29</sup> Segundo o engenheiro Julio César Pessolani, funcionário da Prefeitura que trabalhou no projeto e na obra de abertura da via, este nome teria sido dado pelo Prefeito de então em homenagem à sua origem paraguaia.

Babilônia, Camisa Preta, Meia-Noite, Joãozinho da Lapa, Mariozinho da Lapa, Nelson Naval, Madame Satã e Mário Grande.

Dos artistas: Sinhô, Noel, Assis Valente, Manuel Bandeira, Portinari (ateliê na Teotônio Regadas), Pixinguinha, Heitor Villa-Lobos, Murilo Mendes, Jorge Amado, Marques Rebelo, Grande Otelo, Dercy Gonçalves e até Carmen Miranda. E os frequentadores do bordel da Elvira na rua do Riachuelo e que era uma espécie de enclave mágico da Lapa: Zeca Patrocínio, Manuel Bandeira, Jaime Ovalle, João Pernambuco, Catulo da Paixão Cearense, Villa-Lobos e Di Cavalcanti. (Andrade, 1998: 10)

Das prostitutas: Alice da Silva Ramos mais conhecida como Alice Cavalo-de-pau, a francesa Chouchou dona de pensão na rua Joaquim Silva, Morgada a mulata que dizia textos de Camilo Castelo Branco, Tina Bonalis, Suzanne Casterat e Tina Tatti que importavam mulheres, madames Gaby, Susy, Naneth e Janeth que eram sócias na Pensão da Lapa, Pierrot que desapareceu misteriosamente, Ceci Pingo D'água maior musa do território, a judia Mary que era garçonete do Tunel da Lapa, Violeta por quem Di Cavalcanti suspirava, Iracema que cantava a *Cumparsita*, Graziela moça bela, Olandina que tinha olhos de lua, Georgina capaz de brigar de navalha, Beatriz Cabeludinh, Adélia Polaca, Laura do Camisa Preta, Luizinha de Andrade, Luizinha dos Cachos e as figurantes do baixo escalão: Adelaide Bebedeira, Maria Preguiça, Júlia Gonorréia e Otília Caga-na-Ceroula. (Andrade, 1998: 19-24)

“Mas ao doutor visitante, lisonjeado pelos tantos sorrisos e diligências, era recomendável que se bastasse na superfície desses sorrisos: quem aprofundasse qualquer aspecto humano nos cabarés da Lapa daria de frente, quando menos, com uma tragédia do neo-realismo carioca.” (...) “Enquanto se estiver na superfície quase tudo na Lapa correrá com certa amenidade.” (Antonio, [1963] 2001: 147-148)

A versão de Di Cavalcanti em *Reminiscências Líricas de um Perfeito Carioca* conta que Villa-Lobos vivia nos anos 20, numa casa na rua Dídimo, do velho bairro do Senado, bem perto da rua dos Inválidos e da rua do Lavradio, da rua Riachuelo e não longe da Lapa, perto de José do Patrocínio Filho e do Sinhô (Di cavalcanti, 1964: 21). Para ele o Rio era “terra de

crônicas, terra de jornalistas que gostam de escrever com as coisas de todo dia, terra de quem sabe lidar com poesia do cotidiano”. (Di Cavalcanti, 1964: 21 e seguintes).

João do Rio e Lima Barreto talvez fossem para ele os modelos destes escritores que a vida banal quotidiana do Rio merecia que se registrasse. João do Rio “... o carioca da burguesia ao contrário de Lima Barreto”, os dois mulatos, com certeza.

“Um era o espírito fértil desta cidade ‘toda aberta em flor’ como dizia Mário de Andrade, o outro era um predestinado levado até à loucura pela mão do infortúnio. Enquanto Paulo Barreto<sup>30</sup> ia aos salões de dona Laurinda Santos Lobo, Lima Barreto embriagava-se de cachaça nos botequins da rua dos Inválidos ou da rua do Lavradio. Um é o carioca da *Bela Madame Vargas* outro de *Clara dos Anjos* comovedora e banal suburbana.” (Di Cavalcanti, 1964: 31-32)

Di Cavalcanti vivia num apartamento pequeno na Mem de Sá e vagou, como tantos, pela Lapa, e por suas mulheres: “Ah! quando necessitamos das mulheres da vida é que andamos doentes de amor!” (Di Cavalcanti, 1964: 44)

A evolução urbana da Lapa é a história de vários usos e funções ao longo do tempo, desde o religioso até os mais desviantes, passando pelo residencial; é a história de vários personagens ilustres ou infames que deixaram seus nomes entre as pedras do calçamento ou das grossas paredes das casas; é a história de diferentes arquiteturas tramadas ao longo do tempo; é a história do tempo que atravessa cidade.

Do ponto de vista estrito da descrição da evolução urbana da Lapa algumas questões importantes devem ser registradas. As ruas mais antigas abertas na área onde hoje se espalha o espírito Lapa são a Rua do Riachuelo, que no começo era apenas um caminho que acompanhava os terrenos mais secos das fraldas do Morro de Santa Teresa e que ligava a cidade à zona Norte e cuja imperfeição do traçado atesta sua antiguidade; a rua do Lavradio, e a dos Inválidos que representam outro momento, em que a urbanização é feita de intencionalidades expressas no paralelismo e retilineidade de seus traçados. O largo da Lapa, criado na área fronteira à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro também é

bastante antigo. Com o crescimento da cidade é de se supor que os terrenos livres localizados entre a Igreja e o aqueduto, por exemplo, tenham sido aos poucos adensados por casas. O Passeio Público, a praia e os Morros (Santo Antonio e Santa Teresa) serviam para balizar o surgimento destas construções ratificado pela trama urbana que então era tecida. Nos séculos XVIII e XIX, pode-se então dizer que as grandes transformações urbanas na área da Lapa foram a construção da Igreja e capela anexa, a construção do Aqueduto, a abertura do Caminho de Mata Cavalos, a construção do Passeio Público e o loteamento e construção do casario e do arruamento, conquistando áreas alagadas, aterradas com os desmontes parciais ou totais de alguns morros locais.

No início do século XX as grandes transformações urbanas são comandadas por Pereira Passos, o Prefeito que remodela, embeleza e moderniza a cidade maravilhosa. Que tenta superar a inadequação do tecido e da tecnologia coloniais, incorporando novas formas de construir e conceitos urbanos diretamente importados da França, onde o Barão de Haussmann também fazia das suas. Na Lapa, Pereira Passos projeta e executa a abertura da Avenida Mem de Sá, eixo quase retilíneo que liga o Largo da Lapa à Praça da Cruz Vermelha inscrita no coração da área remanescente do desmonte do Morro do Senado e para a qual um belo desenho radial foi projetado. O corte incisivo produzido pela rua Mem de Sá no antigo tecido colonial da cidade cria, no Largo da Lapa, dois estranhos quarteirões triangulares, um paradoxo para a geometria. Estas quadras, já ampla e inúmeras vezes citadas anteriormente, abrigaram no período áureo do bairro a centralidade do burburinho da Lapa. As quadras eram formadas por sobrados cujos andares térreos abrigavam um eclético comércio formado por padarias (Bol), restaurantes (A Capela), farmácias, armarinhos, sapateiros etc. e nos andares elevados moradias, ao que tudo indica, de tipo casa de cômodos ou pensões baratas (ver figs. 10a, 11aa, 23, 29 e 34).

---

<sup>30</sup> Nome oficial do cronista João do Rio.



Nas calçadas os pontos de parada dos bondes que iam e vinham entre o centro, o Norte e o Sul da cidade. Pereira Passos embelezou também, nas proximidades da Lapa, a rua da Glória e sua murada de pedras, onde antes dos sucessivos aterros batia o mar e instalou o relógio de quatro faces que até hoje decora o local silenciando as horas marcadas apenas pelo bater do sino do Outeiro da Glória.

Abriu a rua Gomes Freire e criou a praça João Pessoa um pequeno *rond point* localizado a meio caminho da Praça da Cruz Vermelha, a grande praça circular para qual convergiam as perspectivas da cidade moderna, naquele trecho.

Se o Passeio Público foi um marco em termos de projeto paisagístico e criação de uma área de lazer para a população da colônia que habitava nas suas imediações, o Aterro do Flamengo, construído nos anos 1960, repetiria esta façanha em escala absurdamente maior. Projetado por Affonso Eduardo Reidy e Burle Marx, sob a batuta intransigente de Lota de Macedo Soares, na gestão do polêmico Carlos Lacerda, o parque de inspiração modernista, localizado à beira de auto pistas que serpenteiam ligando o Pão de Açúcar ao centro da cidade, criou uma área de lazer que se estende da área central da cidade até o bairro de Botafogo. Roubando uma fatia generosa da Baía da Guanabara o parque devolve, para uma população que extrapola em muito a localizada nas suas imediações, um espaço livre para esquecer do subúrbio, do calor, do trabalho, das dimensões pequenas e neuróticas dos apartamentos e quitinetes. O Aterro do Flamengo é parque para quem mora em Botafogo, Catete, Flamengo, Glória, Santa Teresa, Lapa e para uma significativa população habitante da zona Norte e Baixada Fluminense que para ai se desloca nos finais de semana. Quadras de futebol, ciclovia, praia, pista de *skate*, quiosques, *play ground*, gramados e sombras, disputam o público do local que nos finais de semana e feriados tem direito de usar também as auto pistas para “se espalhar” (ver fig. 31, 33 e 35).

A construção do Aterro e Parque do Flamengo se insere na lógica de expansão da cidade em direção às áreas alagadas, sendo que agora o ousado alvo é a própria Baía da Guanabara, e é também uma tentativa de resposta aos problemas de circulação e acessos viários, assim como de produção de áreas livres para lazer e descanso. Facilita o acesso ao centro por parte de quem vem da zona sul por Copacabana ou Botafogo e a história de seu projeto e conseqüências para a Lapa é mais ou menos a seguinte.

Em 1948 o arquiteto modernista Affonso Eduardo Reidy, autor de projetos como o Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e o conjunto habitacional Prefeito Mendes de Moraes – o Pedregulho em São Cristóvão/Benfica, assume a Diretoria de Urbanismo da secretaria Geral de Viação e Obras da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Expoente do movimento modernista na arquitetura brasileira, ao lado de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Luís Nunes entre outros, Reidy figurará no panorama da arquitetura brasileira como um fiel adepto dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) e um discípulo do arquiteto francês/belga Le Corbusier. É com esta bagagem e defendendo uma visão modernista de cidade que em 1948 ele idealiza a criação de um sistema viário que dê conta do fluxo de veículos e pessoas entre a zona sul e a zona norte da cidade, assim como no eixo leste oeste. Considerando que o desmonte de morros como o do Castelo e o do Senado, no Rio de Janeiro, “pela timidez de previsão resultaram em projetos de urbanização fracassados pela persistência de processos obsoletos e já condenados de planejamento urbano” (Ferraz, 2000: 118), ele projeta o desmonte do Morro de Santo Antonio, destinando o material daí retirado ao redesenho da orla da Baía da Guanabara, conquistando ao mar a área chamada de Aterro do Flamengo, e criando uma grande esplanada no local do morro para o qual ele projeta um grande cruzamento de vias interligando a cidade de norte a sul, leste a oeste. A esplanada aberta nos limites do quadrilátero formado pelos Arcos da Lapa, o Convento de Santo Antonio, o Morro de Santa Teresa e a Praça Tiradentes, abrigaria, no plano urbano

criado por Reidy, um complexo habitacional para 8 mil moradores, um centro cívico da Prefeitura e um Museu da Cidade a ser projetado por Le Corbusier. A ausência de um componente lucrativo no projeto faz com que o Prefeito Mendes de Moraes e Reidy se desentendessem sobre o projeto até a demissão, em 1950, do arquiteto, que volta a ocupar cargos na Prefeitura nos períodos de 1951 a 1952 e 1954 a 1955 (ver fig. 30, 31, 32 “a” e “b”).

A abertura da avenida Norte Sul, projetada em plano elevado, é descartada pelas sucessivas administrações em função do alto custo do projeto e as áreas remanescentes do desmonte do Morro de Santo Antonio foram ocupadas pela atual catedral Metropolitana, grandes áreas de estacionamento a céu aberto e os prédios da Petrobrás, BNDES e Caixa Econômica Federal (antigo BNH).

Dada a proximidade das duas áreas – a esplanada de Santo Antônio e o Largo da Lapa – é quase impossível falar de uma sem falar da outra. O projeto de Reidy é uma representação aplicada dos conceitos da Carta de Atenas (congressos internacionais de arquitetura moderna/CIAM), que preconizava princípios de salubridade urbana traduzidos pelos modernistas na criação de grandes áreas livres, demolição do casario insalubre, abertura de janelas favorecendo racionalmente a iluminação e ventilação das residências e das novas áreas criadas dentro da cidade, criação de praças, e abertura de uma perspectiva monumental para o Aqueduto que então já era um bem tombado pelo Iphan e considerado como portador de valor histórico e artístico.

O desmonte do morro de Santo Antonio assim como o do Castelo, realizados em períodos diferentes, tiveram papel fundamental nos sucessivos aterros que criaram a nova orla marítima da baía da Guanabara, no trecho que vai do aeroporto Santos Dumont até a enseada de Botafogo.

Retiradas as casas que recheavam as duas quadras triangulares que formavam o centro nervoso da Lapa, eliminado do traçado urbano de parte da rua Visconde de Maranguape e o Largo dos Pracinhas que circundava o aqueduto, cria-se o grande vazio do Largo da Lapa que no trecho entre a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa e a Sala Cecília Meireles hoje tem o nome de Praça Nelson Gonçalves. Descampado que expõe o aqueduto à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, num diálogo esquivo e cheio de pudores pois que os dois cresceram ao abrigo do casario que pouco a pouco os ocultou um do outro e guardava cada um na especificidade de seus usos entre o utilitário e o sagrado. A nova perspectiva cria para a igreja e o aqueduto monumentalidades não planejadas, uma nova escala que obriga cada um a se reinventar na relação urbana com o vazio. O enviezamento da perspectiva de cada um – a igreja não tem sua fachada principal voltada frontalmente para o aqueduto, mas para a rua da Lapa que ali faz uma curva discreta – faz com que esta relação se deixe envolver por uma aura de timidez e olhares de soslaio que indicam mais um flerte do que uma relação direta (ver fig. 12 “b” e detalhe). Ao aqueduto, por sua vez, é usurpado o corriqueiro de sua função prática e engenhosa de alimentar a cidade das águas limpas dos mananciais protegidos pela floresta e pela montanha e no seu lugar é imposto um permanente primeiro plano do qual não consegue escapar em nenhuma hora do dia. É como se os Arcos da Lapa estivessem para sempre condenados à fotogenia de ser o protagonista principal daquela cena urbana (ver fig. 2 e 6).

A história urbana de uma cidade não é apenas contada pelas transformações físicas no espaço construído, mas também pelas mudanças na maneira de usa-la, pela identificação de vocações ou a imposição de diretrizes que orientam um futuro planejado por especialistas, políticos e os agentes modeladores do solo urbano, estes últimos divididos entre o Estado e a iniciativa privada. À abertura das avenidas República do Paraguai (no lugar da avenida Norte Sul) e Chile sucederam a instalação, nesta área, como já relatado, dos edifícios-sede de

significativas empresas no contexto desenvolvimentista brasileiro como a Petrobrás, o Banco Nacional de Habitação e o Banco Nacional de Desenvolvimento Social, além da Catedral Metropolitana. Estas empresas e seus funcionários consolidavam o plano de fortalecimento de um centro de negócios junto ao antigo centro histórico da cidade aonde, neste momento, era proibido o uso residencial<sup>31</sup>. No contexto mais abrangente da cidade do Rio de Janeiro é importante registrar que é da década de 70 o Plano Urbano, elaborado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa, de transferência para a Barra da Tijuca do Centro administrativo da cidade (1969), como forma de potencializar a urbanização da Barra e descentralizar as funções originalmente desempenhadas pela área central concentrada em torno dos eixos da avenida Rio Branco e Presidente Vargas junto às áreas mais antigas da cidade do Rio de Janeiro. Este projeto, embora não consolidado integralmente, contribuiu para o esvaziamento da cidade e “congelamento” de certas áreas neste período.

Em 1982 surge na Lapa o Circo Voador, um desprezioso projeto de revitalização cultural, imaginado nas areias da praia do Arpoador e que “pegou”. Expressão máxima do que é efêmero, o Circo era uma lona mambembe e com picadeiro, próxima aos Arcos, promovendo a música e a dança em suas domingueiras voadoras que animavam os finais de tarde do domingo. Assim como as demolições, as novas ruas, os projetos culturais e as reapropriações da Lapa, físicas ou simbólicas, foram marcos de suas transformações sociais e urbanas que tento descrever nesta etnografia.

O Circo Voador foi um importante entreato no interior da história que a Lapa vive. Em 1996 ele é fechado por questões políticas e sanitárias e o resumo da ópera é o lançamento de um concurso de arquitetura para projetar o espaço do novo Circo Voador, inaugurado em 2004. Quem conheceu o antigo Circo e participou de sua programação é capaz de entender o significado da transformação operada na Lapa por este novo empreendimento. Mantido o

---

<sup>31</sup> Durante muitos anos e inspirados por um modelo funcionalista de cidade o uso residencial esteve proibido ou

nome e a localização, o novo Circo Voador vem imbuído do espírito da mais pura *gentrification*<sup>32</sup> ideológica, matriz do modelo que espalha uma população desgarrada de consumidores, num espaço onde antes circulava a gente local e da vizinhança que, mesmo jovem, já bebia do espírito de uma certa tradição boêmia e dançante, espécies atualizadas de herdeiros, nem sempre seguidores da linhagem de seus pais, mas adeptos de uma tradição escolhida no cardápio das opções oferecidas pela cidade, entre a praia e a montanha, entra as áreas mais novas, como as boates da Barra da Tijuca, e as mais tradicionais, como a Lapa.

A reurbanização da rua do Lavradio, na vizinhança imediata do Largo da Lapa, assim como a concretização de um projeto político e cultural de criação do Distrito Cultural da Lapa, com a disseminação de um equipamento expressivo de casas noturnas, espaços culturais, escolas de teatro, música e dança, salas de espetáculo, são na minha opinião, os mais recentes traços de transformação urbana operados na Lapa. Além, evidentemente, da revitalização do uso residencial com vários empreendimentos residenciais entre a rua do Riachuelo (Cores da Lapa), rua Gomes Freire (Viva Lapa) e a Praça Tiradentes (Hotel Fórmula 1).

Importa ainda falar sobre o uso da praça do Largo da Lapa no presente, como espaço de distribuição de comida, limpeza, desinfecção, corte de cabelo dos mendigos da área. Da fila de objetos (pedras, sacos plásticos, latas de refrigerante, pedaços de roupa, no lugar dos seus próprios corpos) organizada pelos comensais da rala sopa ali distribuída por instituições de caridade e Ongs (ver fig. 7b, 55 “a” e “b”). Da Fundação São Martinho e o trabalho assistencialista com meninos de rua, do Programa de Saúde da Família, instalado sob a forma de Posto de Saúde em parte das instalações do Hospital da Ordem Terceira do Carmo na rua do Lavradio e que atende à domicílio uma população de mais ou menos 4 mil pessoas. Tarefa que tentarei cumprir ao longo dos próximos capítulos. A Lapa reúne o glamour da boemia

---

foi considerado inadequado na área central que deveria desenvolver-se como uma área de negócios e trabalho.

noturna e a tentativa de lidar com a miséria dos modos de vida de quem não tem acesso à vida formal oficial, e na categoria de marginal acampa nos espaços livres e degradados das grandes cidades. Os modos de vida de uma população expressiva de pessoas idosas que não demonstram orgulho de viver ai, de uma juventude um pouco melancólica por se sentir excluída do circuito da programação lapiana, jovens que saídos das casas dos pais ou não, escolhem uma localização econômica e de fácil acesso a todas as partes da cidade para morar. A Lapa congrega modos de vida que representam escolhas e, nesta medida, projetos que orientam trajetórias de vida como identifica Velho em seus inúmeros estudos sobre as camadas urbanas médias na cidade do Rio de Janeiro (Velho, 1981: 103-110). Ou que representam exatamente o contrário: a ausência submissa e conformada de escolha e a obrigatoriedade de viver em um lugar com o qual não se tem qualquer vínculo de pertencimento ou identidade.

### *3.3. Uma breve história das ruas*<sup>33</sup>

Importante documentação para a pesquisa da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro se encontra no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e diz respeito aos processos de licenciamento de obras na cidade em determinado período. Durante algumas semanas pude ler e pesquisar este material do qual retirei algumas informações que me ajudaram a interpretar as várias cidades que se superpõem no espaço urbano.

Desde 1815 há notícias de construções na rua das Mangueiras, nome antigo da rua Visconde de Maranguape que começou a ser Maranguape em 1895. É interessante observar que o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro tem seu fichário organizado pelo nome das ruas e pelo número das casas. Ao encontrar em uma das fichas que a rua das Mangueiras ficava no distrito de Inhaúma e depois do Meyer, verifiquei que existe na Piedade, bairro da

---

<sup>32</sup> Este conceito foi apresentado no capítulo 2.

zona norte do Rio, uma rua com este mesmo nome, coisa que para a organização do arquivo passa um pouco despercebida, na medida em que as fichas contêm o nome da rua e o número do edifício não respeitando, por exemplo, a existência de ruas com mesmo nome em bairros ou distritos distintos. Um problema de quem organiza arquivos e preso aos documentos não se dá conta de que estes se referem a uma cidade real e cuja organização espacial deveria ser objeto de interesse e conhecimento para estruturar a ordenação e acesso dos documentos. A outra questão que a ordem estabelecida no arquivo não contempla é o fato de que a numeração dos prédios muda ao longo do tempo segundo lógicas diferentes e que vão tornando-se mais complexas com o passar do tempo, até chegar ao modelo atual da divisão entre lado par e lado ímpar de cada logradouro. Seria muito importante pesquisar as regras de numeração aplicadas ao longo do tempo para que os documentos existentes pudessem cada vez mais se referir ao que ainda existe edificado na cidade ou o que foi modificado ou desapareceu. Na atual organização dos documentos, muitas vezes, o mesmo número diz respeito a prédios diferentes em épocas distintas. Neste trabalho procurei ordenar os dados pesquisados pela cronologia.

Em 1910 a rua visconde de Maranguape aparece como localizada no distrito de São José e é interessante notar que em 1901, a maioria dos pedidos arquivados diz respeito à “reconstrução de casas” o que pode significar várias coisas: desde a antiguidade destas, passando pela fragilidade dos sistemas construtivos, ou ainda pelo fato de chamarem de reconstrução o que na verdade pode ser apenas uma modificação ou adaptação para novas exigências, ao invés de querer dizer refazer integralmente o edifício. Em 1907 há registro da transformação de um galpão em cinema e até 1924 os pedidos de licença oram dizem respeito à rua das Mangueiras ora a Visconde de Maranguape. Em 1921 a rua aparece como pertencendo ao distrito de Santo Antonio, pelo menos na altura do número 25.

---

<sup>33</sup> Pesquisa nos manuscritos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro entre 1815 e 1921.



A rua ia do número 01 (1893) até o número 61 (1909) prédio cujos fundos davam para a rua Mem de Sá e no qual existia um armazém. Hoje a rua Maranguape se restringe do número 9 ao 19, entre a esquina da Travessa do Mosqueira e o meio da quadra (ver fig. 4b, 9 “c” e “d”, 11e). Ao lado do número 19, na mesma calçada, vem o número 51 do Largo Nelson Gonçalves, que do outro lado da calçada, em frente da Igreja se chama Largo da Lapa. Descrevo minuciosamente a confusão de endereços e localizações pois considero que ela resulta de uma intervenção urbana mal resolvida, ou seja, não equacionada do ponto de vista dos remanescentes das várias temporalidades que se superpõe num pequeno trecho da Lapa. Assim como os diferentes momentos porque a Lapa passou e as pessoas hoje, constroem mapas distintos dos limites geográficos e simbólicos do bairro, as configurações oficiais também não parecem chegar a um consenso a respeito do nome das ruas e largos, das numerações do casario e da ordenação lógica dos limites de logradouros. O Largo que separa o aqueduto da Igreja vem sofrendo intervenções urbanas que não restituem, por sua vez, uma identidade local. A fragmentação do local fica ratificada pela confusão de nomenclaturas locais (ver na fig 3 a transformação do Largo da Igreja).

A iconografia registra um arruamento primitivo no local onde hoje se localiza a rua Teotônio Regadas, em mapa de 1791. Em 1808 este traçado está mais definido e em 1852 ela aparece com o nome de Beco do Império, local onde, segundo Brasil Gerson, era coroado o Imperador da Festa do Divino. Em 1909 sua localização na cidade era no distrito de São José, cuja igreja se localiza próxima à Praça Quinze de Novembro e o Paço Imperial, regiões hoje bastante distantes da Lapa. A data em que começam a aparecer os registros na documentação do Arquivo Geral poderia informar, por exemplo, que esta teria sido uma rua aberta pelos planos de urbanização empreendidos no período Pereira Passos, como a avenida Gomes Freire, um pouco mais adiante na direção da praça da Cruz Vermelha. A cartografia pesquisada na Biblioteca Nacional, entretanto, prova que ela existia desde 1791 o que permite

pensar que talvez em 1909 ela tenha mudado de nome para receber este que a identifica até os dias atuais. O nº 9 da Teotônio Regadas, no distrito de São José, dava fundos para o nº 2 da rua da Lapa que era, por sua vez, localizada no distrito da Glória. O senhor Serafim Gonçalves Nogueira possuía nesta pequena rua os imóveis de número 9, 17 (antigo 7) e 19. Hoje a rua Teotônio Regadas tem o lado par ocupado em mais de 50% da sua extensão pela Sala Cecília Meireles, a Adega Flor de Coimbra (restaurante de comida portuguesa) em cima da qual se localiza um edifício residencial de 8 pavimentos, e um boteco na altura da esquina com a rua Joaquim Silva. No lado ímpar da rua se localiza o Restaurante e Bar Ernesto, no número 5, na esquina da rua da Lapa, quase em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa. Depois do número cinco (que talvez tenha sido o antigo número 7) uma sucessão de muros cegos, ao abrigo dos quais proliferam estacionamentos a céu aberto ou não (o número 13 é um galpão com alguns elementos de fachada preservados, com cobertura, e é um estacionamento) se colam uns aos outros, com alturas diferentes, vãos emparedados, molduras de pedras e frisos, que parecem continuar a gritar que ali existiram as casas que os registros do Arquivo Geral da Cidade do RJ mostram (ver fig. 11b).

A rua Joaquim Silva, paralela à Visconde de Maranguape, se localiza na base da encosta de Santa Teresa, e aparece no mapa de 1852 como rua de Santa Thereza, apresenta licença de obras desde 1893, quando a rua fazia esquina com a praia da Lapa na altura do que hoje é a Avenida Augusto Severo. Em 1896 a rua aparece como pertencendo ao distrito de São José e com o passar do tempo os números mais baixos vão se localizando no distrito da Glória enquanto os mais altos, próximos ao aqueduto, no distrito de São José. A documentação do arquivo indica que a rua começava na praia e terminava no aqueduto, situação que se mantém até os dias atuais (ver fig. 8). Pelos processos de licenciamento a numeração dos prédios vai desde o número 1, em 1893, até o 137 que tem um pedido de reconstrução do imóvel datado de 1916.

A partir de 1913 parte da rua se encontra no distrito de Santo Antonio que nas pesquisas desta documentação é o distrito que mais engloba as ruas que recortamos como pertencentes à Lapa. A Igreja de Santo Antonio se localiza junto ao Convento no Morro de mesmo nome, entre o Largo da Carioca, onde antigamente funcionava o chafariz que alimentava a cidade das águas potáveis provenientes da floresta da Tijuca, e a rua do Lavradio.

As fichas do arquivo dizem que o prédio de nº 1, por exemplo, foi construído em 1893 e tinha como proprietário o senhor Rodolfo de Abreu e foi reconstruído em 1901, oito anos depois, quando nos revela que o seu Rodolfo era um Coronel, proprietário do número 1 e do número 2 até o 12. Na geografia apagada e guardada nos registros do arquivo geral da Cidade, a rua Joaquim Silva fazia esquina com a Evaristo da Veiga que surpreendentemente atravessava todo o vazio hoje existente na praça em frente aos Arcos e acompanhando o aqueduto se encontrava com o sopé de Santa Teresa, na esquina da Ladeira que dá acesso ao Convento de mesmo nome. Isso era na altura do número 134, quando o tecido urbano do início do século XX estava preservado tanto na Lapa quanto nas quadras vizinhas na direção do Morro de Santo Antonio e da Cinelândia.

Entre 1893 e 1899 a rua cresceu do número 1 até o número 75 e em 1900 começam a ser reconstruídos os imóveis locais. Em 1929 na esquina da Joaquim Silva com a Teotônio Regadas é construído um prédio com 6 apartamentos e o Convento de Santa Teresa é indicado como proprietário de alguns imóveis na rua.

Sobre o Largo da Lapa há três registros de obras em 1906, 1907 e 1908, indicando a construção de uma escola das Religiosas do Convento do Carmo, 2 prédios e um coreto construído por ordem da Venerável e Arquiepiscopal Irmandade do Divino Espírito Santo da Lapa do Desterro que deixou na Lapa, até hoje, a capela anexa à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa.

Da rua da Lapa (ver fig. 11d) existem registros desde 1817 quando dona Quitéria Joaquina pede licença para levantar um sobrado na casa 43 com duas braças de frente. É de se supor que ela teria levantado o sobrado acima de uma casa térrea existente e que já nesta época existissem 43 casas, no local.

Em 1895 a numeração da rua já lá ia pelo número 101 que nesta data solicitava licença para implementar a extraordinária modernidade de banheiros no interior do prédio o que vem a ser uma transformação importante na arquitetura residencial urbana e que depois se faz acompanhar das instalações para abastecimento de águas e recolhimento dos esgotos.

Na mesma rua o n° 56 ficava, em 1897, no distrito da Glória e o 92, em 1908, no distrito de Santa Teresa enquanto o 101, em 1900, no distrito das Laranjeiras, as nobres vizinhanças da Lapa e com as quais se comunicava esta rua de passagem entre o centro e a zona sul da cidade. Há indicação da existência de um cortiço na rua da Lapa, demolido em 1905 nos n° 39 e 47, quando a política higienista do Rio, empreendida por Pereira Passos e Osvaldo Cruz e o projeto de modernização da cidade maravilhosa, corria solta, destruindo milhares de habitações coletivas que se difundiram como modelo alternativo à dificuldade de transporte e ao crescimento da população livre desde o advento da abolição da escravidão.

A travessa do Mosqueira, que aparentemente tem a mesma extensão que a Teotônio Regadas e que, como esta, faz a ligação da Joaquim Silva com a Visconde de Maranguape, aparece nos registros de obras da prefeitura desde 1895, mas seu traçado se encontra registrado em mapas desde 1808 (ver fig. 17). Em 1912 é considerada como integrante do distrito de Santo Antonio. O prédio da esquina da rua Visconde de Maranguape, n° 4, 6 e 10, onde hoje se localiza o restaurante Cosmopolita e o terreno vazio da outra esquina, que sedia a Associação de moradores da Lapa (Amalapa) onde acontecem várias atividades voltadas para a comunidade local como a aula de capoeira do Mestre Mosca, pertencida à Venerável Ordem terceira dos Meninos de São Francisco de Paula, em 1921. As figs. 9 “a” e “c”

mostram a casa existente na esquina, nos anos 1970, que foi demolida e no seu lugar foi construído o muro que envolve o terreno vazio hoje lá existente.

A rua Moraes e Vale (ver fig. 11c) nasce atrás da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, fazendo esquina com o beco das Carmelitas e segue na direção da Glória, paralela à rua da Lapa tendo seu traçado esboçado no mapa de 1791. Os primeiros registros de licença para obras ainda existentes datam de 1890, e indicam que na região já existiam sobrados com três pavimentos. Sobre sua localização na cidade a rua Moraes e Vale aparece como pertencendo ao distrito da Glória segundo indicam os registros de distritos copiados dos processos de licenciamento da prefeitura na ficha de busca da documentação. Ainda nas obras pesquisadas verificou-se que os edifícios de número 40 (esquina com Beco das Carmelitas), 50 e 52, pertenciam ao Convento do Carmo.

O senhor Antonio da Costa Torres aparece como proprietário do número 44 em 1905; dos números 40 e 45, em 1906; dos números 24, 33 e 35 em 1912; do número 11, em 1913 e dos números 55 e 63, em 1915. Caso a numeração não tenha sido alterada, durante 10 anos ele adquiriu 10 imóveis em um mesmo logradouro.

A rua Mem de Sá apresenta, em 1897, o pedido para construção de um prédio no lote 42. Entretanto, a abertura oficial desta avenida é obra do Prefeito Pereira Passos que administrou a cidade entre 1902 e 1906 (ver fig. 11aa, 11ab). O que é possível verificar é que o conjunto de casas edificado entre os Arcos da Lapa e a travessa do Mosqueira, até a esquina onde hoje se localiza o restaurante Cosmopolita e a Pizzaria Guanabara (ver fig. 9d e 10d), é parte da avenida Mem de Sá, que talvez tenha existido desde sempre neste pequeno trecho e que na época de Pereira Passos tenha sido estendida até a Praça da Cruz Vermelha. Em 1913 já encontramos registro de licença para obras até o número 330 que fazia fundos com o 133 da rua Frei Caneca. Nesta região da cidade a rua Mem de Sá é a que possui um dos maiores arquivos de licenciamento entre 1897 e 1925. Esta rua faz esquina com várias transversais que

a cruzam ou nela terminam: canto com a Evaristo da Veiga (1908), Visconde de Maranguape (1910), canto da rua Paulo de Frontin, atual Washington Luís (1910), rua dos Inválidos (1910), Gomes Freire (1912); travessa Niemeyer, atual rua Tenente Possolo, e beco do Senado desaparecido (1913), Praça dos Governadores; rua do Senado (1914).

Do ponto de vista de uso, os registros de obra indicam a presença de um cinema no número 23, cujo proprietário era o senhor Rafael Matera e onde hoje se localiza a casa noturna Asa Branca. De um modo geral os muitos pedidos de licenciamento indicam a existência de programas mistos com comércio no térreo e residência no sobrado. Há, entre os documentos pesquisados, menção de instalação de cozinha a gás em um botequim no número 20 (antigo 14, em 1910) e reformas em um restaurante no número 16, em 1909.

Chama a atenção o nome do proprietário do número 54 que, em 1908, pede licença para construir um prédio, o senhor Eliseu Ângelo Visconti. No botequim Carlitos recentemente aberto em frente aos Arcos, localizado no encontro da Riachuelo com a Mem de Sá existem fotografias antigas nas paredes que mostram o Ateliê do artista plástico Eliseu Visconti, a fachada do imóvel que não existe mais e ele em uma das janelas, confirmando o dado encontrado na aprovação de projetos.

A rua Evaristo da Veiga fazia parte do distrito de São José e em 1900 aparece a primeira ficha com indicação de distrito no licenciamento de obras. Em 1906 são licenciadas cocheiras nos fundos dos prédios 25, 27 e 27<sup>A</sup>. Em 1907 já surgem as aberturas de clarabóias<sup>34</sup> que são exigências das posturas municipais<sup>35</sup> e neste ano são instaladas no número 35 da rua.

No número 92 da rua funcionava em 1907 o “recolhimento dos órfãos da Santa Casa” e no número 79, em 1911, funcionava o Hospital da Terra Santa. Muitos prédios nesta rua

---

<sup>34</sup> Elemento de cobertura que funciona como uma abertura envidraçada que acompanha o caimento do telhado e serve para iluminar e ventilar as casas implantadas coladas nas divisas de lotes estreitos e muito profundos.

pertenciam ao Convento de Santa Teresa enquanto outros tantos ao de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda.

Os prédios de número 147 e 149 faziam esquina com a rua Joaquim Silva 134, em 1912 e o prédio pertencia ao Convento de Santa Teresa, sendo reconstruído neste ano, e estão lá até hoje, ocupados por bares recentemente inaugurados na Lapa (ver fig. 7b).

As ruas do Riachuelo e a Mem de Sá formam o maior acervo de documentos de licenciamento de obras entre 1797 e 1935, somando um total de 235 fichas pesquisadas. A rua do Riachuelo é do século XVIII e mesmo que não dispuséssemos desta informação a leitura dos mapas indica um desenho tortuoso que nos permite interpretar a forma rudimentar como teria sido aberta, uma espécie de caminho ao longo das terras secas entre a base do Morro de Santa Teresa e os alagados dos baixios daquela região. Já a avenida Mem de Sá, construída no início do século XX, sob a égide do moderno urbanismo de Pereira Passos, mostra um traçado retilíneo, pontuado por praças que marcam cruzamentos de vias e estruturam perspectivas dominantes, característica deste tipo de ideologia urbanística. A observação atenta e curiosa dos mapas permitiria desde logo e no mínimo estranhar o desenho das duas ruas, hoje perdidas no centro da cidade e aparentadas temporal e espacialmente pela construção de gerações de casas e edifícios que não assinalam mais as diferenças no tempo entre a abertura de uma e a construção da outra (ver fig. 23, 24, 26 e 28). As sucessivas reformas de fachadas, demolições, reconstruções de imóveis vão homogeneizando a cidade, apagando os vestígios do passar do tempo. Então os mapas cumprem o papel de resgatar datas, temporalidades, localizar eventos inscritos no corpo da cidade e encobertos por novas roupagens.

O primeiro registro de obra existente data de 1797, mas o caminho já se desenhava no mapa de 1758, e é o mais antigo do conjunto pesquisado, quando a rua ainda se chamava de Matacavalos, nome que vai ser modificado entre o período de 1816 e 1890, quando as fichas

---

<sup>35</sup> Conjunto de regras edilícias, estabelecidas com o objetivo de melhorar/adequar estética e do ponto de vista da

passam a registrar a rua como do Riachuelo. Até 1816, as poucas fichas existentes não registram numeração para as edificações licenciadas que entre 1797 e 1816 somam nove fichas entre as quais duas tratam da construção/instalação de portões e portadas na frente de chácaras (1797 e 1811), o que indica a ocupação da região ainda por chácaras nesta época, confirmando as descrições de que o núcleo urbano da cidade era circundado por uma ocupação rarefeita de chácaras, constituindo áreas de tipo semi rural nas fraldas da cidade ou a volta dos caminhos de penetração para o interior das atuais zonas Norte e Sul. Os demais pedidos referem-se à construção de “moradas de casa” com 2, 2 e ½ e 3 braças de frente. A partir de 1890 a característica do licenciamento já se volta para a construção/reconstrução/melhoria de sobrados, casas, comércio, indicando a consolidação de uma estrutura urbana, adensada e formada por sobrados no lugar da antiga área semi-rural das chácaras.

Em 1899 existe um registro de licença para construção de um galpão para atividade fabril no nº 130. Neste mesmo ano o licenciamento para construção de platibanda na fachada indica a expressão de um novo estilo arquitetônico caracterizado pelo encobrimento das águas do telhado, cujos grandes panos de telhas de tipo capa e canal eram reminiscências de um modo de vida colonial, antiquado e que deveria ser superado. Ocultar o telhado com a platibanda representava aquisição de tecnologia e modificação substancial no tratamento do espaço público, a rua, que deixou de ser um lugar de despejo das águas da chuva, pelos beirais encachorrados das casas térreas ou assobradadas da cidade colonial.

Em 1906 o número 17 da rua aparece como estando localizado no Distrito de Santo Antonio e ainda neste ano há registro de reforma em cocheira e chácara, indicando a transição da ocupação da cidade em curso. O Visconde de Moraes aparece como proprietário dos números 116 e 118, em 1902, 112 e 114, em 1906 e 120 fundos, em 1907. Neste ano o



número 60 da rua fazia esquina com a Gomes Freire e em 1910, o 197 ficava na esquina da André Cavalcanti que se chamava Silva Manoel. Entre as várias licenças identificadas percebe-se que o uso para oficinas e pequenas fábricas também existiu na Rua, a partir do início do século XX. No número 43 da rua se localizava (e localiza até hoje entre os números 27 e 43) o Hospital da Ordem 3<sup>a</sup> do Carmo que sofreu obras em 1913 e em 1916 pediu licença para construção de um pavilhão.

Na licença para obras no número 57 que ficava próximo da esquina da rua Silvio Romero, uma das ladeiras que levam à Santa Teresa, o imóvel consta como localizado no distrito de Santa Teresa e é o único caso que foge à localização no distrito de Santo Antonio.

O licenciamento de obras indica também a presença de várias vilas ao longo da rua do Riachuelo: é o caso do número 111, em 1915, ainda existente em 2007; do número 89, em 1928, localizada ao lado do clube Democráticos e existente em 2007; do número 110<sup>A</sup>, em 1929, que fica em frente da rua dos Inválidos e que existe até hoje; do número 311, em 1935. Além disso, aparecem em 1931 e 1935, respectivamente nos números 169<sup>A</sup> e 67 e 69 (esquina da Francisco Muratori) licenciamento para construção de edifícios.

Os registros da rua do Lavradio datam de 1880 e a licença deste ano arquivada na documentação escrita do AGCRJ, registra que o local é propriedade dos herdeiros de Paes Leme. Esta rua, como a dos Inválidos, aparece desenhada no plano da cidade de 1791. Em 1889 há registros de obras em lote sem número de propriedade da Cia Teatral do Brasil, o Teatro Apolo, localizado, segundo informações dos comerciantes locais, onde hoje funciona a Escola Municipal Celestino da Silva. Em 1893 há registro de outra licença para imóvel destinado à diversão no número 122 fato que, conhecendo o histórico da rua, nos leva a pensar na hipótese de outro teatro. Em 1899, neste mesmo número vemos licença para construção de galeria no “Frontão Coliseu”, o que parece ser nome de uma casa de espetáculos.

Em 1894, no número 96 há registro de licença para construção de teatro de propriedade de Serafim e Cia. Coincidência ou não no número 52 da rua do Lavradio, em 1912, viveu um senhor de nome Celestino da Silva que pode ter sido José Celestino da Silva, pai de Orlando Silva, que era violonista e tocava com Pixinguinha, freqüentava a Lapa e faleceu em 1918. Além disso, neste mesmo ano, era vizinha do senhor Celestino da Silva, no número 54, a Baronesa do Flamengo, cuja conta de água vem até hoje em seu nome para o estabelecimento comercial “Cantinho do Senado” (ver fig. 5).

A rua do Lavradio aparece desde o ano de 1889 como pertencente ao distrito de Santo Antonio, igreja/irmandade localizada no morro de mesmo nome que no fim dos anos 1960 sofreu o desmonte mais radical de sua porção voltada para a Lapa e a rua do Lavradio, que nesta época ainda possuía o lado ímpar completamente edificado.

Como nas demais ruas pesquisadas aqui também muitas licenças dizem respeito a obras em imóveis destinados no térreo ao comércio e no sobrado à residências. Da mesma forma a maioria esmagadora das licenças solicita a reconstrução dos imóveis ou de parte destes, o que nos leva a pensar que talvez a nomenclatura “reconstruir” seja utilizada para indicar obras de adaptação a novas exigências municipais como foi o caso da construção das platibandas que levava à reforma total das fachadas. Além dos teatros a rua do Lavradio sediava um templo maçônico no número 81 que pediu licença para construção de um galpão em 1900 e em 1901 construiu nova escada e muros em substituição à cerca de madeira existente. Hoje a Loja Maçônica Grande Oriente do Brasil ocupa o número 97 da rua e é protegida por tombamento estadual desde 1972. A questão da alteração da numeração dos imóveis é um fato interessante pois em 1914, o número 81 já pertencia a Josefina Ramos Figueira da Veiga que fazia modificações no prédio de sua propriedade.

Do ponto de vista dos usos, além de teatros e programas mistos residência/comércio, identificamos licença para instalação de “casa de pasto” no número 106, em 1897, e de galpões, pequenas fábricas, gráficas e marcenarias ao longo da rua.

Em relação aos nomes e sobrenomes de proprietários e construtores nota-se uma grande incidência de nomes de origem portuguesa e um número significativo de nomes com ascendência espanhola. Em algum momento, no início até meados do século XX, a rua do Lavradio era apelidada de Portugal pequeno, mas esta informação até o momento não foi confirmada na pesquisa textual.

A avenida Gomes Freire, paralela à rua do Lavradio, foi aberta no período em que a administração da cidade coube ao Prefeito Pereira Passos e é uma espécie de continuação da avenida Tomé de Souza, na região hoje conhecida como Saara<sup>36</sup>.

Os registros de aprovação de projeto na rua têm início em 1906 e o casario hoje lá existente testemunha um modelo de urbanismo fachadista, em que as ruas eram pensadas como correres de fachadas com mesma proporção e modenatura cadenciada de cheios e vazios na expectativa de criar espaços urbanos equilibrados, elegantes, ritmados e bem proporcionados. Em 1906, por exemplo, é solicitada licença para construção de quatro prédios para formar o canto da rua da Relação. É interessante observar que a abertura da rua provocava um número expressivo de demolições e a manutenção do parcelamento fundiário o que levava a busca de soluções arquitetônicas nem sempre muito bem resolvidas, pois usavam as vezes “restos” de lotes, diferente de como quando se lida com terrenos completamente livres e novos. A rua é registrada como pertencendo ao distrito de Santo Antonio e de um modo geral o licenciamento pesquisado diz respeito à construção de novas edificações para constituírem a rua recém aberta.

---

<sup>36</sup> Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega.

O maior boom de licenciamento para novas construções vai acontecer nos anos de 1910 e 1913. É interessante observar que no ano de 1912 chama a atenção um conjunto de sobrenomes de proprietários de ascendência árabe ou turca. Também era proprietário de vários imóveis (8) nesta rua o Visconde de Moraes (do número 141 ao 157). Construtores importantes como Heitor de Mello (números 17, 19 e 19<sup>a</sup>, em 1909) e Antonio Januzzi Filho (número 129, antigo 121, em 1910) aparecem no licenciamento de obras.

O prédio construído na esquina da rua com a do Resende, que recebeu os números 105, 107 e 109 e pertencia à Associação dos Funcionários Públicos Civis foi projeto do importante arquiteto Adolfo Morales de los Rios, em 1908, e está lá até hoje (ver fig. 12b).

A rua dos Inválidos é tão antiga quanto a do Lavradio ou de Matacavalos. Os primeiros licenciamentos datam de 1812 quando eram solicitadas obras sem a indicação do número do edifício. Em 1890 um registro interessante comprova a existência da Vila Rui Barbosa quando aprova a instalação de esgoto nos imóveis do número 10a até 10h – a vila foi construída entre as ruas dos Inválidos e do Senado. No número 62 a licença para construção de um pequeno ateliê fotográfico, indica que em 1905 este era um tipo de trabalho e que o senhor Nersen Jobim Barros talvez fosse o próprio fotógrafo. No número 92 existia uma fábrica de móveis que em 1907 pede licença para ampliar o portão de aceso. De um modo geral a rua está localizada no distrito de Santo Antonio, mas em 1924 o documento arquivado atesta que o número 37 pertencia ao distrito da Lapa, foi a única vez que encontrei este tipo de registro o que não permitiu comprovar a existência administrativa deste distrito na cidade. O estudo da legislação urbana em nenhum momento comprova esta informação.

A pesquisa sobre as fichas de busca dos processos de licenciamento e a pista de que a cidade teria sido dividida em distritos administrativos – criados para cobrança e fiscalização no lugar das antigas sesmarias, levou a uma pesquisa a respeito da legislação que orientou a

subdivisão das áreas urbanas no interior da cidade do Rio de Janeiro e sobre a qual falo mais detalhadamente no capítulo 4 que trata da designação de bairro.

Neste momento, entretanto, é importante indicar que a primeira divisão urbana feita dizia respeito às freguesias<sup>37</sup>, relacionando a população com as igrejas então existentes. Às freguesias sucederam os “distritos”, sendo mantida a identidade com os nomes dos santos das antigas freguesias e mais tarde, seguramente em função do crescimento da cidade, aos distritos foram atribuídos números. Atualmente a cidade se organiza segundo bairros e regiões administrativas para efeito do controle da Prefeitura e conseqüente planejamento urbano. A Lapa se encontra na 2ª Região Administrativa e no bairro do Centro.

#### *3.4 A secreta descrição densa dos documentos*

Finalizando seria importante comentar o que a leitura dos mapas pesquisados no setor de cartografia da Biblioteca Nacional, muitos dos quais aqui reproduzidos, teriam a falar sobre a evolução urbana da região, em muitos momentos designada como Lapa, a despeito de não aparecer como bairro no contexto político, geográfico e administrativo da cidade do Rio de Janeiro.

Os mapas pesquisados cobrem um período que vai de 1758 até o século XX. Na sucessão de mapas pesquisados pela lente desta pesquisa é possível observar e interpretar as diferentes técnicas de representação adotadas, as diversas motivações para que tal registro fosse efetuado, assim como a realidade das transformações urbanas, espaciais e geográficas, operadas na ocupação do território pelo homem. Embora tudo isso pudesse ser muito mais exaustivamente investigado e interpretado farei uma leitura bastante específica no que diz respeito ao modo como a Lapa se constituiu nas informações cartográficas e o quanto estas confirmam aquelas apresentadas pelo relato de segunda mão da historiografia oficial e mesmo

os dados primários coletados nos arquivos de obras pesquisados. A importância deste material talvez esteja na possibilidade de produzir uma versão a respeito das mudanças urbanas ocorridas e consolidadas ao longo de todo o século XX na cidade do Rio de Janeiro, na Lapa, e sua relação com as notícias que se tem da vida que transcorria neste cenário.

O mapa de 1758 da Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro indica a presença do “Seminário de Nossa Senhora da Lapa”, no local onde hoje se localiza a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, no atual largo da Lapa, a rua das Mangueiras, o Aqueduto e a Lagoa do Boqueirão no lugar onde mais tarde seria implantado o Passeio Público. Este mapa apresenta a referência mais importante em relação à origem do nome do bairro em que a palavra “lapa” provavelmente estaria associada à idéia de gruta na qual ficaria depositada a imagem de Nossa Senhora (ver fig. 15 e 15a). Mapas de 1770, 1791 e 1800 mostram a construção do Passeio Público, nomeiam o litoral na altura da Lapa como Praia do Boqueirão, indicam a abertura de ruas importantes como a do Lavradio e Inválidos, assim como o caminho de Mata Cavallos todo pontilhado sem construções ao longo de seu traçado em 1770, e já completamente aberto em 1791, com uma ocupação rarefeita de chácaras e suas plantações. A cidade crescia pouco e de modo ainda esparso até o Campo de Santanna. No caminho de Mata Cavallos aparece a capela do Menino Deus; o Passeio Público é inaugurado e o traçado urbano da região da Lapa já era formado pelas ruas das Mangueiras, Lapa, Mata Cavallos, Evaristo da Veiga (Barbonos), Lavradio e Inválidos. A rua Joaquim Silva já se esboçava a partir da representação de algum tipo de casario mas ainda não tinha um nome. A região da Lapa surge e se consolida ao longo do século XVIII, tendo como traçado urbano mais antigo aquele formado pelas seguintes ruas: Riachuelo, Lavradio, Inválidos, Lapa, Visconde de Maranguape, Evaristo da Veiga, Marrecas, Moraes e Vale e Teixeira de Freitas.

---

<sup>37</sup> Agrupamento, povoação paroquiana; conjunto de fregueses de uma determinada paróquia; nas províncias e cidades de Portugal, a menor divisão administrativa. (*Dicionário Houaiss*, Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001)

A planta da cidade de 1808 apresenta a consolidação do arruamento na região da Lapa. Registra a rua do Desterro que mais tarde recebeu o nome de Joaquim Silva; a rua dos Arcos e a Moraes e Vale, mas talvez a informação mais peculiar seja a do desenho do passadiço entre o Paço Imperial e o Convento do Carmo, na Praça XV, confirmando as informações de que a família real, em sua chegada ao Brasil nesta data, teria ocupado os dois prédios com os integrantes de suas comitivas. Além disso, por este desenho podemos observar o contraste entre a densidade de ocupação da cidade na região entre os Morros do Castelo e de São Bento, incluindo aí toda a região da Praça XV de Novembro, a antiga rua Direita, onde se localizava e aí está até hoje o Paço Imperial e que se estendia até o “Campo de Santa Anna”<sup>38</sup>, e a ocupação rarefeita da região da Lapa e suas imediações, que representavam a saída da cidade tanto em direção à zona Norte, quanto em direção à zona Sul (ver fig. 16 e 17).

Os mapas de 1818 e 1821 mostram o aparecimento de novas ruas como a Teotônio Regadas e a travessa do Mosqueira. A área existente entre a rua das Mangueiras (depois Visconde de Maranguape) e a das Marrecas, em frente à Igreja da Lapa e ao Passeio Público era ocupada por um contínuo de edifícios que ao longo do tempo receberam funções especiais. Parte desta quadra será demolida no século XX restando no local os prédios da Escola de Música da UFRJ e do Automóvel Clube do Brasil.

Entre 1829, 1831 e 1843 a cidade ultrapassa o “Campo de Santa Anna” e cresce na direção da Praça Onze, Catumbi e Cidade Nova. Outras ruas vão sendo abertas: Senado, Resende, Mata Porcos. A planta de 1843 mostra a interessante divisão em freguesias e podemos observar que a Lapa e suas imediações pertencem a três freguesias distintas: São José (a parte entre o Aqueduto e a Igreja da Lapa), Santíssimo Sacramento (a parte da rua do Lavradio na direção Tiradentes) e a de Sant’Anna (do Aqueduto na direção norte da cidade).

---

<sup>38</sup> Utilizei a grafia registrada no mapa de 1808.

Em 1852 a planta da “mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro” assinala edificações de caráter civil e religioso importantes. Este desenho mostra, entre outras informações a rua das Carmelitas comentada por Brasil Gerson na sua história sobre as ruas do Rio, aberta entre a Moraes e Vale e a praia que agora se chama “das Freiras” e não mais “do Boqueirão”. A cidade se estende até o Mangue e a legenda indica que é subdividida em freguesias constituídas por um determinado número de quarteirões, o que mostra uma subdivisão diferente das encontradas nas legislações urbanas do século XX pesquisadas, quando a cidade passará a ser dividida em distritos e regiões administrativas (ver fig. 18 e 19).

De 1858 a 1885 a cidade evolui com a implantação de um sistema de bondes e os mapas representam inclusive o sistema ferroviário que chegava na cidade, no local onde hoje se localiza a estação Central do Brasil, de onde partiam as linhas que iam para o interior. O sistema de transportes implantado acelera o processo de crescimento da cidade na direção dos subúrbios, explicitando e consolidando as segregações sociais estudadas por Maurício de Abreu no seu trabalho sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro (Abreu, 1997). Na Lapa aparece a rua Conde Lages (mapa de 1885), a rua Mata Cavalos já recebe a denominação de Riachuelo, ao longo da rua do Passeio estão localizados os seguintes edifícios: Clube Fluminense, Biblioteca Nacional e Secretaria de Justiça, no trecho entre a Visconde de Maranguape e a rua das Marrecas. Na rua Evaristo da Veiga (Barbonos), em 1885, o mapa indica a presença de uma “Roda dos expostos”, o que é coerente com o processo de licenciamento arquivado no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, para construção de um estábulo na “casa dos expostos” em 1899.

Em 1890 a Lapa e o centro da cidade já estão recortados pelas linhas de bondes puxados por animais, substituídos em 1894 pelos elétricos. Na Lapa passavam os bondes que iam para a zona sul e Santa Teresa, e entre o Passeio Público e a Glória o mapa assinala o “Caes Novo da Glória”. Entre os anos de 1889 e 1905 o litoral da Baía da Guanabara em



frente à área estudada era denominado de Praia da Lapa. É a primeira vez que o nome Lapa aparece sozinho designando a região litorânea e desvinculado da denominação da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o que vai se repetir no mapa analisado a seguir.

No início do século XX a cidade é desenhada por Ulrik Greiner que registra então a cidade antes dos “melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro em construção”. Este é o último registro antes das intervenções da reforma de Pereira Passos na cidade. Na Lapa e adjacências as grandes transformações serão a abertura da avenida Mem de Sá e a avenida Beira Mar. A avenida Central, hoje Rio Branco, também seria aberta neste período (ver fig. 20 e 21).

Em 1910, na esquina da rua Teixeira de Freitas com Augusto Severo se erguia uma imponente massa edificada denominada de “Syllogêo” (local onde se reúnem associações literárias e científicas), próximo do local onde hoje, num edifício totalmente moderno funciona o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na Cinelândia o Senado ocupa o Palácio Monroe, demolido por autorização do Iphan nos anos de implantação do metrô na cidade. Pelo Aqueduto não correm mais águas, mas os bondes que levam à Santa Teresa – Silvestre e Largo das Neves, e a região da Lapa se divide entre o 4º, o 5º e o 7º distritos. Neste mapa que representa o território urbano “obedecendo à divisão da cidade em Districtos Municipaes” encontro pela primeira vez a designação “Lapa” indicando a região que vai mais ou menos do entroncamento da rua Joaquim Silva com rua da Lapa, até a rua Gomes Freire, abarcando um pedaço do 4º distrito e um pedaço do 5º distrito. A separação entre os dois distritos passa exatamente pelo Aqueduto e contorna a base do Morro de Santo Antonio até a rua Visconde do Rio Branco. O mapa comprova uma superposição entre a divisão administrativa em distritos e as localidades ou bairros como a Lapa. A rua Gomes Freire, também inspirada pela reforma de Pereira Passos, aparece neste mapa, assim como o novo mercado municipal da Praça XV, do qual hoje temos apenas o fragmento do torreão ocupado pelo restaurante Albamar. Estas datas nos impedem de afirmar que o Mercado e a avenida

Gomes Freire teriam sido obra do Prefeito Pereira Passos, mas seguramente uma consequência de seus empreendimentos modernizadores (ver fig. 22 e 23).

De 1914 temos a fascinante publicação de um “Guia prático organizado especialmente para estrangeiros por Carlos Aenishanslin”, com plantas do Rio e Niterói – e uma do centro do Rio com os principais monumentos. A população do Rio, nesta época, era de 1 milhão de habitantes. Nictheroy, capital do Estado do Rio de Janeiro tinha 60 mil habitantes. O guia foi editado em 4 idiomas: português, francês, suíço(?) e inglês. Possui várias informações úteis entre as quais: “diferença de hora entre o Rio e diversos países e cidades”, localização de vários consulados, preço das taxas para cartas e encomendas, estações pneumáticas, uma das quais na Lapa, na rua Visconde de Maranguape n.º7, de várias agências bancárias, fornece o valor da conversão de moedas, os dias de festas nacionais, as estações de ferro: Praça da República – Central do Brasil, trem para São Paulo, Minas e Rio; Praia Formosa – Leopoldina, Petrópolis; Praça Visconde de Mauá – vapores; Caes Pharoux e dos Mineiros – Rio, Niterói, Ilha do Governador e Paquetá. Bondes e carros com tarifas. Hotéis: Freitas, na rua do Riachuelo 120; Grand Hotel, Largo da Lapa, 1; Continental, Rua do Passeio 40; dos Estados, Visconde de Maranguape 15; Guanabara, rua da Lapa 103. Pensões: Beethoven, rua da Glória 72; Portugal, Mem de Sá 72; Suissa, rua da Glória 68. Companhias de navegação, Revistas e jornais e suas sedes. Passeios recomendáveis: Alto do Corcovado, Pão de Açúcar, Silvestre e Sumaré, Leme e Ipanema (esplêndidas praias fora da Barra), Jardim Botânico, Praça da República (belíssimo parque franqueado ao público até 10 da noite no verão), Quinta da Boa Vista (esplêndido parque nele se acha instalado o palácio do Museu Nacional, antiga residência de D. João VI); Passeio Público, o mais antigo parque da cidade, aberto diariamente até 10 da noite, ai encontra-se o Aquarium. Relação das principais estátuas, igrejas (Nossa Senhora do Carmo da Lapa inclusive), hospitais (Hospital do Carmo, na rua do Riachuelo inclusive), Theatros, sport, principais repartições públicas e a indicação de tudo o

que é mostrado nos desenhos das duas plantas editadas no Guia. Do ponto de vista da representação monumental da Lapa, o que o mapa ilustra é a edificação do “Silogê” na esquina da Avenida Beira Mar com o Passeio Público; o Aqueduto, o Lampadário instalado no largo da Lapa, no eixo da Avenida Mem de Sá; o Convento de Santa Teresa; o Hospital da Ordem Terceira do Carmo; a Loja Maçônica Grande Oriente, na rua do Lavradio. A Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa embora apareça na listagem do guia, não aparece representada como um monumento e deste ponto de vista uma outra análise que o mapa que acompanha o guia permite é exatamente o da seleção de elementos arquitetônicos e sua elevação à categoria de monumento<sup>39</sup> em função da representação cristalizada nos desenhos. Um dos interesses da interpretação deste Guia é observar como, nesta época, a Lapa e o centro eram os lugares de referência para um turista na cidade (ver fig. 24, reprodução do mapa que integrava o Guia).

A questão cartográfica associada à representação do caráter turístico de um lugar foi tratada por Celso Castro em seu artigo “Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro”<sup>40</sup>, no qual o autor analisa a intencionalidade das representações cartográficas especialmente associadas à construção e divulgação de uma imagem turística. A cartografia por mim pesquisada confirma o que diz Castro na medida em que pude observar, por exemplo, que as representações turísticas do Rio se modificaram ao longo do tempo com o explícito deslocamento do foco de interesse da área central da cidade para as áreas costeiras, especialmente Copacabana, nos anos 1940. A questão da representação de um olhar sobre a cidade, entretanto, os recortes possíveis, e expressão de intencionalidades no representado/desenhado, é uma questão que atravessa os mapas e as plantas da cidade de um modo geral.

---

<sup>39</sup> Aqui podemos estabelecer um paralelo com a monumentalização produzida pelos historiadores na maneira como constroem os relatos históricos e analisada por Jacques Le Goff, no livro *História e Memória*, 1990, e considerar que os mapas são, sobretudo, “documentos” de época, representativos de sociedades e suas histórias.

Em 1922, época do desmonte do Morro do Castelo, a carta de Parte do Distrito Federal elaborada pelo exército, representa um desenho de arruamentos na área do Castelo que parece ser o do Plano Agache, num esquema de praça central com ruas que se desenvolvem num sistema radial. Na orla da Baía da Guanabara os aterros se consolidam entre o aeroporto Santos Dumont e a Praia do Flamengo mas na Lapa não se observam mudanças neste período.

As plantas de 1928 e 1929, ainda representam em pontilhado os projetos da Ponta do Calabouço e da esplanada do Castelo, como a de 1922, e mostram a estrutura urbana da Lapa completamente definida e com todas as ruas que estão lá até hoje e que na evolução urbana foram sendo aos poucos acrescentadas. Na planta de 1929 encontramos várias inscrições com os nomes dos bairros e na área central a Lapa aparece nomeada com a mesma grafia tipográfica que a Glória, o Catumbi etc., o que faz supor que fosse tratada com a mesma hierarquia dos outros bairros (ver fig. 25 e 26).

Em 1933 a região da Lapa encontra-se integralmente localizada dentro do 5º distrito, ligado à igreja de Santo Antonio, localizada no morro de mesmo nome.

Uma nova carta turística é elaborada em 1937, quando grandes reformas urbanas como a abertura da avenida Presidente Vargas ainda não tinham sido efetivadas. É o início do período designado como Estado Novo, as indicações apresentadas na carta dizem respeito a hotéis e restaurantes localizados no centro, na área mais próxima à Cinelândia e avenida Rio Branco, estando a Lapa em processo de desvalorização em função inclusive do aparecimento de novos pólos dentro da cidade como Botafogo, Urca e Copacabana, por exemplo (ver fig. 27 e 28).

Em 1951 um novo mapa turístico do Distrito Federal é elaborado por uma empresa de cartografia mostrando um roteiro das instituições governamentais existentes na área central da cidade e mais representativas da estrutura governamental do Estado Novo. A malha viária

---

<sup>40</sup> Editado no livro *Antropologia Urbana*, organizado por Gilberto Velho, 1999.

consolidada tem como os grandes eixos urbanos as avenidas Rio Branco, Presidente Vargas, Mem de Sá, Beira Mar, Rodrigues Alves, Carioca-Visconde do Rio Branco e Frei Caneca que mudam de nome mas são uma a extensão da outra.

Entre 1951 e 1959 grandes transformações urbanas são tramadas para a Lapa e a Planta da cidade do Rio de Janeiro de 1959 registra tudo isso, indicando os melhoramentos urbanos projetados e assinalando como autora das mudanças a “Sursan”. Este mapa apresenta o projeto viário que justificou a demolição das quadras centrais da Lapa e que não foi concluído e remete ao projeto de Reidy para a Esplanada de Santo Antonio, que justificou a demolição parcial daquele morro, criando a área na qual hoje está implantada a Catedral Metropolitana. A década de 60 é um momento de ebulição urbanística no Rio por causa da construção do Aterro do Flamengo, um expressivo projeto urbano que aliava o paisagismo de Burle Marx ao arrojo arquitetônico de Affonso Eduardo Reidy no parque que até hoje representa um papel importante na vida da cidade (ver figs. 29, 30, 31 e 32).

Em 1964, um novo Guia é elaborado sobre a cidade registrando os principais edifícios representativos da administração e testemunhando a recém transferência da capital federal para Brasília. Nesta época a Prefeitura da Cidade se localizava no imóvel que hoje cedia a Câmara dos Vereadores na Cinelândia que representava então o “centro administrativo e político da cidade”. Especial ênfase era dada ao Cais do Porto, à Estação das Barcas na praça XV e o mapeamento de todo o sistema ferroviário que partia das estações Central do Brasil e Leopoldina.

Em 1965, o aniversário de 400 anos da cidade produz farto material ilustrativo e os mapas desta época apresentam lindas representações em perspectiva de todo o acervo edificado da cidade. O Aterro do Flamengo está todo construído e na região da Lapa chama a atenção o registro gráfico das duas quadras do “ferro de engomar”, pouco tempo depois demolidas e que se formaram a partir da abertura da avenida Mem de Sá, cujo eixo se

prolongava até a avenida Beira Mar. A avenida Chile estava aberta e parte o terreno onde hoje se localiza a Catedral Metropolitana já estava delimitado. Em outra representação, também em perspectiva mas sob outro ângulo, da cidade em 1965, vamos encontrar os monumentos coloridos em tom de vermelho o que é uma representação bastante curiosa da face da cidade neste período (ver fig. 33 e 34).

Em 1974 duas representações da planta da cidade mostram que esta já se encontra dividida entre regiões “Centro” e “Portuária” e a designação Lapa já não aparece mais ao lado da Glória, Fátima (Bairro de Fátima) e Centro.

Entre 1974 e 1980 um novo “Mapa Guia de Turismo” é elaborado sobre o Rio de Janeiro que no centro pontua os seguintes elementos como sendo turísticos: Mosteiro de São Bento, Igreja da Candelária, Ex Catedral Metropolitana (Igreja de Nossa Senhora do Carmo na rua Primeiro de Março), Museu Histórico Nacional, Museu de Belas Artes, Nova Catedral Metropolitana, os Arcos, Museu de Arte Moderna, Monumento aos mortos da 2ª Guerra, Parque do Flamengo e Museu da República. A zona Norte ficava representada pela Quinta da Boa Vista e o Zoológico, o Maracanã, a Ponte Rio-Niterói e a Ilha de Paquetá. Já a zona Sul era valorizada pelos pontos turístico ambientais como Lagoa, Cristo, Pão de Açúcar entre Museus, parques etc.

Em 1989 uma nova perspectiva isométrica da cidade é elaborada e no caso da Lapa registra toda a grande intervenção urbana sofrida e consolidada no bairro. Um dos únicos elementos que não se encontra representado na perspectiva é o Circo Voador que ocupa o terreno que aparece vago por detrás do aqueduto. O “coração” da Lapa agora é um vazio e a Avenida República do Paraguai abriga os prédios da Petrobrás, do BNDES e do antigo BHN (hoje Caixa Econômica Federal). É importante olha-la ao lado da de 1965 (ver fig. 33 e 34) quando sob o mesmo ângulo é possível compreender melhor o que aconteceu urbanisticamente com a Lapa (ver fig. 35 e 36).



#### 4. Lapa: categoria urbana e social.

“Estamos todos no centro do Insolúvel”  
Marcola, chefe do tráfico do PCC

##### *4.1. Olhares românticos e a Escola de Chicago*

Lugar por excelência da ambigüidade – do extraordinário ao banal – a cidade se oferece à antropologia urbana como um petisco raro e complexo, para o apetite de poucos. A inquietação de lidar com este artefato bruto da sua própria cultura foi uma questão para os pesquisadores da Escola de Chicago, na primeira metade do século XX, que lastrearam os caminhos da antropologia urbana com suas pesquisas de campo, indagações e metodologias, até hoje atuais, na medida em que se oferecem à reinvenção nos diversos trabalhos em que antropólogos continuam a se dedicar a estudar sua própria cultura ou manifestações que se expressam de forma privilegiada no território urbano.

Os estudos americanos e europeus desenvolvidos na primeira metade do século XX, nesta área, tinham por objeto cidades que cresciam de modo desmedido, sociedades em que a divisão do trabalho fazia pensar em especializações, tanto da força de trabalho, quanto dos modos de ocupar a cidade. Modelos sociais e urbanos que produziam segregações e guetos, fluxos de migrações entre os estabelecidos e os estrangeiros, compartimentos para classificar o comportamento humano a partir de categorias funcionais básicas como habitação, trabalho, lazer e circulação<sup>1</sup>. Assim por exemplo, quase que simultaneamente ao surgimento e decadência dos programas de construção de vilas operárias associadas à revolução industrial e ao desenvolvimento da implantação de complexos fabris, desenvolvia-se uma mentalidade de que morar bem era morar longe do barulho e da sujeira das fábricas, ou do comércio, ou do trabalho.

---

<sup>1</sup> Categorias funcionais estabelecidas pela Carta de Atenas, e pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – Ciams, como previsão da setorização das cidades num modelo de planejamento urbano modernista dos anos 30.



O processo de industrialização que, no Brasil se instala a partir da segunda metade do século XIX, transformou radicalmente as cidades organizadas segundo o fluxo de uma função comercial estratégica.

Da casa grande ao sobrado mantinha-se a lógica do trabalho associado à moradia e à família. Se no campo rural a casa grande era uma unidade industrial familiar (Freire, 1968, 1998, 2000), na cidade o sobrado se torna a unidade comercial familiar – comércio no térreo, residência no sobrado, com acessos independentes e interligados. A função comercial esteve desde sempre associada à constituição da cidade como um espaço de agregação de pessoas e do estabelecimento de relações primárias de troca. Desde há muito tempo e segundo Mumford, o comércio é visto como uma função estruturadora dos processos de sedentarização dos grupos humanos que aos poucos abandonam o modo nômade de ser – a coleta, a caça e a agricultura de subsistência – e passam a erguer suas cidades e, no interior destas, lugares de troca ou de poder: praças, templos e fortificações (Mumford, 1998). Há cidades que surgem no cruzamento de rotas de comércio, a volta de vazios centrais, feiras ao ar livre que aos poucos são substituídas pela formalização da construção de Mercados. São inúmeros os exemplos deste tipo de cidades em uma historiografia que mostra a evolução dos modelos urbanos de cidades associadas a diferentes civilizações e culturas, como indicam os estudos de Mumford citados.

O Rio de Janeiro colonial seria desde sua origem um entreposto, lugar de comércio, de importação e exportação de riquezas, valores, meios de subsistência, estilos, homens – senhores ou escravos. Assim suas estruturas urbanas, como casas e ruas, foram aos poucos se adaptando a um comércio que também se transformava e sofisticava. A tipologia arquitetônica colonial foi, de acordo com o desenvolvimento social e tecnológico, se modificando e aperfeiçoando para desempenhar os múltiplos papéis que lhe foram sendo conferidos ao longo

do tempo até chegar ao modelo do sobrado urbano que, como indiquei anteriormente, abrigava um uso misto de residência e comércio.

A industrialização das sociedades produziu, entretanto, rupturas significativas do ponto de vista urbano e construtivo. A construção de fábricas – grandes galpões no interior de tecidos adensados por edificações – levava à demolição de parte do tecido urbano. Ou a fábrica era construída nos terrenos vazios, nas bordas dos aglomerados urbanos e aos poucos era envolvida pela cidade em crescimento. A isso se somava a convivência de estilos arquitetônicos nem sempre esteticamente dóceis e harmônicos. As construções fabris e seus anexos, assim como as residências dos operários, eram marcadas pela funcionalidade e pelo baixo custo construtivo. Apuro tecnológico para criar grandes vãos livres, exploração da iluminação natural, paredes auto-portantes, tijolos aparentes no lugar de revestimentos de massa e pintura, criaram uma arquitetura de ferro, tijolinho e vidro, que foi apropriada na diversidade e plasticidade que os materiais permitiram em outros programas como as estações ferroviárias, as galerias de comércio<sup>2</sup>, os “Palácios de Cristal”.

Em comparação com o bucolismo das cidades comerciais alimentadas pelo campo, as cidades industriais se enfeavam e perdiam espaços livres, de repouso e fruição, perdiam a cadência de um tempo lento e se abismavam na aceleração das máquinas, além de receberem as colorações e detritos das fumaças lançadas por chaminés que pontuavam verticalmente o cenário. Levou tempo para que as sociedades industriais entendessem o que significava a aquisição dos confortos produzidos pelas máquinas, assim como passassem a usufruir o tempo livre conquistado pelo uso das máquinas no trabalho. O processo de industrialização radicalizou os movimentos migratórios do campo para a cidade, na busca ansiosa por condições melhores de vida o que gerou modos de relacionamento dos grupos sociais nos espaços urbanos bastante particulares. Os operários e trabalhadores ocupavam os lugares

---

<sup>2</sup> Chamadas de “passagens” por Walter Benjamin que a elas dedicou parte de sua atenção filosófica, considerando-as verdadeiros santuários do fluxo de capital gerado pelo comércio e consumo florescentes no século XIX. As passagens podem também ser interpretadas como os lugares do “vir a ser” na cidade.

“feios” e insalubres da cidade enquanto as classes altas iam morar nos bairros periféricos que começavam a surgir, com a distinção dos subúrbios, estabelecendo uma nova estrutura para a cidade cada vez mais atravessada pela segregação de classes e constituição de guetos. O adensamento das populações no espaço urbano era uma questão a ser pensada. Interpretado como um problema, precisava ser compreendido para ser superado. O aumento da concentração humana era uma das condições de existência das cidades modernas e as formas de relação social por ela produzidas eram uma verdadeira charada a ser decifrada.

Os trabalhos da Escola de Chicago se deparavam com estas questões e procuravam respostas, ou pelo menos métodos de trabalho, que permitissem compreender melhor o significado de determinadas questões como a formação de regiões inteiramente ocupadas por estrangeiros vindos de um mesmo país no interior da própria sociedade americana; a violência, a fragmentação ou a recomposição das relações de vizinhança etc. Uma das questões postas por uma cidade como Chicago era a necessidade de reinvenção dos modelos de sociabilidade herdados do modo intangível de viver em cidades pequenas, com populações menores onde a proximidade e os laços familiares tinham papel central na estrutura das relações sociais estabelecidas.

O estudo “O urbanismo como modo de vida”, de Louis Wirth, mostra que o universo de problemas a serem então pesquisados se relacionava com a questão do crescimento descontrolado das populações urbanas e o conseqüente comprometimento da qualidade de vida associada à preservação de valores familiares, manutenção de relações de vizinhança fortes e permanentes, moradias salubres preferencialmente distantes dos locais de trabalho, de forma a permitir que o descanso inerente ao repouso domiciliar fosse capaz de recompor este novo homem urbano da fragmentação imposta pelo caos das cidades modernas (Wirth, 1979). De fato as preocupações destes pesquisadores residiam na tentativa de entender que tipo de homem estas novas cidades seriam capazes de gerar, de que modo o coletivo e o individual

continuariam a pavimentar ruas e erguer edificações na lógica de uma vida estruturada pela mistura de relações familiares, de trabalho, étnicas, de vizinhança, da maneira como individual ou coletivamente os grupos de apropriavam da cidade. O quanto de cosmopolitismo e individualismo passaria a integrar em doses quimicamente ponderadas os novos comportamentos urbanos. Suas pesquisas identificavam um tipo de cidade, entre desconhecida e assustadora, a ser desvendada por métodos qualitativos de pesquisa de campo, que poderíamos chamar de antropológico, e que apontassem saídas ou uma mínima previsibilidade de que os projetos humanos continuariam a permitir a reprodução e manutenção da espécie humana na terra.

Wirth constata que as cidades modernas eram formadas por populações tradicionais que de alguma forma mantinham seus modos de vida e os misturavam às novas exigências. A cidade exercia uma espécie de papel nivelador das diferenças, fazendo com que, por outro lado, os grupos sociais construíssem mecanismos de resistência para manter suas singularidades. A cidade se constitui como um campo de forças destas disputas, às vezes sutis e invisíveis, outras explosivas e devastadoras dos modos de ser de indivíduos e grupos. A proliferação de *gangs* pelo território de Chicago, tão estudadas pela Escola de Chicago<sup>3</sup>, é um dos “sintomas” dos desajustes experimentados pelos novos modos de vida da metrópole do século XX.

O artigo “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” de Robert Ezra Park (1979), mostra exatamente a construção de um rol de perguntas e categorias criadas pelo autor para pensar a complexidade das sociedades urbanas naquele momento. Ao analisarmos os conjuntos de perguntas formuladas pelo cientista social vamos ver que já naquele momento a pesquisa podia ser construída como uma estratégia de busca da

---

<sup>3</sup> Segundo Ulf Hannerz, são vários os estudos sobre *gangs*, desde Frédéric M. Thrasher, com seu livro *The Gang*, publicado em 1927 e que estudava 1313 *gangs* de Chicago, até o estudo meticuloso de William F. Whyte, *Street corner society* (1943), recentemente traduzido no Brasil sob a iniciativa do professor Gilberto Velho, que trata de uma extensa etnografia sobre uma única *gang* de Boston.

“boa pergunta”<sup>4</sup>, ou seja aquela pergunta que permitiria ao pesquisador encontrar respostas-saídas e não se estatelar diante de becos sem saída. Ainda que estivesse presente uma lógica capaz de prender o pesquisador em armadilhas como a noção de causa e efeito na construção das perguntas, o que Park procura é identificar os diferentes ambientes sociais nos quais as relações estruturadas pela trama urbana pudessem ser entendidas e pensadas. Uma importante categoria pensada por Park para analisar a metrópole moderna é a de “região moral” que mais adiante utilizarei para pensar a Lapa.

Walter Benjamin (1991), filósofo da escola da Frankfurt, também discutiu, na primeira metade do século XX a cidade industrial, a cidade dos fluxos do capital gerados pelo comércio, e é na literatura, com Baudelaire, que ele vai encontrar caminhos para se aventurar a observar as atitudes dos homens que viviam nestas cidades. O flâneur, o catador de lixo (ver fig. 37 “a” e “b”), o botânico do asfalto, são personagens desta cidade cada vez mais complexa e difícil de ser interpretada e que se torna o lugar dos conspiradores, aqueles cuja existência é incerta, que dependem do acaso e têm uma vida irregular cujos únicos paradeiros fixos são as tabernas, os *rendez-vous*; homens que se relacionam com gente equívoca e que no fim das contas serão rotulados como boêmios. O que chama a atenção na leitura de Benjamin é que esta era exatamente a Lapa dos anos 1920: um lugar cuja atmosfera sombria, de becos mal iluminados, favoreciam determinados tipos de comportamentos, inclusive o da conspiração – política, amorosa, literária. Estes fatos não estão registrados na historiografia oficial. Mas a Lapa era cenário de personagens como Madame Satã<sup>5</sup>, um tipo humano urbano tropical, produzido pela jovem metrópole carioca do século XX, além de todos os que já foram apresentados no capítulo 3. A *flânerie*, por exemplo, tem como seu digno representante

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Luis Eduardo Soares, em texto que integra os relatos publicados em *Cabeça de porco*. Este livro reúne material pesquisado por Celso Athayde, MV Bill e Luis Eduardo Soares, sobre o tráfico de drogas no Brasil e editado pela Editora Objetiva em 2005.

<sup>5</sup> Personagem antológico da Lapa dos anos 30, Madame Satã era um capoeirista homossexual que transitava entre os mundos marginais, ora como marginal estigmatizado por seu comportamento sexual, ora respeitado como segurança por sua destreza na luta da capoeira.

carioca o jornalista João do Rio<sup>6</sup>, que além de vagabundear pelas ruelas e becos da cidade faz seu registro etnográfico e literário de uma cidade que ele vê se apagar para dar à luz uma nova, mais moderna, higiênica e de bons modos europeus. A cidade que ele nos mostra é uma intensa cartografia de homens, filigranas de seus hábitos e gestos, retratos de personagens que longe de se destacarem pela nobreza, fazem parte do dia a dia infame da cidade, mais exótico por que fora do foco do interesse de uma visão que privilegie um certo olhar burguês ou das classes abastadas. O'Donnell esmiúça a personalidade de João do Rio à partir de uma detalhada etnografia de seus escritos jornalísticos e literários (O'Donnell, 2007). Para esta autora, João do Rio é um etnógrafo do seu tempo e traduz no estilo literário de redigir crônicas a aceleração da velocidade nas metrópoles (e eu acrescentaria, assim como Baudelaire no “spleen” de seus poemas). Desta forma a crônica seria este modo literário e porque não antropológico, de registro do tempo fugaz, que passa, diz ela: “a crônica é tempo feito texto” (O'Donnell, 2007: 71). João do Rio era um homem do seu tempo, que por ser escritor e ter um espírito talvez de etnógrafo, nos legou um retrato vivo da cidade na qual viveu. Relato este que nos permite olhar para uma série de vestígios materiais como lugares de memória e para uma série de práticas sociais como tradição, repetições, reinvenções.

As crônicas de João do Rio revelam uma cidade decadente e de beleza muitas vezes indescritível. Uma cidade feita da misturas de raças – chineses, ciganos, portugueses, espanhóis, africanos – e da diversidade de funções – tatuadores, pintores de placas e murais decorativos, caixeiros viajantes, papa defuntos, fumadores de ópio. Hábitos e homens que se misturam a uma paisagem urbana decadente: vielas escuras, ruas estreitas, casas desmoronando, circundados por uma paisagem exuberante de morros, florestas, mar, rios e lagoas...

---

<sup>6</sup> Jornalista que viveu no Rio, entre 1881 e 1921 registra nas crônicas de jornal do início do século XX as transformações que assolam a cidade colonial em sua transição para o mundo *belle époque*.

A cidade é pura paisagem que, por sua vez, não é o objeto principal da observação do *flâneur*, obcecado por pessoas, gestos, atitudes, modos de ver o mundo, pouco habituais embora corriqueiros, num universo insuspeito, escondido entre a cidade colonial e a moderna.

Muitos destes hábitos foram apagados pelas reformas urbanas, que no fundo, tinham também a intenção de dizimar os homens que com esta cidade pactuavam seus modos de vida marginais e miscigenados.

O texto de João do Rio é lírico. É emocionado e passional. É o texto de alguém que não caminha impune pela cidade e que a olha como um objeto passional (Baptista, 2003). Seu corpo esta, quase sempre, implicado nas sensações que seu olhar perscruta. Romântico, impressionista, simbolista, realista – são adjetivos que não tem por função enquadrarem-no e a sua prosa num estilo literário específico, mas mostrar a riqueza de que sua bricolagem de cronista é capaz.

É da realidade nas suas múltiplas facetas que ele se ocupa. Com um olhar modificado pelas sensações e pelos afetos. Seu texto, desta forma, nos remete como que de golpe para paisagens que não vimos, mas somos perfeitamente capazes de imaginar. Seu texto produz imagens e atíça a imaginação na direção da prova da existência de uma cidade que escapou a pintores, fotógrafos e historiadores. Os componentes psicológicos intensificam o colorido das descrições, as sensações tornam o texto insuportável ou palatável, dependendo do que é descrito, da cena que atrai o olhar do cronista – se estamos na rua acompanhando os passos ondulantes de uma mulher ou se estamos numa sala escura e suja entregues clandestinamente aos efeitos do ópio.

João do Rio era um homem do século XIX, cujo olhar moderno recriava paisagens da cidade onde morava. Seu texto caminha entre os limites de tempos que recortavam a cidade, o confronto do antigo e do moderno alinhavam sua visão de mundo e faziam de sua escrita algo um pouco bucólico e ao mesmo tempo violentamente realista.

Ele foi o grande cronista das intervenções efetuadas pelo prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o século XX, e nosso *flâneur* tropical. Ao lado de grandes escritores como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, suas crônicas guardam descrições de uma cidade que desapareceu, ou que permanece escondida em vestígios que o tempo e os homens tentaram apagar com maquiagens, embelezamentos, superposição de estilos e que é preciso visitar quando ao percorrer a Lapa nos deparamos com tantos testemunhos do passado!

Talvez ao longo do tempo no Rio de Janeiro e em particular na Lapa, um pouco das cidades que provocavam Park, Wirth, Benjamin e Baudelaire tenham existido, permanecendo nos relatos dos viajantes e nas crônicas dos amantes da cidade<sup>7</sup>.

#### *4.2. A Lapa reinventada na constelação móvel da cidade*

O crescimento desordenado e a permanente preocupação com a imagem da cidade em termos da atração que poderia exercer sobre o investimento de capital internacional e para a indústria do turismo, por exemplo, levaram a uma modelagem na forma de habitar seus espaços da qual somos herdeiros e que as políticas públicas e os investimentos privados tentam discutir, especialmente a partir do advento das políticas de preservação do patrimônio cultural e da “monumentalização” da cultura nos anos 1970 e 1980<sup>8</sup>. Ainda assim a cidade continua a ser pensada para as classes mais altas ou para aqueles capazes de gerar recursos para a própria cidade. Aos projetos de revitalização veio incorporar-se, com o passar do tempo, o discurso da auto-sustentabilidade. Trazido do meio ambiente, este termo traduz a ideologia de que a cada movimento de preservação deve corresponder uma ação geradora de

---

<sup>7</sup> No Capítulo 3 tratei mais detidamente de outros importantes autores que escreveram sobre a Lapa e foram devidamente selecionados nas Antologias de Gasparino Damata (1978) e Isabel Lustosa (2001).

<sup>8</sup> É importante registrar que a política de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional data de 1937 e desde então seus reflexos se fazem sentir em maior ou menor grau nas grandes cidades. Nas décadas de 70 e 80, no caso da cidade do Rio de Janeiro, é quando se estabelece uma política ostensiva de preservação de conjuntos urbanos e, por parte da Prefeitura, é criado o projeto Corredor Cultural, que objetivava a revitalização da área central da cidade.



recursos financeiros e materiais capaz de manter não apenas o objeto alvo da preservação, mas o seu entorno e parte do que talvez fosse papel do poder público realizar. Assim a responsabilidade social do empresariado é muitas vezes envolvida em estratégias políticas para exercer a responsabilidade pública do estado, e desta forma empresários passam a participar e decidir sobre políticas públicas de modo um tanto quando discutível. As fronteiras públicas e privadas se apagam num piscar de olhos e a tensão do campo de lutas no espaço urbano deixa de ser saudavelmente mediada pelo poder público que, a rigor, teria o poder e o dever de resguardar, entre vários direitos, um lugar para os mais despreparados neste tipo de disputa, esta sempre injusta correlação de forças que modela as cidades contemporâneas.

A Lapa não escapa desta lógica ou desta armadilha ideológica. Entretanto moradores, trabalhadores, usuários, empresários/capital privado, edificações e tecido urbano exercitam uma técnica ilusionista de se recriarem em situações inusitadas e imprevistas ao longo do tempo, o que de alguma forma explica esta permanência na Lapa no tempo e no espaço.

Uma das perguntas feitas nesta etnografia diz respeito à categoria a qual pertenceria a Lapa na constelação urbana da cidade: bairro, região, sub área, paisagem cultural, desvio, rota principal, lugar, região moral? E a precisão de um tipo de classificação talvez não tenha uma importância fundamental, a não ser a de diferenciá-la no interior de uma categoria urbanística geral – II Região Administrativa-Centro do Rio de Janeiro<sup>9</sup> – a qual está aprisionada e que no entendimento produzido por esta pesquisa desconsidera a singularidade social e urbana da Lapa. (ver fig. 40).

---

<sup>9</sup> As atuais Regiões Administrativas foram instituídas pelo Decreto Municipal n.º 3158 de 23/07/1981, como forma de delimitação dos bairros. Acompanha as divisões estabelecidas pelo PUB-Rio (Plano Urbanístico do Rio de Janeiro) elaborado na década de 70. Assim o centro do Rio se localiza na Área de Planejamento 1, que por sua vez se sub-divide em: I Região Administrativa – Portuária, que tem como bairros Saúde, Gamboa, Santo Cristo, Centro-parte e Caju-parte; II Região Administrativa – Centro, que tem como bairro Centro-parte. O que se apreende daí é que Lapa, Bairro de Fátima, Cruz Vermelha, Praça Tiradentes, Cinelândia, Largo de São Francisco, Saara, com todas as suas particularidades sociais, culturais e urbanas são sintetizadas como “Centro”; III Região Administrativa – Rio Comprido, que inclui os bairros do Catumbi, Rio Comprido, Cidade Nova, Estácio e Praça da Bandeira-parte.

Uma importante contribuição para os estudos da Antropologia Urbana vem hoje de Portugal. Os estudos de bairros locais, assim como a realização de encontros e seminários sobre o tema, e principalmente o estreito intercâmbio que se consolida entre o Brasil e Portugal nesta área e a partir do PPGAS/MN/UFRJ, tem sido o responsável pela produção e troca de uma significativa bibliografia que é a base deste capítulo em que tento investigar a “dimensão bairro” da Lapa.

Existe um momento no qual os antropólogos começam a não fugir mais das cidades (Hannerz, 1980), orientando suas pesquisas para as sociedades complexas que habitam o urbano, discutindo a relação entre etnografia (lugar observado) e o seu contexto (a cidade). A cidade e seu papel histórico fundamental de transformação cultural das sociedades humanas. Importante destacar que ao longo do processo de investigar a cidade e seus grupos sociais, durante muito tempo, trabalhos importantes se desenvolveram sob o olhar da cidade como “locus” das atividades humanas e não como “focus” da investigação como observa Cordeiro na apresentação do livro *Etnografias Urbanas*. A uma antropologia *da* cidade sucede uma antropologia *na* cidade, relacionando os fatos sociais, as relações de sociabilidade com os cenários urbanos nas quais se estabelecem e desenvolvem, resultado de uma maior interação com a própria cidade (Cordeiro, 2003).

Mas o que vem a ser fazer uma antropologia na cidade quando a olhamos como contexto da observação etnográfica? Significa olhar a cidade como parte do texto que dá sentido e completa o que se observa nas relações sociais travadas no seu interior. Olhar a arquitetura, a estrutura urbana, os modos de morar, os percursos, os modos de usar, os lugares de memória, os espaços de sociabilidade, como facilitadores, indutores, ordenadores dos processos sociais de troca e convivência na cidade; como signos que nos desafiam a empreender uma pesquisa sobre este complexo objeto.

É preciso compreendê-lo na relação da parte (bairro) com o todo (cidade) pois é ai que se apresentam algumas das “explicações” sobre a maneira como se desenvolve urbanisticamente um lugar na cidade. Do mesmo modo a identificação das relações sociais aí estabelecidas e sua vinculação a outros grupos, bairros, mostra o quanto de permeabilidade e trânsito conformam cada local e tecem a trama de sustentação da cidade.

A cidade se oferece ao conhecimento a partir de diferentes escalas: é possível olhá-la como um rato ou como uma águia<sup>10</sup> e cada olhar vai revelar uma perspectiva. As políticas públicas urbanas, tendem a olhar a cidade na sua macro-escala, a partir de vôos rasantes, enquanto uma determinada perspectiva da antropologia urbana tenta olhar as micro-escalas, escala básica da convivialidade como estruturante das sociedades, informações diretas, de primeira mão, transmitidas a partir de interações de tipo face a face.

A micro escala da vida cidadina pode nos oferecer novas imagens da cidade e seus lugares. As diferentes escalas de observação são um problema para as disciplinas que lidam com as cidades e também para a antropologia urbana. O método de analisar a evolução urbana de uma cidade e do bairro estudado permite apreender uma escala, enquanto os relatos de vida colhidos entre habitantes desta ou daquela rua nos oferecem as dimensões sociais, afetivas, relacionais. Interpretar a cidade ou um bairro é muitas vezes realizar a superposição destas escalas e dimensões que no fundo geram uma imagem parecida com aquelas criadas pelo efeito dos espelhos em um caleidoscópio.

Evitar a cidade próxima (Cordeiro, 2003: 19) para termos o distanciamento do objeto necessário ao bom entendimento do que se observa ou enfrentar a cidade próxima acurando ferramentas como o estranhamento do que é familiar (Velho, 1981) para tentar penetrar em outras dimensões que a vida na cidade pode ter, é um dilema permanente para quem se aventura a fazer antropologia urbana. O levantamento do dado qualitativo exige uma

---

<sup>10</sup> Olhar do alto ou olhar de dentro, Hannerz, 1983.

aproximação desmedida com o objeto e é esta apropriação o que de fato diferencia as várias abordagens que se pode efetuar sobre uma cidade.

Há Lapas dentro da Lapa. E em muitos momentos a que se apresenta é a Lapa como lugar de boemia simbolicamente construído. Se para os roteiros culturais e de divertimento esta construção é importante, enfatizada e usada como uma verdadeira propaganda, para a vida local os limites e a construção simbólica da boemia parecem assinalados pela maneira de viver. É claro que viver num lugar boêmio é algo significativo, mas não especialmente enfatizado nas falas sobre o bairro. De uma maneira singular, entre as pessoas que entrevistei, o que parece chamar a atenção, pelo incômodo que provoca, é a degradação do espaço urbano, o descuido com certos imóveis, o barulho, a gritaria dos jovens que freqüentam os bares. A pouca urbanidade do bairro em termos de tratamento, cuidado e uso das áreas públicas, como ruas e calçadas, é o que sobressai como queixa no cotidiano de morar na Lapa. A liberdade de viver num lugar eclético como a Lapa não é nomeada como um valor diretamente. Homossexuais, negros, artistas, aposentados, músicos, artesãos, motoristas de táxi, camelôs, pessoas com modelos de vida não convencionais convivem com outras convencionais, e a Lapa se redesenha como uma espécie de anti-gueto, lugar da diversidade, sem assumir um caráter de apaziguamento, de lugar onde não existem conflitos, disputas, discriminações.

Para apreender estas diferenças é preciso usar os métodos de pesquisa qualitativa antropológica, com ênfase em uma abordagem holística, um mergulho no local, a produção de uma etnografia densa, que perscruta também a dimensão simbólica das diferentes realidades e representações. (Cordeiro, 2003: 25). Segundo Costa, citado por Cordeiro (Cordeiro, 2003: 26) “o conhecimento, *in locu*, das cidades plurais através de uma abordagem etnográfica que seja um ‘antídoto às abstrações desenraizadas’ praticadas em vários campos disciplinares” deve ser um dos objetivos claros partilhado pela pesquisa antropológica e sociológica. Entre

os vários campos disciplinares produtores de abstrações desenraizadas podemos incluir a arquitetura e o urbanismo, por exemplo, com suas decisões de gabinete ou soluções de prancheta, nas quais o distanciamento da realidade produz abstrações, e para os quais a ausência de dados qualitativos, induz a uma visão desenraizada do campo social que dá substância à cidade e que não só deve ser preservado, como incluído como item determinante dos projetos e intervenções estudados. Nesta medida cabe defender a inclusão de outras disciplinas, voltadas para o campo social, nas análises que procuram dar conta das cidades contemporâneas. Uma estratégia de melhor compreendê-la é abordá-la de forma holística, integral. Substituir a tradição da análise que fragmenta e decompõe, por um olhar abrangente e integrador que permita divisar a cidade em suas particularidades e inter relações para, a partir daí, poder pensá-la e propor estratégias de enfrentamento dos inúmeros problemas que apresenta é um desafio e uma necessidade.

Para Baptista, a cidade pode ser vista como um conjunto de territórios e relações sociais, uma “coisa passional” que se oferece ao conhecimento pela via da sedução (Baptista, 2003). Cidade que é preciso persuadir com arte e manha para que nos abra sua intimidade e segredos, tanto físicos como incorporais. Seduzir mais do que induzir, atrair a cidade para que ela revele de si o que não sabemos ao invés de induzi-la a repetir o já conhecido é inverter um pouco os métodos tradicionais de trabalho.

A Lapa seduzida por nosso olhar antropológico pode nos oferecer uma versão de lugar de memória, de perdição, de desfrute, de moradia ou de lazer. A variedade quase infindável de adjetivos que o termo “lugar” admite me faz pensar que este talvez seja o conceito mais adequado para se enquadrar ou fazer uma tentativa tímida de classificar as Lapas. O trânsito por hipóteses de classificação, entretanto, é utilizado neste trabalho apenas como uma forma de iluminar as diferentes realidades que a Lapa oferece a quem se dispõe a observá-la, estudá-la, entendê-la e por fim interpretá-la em uma breve e fragmentária etnografia. Por outro lado

iluminar as pequenas peças de cores diferentes que formam o mosaico da Lapa pode contribuir para que ela seja vista na sua singularidade e complexidade, de um modo diferenciado como merecem as pessoas que ali habitam, muitas vezes carentes de políticas urbanas, sociais e culturais – políticas públicas enfim – mais adequadas e específicas. O trabalho de campo na Lapa leva a pensar que talvez existam políticas públicas possíveis quando se quer pensar na função habitacional dos centros das “grandes metrópoles”.

A Lapa enquanto uma porção de território diferenciado da área central da cidade ficou, durante muitos anos, ocultada por uma visão global que instituiu para todo o centro do Rio a designação de Área Central de Negócios, subdividida em AC-1<sup>11</sup> e AC-2 e que privilegiava a função trabalho em detrimento de várias outras nas quais a região da Lapa talvez se inserisse de forma mais orgânica dadas as características de sua formação e evolução, tanto social quanto urbana. Durante este período, especialmente o uso residencial na área central da cidade é alvo de coibição por parte da visão política e urbana instituída pela Prefeitura do Rio, que entendia ser fundamental estimular e consolidar uma área de negócios capaz de atrair grandes empresas e o capital mais moderno para investir no centro da cidade. A este projeto associavam-se evidentemente usos complementares, como o de prestação de serviços e comércio que gravitam em torno dos grandes negócios. O uso residencial remanescente no centro, por sua vez, caracterizava-se por atender a uma população de baixo poder aquisitivo, localizada em áreas degradadas e que não combinavam com esta visão empreendedora de uma área central de negócios, mesmo que estes moradores, em alguma medida, formassem parte do contingente de trabalhadores necessário ao funcionamento do centro da cidade.

A desvalorização da função residencial pode ter como conseqüência o descuido em relação à infra-estrutura inerente ao morar e ter como sub produto tanto o êxodo da população afeita a morar nas áreas centrais, porque gosta, porque com ela se identifica, quanto à própria

---

<sup>11</sup> AC, sigla de área central. Estas designações são instituídas à partir do PUB-Rio, 1976, momento de formalização de um plano urbano para o Município, considerado moderno e até hoje vigente num certo sentido.

degradação social, crescimento da violência, estímulo a comportamentos predatórios em relação aos espaços públicos, desapegados e sem interesse na preservação e no cuidado com a cidade. Pode também gerar algum tipo de inércia, perda ou comprometimento do sentimento de estima relacionado com o viver bem e saudável, uma espécie de acomodação à degradação, ou ainda uma surda e cega resistência construída no interior do espaço domiciliar bem tratado e que provoca a permanência. Na Lapa podemos encontrar um pouco de cada uma destas situações.

O termo “lugar” vem sendo reinventado em seus múltiplos sentidos e em especial nas práticas preservacionistas brasileiras enquanto uma das categorias de classificação do patrimônio cultural considerado como intangível. As novidades em atribuir-lhe sentidos instiga a manipular o termo com um certo cuidado na medida em que é um conceito por construir. Passados quase seis anos da promulgação do decreto brasileiro que institui a proteção do patrimônio imaterial o registro dos lugares recebeu sua inscrição inaugural recentemente, voltada para a preservação da Cachoeira de Iauaretê, considerada lugar sagrado para os povos indígenas dos rios Uauapés e Papuri.

Inserido em um tipo de artificialidade quase laboratorial de separação entre um mundo material e um outro imaterial, muitas vezes alheio à interação e misturas próprias das culturas humanas cada dia mais híbridas, o patrimônio imaterial tem como uma de suas categorias os lugares<sup>12</sup>. O que vem a ser um lugar, na opinião do Iphan<sup>13</sup> e de seus parceiros na empreitada de preservação das culturas que hoje integram a nação brasileira, é uma questão que ainda está por ser respondida. Desde 1984, a partir dos estudos para tombamento do Terreiro da Casa Branca em Salvador, que uma inflexão para a política preservacionista tradicionalmente

---

<sup>12</sup> As categorias de registro do patrimônio imaterial são: Livro de Registro dos Saberes, para os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; Livro de Registro de Celebrações, para os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social; Livro de Registros das Formas de Expressão, para as manifestações artísticas em geral; e Livro de Registro dos Lugares, para mercados, feiras, santuários, praças onde são concentradas ou reproduzidas práticas culturais coletivas.

<sup>13</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão ligado ao Ministério da Cultura responsável, desde 1937, pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro a nível Nacional.

voltada para edifícios monumentais e cidades, já se delineava, como bem observa Velho, em artigo publicado na *Revista Mana* (Velho 2006). Em suas observações o autor aponta para a emergente discussão, naquele estudo de tombamento, a respeito da necessidade de o Iphan buscar instrumentos adequados para lidar com o fenômeno social em permanente processo de mudança, assim como para o constante e ininterrupto processo de negociação da realidade, a partir do qual instituições e indivíduos se transformam. A criação do Registro como instrumento legal de preservação do Patrimônio Imaterial é, sem dúvida, um avanço nesta direção.

Os estudos em andamento sobre os lugares sagrados de povos indígenas, feiras populares nas áreas interioranas dos estados brasileiros, em particular do nordeste; a conclusão de apenas um processo que permitisse a abertura desta discussão no âmbito do próprio Conselho Consultivo do Iphan indicam, num primeiro momento, a delicadeza e mesmo a saudável dificuldade de pensar e propor ações que dêem conta do reconhecimento, da importância e da necessidade de preservação dos lugares – efêmeros e transitórios na imaterialidade de serem construídos dentro de processos sociais – no interior de uma visão cultural estratégica, hoje muito veiculada a questões de sustentabilidade e gestão do patrimônio por parte dos detentores destes bens culturais, ou seja, a sociedade. A própria metodologia das ações voltadas para a preservação do patrimônio imaterial, que preconiza uma abordagem processual, desde a identificação e inventário das manifestações, seguida ou não do registro e acompanhada por planos de salvaguarda, ainda constitui um enorme campo experimental para as práticas de preservação, tanto institucionais quanto empreendidas pela sociedade. Nesta medida há muito mais perguntas e questões levantadas do que respostas e soluções encontradas. Por outro lado é preciso considerar que a construção da noção de lugar, no interior da categoria dos bens intangíveis, foi construída parcialmente no esteio de uma espécie de contra noção do “não-lugar” pensado pelo antropólogo Marc Augé. A categoria



lugar estaria então relacionada à idéia de um lugar antropológico, ou seja, uma espécie de recorte/moldura através do qual é possível para o antropólogo entender um pouco o seu objeto de estudo no contexto de um determinado espaço e sob certas condições, num processo de interação entre o humano e o espacial, o social e o urbano (Augé, 2004); entender o lugar, para aquele que o habita, como investido de dimensões e sentidos que a vida ali vivida pode lhe conferir. Para Asa Briggs “space is transformed into place as it acquires definition and meaning” (Briggs, c1875), ou seja, a corporeidade e singularidade do lugar resulta de uma forma de apropriação social do espaço, que o delimita e dá sentido. Uma vez “criado”, o lugar passa a interagir com o meio social e gerar comportamentos, modos de uso, circuitos, temporalidades próprias para os que nele transitam ou moram e permanecem.

A díade lugar/não-lugar, enquanto par de oposições, nos permite pensar um pouco mais sobre esta categoria. Enquanto o não-lugar é caracterizado pela transitoriedade e anonimato, pela fugacidade do estabelecimento de relações casuais e efêmeras, fundadas no compartilhamento de uma espécie de universalidade do instantâneo de estar ali, da ausência de rastros e registros, da impessoalidade e padronização do estilo da decoração e da arquitetura, levando a uma impessoalidade e padronização de comportamentos, lugares onde as raízes não crescem entre os mecanismos de esteiras e escadas rolantes e que conformam grandes (des)territórios; enquanto o não-lugar se funda sobre a identidade do passageiro<sup>14</sup>, sem duração, puro presente; o lugar é o seu oposto e antípoda. Feito de permanências, história e identidades, o lugar marca e é marcado por coletividades que compartilham convivências (densas ou leves) no espaço urbano, para o bem ou para o mal. O que quero dizer com isso é que a convivência no espaço urbano, nem sempre feita da escolha por afinidades, pode construir tanto um ambiente de harmonia quanto de guerra para o qual contribui a cultura urbana e seus paradoxos: individualista e coletiva, gregária e

---

<sup>14</sup> Aqui também entendido como “os que estão de passagem”.

segregacionista, identitária e plural. Esta cultura que no entendimento de Gilberto Velho, não exclui as diferenças, mas antes se alimenta delas – estabelecendo pontes, diálogos, trocas (Velho, 1994: 77). Misturando doses de cada uma destas características os grupos sociais conformam cidades, bairros, ruas, edifícios. O lugar se constitui a partir das trocas sociais, na partilha de mundos simbólicos, na pregnância de um passado que coexiste nas ranhuras do tempo, das arquiteturas, dos elementos construtivos, dos objetos, dos guardados; constitui-se por afinidades e identidades, pela opressão dos valores e símbolos (Augé, 2004: 107) que o fundamentam, assim como da espessura da duração que carrega e alimenta.

O lugar se abre para o dentro, para a territorialização de práticas e durante o tempo em que estas se dão num determinado espaço, enredando tessituras que obrigam a permanecer ou criam armadilhas fundadas no hábito da repetição de freqüentar.

Podemos concordar que “Cities are collections of places as well as places in themselves” (Briggs citado por Enne, 2002: 37). Desta forma a Lapa poderia ser pensada como um lugar em si mesma e uma coleção de lugares a partir de cada uma de suas ruas, de suas calçadas, de suas esquinas, de seus pontos de encontro, de suas moradias, etc.

A instigante bibliografia na área de estudos urbanos empreendidos pelas Ciências Sociais em Portugal<sup>15</sup>, da qual tenho me valido, talvez mais do que devesse, segundo um processo de apropriação de certos conceitos e sua recriação a partir do contato com outras realidades observadas e estudadas – me permitiu praticar uma espécie de antropofagia intelectual. As densas etnografias lidas como quem atravessa o Atlântico ao encontro das sutis (re)descobertas de parentescos, filiações e diferenças, me permitiram lançar outros olhares sobre a Lapa e o Rio de Janeiro, reinventar a receita degustada com um bom vinho e ao som

---

<sup>15</sup> Desde o início deste estudo sobre a Lapa meu orientador Gilberto Velho, ofereceu generosamente os frutos de sua competente parceria intelectual e afetiva com os cientistas sociais de além mar que vem desenvolvendo um importante trabalho na área da antropologia urbana em Portugal. Neste caminho fertilizado por densas etnografias, tive a oportunidade de poder ler os trabalhos de Antonio Firmino da Costa – *Sociedade de bairro* (sobre a Alfama), e Graça Índias Cordeiro – *Um lugar na cidade* (sobre a Bica), entre outros, que se tornaram textos seminais em minhas reflexões sobre a Lapa.

híbrido de fados e choros que embrenham os ouvidos e enganam a alma. Na alma enganada reverbera uma cidade espelhada na outra, sem semelhança ou mera coincidência, na qual as diferenças de olhar, abordagem e interpretação, permitem fazer uma divertida bricolagem instantânea e fugaz, entre a Lapa, a Alfama e a Bica.

#### 4.3. *Os lugares*

A Lapa como tantos outros lugares na cidade e mesmo os bairros portugueses investigados pelas ciências sociais, embora não possua limites e fronteiras desenhados com precisão pelo intrincado de ruas, morros, marcos simbólicos, se oferece a nossa aproximação através de um “conjunto de pontos balizadores do perímetro do bairro” (Costa, 2003) que ainda assim pode ser mais ou menos alargado. Balizam o perímetro da Lapa o Passeio Público, a Praça Paris, a encosta de Santa Teresa – ruas, ladeiras e escadarias de acesso –, a Praça da Cruz Vermelha, o Bairro de Fátima, a Praça Tiradentes, o Campo de Santana. Divide esta região, no sentido Morro de Santa Teresa-Morro de Santo Antonio, a estrutura do antigo Aqueduto que abastecia de águas a cidade. Hoje esta construção funciona como uma espécie de ponte de acesso aos bondes que fazem transporte para o bairro de Santa Teresa, constituindo-se juntamente com seu entorno imediato<sup>16</sup> como o núcleo duro do bairro. É a parte exposta e de maior visibilidade, onde o uso residencial é praticamente inexistente, ficando patente que o antigo núcleo da Lapa, todo ocupado por sobrados no século XIX, hoje continua sendo o mesmo, recriado no vazio da demolição das casas ocorrido na década de 70 do século XX, no vazio do uso residencial, e reinventado por todos os novos sentidos que a contemporaneidade lhe conferiu. O que me parece importante observar é que a “...Lapa revela uma possibilidade de renascer, de regenerar seu tecido, tantas vezes agredido e desfeito pelo

---

<sup>16</sup> Este entorno é onde se localizam importantes equipamentos culturais como o Circo Voador, a Fundação Progresso, o calçadão da rua Visconde Maranguape que além de ser o *point* dos vendedores ambulantes de bebida se localizam: a casa noturna Asa Branca, a pizzaria Guanabara, o espaço Hombu de teatro, a escola de teatro Ta na rua, entre outros.

poder público”<sup>17</sup> – e assim também talvez seja a gente que ai mora, pois o processo de resistência material e simbólico de um lugar não se faz sem a participação de pessoas.

Observando as ruas da Lapa vemos todo tipo de gente por ai circulando. É possível então pensar que existem várias Lapas dentro da mesma Lapa, que podem ser percebidas em pequenos detalhes, vestígios e testemunhos da existência de uma Lapa no tempo, a história de uma espécie de cultura “lapiana” feita da espessura da superposição das várias Lapas. Assim existe uma Lapa geográfica, localizada no tempo e no espaço da cidade do Rio de Janeiro, entre morros, baixios, alagados e o mar; uma Lapa que se transforma no processo de urbanização da cidade, desde quando funcionou como periferia da área central até ser por ela completamente incorporada; uma Lapa que resiste ao processo de abandono do centro, quando bacana era morar na Tijuca ou em Copacabana; uma Lapa no processo de reapropriação da cidade, quando a revitalização das áreas centrais é vista como fomento do comércio de bares e casas noturnas e uma grande atração para as populações dos outros bairros da cidade e os turistas que ai vêm em busca de alegres noitadas boêmias; uma Lapa histórica outra tradicional, uma Lapa moderna outra reinventada, uma Lapa para cada morador e transeunte.

A localização da Lapa em relação ao mapa da cidade, a incisão provocada pelos eixos viários das ruas Mem de Sá e República do Paraguai, a permanência do caminho colonial da rua Riachuelo, e o fluxo pesado de tráfego que por ai circula tanto nas primeiras horas do dia, quando a cidade se enche, quanto no final do dia, quando a cidade se esvazia, fazem da Lapa um lugar “prisoneiro da passagem”<sup>18</sup>. O tipo de comércio e prestação de serviços ai

---

<sup>17</sup> Lílian Fessler Vaz e Carmen B. Silveira, “A Lapa boêmia na cidade do Rio de Janeiro: um processo de regeneração cultural? Projetos, intervenções e dinâmicas do lugar.” In *Intervenções em Centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. Org. Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho, 2006.

<sup>18</sup> A expressão “Prisoneiro da Passagem”, é o título de um curta metragem de Hugo Denizart. 23 min. 1982. Arthur Bispo do Rosário foi interno da Colônia Juliano Moreira por mais de 50 anos e lá desenvolveu um trabalho artesanal e artístico que remetia diretamente ao seu universo pessoal. Esse documentário mostra sua vida e sua obra, revelando um artista inspirado e reconhecido internacionalmente. A expressão foi por mim utilizada livremente para tentar descrever toda a mobilidade, a não permanência, que caracteriza um lugar como a Lapa hoje.

implantado tradicionalmente, assim como os novos, fazem com que seja um lugar aonde as pessoas vão a busca de algum tipo de interesse específico. Também a população local se desloca por suas calçadas, pois uma das qualidades locais é a acessibilidade à pé a uma série de facilidades como comércio, serviços médicos, igrejas, escolas, cursos, etc. Todos os meus interlocutores demonstraram possuir uma relação íntima e de pedestre com a cidade como um todo.

“A relação com o centro da cidade, conheço muito, eu acho que conheço muito, não conheço rua, por exemplo, se você disser o nome da rua não sei, mas se me der uma referência eu sei, sabe o Bradesco perto de não sei o quê, sei, ai eu me acho, agora se você me perguntar qual é a rua tal, ai eu me embaralho todo, não mais tanto, quando eu era menor era pior, eu sei as referências os detalhes, e por aí eu me acho. Conheço bem a cidade até a avenida Marechal Floriano, depois disso eu não conheço. Se você me falar: vai à (ao prédio da) Polícia Federal, eu vou, porque o ônibus C-10 passa em frente à Polícia Federal, vai para o Hospital dos Servidores, eu já fui, então eu sei. Da avenida Marechal Floriano para cá é a parte comercial do centro basicamente, e o começo ali da avenida Rio Branco, que tem os prédios da Marinha, e tem um terminal de ônibus ali, dali para cá eu conheço tudo embora não saiba os nomes de ruas. Na Marechal Floriano, por exemplo, tem o Senac, tem um sebo que eu compro sempre, tem muita loja de esportes, se precisar comprar uma bola é ali que eu vou (...) mas minha relação basicamente com o centro é a relação da parte comercial, onde se resolve uma porção de coisas. Pagar contas, saber onde tem um curso, ir ao Fórum, saber onde é a editora tal para comprar o livro tal, um lugar onde vende revista em quadrinhos especiais (antigas, importadas etc.), um lugar para comprar um sobretudo, alguma coisa assim, eu sei onde é, ando a pé pela cidade toda e não me perco. (...) Ai vem uma outra grande relação que eu acho que toda pessoa que mora no centro da cidade tem que é com o Aterro do Flamengo. Área de lazer para quem mora no centro da cidade é o Aterro, jogar bola, andar de bicicleta, na minha primeira infância minha mãe me levava à praia do Flamengo, na altura da rua Dois de Dezembro, perto da rua Buarque de Macedo... a praia era ali, ficar debaixo daquelas árvores, ou ficar na areia mesmo brincando, desde de pequeno eu tinha essa relação porque a minha mãe me levava ali. Com o passar do tempo eu fui estabelecendo uma relação minha, não mais guiado pela minha mãe, foi algo estimulado pelos amigos lá no Liceu<sup>19</sup>. A gente jogava muita bola, ai a gente combinava de ir para o Aterro no sábado. Todo mundo morava por aqui, ia à pé, voltava de ônibus ou ia e voltava à pé, coisa de moleque de treze e quatorze anos, depois de jogar bola a manhã toda voltar à pé era uma coisa de quem estava afim mesmo. Eu me lembro que a gente se juntava e ia, quem morava mais afastado ia passando na casa dos outros, ia arrastando todo mundo, é como se faz até hoje. Outro dia eu vi uns moleques fazendo isso, aquele saco com a bola dentro, uma garrafa de dois litros cheia de água, e vamos lá jogar futebol de salão. (...) A pessoa primeiro conhece o Aterro para então conhecer o que vem depois: Catete, Glória, Flamengo mesmo (...) Uma outra relação que todo cara do centro teve é com a ACM (Associação Cristã dos Moços), que é na rua da Lapa, e é um centro de esportes. É raro não conhecer alguém que fez natação lá, quando era menor fez futebol de salão, estas coisas tipo vôlei, você pode praticar todos os esportes lá. Tinha amigos meus do Liceu que faziam esporte lá, amigos do meu prédio, o Marcelo era um deles, o Bruno e o Eduardo são amigos desde o Liceu, eu só soube depois que eles fizeram esporte lá; o Eduardo, não, eu cheguei a fazer junto com ele, o Bruno não, mas eu soube que ele fez também. Não tem um que tenha nascido aqui e que os pais tenham tido grana e que não tenham feito esportes na ACM, essa é a relação do cara com o centro, geograficamente, pelo menos para mim. Conhecer menos a Tijuca e mais a zona sul por causa dos recursos. A praia é um chamariz e é uma continuação do Aterro. Tem a relação forte com o centro, o centro é de fácil acesso e não precisa pagar passagem porque você circula à pé. O dia das

---

<sup>19</sup> Liceu de Artes e Ofícios. Escola de primeiro e segundo grau, além de profissionalizante, localizada na Praça Onze.

crianças, por exemplo, você quer comprar um brinquedo, então você ia nas antigas Lojas Brasileiras, Lojas Americanas, ia lá com seu filho e escolhia, comprar material escolar na Casa Cruz (...)” (João, 26 anos, morador da Lapa desde que nasceu)

Observando a Lapa em busca de vestígios que provem a possibilidade de utilizar o conceito de lugar a atenção fica capturada pelo modo de usar e ocupar ao longo das diferentes horas do dia, de três calçadas importantes na Lapa. São elas: a calçada da rua Visconde de Maranguape no coração da Lapa, entre o aqueduto e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, a calçada da avenida Mem de Sá entre Lavradio e Gomes Freire e a calçada da rua Gomes Freire entre a avenida Mem de Sá e Riachuelo. (ver fig. 4b, 6, 10c, 11e, 38 “a” e “b”)

A primeira delas é uma calçada extremamente larga, com bancos no trecho entre a travessa do Mosqueira e a rua Teotônio Regadas onde se localiza um edifício antigo semi arruinado, com 5 pavimentos e totalmente invadido por famílias e moradores muito pobres, um genuíno remanescente da tipologia habitacional que na passagem do século 19 para o século 20 ficou conhecida como cabeça de porco. No final de janeiro de 2007 o térreo da edificação foi ocupado por uma distribuidora de bebidas, tipo de comércio característico desta área e da rua da Lapa, que executou pequenas reformas para sua instalação como a pintura do térreo da edificação. Esta calçada tem características de praça e convida ao estar, sendo ocupada pela manhã por moradores de rua, bêbados, moradores do cabeça de porco, trabalhadores e transeuntes ou estudantes da escola de música e de balé aí localizadas. Também nela se localiza um diversificado comércio de ambulantes que pela manhã vendem pães, comidas e bebidas associadas à refeição do café da manhã. Na hora do almoço esta calçada recebe um fluxo maior de trabalhadores das grandes empresas localizadas na área que se deslocam para os restaurantes existentes nas avenidas Mem de Sá e Riachuelo, e no final da tarde é nela que começam a se instalar outros ambulantes ligados a um comércio típico de botequim e lanchonete, oferecendo comida e bebida (inclusive alcoólica) ao ar livre. Isopores, chapas elétricas, cadeiras de plástico, coberturas de plástico vão aos poucos modificando e

adensando a ocupação da calçada que recebe uma diversificada população, principalmente formada por jovens no início da noite, que aí afluem para um lanche. (ver fig. 4b, 6, 11e).

“Ali naquele calçadão que a gente chama de praça de alimentação, se quisesse comer um podrão (comida ruim, aumentativo de podre) era só ir lá, desde que acabou o chorinho, se lembra que tinha um chorinho ali, nem me lembro qual era o dia da semana: toda quarta talvez, então ali ficou muito movimentado, cresceu muito, aí não sei porque acabou o chorinho então o movimento ali acabou só ficam ali os camelôs e as pessoas só vão ali para comer o podrão e logo em seguida vão embora entendeu, mas antes não, havia um movimento das pessoas ficarem, porque elas chegavam para assistir ai chorinho e ai dali o pessoal do cachorro quente já botava as mesas, e as pessoas chegavam para assistir ao chorinho e já ficavam.” (Verônica, moradora de uma vila na rua Joaquim Silva, 2004)

Nas horas mais avançadas da noite é aí que se consome a cerveja mais barata do bairro, ao contrário dos bares, restaurantes, casas noturnas com garçons, consumação mínima ou *couvert* artístico; e na madrugada os profissionais do sexo – travestis, prostitutas e garotos de programa – ocupam as cadeiras de plástico, e jantam ou ceiam antes de se recolherem ao amanhecer. O trecho desta calçada mais próximo aos arcos da Lapa, designado como avenida Mem de Sá, é basicamente ocupado durante a noite como extensão das casas noturnas, bares e restaurantes aí existentes e que nela colocam suas mesas. Durante o dia este trecho é apenas local de passagem e desembarque de passageiros, pois nele se localiza o único ponto de ônibus do Largo da Lapa.

A calçada da Mem de Sá, entre Lavradio e Gomes Freire, é basicamente freqüentada pelas pessoas que circulam pelo bairro e no seu lado ímpar não tem instalado nenhum camelô. É neste trecho da rua que se localizam importantes casas noturnas locais como o Carioca da Gema, o Sacrilégio e a Pizzaria Encontros Cariocas. À noite esta calçada e a esquina da rua do Lavradio são os pontos de prostituição das travestis da área. No lado par localizam-se o Bar Brasil, o tradicional restaurante Nova Capela e sua filial o Capela (ver fig 10c). É interessante observar a abertura de uma filial do Nova Capela ao lado do tradicional, que pertence aos mesmos donos, mas procura estabelecer um cardápio mais econômico com “pratos feitos” ao invés do cardápio *à la carte* vigente no restaurante mais antigo. Uma interpretação possível é a necessidade dos serviços se adaptarem às mudanças, e no caso da Lapa, ao crescimento da

população que demanda por restaurantes mais econômicos, o que de certa forma confirma a revitalização não apenas residencial, mas econômica da Lapa. Esta calçada abriga a parada de ônibus existente neste trecho da rua e possui algum comércio de ambulantes sem chamar muita atenção.

A rua Gomes Freire tem uma calçada muito estreita, prédios altos residenciais nos dois lados, mas o lado par é claramente mais degradado que o lado ímpar da rua. É do lado par que se localiza o supermercado e a padaria mais bem localizados do bairro embora a maioria dos moradores utilize o supermercado Mundial, localizado próximo à entrada do Bairro de Fátima, por causa de seus preços muito econômicos. Nesta calçada fica também o ponto dos ônibus que levam à Santa Teresa e o circular que faz o trajeto Glória-Leblon, além de uma infinidade de kombis que fazem o transporte para Santa Teresa. Ela possui pequenos botecos, muitos camelôs pela calçada, um cabeleireiro e duas agências bancárias. É fácil perceber a relação entre o ponto de ônibus e o comércio instalado, sendo um lugar de grande fluxo de pessoas de fora do bairro mas também freqüentado pelos moradores que aí concentram muitas de suas necessidades comerciais e bancárias (ver fig. 38a, lado ímpar, e 38b, lado par). Ainda nesta calçada estão dois dos maiores edifícios da área, assim considerados por concentrarem o maior número de residências, são eles o número 788, com 220 apartamentos e o número 740 com 155 apartamentos<sup>20</sup>. Na calçada oposta se localiza outro edifício residencial de características muito diferentes, mais arrumado, de menor porte – possui 23 apartamentos, e esta calçada não é ocupada por nenhum tipo de comércio ambulante. Impressiona a variedade de ocupação e diferença do padrão de qualidade urbana de cada uma das duas calçadas de uma mesma rua num mesmo trecho. Ao caminhar pela Gomes Freire com um de meus interlocutores locais, Cosme, reparei que ele cumprimenta todos os camelôs e é por eles saudado, numa relação de morador conhecido da área. Além disso, ele me diz que compra

---

<sup>20</sup> Dados obtidos junto ao PSF-Lapa.



nestes camelôs toda a sorte de pequenas coisas de que necessita e a calçada, intransitável para mim, parece não incomodá-lo, é um lugar que lhe é familiar e o acolhe com simpatia e segurança. Para Inara, entrevistada que mora num dos grandes prédios da Gomes Freire, esta calçada é uma espécie de inferno na terra: além de ser quase impossível transpor os obstáculos criados pelos camelôs a maneira de se vestirem, muitas vezes sem camisa, e de se sentarem ao longo da calçada provoca nela um sentimento de repulsa e desprezo muito fortes. Um outro entrevistado, mais jovem, fazendo comentários sobre as ruas do bairro disse admirar muito o pequeno prédio de 23 apartamentos anteriormente indicado e até ter desejo de morar nele. Chamou a atenção para o fato de como é difícil caminhar por algumas calçadas da Lapa carregando sacolas de supermercado exatamente em função da presença dos camelôs e da má conservação dos pisos. A atitude de João, este interlocutor, em relação à cidade me lembrou o homem blasé, de Simmel, um personagem que reage às grandes cidades, com seus excessos de informações e apelos para o consumo e o desvio. Cidade que gera um comportamento de auto-proteção, indiferença, e eventualmente desprezo, como mecanismos de defesa contra o excesso de estímulos.

Assim cada lado da calçada tem uma característica e cada morador um modo de se relacionar com ela o que impede certas generalizações ou a afirmação de um modo ou forma que fosse ideal, ou pelo menos igual, para todos. De qualquer modo as falas me permitem interpretar que existe uma centralidade, um papel articulador desempenhado por certas partes do bairro, diferenças, importâncias, singularidades, valores simbólicos de cada localidade no interior da Lapa.

Cosme é um tipo mais popular, e embora seja exigente e crítico tem uma espécie de afeição e interesse pelas coisas “impuras”<sup>21</sup> da vida, enquanto Inara é uma senhora afetada

---

<sup>21</sup> Pensei em usar a palavra “suja” no lugar de “impura” e fiquei muito preocupada com o sentido da palavra e o quanto meu informante poderia se ofender com a forma como descrevo sua relação com o bairro. Uso o termo no sentido de que a cidade é composta da sujidades (e não sujeiras, lixo) e ruídos, que nem sempre agradam a todos, mas que integram uma cultura, um modo de usar e transformar a cidade.

por um certo ar de *enfant gaté*, atriz de teatro que aos 60 anos de idade fez um ensaio fotográfico pousando nua. Uma mulher forte e ao mesmo tempo delicada e coquete. Os dois entrevistados possuem biografias singulares – ele artista plástico, ela atriz de teatro e artesã – e seus percursos e afetos pela Lapa são diferentes como toda história da qual nos aproximamos buscando os detalhes das paisagens que a trajetória de cada um inscreve no corpo e na alma.

É possível pensar, a partir destes breves exemplos, que cada rua e cada calçada seriam um lugar dentro da própria Lapa.

Se a opção for por uma incursão noturna pela Lapa esta também se revelará na sua multiplicidade de situações. Caminhos oficiais, movimentados, que levam aos lugares mais famosos e na moda, e caminhos alternativos, ocupados pelos moradores, que passam pelos botecos locais. É como se existisse uma Lapa paralela à Lapa oficial que brilha nos anúncios de néon das atrações noturnas da Cidade Maravilhosa; uma Lapa situada exatamente na meia luz das ruas secundárias por onde o ordinário da vida local mostra sua face e um público mais anônimo e discreto procura seus espaços de diversão, fora do circuito oficial e da moda – espaço onde a interação de tipo face a face ocorre entre vizinhos e moradores. Estes mundos paralelos, complementares, lindeiros são o fascínio e o mistério da Lapa. Criam para a Lapa uma aura diferente, mágica, instigante para o pensamento e para o pesquisador da cidade.

A noção de lugar engloba sensações muita vezes contrárias – depende do contexto da situação que nele se estabelece... o lugar muda, é socialmente construído – no lugar nos deparamos com a vida e seu fluxo, não só o espaço físico, mas o espaço social (Enne, 2002: 37) em ebulição. O lugar é, desta forma, um território físico e material atravessado pelo fluxo do movimento da vida, a fluidez da imaterialidade com que a vida esculpe e transforma a cidade cotidianamente. Nesta medida a categoria de lugar poderia ser pensada como um

espaço em processo, um espaço caracterizado por acontecimentos que podem ser arquitetônicos, sociais, próprios de uma cultura, de um modo de ver o mundo.

A espessura da membrana do tempo na Lapa, que as vezes conseguimos tocar com os olhos ou as pontas dos dedos, nos leva a indagar como se constrói a idéia de um lugar de memória dentro de uma cidade? Este conceito, consolidado de forma exemplar pelos historiadores dos *Annales*, trata da questão dos espaços culturalmente moldados pelo homem, fortemente marcados pela presença de objetos urbanos que por seu caráter histórico são monumentalizados e reificados em favor de uma memória coletiva da nação.

A noção de lugar de memória estaria desta forma relacionada de maneira estreita com outra idéia, a de preservação de uma história inscrita nos arquivos de pedra (Le Goff, 1990) de uma cidade. Às noções de monumento, preservação e valor histórico vêm somar-se outra de caráter igualmente importante que é a de memória coletiva (Halbwachs, 1975). Ou seja, a construção da noção de lugar de memória também se relaciona com a existência e sustentação de uma memória coletiva que se espelha e difunde pelos lugares onde a ancianidade permanece latente e comunicando significados, fornecendo sentidos. Uma memória compartilhada, uma tradição reconhecida como comum por parte de um grupo, recortam os lugares e as vezes estabelecem verdadeiras molduras com as quais podemos olhar cenário e encenação da vida social.

A construção de um lugar de memória pode estar inscrita em práticas de um grupo social, resultar de políticas culturais, inserir-se no planejamento urbano e de desenvolvimento de uma cidade, enfim, podem ser várias as explicações para nos depararmos com lugares de memória preservados em nosso caminho. Os lugares de memória são reféns da materialidade de formas, dos objetos, das espacialidades capturadas pelo tempo, mas são reinventados simbolicamente pelos grupos sociais e indivíduos que povoam, convivem e se reapropriam destes lugares. A imaterialidade de um lugar é subjacente ao sentido diverso que lhe vai sendo

conferido na lógica dos fluxos de transformação que assolam a vida nas grandes cidades, as vezes para estancar um pouco o ritmo acelerado da vida e a volúpia das mudanças, as vezes para atestar e reforçar heranças e a dignidade e compromisso de um grupo social em respeitá-las e transmití-las ao futuro.

#### *4.4. Lugar de memória reinventado*

Se considerarmos o Estado como um importante agente no processo de construção de identidades, de produção de projetos de Nação, inventor de tradições (Hobsbawm & Ranger, 1984) e de patrimônios, na medida em que estabelece políticas públicas para a educação, cultura, saúde etc., vamos ver que no caso da Lapa a história particular como o Iphan e os arquitetos modernistas lidaram com os signos representativos do passado e da formação da área nos permite identificar com mais clareza quais seriam os elementos monumentais que continuam a fundamentar a idéia de patrimônio preservado e memória coletiva. Os monumentos explicitam de que forma o Estado interpretou e forjou a identidade local a partir da escolha de alguns elementos e a etnografia pode as vezes revelar como a população local reconhece e se identifica com a história monumentalizada, produzindo desta forma um ou vários lugares de memória. São ícones desta memória “inventada” pelo Iphan a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, o Convento de Santa Teresa, o Aqueduto e o Passeio Público. Estado e município elegem como patrimônio a Sala Cecília Meireles, o prédio do Automóvel Clube do Brasil, a escola de Música e a Fundação Progresso. A proximidade de todos estes elementos arquitetônicos produz uma densidade forte e quase sufocante do passado neste trecho da cidade. Mas o mofo e a poeira que poderiam asfixiar são sugados pelo aspirador das modernas práticas urbanísticas que reconstroem cidades e apagam partes da história.

A demolição do casario na região hoje conhecida como Largo da Lapa e que vai da Igreja do Carmo até os Arcos produziu uma nova relação visual entre os monumentos de valor histórico e artístico tombados pelo Iphan – a Igreja do Carmo, o Aqueduto, o Convento de Santa Teresa e o Passeio Público. Embora localizados em regiões distintas passaram a se relacionar por força do desimpedimento visual entre eles (ver fig. 6, 12b e detalhe). Visibilidade esta que uma vez constituída passa a ser objeto de preservação rigorosa por parte do Iphan, como demonstram os estudos para fixação do gabarito das novas edificações na área. O espaço ali criado mostra como a cidade e sua memória se reconstroem a partir de cada intervenção. A demolição do casario tinha por objetivo, como disse anteriormente, a abertura de uma nova via de circulação para a cidade que foi parcialmente construída, ou seja, as casas foram demolidas e a avenida projetada não foi totalmente realizada. Interrompida a intenção, mas concluído o processo de demolição, resta o grande vazio do largo da Lapa que, além de produzir estranhamentos e gerar insegurança para os que por ali transitam, cria uma relação urbana inteiramente nova entre as diferentes gerações de edifícios e construções. O vazio da demolição produz uma relação inédita e atemporal entre os quatro imóveis tombados – a Igreja, o Convento, os Aqueduto e Passeio, construídos respectivamente em 1602, 1751, 1757 e 1779. É como se o vazio instalado produzisse uma espécie de surpresa, estranhamento, inquietação que, por sua vez, é obrigado a criar uma saída, como a água que escapa dos diques, e reinventa o vazio como um lugar de memória, amparado pela história de cada edificação e garantido pela historicidade<sup>22</sup> da cidade. Assim o discurso do Iphan qualifica o vazio como aquilo que deve, a partir de então, ser reconhecido como portador de valor cultural e objeto de preservação.

A praça criada em frente aos Arcos pode ser claramente identificada com o ideário modernista preconizado pela carta de Atenas (Congressos Internacionais de Arquitetura

---

<sup>22</sup> Historicidade aqui entendida como o acúmulo processual de histórias, uma história que se adensa na passagem do tempo que a transforma ao invés de a cristalizar.

Moderna); praças e jardins são usinas de salubridade para as cidades adensadas pela concentração de população nas áreas centrais. Os vazios urbanos e a cidade segregada pela especificidade de funções – entre 1976 e 1981 o uso residencial foi proibido ou desestimulado na área central da cidade – resultam, para Jacobs, na criação de espaços inseguros, nos quais os pedestres temerosos deixam de circular. Segundo esta autora a segurança da cidade é uma questão de ocupação dos ambientes urbanos pelas múltiplas funções humanas de forma híbrida, como exige a cultura e o modo de viver dos homens que a constroem para nela viver (Jacobs, 2000). Assim as janelas das casas iluminadas à noite são espécies de olhos que vigiam, olhos que cuidam, olhos que constroem a violência a transitar livremente pelos espaços públicos, porque sinalizam que estes espaços têm donos, estão ocupados. O uso residencial ocupa o espaço urbano com a rotina da vida de crianças, jovens, adultos e velhos, de acordo com a cultura de cada grupo social ou indivíduo e este é um processo gregário, reforçado pelo sentimento de vizinhança, presença e convívio que por sua vez constroem a noção de bairro para os moradores. A presença humana em todos os cantos da cidade, a todas as horas do dia, é como o sangue que faz do corpo/cidade um organismo vivo que pulsa à partir da sua circulação.

#### *4.5 Interseções locais – a rua do Lavradio*

Outro lugar de memória que merece a atenção desta etnografia e que se localiza na vizinhança imediata dos Arcos da Lapa, recriado pelos movimentos sociais locais é a rua do Lavradio. Aberta durante o século XVIII e sofrendo inúmeras intervenções ao longo do tempo, ela teve nos anos 50, durante a demolição de parte do Morro de Santo Antonio, o seu lado ímpar totalmente demolido. Os sobrados tradicionais, com comércio no térreo e moradias no segundo andar, foram aos poucos perdendo seus moradores e se degradando de uma maneira que os transformou num estoque imobiliário bastante desvalorizado, facilitando o

aluguel e a implantação de um comércio muito decadente sob certos aspectos e charmoso sob outros. Aos poucos o comércio de móveis e objetos usados se implanta e a ambigüidade da fronteira dissimulada entre as categorias de antiguidades e usados, produziu uma alquimia social interessante e que nos anos 90 foi responsável pela revitalização da área e criação do evento que se tornou conhecido como a Feira do Rio Antigo e que acontece todo o segundo sábado do mês ao longo da rua (ver fig. 39 “e” e “f”).

Quando cheguei na rua do Lavradio, em 1997, havia várias lojas estreitas e muito profundas, mal iluminadas, povoadas de móveis e objetos, ora antigos ora usados, empoeirados e com cheiro de guardado, nas quais era possível realizar verdadeiras travessias no tempo, desde revisitar um passado urbano recente, até encontrar fragmentos de fazendas antigas. Algumas destas lojas foram aos poucos sendo substituídas por casas noturnas, restaurantes, bares, cuja ambiência tematizava a antiguidade como ícone cenográfico, o que ao lado de uma boa música ao vivo, exerceu uma rápida atração entre um público afeito a freqüentar o centro da cidade. O primeiro empreendimento com estas características na rua foi o Empório 100, localizado no número cem da rua, e que era administrado pela proprietária, Lou Vicente.

A feira de usados e antiguidades que se misturam a artesanatos, culinária e vestuário, que oferece atrações musicais e de dança, é um lugar de memória que se caracteriza pela invenção de uma tradição recente. A noção de tradição inventada, que utilizo largamente nas interpretações sobre a Lapa, tem como suporte conceitual o trabalho desenvolvido por Hobsbawn para quem a tradição inventada é um conjunto de práticas novas, reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas – práticas de natureza ritual ou simbólica – que visam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, e que representam continuidade em relação ao passado. A tradição se diferencia do costume, por exemplo, em função de sua permanência no tempo (Hobsbawn, 1984). No caso da Feira do Rio Antigo,

nunca houve um comércio deste tipo ali, até porque estes tipos de feiras, conhecidos como mercados de pulga, têm se proliferado como manifestações contemporâneas de sociedades que mitificam o passado e que estão cada vez mais paradoxalmente submetidas ao consumo e ao descarte. A adequação da feira ao local e ao tempo é conferida pelo sucesso de público que, no entanto, dá a impressão de que ela sempre esteve ali, soberana, atraente, mobilizadora de fluxos dos que escolhem o espaço urbano como cenários de suas deambulações e *flânerie*.

As casas antigas espreitam de seus balcões abertos e rendilhados por um fino trabalho de serralheria dos guarda-corpos, as barraquinhas coloridas instaladas ao longo da rua vendendo produtos novos e usados, modernidade e tradição, emoldurando o cenário do lugar de memória, confirmado pelo uso, apropriação, circulação dos grupos sociais no seu interior.

Hoje a rua do Lavradio é um local de trabalho e diversão. A instalação do Tribunal Regional do Trabalho em edificação cuja construção irregular levou a uma negociação da solução arquitetônica resultou num estranho elemento na rua que pode ser observado por qualquer um que passe ali hoje. A dinâmica social local, entretanto, demonstra a vitalidade e o sucesso do projeto de se recriar a área central do Rio em suas partes mais degradadas. Para um Rio de Janeiro em processo acelerado de esvaziamento econômico de sua área central, especialmente aquela afastada do núcleo financeiro, as grandes empresas que optaram por se instalar na rua do Lavradio ou em sua proximidade trouxeram um fluxo inteiramente novo de trabalhadores que por sua vez se tornaram usuários da infra-estrutura de bares e restaurantes instalada. Paralelo a isso estacionamentos, pontos de táxi, copiadoras, locais de acesso à Internet, começam a proliferar ao longo da rua, como um comércio complementar aos usos instalados.

O tímido uso residencial que ai resiste vai sendo aos poucos substituído, segundo a observação das agentes comunitárias do Programa de Saúde da Família<sup>23</sup>, que são moradoras

---

<sup>23</sup> Sobre este programa falo mais detalhadamente nos capítulos 2 e 6.



destas vizinhanças e que me forneceram este tipo de informação espontaneamente, demonstrando que esta é uma questão que chama a atenção ou, em alguma medida, incomoda. O sucesso das casas noturnas, restaurantes e bares locais faz com que cada sobrado se torne um potencial empreendimento rentável, em nada comparável ao lucro advindo pela exploração de moradias de aluguel, por exemplo. Para a Prefeitura isso também parece ser “os ovos da galinha de ouro”, na medida em que as fachadas vão sendo restauradas, pintadas, ou simplesmente consertadas para abrigarem novos usos e produzirem um novo capital indireto, gerado pelo pagamento de impostos.

Assim os lugares de memória se tornam cenários, mais do que espaços de rememoração de uma memória coletiva partilhada pelos que aí se estabeleceram ao longo do tempo e se mantêm como moradores ou usuários. A memória se cola às fachadas antigas dos prédios abandonada na rotatividade de moradores que não se fixam mais, que não guardam vínculo social ou histórico de uma vida em comum com o bairro, e que recriam cotidianamente e sem se dar conta esta relação.

#### *4.6. A designação formal e a apropriação simbólica*

As idéias de bairro, lugar ou mesmo região moral estão, em geral, associadas a uma delimitação espacial, a configuração e desenho de um perímetro ao qual se atribui um nome ou número conforme o caso. Para pensar estes limites é interessante analisar como a cidade foi subdividida ao longo do tempo. Uma das interpretações possíveis é a de que a subdivisão da cidade em áreas tinha por objetivo a racionalização de sua administração e controle, tanto em termos numéricos quanto em termos formais.

Controlar um compartimento da cidade significava e ainda significa desenvolver mecanismos de fiscalização em relação aos homens que nele habitam como quantificá-los, batizá-los, enterrá-los, casá-los, catequizá-los, cobrar-lhes os impostos, licenciar obras e

reformas, exercer a segurança e manter a ordem, adequar as edificações aos materiais e tecnologias de cada época, criar posturas urbanas que ordenem as novas construções, manter a saúde e a higiene urbana, dirigir o crescimento e o desenvolvimento de cada parte da cidade e conseqüentemente de seu todo etc.

As primeiras concentrações urbanas se dão em torno das igrejas e a cada uma correspondia uma freguesia, cujo nome se relacionava ao santo que dava nome à igreja. Nela ficavam guardados os registros civis e religiosos da população que vivia na sua vizinhança, e à igreja competia desempenhar o papel de mediação necessário ao bom desenvolvimento social e espiritual da população. O Rio de Janeiro experimentou, ao longo do tempo, diversas modificações urbanas intimamente associadas a fatores políticos, construções sociais, determinações de caráter econômico que a foram moldando até nos devolver a atual representação sempre inacabada e por construir. Um dos aspectos relacionados à gestão de seu espaço urbano diz respeito exatamente à adequação das instâncias governamentais para assumirem este papel. Ao aperfeiçoamento do papel do Estado corresponderá maneiras diferentes de subdividir a cidade e tratar cada parte de seu território.

Em 1808, com a chegada da família real, ocorre um crescimento inesperado da cidade que produziu mudanças no modo de a controlar e aos poucos uma ordem de Estado substituía a ordem religiosa ou com ela passava a partilhar a organização da sociedade no espaço.

A posse dos imóveis mais imponentes por parte dos nobres integrantes da Corte Portuguesa, a estruturação de redes de comércio e serviços, a necessidade de gerar recursos para sustento da nova estrutura política e administrativa local, a estruturação do poder judiciário ora extensivo ao território nacional ora restrito à cidade do Rio de Janeiro, superpuseram novas estruturas de controle, julgamento e fiscalização e as freguesias passaram a ser chamadas de distritos, sendo mantidas as designações dos nomes de santos das antigas igrejas a volta das quais a cidade se erguia.

Segundo breve histórico apresentado no Plano Agache<sup>24</sup>, em 1821 a zona urbana era constituída pelas freguesias da Sé, Candelária, São José, Santa Rita e Sant'Anna. E as zonas suburbana e rural eram formadas pelas freguesias Engenho Velho, Lagoa, Irajá, Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratyba, Campo Grande, Ilha do Governador e Paquetá.

Ao crescimento da cidade correspondia a necessidade de serem criados novos distritos, cuja abrangência devia ser provavelmente limitada pela quantidade de área urbana ou número de habitantes para atender, arrecadar, controlar e fiscalizar, embora este critério não esteja registrado em nenhum documento de época pesquisado.

A maneira de identificar qual seria a subdivisão de territórios vigente na cidade pode ser indireta como, por exemplo, pesquisar um Boletim publicado pela Diretoria Geral de Policia Administrativa, Arquivo e Estatística (out. a dez. 1910 e jan. a mar. 1910). As informações a respeito da apreensão de cachorros na cidade quantifica o número de animais apreendidos de acordo com os distritos que ainda eram nomeados como as freguesias de 1821. Em 1925, a partir do Decreto n.º 2244, de 23 de novembro de 1925, são criados novos distritos fazendários na cidade, provavelmente voltados para a arrecadação de impostos, e nesta legislação é possível constatar que já se havia consumado uma substituição da nomenclatura de cunho religioso, das antigas freguesias, por uma outra, impessoal, numérica. Ou seja, entre 1910 e 1925, em legislação que não foi possível localizar, houve a passagem das freguesias para distritos e depois a substituição dos nomes religiosos para uma descrição numérica, impessoal e mais adequada ao crescimento ilimitado da cidade.

Em 1940, na gestão do prefeito Henrique Dodsworth, são organizados distritos para efeito da prestação dos serviços da Prefeitura e suas sedes ficam localizadas em centros de tráfego. Em 1949, novamente uma divisão distrital passa a privilegiar a atividade fiscalizadora

---

<sup>24</sup> Plano urbano elaborado para a cidade do Rio de Janeiro entre 1926/30.

da Prefeitura e são criadas delegacias fiscais correspondentes às circunscrições que administravam e prestavam serviços às diversas regiões da cidade.

As circunscrições, distritos, assim como as freguesias anteriormente, podem ou não se referir a um bairro. Às vezes englobam vários bairros, mas em geral a delimitação destas áreas se faz pela descrição das ruas que formam o perímetro da área e não por indicação dos bairros. A toponímia dos bairros, assim como suas delimitações, e a precisão com que foram estabelecidas não foi possível identificar na legislação pesquisada.

Em 1976 a área central do Rio de Janeiro é subdivida em área central de negócios 1 e 2, quando então é proibida ou considerada inadequada a atividade residencial no centro da cidade; depois, em 1981, ela é renomeada como Região Administrativa que, por sua vez, se subdivide em Centro e Portuária, ratificando, provavelmente, funções importantes de cada área, separando a região do porto da região central da cidade.

A região da Lapa, cuja delimitação oficial não consegui encontrar na legislação urbana pesquisada, é amplamente descrita por estudiosos e freqüentadores, por amantes e moradores, por românticos e nostálgicos, demonstrando a imprecisão dos limites, também presente nas entrevistas que realizei no trabalho de campo. A Lapa fez parte, ao longo do tempo, de diferentes freguesias e distritos, vizinhos de Santa Teresa, da Glória, do Bairro de Fátima, da Cinelândia, do Passeio Público etc. Os mapas e as legislações urbanísticas compõem e fragmentam os limites destas áreas, criando uma fluidez entre as partes que a vida junta e amalgama no uso da cidade.

#### *4.7. Os limites limitam, a Lapa transborda*

Assim aos poucos e no decorrer da pesquisa de campo a precisão destes limites e sua importância perderam-se, um pouco à semelhança das constatações feitas pelos estudos que

vem sendo realizados na área das ciências sociais em Portugal<sup>25</sup>. Alguns entrevistados preferem dizer que moram no Centro, como Leila:

“quando as pessoas me perguntam onde eu moro, eu digo que moro no centro e não na Lapa. Eu não me refiro à Lapa, eu nem gosto deste nome, mas de um modo geral as pessoas sempre estranham quando eu digo que moro no Centro. E elas insistem: mas aonde no Centro? E eu respondo: na rua do Lavradio. Então vem o espanto e um certa desconfiança: mas ali é bom? E eu digo: É maravilhoso!!!”.

Outros se orgulham da Lapa mas, de um modo geral, a vida de quem mora próximo aos Arcos da Lapa se espraia nas várias direções do centro da cidade: as compras de tipo *shopping center* são feitas no Saara<sup>26</sup>, o supermercado é o Mundial na entrada do Bairro de Fátima, os restaurantes, assim como farmácias e botecos se espalham por quase toda a geografia do centro, principalmente ao longo dos eixos estruturadores das ruas do Riachuelo e Mem de Sá. Há uma padaria tradicional central na Lapa que fica na esquina da rua Gomes Freire com Mem de Sá, na Praça João Pessoa. Este local reúne um comércio próprio do que a Prefeitura qualificava com Centro de Bairro – farmácia, restaurantes, pequenos serviços, locadora de vídeos, cabeleireiro – principalmente ao longo da Mem de Sá, na quadra entre Lavradio e Gomes Freire. Assim a Lapa é um nome, sob o qual várias Lapas se escondem e revelam e cujos limites, flexionados para o plural e alargados em quadras estendem as fronteiras até que somos tomados pela sensação de que já não estamos mais na Lapa, sem precisar exatamente quando saímos de seus limites.

A Lapa pode ser interpretada também como uma região, e nesta medida, moral. Embora esta não seja uma categoria nativa o conceito criado por Robert Ezra Park parece se ajustar quase que sob medida, para se pensar algumas das características identitárias que pude observar do que significa morar ou freqüentar a Lapa nos dias atuais. Do ponto de vista das escolhas, condicionadas pelos mais diferentes fatores, desde os econômicos, passando pelos funcionais até ao de uma certa identidade com o glamour boêmio local. Para Park a região

---

<sup>25</sup> Ver Graça Índias Cordeiro, Antonio Firmino da Costa, Joaquim Pais de Brito entre outros.

<sup>26</sup> Saara – sociedade dos amigos das adjacências da rua da Alfândega - região formada pelo quadrilátero circunscrito pelas ruas da Alfândega, avenida Passos, rua Buenos Aires e Campo de Santana.

moral se constitui por uma espécie de agregação de pessoas que compartilham algum tipo de “transgressão” ou “comportamento desviante”, onde prevaleça um código moral divergente (Park, 1979). Seriam as zonas de prostituição, consumo de drogas, práticas desviantes que também produzem suas redes de relações sociais. Nesta medida há que se considerar que existe uma certa estigmatização das regiões morais conformadas a partir de um diferencial característico ligado a partilha de valores morais ou éticos. E a região moral da Lapa, cuja complexidade se apresenta de modo diferente da de Chicago estudada por Park, seria então, exatamente esta região conformada pelas misturas de vários estilos de vida e sua aceitação e partilha, um denso *melting pot* da diversidade que me parece ser uma característica marcante do perfil insinuado nos múltiplos jogos de sombras da Lapa. A ausência de guetos, numa geografia plana que não abole nem destaca a diferença, onde o que seria estranho em outra parte da cidade parece natural, ou culturalmente aceitável, onde a fronteira entre o formal e o informal, em todos os sentidos, se espraia como o próprio limite da região. Se, como dizia Brasil Gerson, a Lapa nasceu sob a égide do sagrado e do profano, a região moral que seus limites difusos guardam, é exatamente a deste lugar inclusivo e generoso no seu acolhimento das diferenças. Diferentes tribos por ali transitam em distintas horas do dia, e segundo uma característica meio inexplicável as ruas, os bares, as casas noturnas os abrigam como iguais, ou melhor, como tendo um mesmo direito ao livre trânsito permitido aos que são aceitos como fazendo parte do lugar, independente do credo ou da ausência de crença que manifestem. Não quero com isso criar uma imagem bucólica, romântica e apaziguada da Lapa. Há tensão, insegurança, violência, conflito em muitos espaços e relações, nas formas de usar a abusar de quem por ali passa ou vive, mas o que quero dizer é que percebo que há atualmente um processo social na Lapa que impede a cristalização de guetos, por exemplo, tão característicos das grandes cidades contemporâneas. Há um nomadismo interno na Lapa e um movimento constante que impede a formação de rígidas territorializações, mesmo dos que

habitam. E se como no capitalismo, o movimento dos fluxos é a causa da permanência do sistema, a Lapa dá fortes indícios de que vai continuar resistindo e povoando o imaginário e a geografia da cidade!

As predileções de quem opta pela Lapa podem ser interpretadas como uma escolha afetiva, pragmática ou moral, desde o aspecto prático e funcional da proximidade com todas as partes da cidade e a acessibilidade quase irrestrita, até o gosto pelo burburinho, pela decadência, pela desorganização e sordidez (imundície), estas últimas qualidades nem sempre declaradas e assumidas como interessantes publicamente. Pode também ser uma falta de alternativa, o reflexo da perda de poder aquisitivo e empobrecimento para alguns. Observei, entretanto, que mesmo quando não gosta do seu prédio ou da sua calçada o morador da Lapa conhece um endereço ou um edifício que lhe agrada e que fica nas imediações da sua casa. É importante considerar que escolher morar na Lapa deve ser entendido em determinados contextos específicos, e não algo estritamente interno e subjetivo, é uma opção elaborada dentro de um campo de possibilidades circunscrito socialmente (Velho, 1987[1981]: 27).

Como vimos na introdução deste capítulo estudar a cidade contemporânea é, em última análise, para pesquisadores da Escola de Chicago como Park, tentar compreender a complexidade do que estas significam, é desconfiar de que a cidade que habitamos e porque a habitamos é uma realidade dada e conhecida, sobre a qual podemos fazer os mais rigorosos julgamentos de valores, ou intervir urbanística, política e socialmente, com a arrogância (e todos os equívocos daí decorrentes) de que já conhecemos todos os dados sobre a cidade em que vivemos. Este parece que continua a ser um desafio a ser enfrentado pelas pesquisas atuais sobre as cidades.

Park nos diz: “Gostos e conveniência pessoais, interesses vocacionais e econômicos tendem infalivelmente a segregar e por conseguinte a classificar as populações das grandes

idades. Dessa forma a cidade adquire uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada” (Park, 1979: 29). Se essa era uma realidade nas cidades americanas por ele observadas o mesmo não se pode dizer de uma cidade como o Rio de Janeiro, onde a interpretação/leitura não apenas do desenho urbano como também da localização dos grupos sociais pelo tecido urbano, mostra ser o reflexo de diferentes momentos políticos e processos de planejamento urbano, ordenamento, melhoria e embelezamento ou abandono e segregação, empreendidos pelo poder público ou por este mediado, quando realizadas pela iniciativa privada. As formas urbanas são cada vez mais construídas política, social e culturalmente, assim como a distribuição das pessoas pelo território da cidade. O crescimento e o modo de crescer urbano são muitas vezes induzidos e as estruturas sociais que consolidam estas formas resultam, elas também, destas induções. O que talvez se possa pensar é que a organização e distribuição da população são, em muitos casos, produzidas por algum tipo de escolha das próprias pessoas e em muitos casos induzidas por políticas urbanas, pela forma de gerir a cidade ou pela falta destes mecanismos. Mas uma vez estabelecidas as “organizações sociais no espaço urbano”, os setores, bairros, áreas, assumem algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade se reveste dos sentimentos e das características peculiares à sua população e daí o que era simples aglomerado urbano converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade diferenciada por sentimentos de pertencimento, identidades, afinidades, tradições e história próprios, ou mesmo comuns. Para Park as vizinhanças (proximidade e contato entre vizinhos) são a forma elementar de associação com que lidamos na organização da vida cidadina, a menor unidade local e a base do controle político (Park, 1979). Nesta medida, pode-se pensar que as vizinhanças seriam um dos componentes responsáveis pela constituição dos bairros aqui entendidos como unidades políticas e administrativas segundo as quais a cidade se organiza e passa a ser organizada.



As vizinhanças, lugares de permanência e intimidade, tendem a ser destruídas, ou pelo menos fragmentadas, pela tendência do homem contemporâneo de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes. O homem urbano submetido ao frenesi de velocidades que determinam o modo de circular e viver, abre mão de valores como a permanência e a duração, é em geral um homem que opta por vestir o efêmero e o descartável, que estranha a memória e se ofende com a preservação; um homem que tem a transitoriedade de seus desejos garantida pela facilidade do consumo e fluidez dos meios de comunicação e transporte. Podemos pensar que um dos papéis a ser representado por este homem contemporâneo seria o de estar permanentemente submetido ou afrontado pelos fluxos de desterritorialização e consumo, subjugado pelo efêmero e passageiro.

As relações de trabalho oferecem uma outra possibilidade de organização social e agrupamento. A divisão do trabalho no espaço urbano cria classes de trabalhadores, mas, sobretudo, tipos de trabalho que são próprios da cidade como: vendedores, balconistas, ambulantes, guardadores de carro/flanelinhas, guardas de segurança ou trânsito, choferes de táxi, garçons, artistas adeptos do *body art*, prostitutas, *street dancers*, garoto(a)s de programa, malabaristas de sinais de trânsito, jornaleiros, vendedores de bilhetes de loteria, engraxates, biscateiros, catadores de lixo, camelôs, floristas, panfleteiros, *office boys* etc. Alguns destes tipos de trabalho têm na rua seu espaço privilegiado de encenação e são escolhidos por pessoas que não conseguiriam manter uma rotina confinada a um espaço fechado de trabalho. São trabalhos que incluem o trânsito de pessoas e carros, os fluxos móveis da cidade em suas rotinas, trabalhos intimamente relacionados com o movimento da cidade e num certo sentido completamente urbanos.

Do ponto de vista das características do trabalho e comércio na cidade é interessante observar que na Lapa, e no centro da cidade em geral, não existem *shopping centers*, modalidade de edificação comercial que se tornou o não-lugar mais lugar comum da

globalização de modelos partilhados universalmente pelas mais distintas sociedades e países. No máximo temos no centro do Rio, algumas galerias comerciais mas, em geral, o comércio ocupa lojas distribuídas pelas ruas com alguma concentração de mesmo tipo de comércio em locais específicos, sem falar do camelódromo, uma versão “pós-moderna” de um tipo de comércio localizado e concentrado em uma área, uma espécie de alegoria de *shopping center* para lá de popular e informal, onde não parece haver fronteira entre o mundo oficial e o mundo da contravenção, do roubo e do contrabando, por exemplo. Segundo Mafra tanto a Saara como o camelódromo (Mercado Popular da Uruguaiana) representam uma modalidade de comércio popular que em muito se parece com o bazar estudado por Geertz e descrito no artigo “Suq: the bazar economy in Sefrou” (Mafra, 2005). O comércio de tipo bazar seria caracterizado pela “multiplicidade e mistura de etnias, sistemas próprios de abastecimento de mercadorias e segurança, flexibilidade dos preços e a possibilidade de barganha” (Mafra, 2005: 35), o que definitivamente distingue o comércio formal de tipo *shopping center*, deste outro popular que se espalha pelas ruas ou nas áreas especialmente destinadas a este tipo de comércio. A análise do comércio ambulante no centro leva a autora a caminhar pela cidade identificando as diferentes localidades aí englobadas e é interessante observar que o seu estudo sobre os camelôs vai construir uma subdivisão particular na geografia do centro a partir do tipo e concentração do comércio ambulante. Desta forma ela identifica que “Internamente, o Centro possui uma organização composta pelas seguintes áreas: Praça XV, Esplanada do Castelo, Cinelândia, Lapa, Praça da Cruz Vermelha, Largo da Carioca, Largo de São Francisco, Praça Tiradentes, Campo de Santana, Praça Onze, Central e Praça Mauá.” (Mafra, 2005: 18). Desconsiderando as delimitações administrativas definidas de modo abrangente e sem especificidade pela Prefeitura, Mafra com seu olhar antropológico, perscruta a linha tênue que circunscreve localidades no interior da área central da cidade, à partir de

ícones urbanos, tipos de comércio, maneiras de usar a cidade. Por outro lado ao identificar o comércio ambulante na Lapa ela vai indicar que:

“A camelotagem na Lapa está ligada às características do bairro. A Lapa é considerada reduto da vida noturna e parte do circuito universitário da cidade, e os camelôs presentes nessa redondeza se voltam para o comércio de bebidas e comidas, particularmente de cerveja e espetinhos de carne assados em churrasqueiras montadas nas calçadas. É forte a presença de hippies confeccionando artesanato ao longo da rua Joaquim Silva, nas noites de quinta e sexta feira, e de camelôs servindo doses de uísque com bebida energética e gelo em bandejas, como se fossem garçons de rua. Em direção ao Bairro de Fátima e à Praça da Cruz Vermelha, os camelôs se concentram nas calçadas, em barracas, e as mercadorias variam desde frutas, verduras, ervas, farinhas e queijos do Nordeste, até serviços de assistência técnica de bicicletas. As mercadorias vendidas nessa área refletem, de certa forma, sua característica residencial.” (Mafra, 2005: 22)

O comércio ambulante mais do que caracterizar uma região como moral, explicita o caráter cada vez mais nômade e transitório de certas funções e profissões urbanas. O comércio que se adapta à mobilidade do fluxo das pessoas é, sem dúvida, uma característica das grandes cidades contemporâneas.

Park constata a existência de segregações no interior da população urbana que faz da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram, o que possibilita ao indivíduo passar de um meio moral a outro rapidamente e experimentar o fascinante de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes e contíguos. Isso permite, por outro lado, que este homem aos poucos encontre o tipo de ambiente no qual possa se expandir e sentir à vontade, uma espécie de “clima moral” em que sua natureza se efetua. (Park, 1979: 63)

A segregação operada no espaço urbano, segundo Park, pode ser determinada pelos interesses pessoais, mas também pelos gostos ou temperamentos que são diferentes da segregação de ordem econômica ou por interesses ocupacionais. Estas espécies de vizinhanças por afinidade vão, segundo ele, formar as regiões morais que não se reduzem estritamente a locais de moradia, mas que podem ser apenas locais de encontro na cidade. (Park, 1979: 64)

A região moral, entretanto, como disse anteriormente, é um conceito aplicado a regiões nas quais prevalece um código moral divergente do estabelecido, que se diferencia do comum da vida na cidade. Cidade entendida como lugar que mostra em excesso o bem e o mal da natureza humana e que a torna um excelente laboratório de observação e estudo desta mesma natureza humana. Neste sentido, regiões morais distintas, que se justapõem ou interpenetram, podem ser encontradas na Lapa como os moradores dos edifícios, vilas e casario formais e os moradores dos cortiços que habitam as franjas informais da cidade; os jovens que habitualmente freqüentam o circuito mais popular da Lapa, como botequins e calçadas, e aqueles que freqüentam o circuito mais elitizado dos lugares que cobram “consumação mínima”; os locais e os que vêm de fora, cada grupos destes delineando percursos e circuitos durante o dia ou à noite; os que trabalham na Lapa, em diferentes tipos de trabalho, e os que moram; enfim, existe um catálogo interminável de regiões morais na Lapa.

Ao pesquisar a Lapa nos livros, ou caminhando pelo centro, ou fazendo perguntas às pessoas entrevistadas posso claramente perceber que os seus limites são difusos e se confundem como uma nebulosa, com áreas próximas e que, talvez para alguns, não seja exatamente mais a Lapa. É preciso então pensar, avançando com as reflexões de Park, por exemplo, na permeabilidade dos mundos; em mundos que se interpenetram, nos quais as sutilezas das fronteiras e sua compreensão potencializam as passagens, ultrapassar mundos, alcançar a amplidão do que é múltiplo, enfim, se perder. Ou seja, lugares como a Lapa são mundos que podem produzir um homem que não seja refém de seus iguais, que seja, num certo sentido, cosmopolita. Esta dimensão nos obriga a pensar numa categoria diferente de bairro, sem limites rígidos delimitados por ruas, por poligonais ou pelo modo de vida e as sociabilidades, pois estas são muitas vezes inexistentes, são efêmeras ou estão sendo reconstruídas.

Assim o conceito de região moral pode servir para pensar a Lapa como um lugar diferenciado no centro da cidade como um todo, por abrigar um expressivo contingente de população residente que convive com a vida noturna boêmia, caracterizada por práticas de divertimento e transgressão – consumo de drogas e prostituição, por exemplo.

Região moral para os moradores que escolhem morar neste lugar atravessado por usos que se conflitam, cidade que não dorme, que se mantém ativa durante quase 24 horas por dia nos finais de semana. Região moral para usuários, frequentadores, que procuram determinado tipo de divertimento e consumo. Região moral para comerciantes, empresários e até mesmo para camelôs, cada um dos quais desenvolvendo as potencialidades comerciais dos produtos que vendem e das formas como comercializam.

#### *4.8. Tradição Lapiana – entre o típico e o popular*

Os estudos sobre bairros desenvolvidos a partir das etnografias urbanas portuguesas identificam características na Alfama e na Bica que permitem classificá-los como bairros típicos e populares<sup>27</sup> de Lisboa. Para isso fazem as passagens necessárias entre o global da cidade de Lisboa e o local dos bairros estudados, identificando os traços característicos da cidade e sua relação com os bairros. Relação marcada pela localização geográfica, pelo papel desempenhado pelo bairro ao longo do tempo, pelos grupos sociais que ocuparam estas regiões; pela cultura imaterial do modo de vida aí cultivado e as atualizações impostas pela vida contemporânea. Nesta pesquisa procuro desenvolver um diálogo próximo com os modelos e resultados destas pesquisas às quais tive acesso.

Pensar a Lapa como um bairro típico ou representativo do Rio de Janeiro é um desafio. O Rio é uma cidade litorânea, de praia – balneário, cidade do samba e do carnaval, onde a exuberância do meio ambiente e o contraste entre o mar e a montanha produziram um

---

<sup>27</sup> Grifo meu.

resultado singular e único. É uma cidade urdida e cindida entre a zona sul e o subúrbio, entre a favela e o asfalto, entre o formal e o informal, entre o centro e a periferia... Tantas cidades, tantas representações de cidade sob o guarda chuva do nome Rio de Janeiro. Fruto e objeto de uma intensa negociação entre interesses internos e um permanente interesse internacional, é oferecida como ponto turístico único ou porto seguro para projetos de homens honestos ou aventureiros das mais diversas nacionalidades ou procedências. Nesta dinâmica várias roupagens urbanas e maquiagens especiais lhe são conferidas ao longo do tempo, das quais restos, vestígios e testemunhos espalhados por toda a parte confirmam a importância da aparência para a cidade-mercadoria cunhada por processos de globalização, descoberta e usurpação. Não quero com isso criar uma imagem de vítima para a Cidade Maravilhosa mas tentar entender como sua identidade, móvel ao longo do tempo, serviu para lhe inscrever uma personalidade híbrida e não capturável pelo instantâneo de um modelo único – entre o típico e o popular.

Assim é preferível pensar na Lapa como uma das peças coloridas do mosaico, um dos retalhos do *patchwork*<sup>28</sup>, um artefato a ser inventado pelo *bricoleur* urbano, mais do que a representante típica de uma cidade à deriva na sua própria multiplicidade de identidades. O “típico” do Rio depende da hora e do lugar, é relativo como o trânsito das pessoas pelas veias da cidade. Ouso pensar que não existe um típico, mas várias **tipicidades**, assim como uma revisitação das tradições, no plural e sem o peso do compromisso com a gênese da formação cultural e o selo de autenticidade.

Esta etnografia me desvenda o Arco das Lapas, esta grande abóbada celeste sob a qual, abençoados por Deus, por Nossa Senhora do Carmo e por diversos Orixás<sup>29</sup>, encontramos

---

<sup>28</sup> Nesta medida a metáfora do homem urbano seria a de ser um camaleão sobre este *patchwork*, como interpreta Hannerz (1983).

<sup>29</sup> Os Orixás aqui mencionados faziam parte da decoração do botequim “Messan Orun”, na Praça Tiradentes, cujo proprietário era um pai de santo. O serviço era feito por pessoas vestidas à caráter e a música ao vivo era acompanhada da batida de atabaques. A proposta era a de um bar temático explorando aspectos religiosos da cultura afro brasileira. Em 2007 o “Messan Orun” fechou suas portas.

vestígios de lugares, bairros, regiões morais, que nos seduzem a flexionar seu nome e termo de posse para o plural – Lapas de todos nós.

A idéia de um bairro típico do Rio, não traduz um lugar tão atravessado por fluxos nômades (e de desterritorialização) como a Lapa, e nem sua relação com a cidade. O que o estudo da Lapa permite pensar é que existe uma singularidade dos lugares, mais do que o compromisso em ser típico, característico, ou mesmo de encarnar uma síntese da cidade. O que há na Lapa é uma síntese inexata, como diria Caetano Veloso, própria do que é diverso e múltiplo.

Os estudos urbanos e a tentativa de pensar o conceito de bairro também produziram trabalhos interessantes a partir da abordagem da Geografia, dentro do Programa de Pós graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde o estudo seminal do professor Maurício Abreu, *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, passando por vários estudos sobre a morfologia, composição social, geografia urbana da cidade, esta área tem contribuído significativamente para o entendimento das questões urbanas contemporâneas. Enquanto a História nos oferece interpretações e versões a respeito do passado das sociedades, processual ou não, a Geografia lida com o presente de sociedades em processo de desenvolvimento. O estudo realizado por Soares<sup>30</sup> sobre o conceito geográfico da noção de bairro indica que “um bairro urbano tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular, uma alma” (Bernardes & Soares, 1987: 105), e que esta noção é fruto de um olhar e uma designação popular que nem sempre coincide com as unidades fiscais ou administrativas estabelecidas pelas municipalidades. A noção de bairro incluiria as seguintes dimensões: paisagem urbana, conteúdo social e função (Bernardes & Soares, 1987: 147). Ou seja, a identificação de um bairro estaria relacionada a uma leitura da morfologia urbana local, associada a dimensões sociais do modo de vida particular de quem ali habita, trabalha etc., e à

---

<sup>30</sup> Maria Therezinha Segadas Soares, “O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro”.

função que este conjunto desempenha no desenvolvimento global da cidade. Seria interessante acrescentar a estes quesitos utilizados para compreender o sentido de um bairro numa cidade, a noção adotada pela Unesco de “paisagem cultural” para pensar a cidade em geral e os espaços diferenciados no seu interior. Paisagem cultural como aquela que abrange as formas urbanas ou naturais modificadas pela presença humana e sua cultura.

Acompanhando esta discussão a partir de um envolvimento relativo com os estudos realizados pelo Iphan para enquadrar as cidades do Rio de Janeiro e de Paraty como paisagem cultural, nos moldes preconizados pela Unesco, pude perceber que como toda aplicação de um conceito criado universal e internacionalmente, ele precisava ser lapidado pelas realidades locais, assim como por nossas reflexões brasileiras a respeito do assunto. O conceito expresso internacionalmente não me parece vago ou frágil, mas assim como a relativização do que vem a ser autêntico e original imposta pelas visões culturais orientais a respeito da preservação material do patrimônio, a noção de paisagem cultural pode (e deve) variar de cultura para cultura. As considerações que faço a seguir têm por objetivo lançar algumas despreziosas reflexões neste campo.

Entendo que a paisagem cultural, mais do que uma “forma” modificada pela cultura humana, é um conjunto de imagens investidas dos mais diversos sentidos que a elas são atribuídos pelos homens que as apreendem. A questão simbólica de atribuição de valor e significado por parte de uma sociedade ou grupo social desempenha um papel fundamental na construção do conceito de paisagem cultural e nesta medida, este conceito seria muito semelhante com o de lugar, apresentado anteriormente.

A diferença entre paisagem e lugar talvez pudesse ser estabelecida a partir da distância necessária à apreensão de cada uma das categorias – paisagem percebida a uma maior distância; lugar percebido de muito perto ou até mesmo de dentro.



Outro aspecto análogo sugerido pelas etnografias a respeito dos bairros de Lisboa diz respeito à dimensão popular dos bairros estudados e a qualidade deste dado na construção de interpretações sobre a constelação urbana portuguesa. A Lapa é, sem dúvida, um espaço popular dentro da cidade. É possível perceber nela uma invisibilidade social que talvez, como no caso da Alfama e da Bica em Lisboa, se expliquem pelo fato da Lapa também ter sido ocupada por populações empobrecidas, pelas classes mais populares. É certo, como mostram as histórias locais, que no século XVIII e XIX esta área foi ocupada por chácaras, depois por sobrados nobres; que durante o século XIX e na passagem para o XX aí viviam famílias da classe média carioca, profissionais liberais, comerciantes da burguesia ascendente. O desenvolvimento do transporte urbano e a eletrificação dos bondes criaram, no interior da cidade, pontos de passagem, parada e circulação que por sua vez serviram para construir espaços diferenciados no interior da trama urbana, com um tipo de comércio e uso particulares. Até hoje se pode perceber que os locais destinados a terminais de transportes, pontos finais e suas imediações, são degradados e sujos, pois aí se concentra um comércio de ambulantes e as mazelas da falta de infra-estrutura de banheiros, locais adequados para alimentação, descanso e espera por parte de usuários e dos trabalhadores deste tipo de ofício. É possível imaginar como a circulação de bondes elétricos e a localização do ponto final de algumas linhas no Largo da Lapa tenha, de alguma forma, contribuído para a progressiva degradação daquela área, até culminar com a decisão de demolição de todo o casario ali existente. Quando os bondes desapareceram, surgiram os ônibus, com outra lógica de funcionamento e os lugares degradados pelo uso são aos poucos abandonados, restando apenas a degradação. Com o aparecimento e proliferação dos prostíbulos, cabarés, bares e restaurantes as famílias vão se mudando e o bairro vai se popularizando e tornando lugar da malandragem e boemia freqüentado por artistas, de um modo geral, sempre simpatizantes da degradação e da transgressão. Aos tempos áureos deste tipo de fama se sucede a decadência e

o apagamento do glamour mais tarde reinventado nos projetos de revitalização para a área empreendidos nos anos 1990.

O que se pode dizer novamente é que o popular, no Rio de Janeiro, se matiza de cores diferentes conforme o bairro, se na zona norte ou na zona sul, se no meio da cidade formal ou por seus desvios informais, se em lugares onde a tradição do popular já deixou suas marcas ou onde a popularidade acabou de chegar. Existe um popular característico da zona Norte, outro da zona Sul, e mesmo dos bairros afastados do centro que é completamente diferente da Lapa – um popular interiorano, suburbano, que vai desenhar outras estéticas no modo de ser, de consumir e viver. A proximidade com a região central da cidade, o antigo centro empresarial e de negócios, faz com que a Lapa assuma características muito mais cosmopolitas do que populares, embora estas categorias não se excluam mutuamente de modo simples e lógico. A distância do mar e o papel de zona de transição e “portal” de saída (e também de entrada) da cidade, faz com que a Lapa encarne uma função meio central de ser no mundo, por onde transita o tipo popular local, os homens de negócios, funcionários de empresas localizadas no centro, senhoras das classes médias em busca de antiguidades baratas entre os usados – que consomem o modismo do comércio de antiguidades, o turista “mochileiro”, uma miscelânea de classes médias e baixas (populares) que conferem um tom híbrido e não apenas popular à Lapa.

Empreender um estudo de antropologia urbana no Rio de Janeiro impõe, por sua vez, buscar referências como as criadas dentro do PPGAS/MN/UFRJ, pelos estudos desenvolvidos por Gilberto Velho ao longo de mais de trinta anos de pesquisas dedicadas ao assunto. Uma comparação entre o estudo de Copacabana (Velho, 1973) e a Lapa, guardadas as diferenças de olhares e temporalidades que cada pesquisa mantém, é inevitável. É interessante, sob certo aspecto, assinalar que foi para Copacabana que a Lapa perdeu, nos anos 1940 e 1950, o posto de lugar de diversão e atração turística na cidade. O que diferencia basicamente estes dois

trabalhos talvez seja a pergunta que os moveu em cada momento. Enquanto para Velho a questão da escolha de morar em Copacabana se colocava como uma indagação central e o caminho que levava a explorar conceitos como melhoria de vida, ascensão social, padrões culturais do que significava viver bem, ser bem sucedido etc.; no meu caso, uma das questões colocadas é a da permanência do uso residencial em áreas degradadas da cidade, destinadas durante anos exclusivamente à função terciária – trabalho, administração, prestação de serviços – tornada complexa pela existência de um denso tecido urbano antigo, com casario e arruamentos do século XIX, em processo de revitalização comercial e cuja população residente se esconde no anonimato da ausência de dados a seu respeito.

Entretanto, o estudo de Velho sobre Copacabana permite observar semelhanças nas constituições sociais dos grupos que habitam a cidade, sua diversidade e complexidade. O estudo de um edifício popular em Copacabana, a despeito de seus moradores considerarem o endereço representativo de um projeto de ascensão social, não difere muito do Edifício Victor, por exemplo, por mim estudado, ou do edifício onde reside Alexei Bueno, cuja fala a seguir ilustra sua semelhança com o edifício Estrela, em Copacabana.

“O perfil social é basicamente o seguinte: pequenos comerciantes, aposentados, funcionários públicos, vários camelôs que descem e montam suas barracas ali embaixo, numerosos travestis. De vez em quando a gente desce ou sobre com os travestis, mas isso é uma população flutuante, porque há muitos apartamentos que são alugados então de vez em quando dois ou três travestis vão morar num apartamento daqueles depois desaparecem. Muitas moças de vida airada também, visivelmente dá para perceber sutilmente a profissão delas, os travestis não são sutis, são acintosos, mesmo os mais bonitos digamos assim. Então é um perfil tipicamente lapiano sob este aspecto, tem de tudo. Tem, por exemplo, o restaurante Taberna da Gloria que eu frequento muito como eu já falei, tem um senhor, é um garçom antigo de lá que mora no prédio que eu moro, eu encontro muito ele, tanto no elevador, quanto lá na Taberna. Quer dizer há garçons no prédio, pequenos comerciantes, travestis, estudantes, famílias que também moram em apartamentos pequenos. É um negócio de classe média baixa para baixo. (...) os porteiros são excelentes, é um pessoal de uma cordialidade ótima só tenho elogios, o serviço assim no nível humano é muito melhor do que quando eu morava ali na praia do Flamengo, na esquina com Tucuman. (...) na Lapa há muitos portugueses, é um bairro ainda com esta coisa tipicamente carioca, com muito português e muito descendente de português, então mantém essa coisa meio de Alfama, Mouraria ou Porto, e por outro lado tem essa coisa da transgressão, esta coisa da vida noturna, da prostituição, dos travestis, que é um dos traços muito marcantes e que depois de um período de decadência voltou à toda há mais ou menos uns quatro ou cinco anos para cá, eu acho que o fascinante daquilo lá é essa mistura de tipos humanos, numa convivência bastante pacífica. Como eu falei, ali só tem punquista, não há, tirando quando roubam turista lá no fim de semana essa coisa, não há matéria prima para o crime na Lapa, é um lugar que obviamente deve ter seu pequeno tráfico de drogas, ali naquela montoeira de gente que fica se reunindo nas sextas feiras e nos sábados na Joaquim

Silva, mas no resto é um lugar absolutamente familiar, e um local antifamiliar ao mesmo tempo, eu acho que o curioso da Lapa é isso, ela junta muito marcadamente as duas coisas: as seis da tarde no meu prédio é aquela leva de mães chegando com crianças da Mabe, que é aquele colégio que tem ali do lado na rua do Riachuelo, ou de outros colégios, todas as crianças com as suas mochilinhas, aquela coisa toda e quando dá oito horas da noite começa o tráfego dos travestis que seguem para a Augusto Severo e para a Mem de Sá, também com maior naturalidade, isso é muito curioso e o meu prédio dá um perfil muito claro desta fusão, desta coisa toda.” (Alexei Bueno, 2005)

Existem evidentemente as diferenças: morar na Lapa não significa projeto de ascensão social, mas de empobrecimento ou busca de uma centralidade favorável na localização dentro da cidade. Copacabana vem representando no cenário carioca um panorama mais diversificado aonde o apelo turístico, a presença de favelas nos morros, a existência de programas residenciais que vão dos grandes apartamentos de classe alta da avenida Atlântica, até os incontáveis edifícios de quitinetes com vagas de aluguel existentes em todo o bairro, matiza outras cores. Não existe classe alta, mesmo decadente, expressiva na Lapa e a favela fica no cortiço que ocupa o sobrado ao lado do edifício residencial de classe média e não no morro. Os eixos de tráfego pesado que cortam a Lapa e sua proximidade quase sem fronteira com o centro de negócios, por onde circula o fluxo restante de capital que ainda alimenta a economia da cidade, impedem a cristalização de qualquer característica marcante e típica para o local.

#### *4.9. A Lapa a contrapelo de Bica e Alfama*

O diálogo bibliográfico com os cientistas sociais de além mar, o pensamento analógico, comparações e tentativas de síntese talvez iluminem diferenças que como num teatro de sombras permitam fazer representações a partir dos contrastes entre claro e escuro de cada realidade. Os bairros, para Graça I. Cordeiro e António F. da Costa, “representam a cidade, a sua memória, a sua história, o seu povo, sintetizam um conjunto de temas e comportamentos culturais específicos de Lisboa, e por isso são considerados típicos” (Cordeiro & Costa, 1999: 59).

Em Portugal o bairro pode ser pensado como uma tradição oral, já que a menor divisão administrativa e política do território português ainda é, até os dias atuais, a freguesia, ou seja, bairro é muito mais um vocábulo, um nome, do que um território, uma delimitação espacial para efeito administrativo ou político. Neste aspecto também a Lapa é hoje muito mais um nome atribuído pela tradição do que a designação oficial de um bairro na cidade. Mas não é só isso. Se analisarmos comparativamente a Lapa com o bairro da Alfama ou da Bica nas descrições/interpretações etnográficas de Costa e Cordeiro, guardadas as diferenças, vamos perceber que no caso de Portugal existem traços sociais que contribuem para caracterizar esta nomeação de bairro como, por exemplo, redes de vizinhança, a tradição de morar no local, a percepção da densidade histórica do local e seu caráter patrimonialista. Elementos que, no caso da Lapa, não são os que parecem sustentar a manutenção do nome. Pode-se dizer que hoje o nome Lapa é muito mais uma atribuição de fora para dentro do que o contrário, é como se fosse uma grife, ligada a um processo de revitalização cultural da área baseada na sua tradição musical e de boemia. Uma ilustração disso pode ser observada na publicidade feita por uma casa noturna aberta na Barra da Tijuca em que veicula a seguinte frase: “ ‘Bom sujeito’: a Lapa já chegou na Barra da Tijuca”, e associa a sua programação musical àquela existente hoje na Lapa. É como se a Lapa, como uma marca de cerveja, um rótulo, pudesse se tornar uma grife e migrar para qualquer lugar da cidade.

Por outro lado se olharmos a Lapa a partir do tipo de implantação urbana vamos ver que esta não se caracteriza por ser um enclave diferenciado dentro do próprio centro. Sua arquitetura e urbanismo se espraiam em diferentes direções ao mesmo tempo em que seu tecido urbano é atravessado por densas avenidas que a seccionam transversal e longitudinalmente, fazendo com que seja um lugar de misturas e continuidades, mais do que de distinção e rupturas. A tipologia arquitetônica de suas edificações mantém uma certa continuidade em relação à Glória, Bairro de Fátima, Saara, Cinelândia. O público que

freqüenta ou vive na Lapa também se caracteriza por transitar e participar de vários mundos e não se restringir a círculos de identidade sócio cultural locais, grupos e regiões que ficaram circunscritos a um mesmo universo local.

A construção de um mundo transitório, múltiplo e híbrido na Lapa é potencializada pelo fato de que os espaços públicos não facilitam a permanência e a convivência que, por sua vez, estabelecem os laços necessários à construção de uma “sociedade de bairro” (Costa, 1999), com identidades próprias e que se relacionam tanto com a tradição, os lugares de memória, quanto com a modernidade e o trânsito pelos diversos mundos que constituem a cidade e a sociedade contemporâneas. Ocupados por ambulantes, locais de passagem de um tráfego pesado de ônibus – os espaços públicos na Lapa não são lugares de encontro, mas de esbarrões, não propiciam trocas mais densas e o estabelecimento de laços. Há evidentemente uma sociabilidade particular que se estabelece nas passagens, na mobilidade, nos botequins de esquina, alguns dos quais invadem as estreitas calçadas com mesas, mesmo nas esquinas mais barulhentas e sujas, é uma rede fugaz estruturada pela vizinhança das moradias, pelo “conhecer de vista”, pela dimensão cotidiana infame de uma Lapa domiciliar pouco conhecida e estruturalmente frágil.

A Lapa que tem maior visibilidade é a do anonimato e burburinho dos passageiros freqüentadores da noite. Aquela Lapa que os discursos de origem exógena recriam: notívaga e boêmia. Algumas das pessoas entrevistadas e que vivem na Lapa não me apresentaram um discurso sobre tradição, memória, origem ou identidade carioca. Morar na Lapa é habitar uma fatia decadente da cidade que tem se transformado por força da revitalização chamada de cultural (e é comercial) da noite da Lapa.

As manifestações religiosas, por exemplo, tão importantes para entender a Bica, em Lisboa (Cordeiro, 1997), aqui são discretas, como tudo o que permeia o cotidiano da Lapa, seja a de tradição católica ou protestante. A prostituição e a deriva do *trottoir* noturno, seja de

travestis, seja de prostitutas, antigo e persistente, não é visto como uma tradição cultural local pelos agentes que empreendem o processo de revitalização local, assim como por alguns pesquisadores<sup>31</sup> que vêm analisando os processo social e urbano em curso na Lapa. A observação que realizei sobre a Lapa, entretanto, me mostrou que a prostituição é traço importante da cultura lapiana. O mote do processo de revitalização local, como o da maioria das grandes cidades, é a produção de eventos, grandes shows, casas noturnas temáticas – seja no décor, seja no tipo de programação que apresenta –, para os quais a cidade funciona apenas como cenário e seus habitantes como meros figurantes de uma cena que nem sempre vai ao ar.

A identidade dos moradores que pesquisei com a Lapa não passa, como nos casos de Lisboa apresentados por Costa e Cordeiro, pelo caráter patrimonialista do local, uma forte identidade com os objetos que representam o passado – edifícios, aqueduto, igrejas etc. – mas muitas vezes pelo aspecto funcional: a praticidade de morar na Lapa, sua centralidade. Existe também o fator econômico, pois durante muito tempo a Lapa foi um lugar onde se podia investir, a custo relativamente mais baixo, para adquirir uma moradia. Embora esta realidade esteja aparentemente se modificando por força do processo de revitalização local, grande parte das pessoas entrevistadas não se mudou para a Lapa recentemente e são proprietários de seus imóveis.

As entrevistas realizadas entre moradores e a observação do cotidiano nas ruas não relacionam tradição com a manutenção de redes de sociabilidade entre seus moradores. O que existe é um saber popular a respeito da história da Lapa, da tradição local dos anos 1930, voltada para o vigor de uma aura boêmia, musical, de malandragem e prostituição. Mais do que uma experiência de tradição existe a força de uma tradição oral construída, modificada ao longo do tempo e recriada contemporaneamente por movimentos sociais ou a indução de projetos políticos. Seus moradores parecem pulverizados na individualidade de suas vidas,

---

<sup>31</sup> Bernardes & Soares, 1987.

afastados pelas distâncias impostas pelas diferentes bagagens sócio culturais que carregam, exceto dentro do universo que pesquisei, nas redes estruturadas a partir do Programa de Saúde da Família-Lapa que caminha numa espécie de contramão das constantes forças de fragmentação e dispersão que animam as grandes cidades, e sobre o qual falo nos capítulos 2 e 6.

A população muda, recria seus laços, reinventa suas histórias, tudo é efêmero, tem menor densidade, como se a jovialidade de nossa história fosse um fator central de distinção em relação à Portugal, por exemplo. Mesmo que as tradições portuguesas vivam processos de transformação, como indicam algumas pesquisas sobre os jovens, a complexidade/espessura da tradição e da história, impregna com outro tipo de duração as paredes das casas e as almas dos moradores.

O que a pesquisa sobre a Lapa demonstra é que as sociedades complexas impedem, sobretudo, a reificação de categorias de análise, classificações totalizantes. O relato etnográfico é denso e delicado na medida em que tenta apreender a diversidade de categorias e situações que caracterizam cada lugar, cada grupo social que habita estes lugares.

A importância de uma eventual delimitação de área, identificada como bairro, é a de que se pode estabelecer uma “unidade de análise” (Costa, 2003) para a trama da vida social que se quer estudar. É produzir um recorte espacial dentro do qual se possa aprofundar a investigação sobre os modos de viver e se apropriar da cidade, de um determinado grupo social. A pesquisa de campo apontou para a presença de uma trama de ruas, conjuntos de edificações, residências e dentro destas estilos de vida singulares e talvez incomparáveis –a cidade assume a forma de uma cebola, com várias cascas e níveis aos quais vai se chegando ou não conforme o trabalho de campo se aprofunda. No caso da Lapa, resolvi privilegiar a diversidade labiríntica, superficial, intensa dos achados, ao invés de me embrenhar de modo focado em um local ou numa rede social específica.



#### *4.10. Várias Lapas sob um mesmo arco*

Encontrei diferentes Lapas de acordo com o endereço de cada um de meus interlocutores, se morando próximo do tradicional coração do bairro, entre os Arcos e a Glória, ou se morando depois dos Arcos na direção da Praça da Cruz Vermelha, na área atendida pelo Programa de Saúde da Família.

Localizados na fronteira “além” Aqueduto, os moradores desta região tendem a identificar como Lapa as proximidades do Aqueduto, a grande praça, as ruas da Lapa e Joaquim Silva, as fronteiras com a Glória e na direção norte o limite fica ora por conta da rua do Lavradio, ora por conta da rua Gomes Freire.

As contradições em relação aos limites e a espacialidade da vida no território urbano mostram que bairros e lugares são construções sociais muitas vezes negociadas entre os que habitam e os outros. Que as diferenças e os limites são, as vezes, muito sutis e dados por outras formas de medir que não, por exemplo, o início e o fim de uma rua. Existe o bairro como uma delimitação cognitiva de contornos precisos como é habitual nas definições administrativas ou cartográficas, mas existe também a delimitação humana dos lugares. A maneira como os corpos, as rotinas de vida, as circulações, o uso da cidade, produzem limites, circunscrevem espaços. Sobre isso ver mapas em que reproduzo os limites desenhados por alguns de meus interlocutores quando lhes pedi para identificarem os limites da Lapa (fig. 43, 44 e 45).

Os limites administrativos oficiais do bairro do centro do Rio vão da região portuária até a Glória e da Praça XV até o Catumbi, o que parece ser uma excrescência em termos do apagamento de todas as diferenças e singularidades que recortam área tão vasta, tão diversamente ocupada e transformada do ponto de vista urbano. Por causa disso vários trabalhos sobre o centro da cidade e mesmo muitos mapas da cidade ao longo do tempo não

abrem mão de nomear certas regiões que possuem uma identidade própria no interior da área central da cidade. O trabalho de Mafra sobre a camelotagem no Rio, anteriormente citado, é um exemplo disso na medida em que nomeia uma série de áreas no centro da cidade, mostrando que cada uma possui características que a tornam singular dentro do Centro (Mafra, 2005).

Há duas questões que me parecem centrais na conclusão deste capítulo. A primeira, já apresentada nas páginas iniciais deste capítulo, diz respeito à capacidade de renascer e regenerar da Lapa (Vargas e Castilho, 2006: 96), tanto do ponto de vista físico, quanto simbólico e social. Acho importante repetir, no sentido de reafirmar, que a permanência do uso residencial, a continuidade de determinadas tradições, a presença de extensos tecidos urbanos impregnados de historicidade, resultam, em alguma medida, do fato de que a população residente na Lapa reinventa as próprias condições de vida na rotina do dia a dia.

O segundo aspecto seria o de que mais importante do que a classificação como bairro, território, lugar ou região moral é a utilização destas categorias como modo de pensar o objeto estudado, modo de compreendê-lo, de dar-lhe visibilidade, tanto para os que são responsáveis por sua administração – o poder público – quanto para os que nele ou dele vivem, assim como para os que podem vir a ser capturados pela curiosidade e interesse em conhecer as várias Lapas que se abrigam sob o Arco desta etnografia. Que a partilha do conhecimento desenvolvido nesta pesquisa sirva, em última análise, para revelar uma Lapa menos conhecida e tão importante quanto a que podemos encontrar na publicidade turística local e internacional.

### *5. Diversidade complexa: tradições reinventadas do sagrado ao profano*

O eixo central desta pesquisa não é propriamente a questão da tradição religiosa ou boêmia na Lapa, mas seus moradores e como a vida de quem mora na Lapa organiza, estrutura, dá o caráter ao que se poderá chamar de bairro, vizinhança, lugar, localidade no interior da área central da cidade do Rio de Janeiro. O uso residencial, entretanto, não se dá de modo completamente isolado mas em interação com os demais usos presentes na Lapa. O processo de revitalização local, que se desenvolve com maior vigor desde os anos 1990 está centrado em uma proposta considerada como de caráter cultural e voltada para a implantação de casas noturnas, bares e restaurantes que provoquem a dilatação do horário de vida útil das áreas do centro da cidade, que funcionam apenas no horário comercial. Além disso, o processo de revitalização da Lapa valoriza, em muitos aspectos, a tradição e vocação do bairro para a boêmia e vida noturna, a exemplo do apogeu experimentado nos anos 1920/1930<sup>1</sup>.

Considerando a inevitável interação presente nas relações sociais que estruturam a vida cotidiana na Lapa procurei fazer uma pequena cartografia das manifestações religiosas, assim como do uso dos bares e restaurantes – tradicionais e novos – existentes hoje em dia, com o objetivo de procurar entender de que forma estes espaços de sociabilidade participam das dinâmicas sociais locais. Não me detive em pesquisar a história e a evolução das práticas religiosas através do tempo no interior da igreja católica, nas igrejas protestantes ou em outras práticas de cunho religioso. Nem investigar profundamente bares e restaurantes exercitando a observação participante nestes espaços da mesma forma como acompanhei alguns moradores pois isso demandaria um outro tempo de pesquisa. Meu registro se ateve a uma observação parcial destas instâncias de sociabilidade, o acompanhamento e a observação de alguns

---

<sup>1</sup> Ver a este respeito a bibliografia sobre a Lapa formada pelos seguintes autores: Andrade, 1998; Costa, 1993; Cunha, 1998; Di Cavalcanti, 1964; Gerson, 2000; Lustosa (org.), 2001; Martins, 1979.

rituais, a identificação da diversidade de templos, religiões e práticas religiosas que se espalham pelo território da área central, em particular a Lapa e suas imediações, assim como dos bares mais tradicionais, dos novos que abrem a cada semana e dos que de forma nômade vagam pelas calçadas e becos da Lapa, escapando como podem à repressão policial ostensiva hoje existente no espaço público do bairro.

A etnografia religiosa foi motivada pela leitura do trabalho de Graça Índias Cordeiro sobre o bairro da Bica, em Lisboa. Naquele trabalho a autora relata a dificuldade de acesso aos espaços de vida domiciliares e de como o encontro do espaço de sociabilidade do clube a leva às marchas, às festas religiosas e a redes que estruturadas sobre práticas sociais de caráter mais público permitiam entrever a densidade das relações sociais no interior do bairro (Cordeiro, 1997).

O clube e as festas religiosas se constituem, segundo Cordeiro, em espaços intermediários entre o público e o privado, nos quais o pesquisador tem maior facilidade de acesso e pode desenvolver sua pesquisa entre observar e entrevistar os envolvidos naquelas dinâmicas sociais que, no caso da Bica, e durante os preparativos das marchas, reuniam um número expressivo de habitantes do local.

No caso da Lapa as tentativas de evoluir para o aprofundamento de certas redes sociais como, por exemplo, a da vila onde um de meus interlocutores morava, não se concretizaram, indicando que minha informante mantinha uma rede “rala” de relações com seus vizinhos, marcada por diferenças e distinções que ela preferia acentuar no sentido de manter certa distância. Assim também ocorria com outros interlocutores como mostro no capítulo 2 desta tese.

A igreja da Lapa é um ícone relacionado com a fundação do lugar e além disso me espreitava durante o trabalho de campo e num determinado momento resolvi entrar no horário em que permanecia aberta para investigar se a igreja se traduzia num espaço de sociabilidade

local, a exemplo do que acontecia em Lisboa, e que talvez me levasse a uma rede que eu pudesse pesquisar.

A padroeira da igreja era homenageada por uma procissão no mês de julho e acompanhei sua preparação e ritual para observar a interação daquela prática religiosa com o bairro e seus moradores. Não esperava encontrar nada parecido com as descrições de Cordeiro sobre a Bica, na medida em que comparativamente, não temos nenhuma manifestação cultural que se assemelhe à das marchas – integrando a identidade dos bairros e religiosidade – mas talvez pudesse me surpreender com alguma sutileza nas dinâmicas sociais em torno da igreja ou reafirmar o transitório, o passageiro, o fragmentário da representação social e territorial da Lapa (Cordeiro, 1997).

Para falar da ebulição noturna da Lapa usei mapas e matérias produzidos pela mídia em alguns momentos esparsos o que ilustra como esta dinâmica vêm operando e sendo registrada na Lapa. Sobre a disseminação de casas noturnas e bares pela Lapa produzi um mapa de meu próprio punho em que registro a última configuração boêmia a que tive acesso no final do que considero um inacabado trabalho de campo, na medida em que a cidade, e a Lapa em particular, é um organismo em permanente e cotidiana transformação, onde as redes e relações sociais estão sempre se reconfigurando através da lente espelhada do caleidoscópio urbano, o que torna impossível pensar num ponto final. Os mapas elaborados por mim ou nos quais registro as representações do bairro de meus interlocutores são como as cartografias de campo, elaboradas pelos etnógrafos de sociedades primitivas. Assinalam lugares, referências, relações dos homens com os lugares, representações da cidade, que possuem um valor inestimável para certas interpretações.

Talvez a melhor maneira de pensar esta condição de existência das cidades contemporâneas fosse a idéia de “obra aberta”, formulada por Umberto Eco em livro com o mesmo título (Eco, 1962). Para ele a noção de aberto está relacionada não apenas com o

inacabamento, mas com a possibilidade de várias interpretações oferecidas ao público (leitor, expectador, àquele que frui a obra de arte) a partir do estabelecimento da relação com a obra de arte. Está implícita, em certos casos de produção artística, que a interação do público com a obra seja capaz de produzir novas obras, outras versões, e uma espécie de co-autoria se estabelecer. As obras abertas são ainda aquelas que tem uma forma determinada mas cujo conteúdo é variável, indeterminado. Isso faz com que novos sentidos possam ser atribuídos a determinadas formas e elas estejam sendo sempre recriadas. De um modo geral isso me parece feito sob medida para pensar a cidade na sua interação com o campo social. No meu entendimento<sup>2</sup> a cidade é uma obra de arte, não necessariamente vinculada a um caráter estético, de beleza, universal, exemplar ou excepcional. É obra de arte porque reflete o inapreensível da passagem humana, é o vestígio derradeiro das civilizações, representação de seu modo de viver e pensar, guarda as contradições e os desacertos, o que deveria permanecer e o que deveria desaparecer, as mudanças do pensar e do agir. É uma obra de arte que reflete a vida no leito do seu devir, a cidade. É também um artefato em permanente construção e reconstrução de espaços, signos arquitetônicos, significados, sentidos, valores simbólicos, como a obra aberta pensada por Eco.

O registro que procurei fazer dos lugares que abrigariam a boemia lapiana nos dias atuais me obrigou a criar uma classificação que oscilava entre locais mais populares e locais mais sofisticados, e a inserção da gama dos “lugares intermediários”. Nesta tarefa identifiquei como “bar/restaurante tradicional” os lugares mais populares, independente de servirem só bebida em um balcão ou terem mesas e servirem refeições; chamei de “bar/restaurante novos” aos botecos mais sofisticados, também independente de servirem refeições; identifiquei as sinucas, sem considerar se havia comércio de bebida ou não; padarias e lanchonetes; restaurantes de todos os tipos e preços, como uma categoria genérica mas cujo carro chefe

---

<sup>2</sup> E no de vários autores como Giulio Carlo Argan, com toda a sua obra *História da arte como história da cidade*, 1984, dedicada a análise desta questão.

seja o comércio de refeições; casas noturnas como os lugares que têm shows ao vivo; espaços culturais, para os lugares que desenvolvem múltiplas atividades (ver fig. 53). A cada ida à Lapa, para concluir o mapa, eu me surpreendia com o aparecimento de um novo estabelecimento, lugares novos que vão aos poucos substituindo os antigos, ou se avizinhandos dos tradicionais.

Os mapas que representam uma cidade incluem, de um modo geral, informações diferentes, tendo em vista o objetivo a que se destina aquele documento. O material publicado nas duas edições da *Revista Veja Rio* não tem a pretensão de ser uma radiografia extensa da Lapa, mas um roteiro, que nesta medida opera como um guia e realiza um recorte específico para induzir a um determinado uso da Lapa (ver fig. 47, 48, 49 e 50). Como observa Castro, os guias turísticos apresentam mapas que de fato são a representação de uma construção do caráter turístico do lugar mapeado (Castro, 1999). São produtos elaborados para veicular uma determinada forma de ver e valorizar a cidade e seus espaços, ou seja, são representações sociais inscritas no tempo. A leitura de guias ou mapas turísticos elaborados em épocas distintas serve para ilustrar com precisão esta observação indicando, no caso do Rio de Janeiro, o deslocamento dos pontos de atração turística, a importância das edificações públicas no cenário da capital do país, o eixo de orientação dos mapas a partir dos sistemas de transporte e a importância do porto na chegada dos turistas na cidade. (ver fig. 24, 27 e 28).

Outro tipo de mapa é aquele que registra o instantâneo da evolução urbana e geográfica da cidade em cada momento de sua história. Mais do que interpretações da realidade este mapa pretende ser uma radiografia, registro fidedigno e documental de uma determinada configuração espaço-temporal. São estes mapas que no capítulo 3 ilustram de algum modo a evolução urbana da Lapa.

O levantamento de informações que fiz para construir o mapa que representa os estabelecimentos comerciais ligados à cultura musical e boêmia incluiu o máximo de

informações quanto à localização dos estabelecimentos, a categoria de ser um lugar tradicional ou novo, assim como seu caráter popular ou mais sofisticado, sem privilegiar qualquer tipo de recorte que excluísse alguns lugares. Mapear todos os estabelecimentos com estas características e a tentativa de capturar o significado simbólico de cada um, especialmente na oposição popular/local, elitizado/global, permite, ainda que de modo superficial, entender um pouco a dinâmica de interação entre os diferentes mundos que freqüentam a Lapa e seus bares e restaurantes (ver fig. 53). Serve para caracterizar de um modo mais explícito a dimensão de lugar popular, na acepção conferida pelos estudos em antropologia urbana de pesquisadores portugueses<sup>3</sup>, que a Lapa mantém e preserva ao lado de outras dimensões.

### *5.1. Os lugares de boêmia.*

A maneira de apresentar a Lapa boêmia mudou drasticamente desde os primeiros momentos do processo de revitalização local, nos anos de 1990, até os dias atuais. Hoje é possível encontrar na Internet toda a programação cultural e musical que acontece no centro do Rio, em especial na Lapa, no *site* [www.lanalapa.com.br](http://www.lanalapa.com.br). Mas se observarmos as duas matérias publicadas na *Veja Rio* com o intervalo de seis anos (a primeira em 2000 e a segunda em 2006), assim como matéria veiculada no jornal *O Globo* em 2007, vamos ver como proliferaram os lugares de diversão na Lapa, assim como as chamadas para a valorização do local, inclusive como espaço de moradia. A matéria de capa em 2000 era a ocupação efervescente da rua Joaquim Silva por um público jovem e à procura de diversão barata e que de uma hora para a outra descobriu as calçadas mal conservadas daquele bairro antigo, perdido no desconhecido centro da cidade (ver fig. 47. A fig. 47a mostra o mesmo ângulo da foto da matéria da Revista durante o dia). Já em 2006 a atenção se volta para os mega shows

---

<sup>3</sup> Cordeiro, 1997; Costa 1999; Cordeiro, Baptista e Costa, 2003.



do Circo Voador “reconstruído” e da Fundação Progresso em permanente estado de inacabamento, para o sucesso das casas noturnas instaladas no circuito da Lapa e que continuam atraindo cada vez mais pessoas de outros bairros e turistas (ver fig. 49 e 50). A chamada a respeito da Lapa em 2000 indicava que “bares movidos a samba, salsa, rock e hip hop dão nova vida à noite do velho bairro boêmio” e que revivendo os tempos de outrora a Lapa se transformava em *point* das noites cariocas. O mapa então elaborado para ilustrar esta revitalização continha 13 estabelecimentos comerciais concentrados no circuito do Largo da Lapa, rua Joaquim Silva e Mem de Sá, principalmente. Incluía os espaços do Teatro do Oprimido e o Ta na Rua, casas tradicionais como o Capela e o Bar Brasil, na rua do Lavradio apenas o Empório 100 que hoje não existe mais, e incluía um circuito que podia ser interpretado com uma versão *under ground*, formado pela Sinuca da Lapa, Pizzaria Arco Íris, Semente, Boteco e Padaria Arcos da Lapa, na Joaquim Silva. A própria maneira de nomear os lugares dá o tom desta informalidade popular que então caracterizava a Lapa. O mapa construído não conseguia representar o movimento de ocupação das calçadas e o comércio popular de cerveja e comida que se espalhava informalmente pela área naquela época (ver fig. 48). Havia um exotismo marcado pelo espontâneo dos movimentos de ocupação e abertura das casas com música ao vivo; uma certa informalidade, um tom de ação entre amigos que aos poucos foi se modificando. Eram empreendimentos quase familiares, marcados por um experimentalismo e uma certa falta de profissionalismo de empresários que acabavam de entrar no negócio da diversão noturna. O encanto ficava por conta da obra do acaso que constituía os lugares e reunia as pessoas que no boca a boca multiplicavam o número de freqüentadores.

Em 2006 já uma outra Lapa se delineia no panorama noturno e boêmio da cidade com destaque para as “Novas casas noturnas, bares e muito samba, (que) atraem levadas de turistas e ajudam a reinventar o bairro que já foi dos malandros.” A matéria da Revista indica que a

Lapa expande suas fronteiras, aumentando o público que a frequenta. O novo mapa da boemia apresenta 19 estabelecimentos comerciais e mostra o deslocamento do foco de atenção sobre o bairro que deixa de ser o circuito dos bares instalados no Largo da Lapa e na rua Joaquim Silva, e passa a ser o dos estabelecimentos que hoje são âncoras dentro do circuito da Lapa como o Rio Scenarium, Sacrilégio, Circo Voador, Fundação Progresso, Carioca da Gema, Estrela da Lapa, todos localizados entre os Arcos, a rua do Lavradio e a avenida Mem de Sá e um pouco mais distante, na rua do Riachuelo, o Clube dos Democráticos (ver fig. 50). As campanhas de divulgação da Lapa como *point* se sofisticaram tanto quanto os estabelecimentos comerciais – restaurantes, bares e casa noturnas – atendendo inclusive a uma demanda crescente de trabalhadores circulando durante o dia no local em função da instalação do Tribunal Regional do Trabalho, na rua do Lavradio.

Em 2007 este mapa da Lapa boêmia ganha uma nova configuração e comprova uma proliferação de bares, casas noturnas, restaurantes, que chama a atenção. Identifiquei aproximadamente 80 estabelecimentos comerciais com este perfil de uso na área que vai da rua da Lapa à rua dos Inválidos e da rua Joaquim Silva à rua Visconde do Rio Branco, junto da Praça Tiradentes (ver fig. 53). Um outro dado a respeito da cartografia feita pela mídia é o não registro dos botecos mais populares do local, aqueles onde a população de moradores, estudantes da Universidade Estácio de Sá, trabalhadores do bairro, se reúnem para beber e conversar. São lugares mais populares que tem seu público próprio e que aparentemente não interessa divulgar para os *outsiders* que procuram o centro para se divertir. Além disso, existe um circuito de estabelecimentos ligados à diversão sexual que também não figura neste tipo de matéria que tem por objetivo inserir a Lapa cada vez mais no circuito do turismo.

O que é possível perceber nesta cartografia dos lugares que investem na revitalização boêmia da Lapa é que aqui também a tradição se reinventa a partir de modelos novos de casas noturnas, com atrações mais diversificadas e destinadas a tipos diferentes de públicos.

Existem circuitos que são mais voltados para turistas e um público de maior poder aquisitivo – como o Rio Scenarium, o Estrela da Lapa, Carioca da Gema etc.; circuitos mais voltados para um público jovem que procura programas econômicos – como o Arco Íris, o Teatro Odisséia, a Sinuca da Lapa; circuitos que oscilam entre programação ora mais cara, ora mais barata dependendo do artista ou do evento e com preços de meia entrada para estudantes, como a Fundação Progresso, o Circo Voador, o clube dos Democráticos (ver fig. 54c); e lugares tradicionais, como o Bar Brasil, o Capela, o Asa Branca que ainda atraem para o bairro pessoas que desde sempre o frequentaram e ainda frequentam, e não aparecem aí apenas porque está “na moda”.

O último cabaré com show de *striptease* existente na Lapa é a boate Carrossel<sup>4</sup>, em franco processo de decadência e completamente fora de qualquer um dos circuitos acima indicados. De meus interlocutores o único que mencionou o local foi o poeta Alexei Bueno, que disse passar por ali nos finais de noite, eventualmente, antes de voltar para casa para beber um ou duas doses de uísque.

A cartografia boêmia da Lapa atual inclui uma programação de caráter sexual que oscila entre o explícito das ruas e o mistério de alguns endereços – neste último aspecto o que se observa é a presença de motéis na área – tanto para um público GLS<sup>5</sup>, quanto para heterossexuais; de um espaço para o clube de podolatria (Valhala Rio), duas referências de clubes SM<sup>6</sup> mais próximas da Praça da Cruz Vermelha e Campo de Santana, dois espaços gays como o Buraco da Lacraia e o Gaylígula, além da ocupação de algumas ruas e esquinas com o *trottoir* de prostitutas e travestis. Ou seja, existe hoje na Lapa e suas imediações programação para todos os gostos, preferências e poder aquisitivo, o que, em certo sentido, mantém esta tradição de continuar integrando o circuito sexual da cidade, hoje polarizado por

---

<sup>4</sup> Fechada no primeiro semestre de 2007.

<sup>5</sup> Sigla que designa “gays, lésbicas e simpatizantes”, em que simpatizante é a pessoa heterossexual que não se importa de se relacionar com homossexuais e até simpatiza com suas causas.

<sup>6</sup> Sado masoquista.

Copacabana e Barra da Tijuca. Um estabelecimento que fica entre as casas noturnas que promovem shows e uma programação mais ousada é o Clube Turma OK, uma “confraria gay na Lapa”<sup>7</sup> que reúne transformistas e um público simpatizante familiar e heterossexual (ver fig. 54b). O espaço abriga uma programação animada, acompanhando todas as datas oficiais de festas típicas, além de promover uma série de premiações que animam seu salão durante todo o ano. O clube existe desde 1961 tendo acompanhado a vida política do país assim como todo o processo social de liberação e discussão do homossexualismo na sociedade brasileira, enfrentando todos os preconceitos e atuando de modo discreto e sem militância no fortalecimento do movimento gay no Rio. Sua diretoria é particularmente avessa a pesquisas e pesquisadores. Consideram que falar sobre o clube não ajuda na sua manutenção e acaba por expor histórias e personagens que preferem preservar, ou partilhar apenas dentro do clube. É como se o pesquisador se apropriando das histórias e fazendo uso delas, tirasse proveito disso sem dar nada em troca. Em função disso se recusaram a dar entrevistas. A maneira de conhecer a casa foi freqüentá-la como simpatizante em companhia de Cosme, sobre quem falo mais detidamente no capítulo 6.

Outro espaço que destaco na Lapa é o clube dos Democráticos que oscila entre a tradição de clube e a manutenção de estruturas como diretoria, associados, etc. e que se abre na forma de aluguel para abrigar festas e produções artísticas semelhantes às promovidas pelo Circo Voador e pela Fundação Progresso, guardadas as diferenças impostas pela carga de tradição de cada espaço investido de valores simbólicos muito diferentes, desde o estilo arquitetônico de cada um até a história que conforma cada lugar<sup>8</sup>. O clube dos Democráticos, dependendo do dia e da programação, atrai uma população tanto de jovens (na faixa etária entre 18 e 25 anos) vinda de todas as partes da cidade, quanto de pessoas mais velhas (acima de 40 anos) interessadas numa boa orquestra para dançar em seu salão com um adequado piso

---

<sup>7</sup> Frase retirada do site do clube na Internet.

<sup>8</sup> Lugar como o espaço investido/impregnado de valor simbólico, Briggs, c1985 e Augé, 2004.

de madeira. É um espaço densamente marcado pelos vestígios da antiguidade e historicidade do lugar pois o clube, criado em 1867, como um clube de carnaval, tem a sede conhecida como “castelo” por causa das características arquitetônicas. A atual sede do clube data de 1930, segundo o *Guia de Arquitetura Art Decô no Rio de Janeiro*, sendo considerada uma curiosa obra representativa do estilo *art decô*, composta por elementos geométricos e que representam uma natureza estilizada, merecendo destaque os painéis de azulejos internos, os estuques policromados e a estatuária que decoram o hall de entrada do edifício (Czajkowski, 2000c) .

Durante algumas semanas tentei conversar com a diretoria do clube e saber um pouco mais de sua história. Embora não fossem completamente fechados às minhas indagações, não consideravam ter muito a contar e acrescentar à minha pesquisa. Pude notar que a diretoria é um espaço político de disputas, dividido entre sócios tradicionais que chegaram a certas posições por mérito e trabalho dedicado ao clube, e sócios cuja entrada no clube estava ligada a manobras políticas, de favorecimento e privilégios que geravam cisões e desconfianças.

Fui convidada a ir a um baile dos associados, que comemorava o início da Primavera, para conhecer o clube em funcionamento. A dinâmica da festa me chamou a atenção por seu caráter conservador e tradicional. Desde as roupas<sup>9</sup>, passando pela maneira de cortejar as damas e convidá-las para dançar, o baile se desenvolvia como uma festa antiga, com boa música, para um público de idade superior a 40 anos. Misturava-se ao baile um jogo de bingo, com prêmios e, embora fosse uma festa eminentemente voltada para os associados, haviam muitos convidados externos, o que dificultava perceber o perfil dos sócios, a maioria dos quais não é formada por moradores da Lapa pelo que fui informada pela diretoria do clube (ver fig. 54c).

---

<sup>9</sup> Os homens não podiam usar calça jeans nem tênis e as mulheres deveriam estar de saia ou de vestido.

Os redutos tradicionais mais antigos da Lapa, em termos de restaurante e bar, são o Bar Brasil, o Nova Capela<sup>10</sup> e o Cosmopolita (que ocupa o imóvel na esquina da Rua Visconde de Maranguape com Travessa do Mosqueira há mais ou menos 80 anos). Estes são lugares que conviveram com a transformação urbana da Lapa e a mudança/permanência de seus freqüentadores. O Restaurante Capela, por exemplo, se localizava originalmente numa das quadras em formato de ferro de engomar que foram demolidas para dar lugar à praça em frente aos Arcos. Segundo um de seus donos a demolição do restaurante original, último prédio a ser demolido na quadra, foi no ano de 1969, quando o novo restaurante, localizado na avenida Mem de Sá, já estava pronto e inaugurado.

Nestes lugares, os *habitués* conhecem os garçons pelo nome e os garçons conhecem detalhes do gosto de fregueses que aparecem ali há anos, recebendo um atendimento completamente personalizado. O restaurante Nova Capela é o que funciona num horário maior, avançando sobre a madrugada, pois desde sempre foi reduto dos jornalistas e funcionários das inúmeras redações de jornal que já existiram e ainda existem na Lapa. Como o horário de fechamento das redações sempre foi de madrugada o Capela se organizava para oferecer a estes trabalhadores refeições antes de voltarem para casa. Com uma culinária que vai da canja de galinha ao leitão à pururuca, passando por cabritos, peixes os mais diversos, mariscos etc., o Capela sobreviveu não só à demolição de sua sede original como vêm sobrevivendo à revitalização da Lapa e o aumento da competição exacerbado pela diária abertura de novos bares e restaurantes na região. Sua clientela é variável mas formada por um contingente expressivo de clientes antigos que já não trabalham mais ou moram na Lapa mas aí voltam sempre nos finais de noite para jantar e beber, além de ser um lugar procurado pelas novas gerações de jornalistas e profissionais da mídia que descobrem o Capela no boca à boca

---

<sup>10</sup> Existem hoje na Lapa, lado a lado na avenida Mem de Sá, os restaurantes Capela e Nova Capela, dos mesmos donos. O Capela é um restaurante mais recente aberto exatamente para dar vazão ao público que cresceu consideravelmente nos últimos anos na Lapa e para desenvolver um cardápio mais sintonizado com versões de almoço chamadas de executivas, com um atendimento mais rápido e padronizado.

das redações, televisões e rádios. Além de algumas redações de jornais a Lapa abriga também a sede da TV “E”, na rua Gomes Freire.

Como disse anteriormente, entre os novos modelos de casas noturnas inaugurados na Lapa estão o Carioca da Gema, o Rio Scenarium, o Sacrilégio e o Estrela da Lapa. Entre os que inauguraram, desapareceram e ficaram na saudade o Semente na rua Joaquim Silva e o Dama da Noite na rua Gomes Freire, além do Empório 100. Cada um destes espaços apresentando uma proposta diferente e uma particularidade na programação e estilo de atendimento. De um modo geral os empresários que apostaram na revitalização da Lapa como Plínio Fróes (Rio Scenarium) e Thiago Cesário Alvim (Carioca da Gema) estão na área desde antes da reforma urbana da rua do Lavradio, executada nos anos 1990, foram atores deste processo de revitalização da rua, estiveram ou estão ligados ao comércio de antiguidades da região e se firmaram no cenário como proeminentes empresários da noite carioca. Hoje juntamente com Perfeito Fortuna, do Circo Voador, Ângela Leal, do Teatro Rival, integram um grupo que briga cotidianamente pela melhoria das condições de funcionamento e uso dos espaços da Lapa, Praça Tiradentes e Cinelândia, incluindo iluminação pública, reparos nas calçadas, ordenamento de trânsito e estacionamentos, aumento do policiamento, etc.

Entre as particularidades do grupo de empresários um detalhe de distinção que chama a atenção é o fato do empresário Plínio Fróes e muitos de seus funcionários serem moradores da região ou terem para aí se mudado com o passar do tempo, apostando que o centro é o melhor lugar para se morar, usufruindo todo o conforto de morarem próximos ao local de trabalho, experimentando na prática que o processo de revitalização de áreas degradadas pode e deve ser enfrentado com a revitalização de determinadas funções e em especial da do uso residencial.

Em relação às pessoas que entrevistei no decorrer de minha pesquisa e que moram na Lapa o que pude observar é que os mais velhos tinham o hábito de frequentar os restaurantes

tradicionais e que deixaram de freqüentar por terem se tornado muito caros. As pessoas mais jovens também não conseguem acompanhar a programação noturna da Lapa em função dos preços praticados pelos estabelecimentos comerciais seja no ingresso, seja no custo das bebidas e comidas, preferindo beber nos botecos fora de moda e comer nos restaurantes à quilo que proliferam de modo impressionante no bairro, ou simplesmente ocuparem as calçadas comprando bebida e comida nos camelôs locais.

### 5.2. A tradição religiosa

É interessante retomar aqui a descrição de Brasil Gerson (2000) a respeito da Lapa quando ele associa o surgimento do bairro a uma ocupação religiosa, caracterizada pela implantação da igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa e o seminário de padres anexo, assim como pelo Convento e Igreja de Santa Teresa, implantados no morro de mesmo nome e com sua fachada principal voltada para a região da Lapa. Na interpretação de Gerson sobre a Lapa encontramos desde a origem do bairro esta duplicidade de ser um lugar onde o sagrado e o profano coabitam. Com o passar do tempo talvez as cores dos hábitos que constituem a Lapa como um lugar de perdição<sup>11</sup> tenham se intensificado tornando-a depositária de uma tradição boêmia e de prostituição, menos religiosa ou em cujos espaços a religião tenha adotado uma postura mais discreta, menos ostensiva, mais fugidia. O que talvez seja possível indagar é se à desmobilização do uso residencial familiar na Lapa correspondeu uma perda progressiva do papel da Igreja no local, mas esta investigação leva a uma outra vertente de trabalho e pesquisa. Entre meus entrevistados, que na sua maioria moram na região da Lapa “além Arcos”<sup>12</sup>, identifiquei que eles freqüentam a capela do Menino Deus na rua do

---

<sup>11</sup> Expressão usada por Isabel Lustosa na Introdução do livro *Lapa do desterro e do desvario*, por ela organizado.

<sup>12</sup> Esta não é uma designação usada pelos moradores mas cunhada por mim, na tentativa de localizar o corte provocado pela linha do aqueduto entre a porção da Lapa que fica “na frente” dos arcos, e considero “frente” o grande largo aberto entre o aqueduto e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, e uma outra que fica depois dos Arcos no sentido Norte da cidade.



Riachuelo (ver fig. 57b) e a Igreja de Santo Antonio, na rua dos Inválidos e não a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa (ver fig. 57a), localizada no largo da Lapa.

A Lapa experimentou um processo histórico de transformações sociais ocorridas no tempo e das quais algum tipo de vestígio se pode encontrar em casarões, igrejas, muros, arruamentos etc. que testemunham a sua origem, consolidação, apogeu, declínio, esvaziamento, estagnação e revitalização. Os anos de esvaziamento e abandono talvez tenham servido para consolidar o esgarçamento e ruptura do vigor das tradições de moradia, boêmia, de lazer e religiosa, a despeito da manutenção dos edifícios e cenários que contracenaram com cada um destes momentos e que foram até objeto de uma ação rigorosa de preservação por parte do Estado que ali tombou vários ícones da memória nacional (Aqueduto, Igrejas, Praças).

O que é possível perceber é o contraste entre a força das novas tradições inventadas e a presença de rituais, práticas, hábitos antigos e tradicionais. Tanto no campo religioso quanto nos espaços destinados à boemia e diversão de caráter sexual, a revitalização da Lapa reinventa as tradições em estreita sintonia com a complexidade das sociedades urbanas atuais. É o caso, por exemplo, da prostituição de travestis que substituiu a de mulheres no bairro, conforme analisa Silva que considera o travesti quase como um “produto” das sociedades contemporâneas (Silva, 1992). A noção de tradição (Hobsbawm & Ranger, 1984) aqui utilizada vem da idéia de hábito, repetição de práticas, percepção de continuidade no tempo de determinadas práticas mesmo que sutilmente modificadas, e a de invenção estaria exatamente associada a este caráter de novidade, hábito recentemente estabelecido, ou mantido com modificações.

Localizada na área central de uma metrópole, grande parte da Lapa é constituída por imóveis antigos, principalmente dos séculos XIX e início do XX, em mau estado de conservação; um sistema viário representativo das várias temporalidades de modelos urbanos

que se superpõem desde a fundação da cidade compostos por ruas que foram abertas nos séculos XVIII, XIX e XX; uma população que inclui estratos sociais que vão desde mendigos de rua, passando por pessoas que alugam vagas, quartos, apartamentos, até proprietários. O universo social local põe lado a lado extremidades dos fios que compõem sua trama social como cidadãos completamente inseridos nas dinâmicas da cidade formal – emprego, moradia, lazer, saúde –; e uma população marginal, integrada pelos que ficam à margem do sistema – desempregados, sem tetos, meninos de rua, mendigos, pessoas ligadas à contravenção – roubo e tráfico de drogas; além das categorias criadas pela diferenciação dos comportamentos sexuais como travestis, prostitutas, homossexuais. A presença deste universo diverso<sup>13</sup> estimula o aparecimento de novas práticas associadas à tradição religiosa, procurando se adaptar às condições das comunidades locais, se fazer presente e prestar apoio espiritual e, em alguns casos, material; dar respostas às novas formas que a miséria assume nas grandes cidades.

Mudam as práticas religiosas que saem dos espaços sagrados dos templos e ganham as ruas em pregações ao ar livre ou no trabalho, de caráter assistencial, de cuidar das populações de rua, que povoam cada vez mais as modernas cidades complexas, e que crescem de uma forma descontrolada assim como as favelas, os camelôs, a violência, toda a sorte de manifestações que ocupam a cidade no vácuo da ausência de um Estado atuante e preocupado em enfrentar o desafio de cuidar das grandes populações urbanas.

Exemplo destas práticas que parecem reinventar tradições são os adeptos da Fraternidade Católica Toca de Assis, uma organização criada pelo padre Lettieri, de São Paulo, em 1994, cujos membros praticam a pastoral de rua e fundam “casas de acolhimento” na medida em que o projeto religioso cresce e ganha adeptos. Formado por religiosos, filhos e filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, Instituto de vida consagrada não clerical e pelos

---

<sup>13</sup> Heterogeneidade cultural e complexidade sociológica no entendimento de Velho, 1994.

leigos que não almejam a vida religiosa, mas vivem o carisma, seu objetivo é prestar atendimento aos sofredores abandonados da rua. Na Lapa, ocupam um imóvel anexo ao Convento de Santa Teresa<sup>14</sup> na Ladeira de mesmo nome, e prestam atendimento aos moradores de rua, cortando cabelos, unhas, fazendo curativos, alimentando, levando uma palavra de conforto e fé. São religiosos e leigos adeptos da filosofia de São Francisco de Assis, e chama a atenção o modo de vestir de seus integrantes, que usam longos camisolões de cor marrom escura, amarrados por cordas na cintura, lembrando a indumentária de São Francisco de Assis. Os rapazes, em geral, usam ainda um corte de cabelo que imita o do santo o que provoca uma estranha sensação de que algo está fora da ordem temporal das coisas. É como se aqueles jovens saíssem diretamente das trevas do século XVIII, cópias dos frades carmelitas (que segundo relatos históricos também usavam camisolões de cor marrom e eram chamados de “formigões”, por isso o largo em frente à Igreja da Lapa se chamava de “largo dos formigões”) e em plena luz do século XXI viessem reeditar o papel da igreja e dos católicos pelas conturbadas ruas da cidade (ver fig. 55c e detalhe). Quem tem o hábito de andar pela cidade está seguramente acostumado com os jovens malabaristas que fazem cenas nos sinais luminosos, os vendedores de balas dos sinais, os pedintes, as estátuas humanas que povoam com humor algumas calçadas e praças, os grupos de mendigos que dormem, comem ou discutem em certas praças ou calçadas, mas os jovens católicos, que seguem a filosofia franciscana vestidos à caráter, provocam reações de estranhamento. E simbolizam uma reedição do papel da igreja diante dos novos desafios impostos por determinadas situações sociais de pobreza próprias das metrópoles do século XXI.

No caso da Lapa esta é uma atividade que se complementa com outras como a da sopa oferecida sob os Arcos às cinco da tarde, ou o trabalho *in door* realizado pela Fundação São Martinho com os meninos de rua. E cada prática ou tradição se faz representar de uma forma

---

<sup>14</sup> O convento de Santa Teresa abriga a ordem das Carmelitas descalças, freiras que vivem reclusas e se fazer contato com pessoas fora do convento.

diferente no interior do espaço urbano. A assistência da Toca de Assis é prestada pelas ruas e praças, quando encontramos seus integrantes junto a grupos de mendigos fazendo seu “corpo a corpo” nos bancos de praças, sob a sombra das árvores quando o sol é muito forte, junto dos arcos, ou onde quer que os mendigos estejam reunidos.

A sopa oferecida diariamente ao pé dos Arcos nos fins de tarde produz um outro tipo de ritual tão estranho como o anterior. Os comensais, integrados por mendigos, desempregados, biscateiros, desocupados, marginais, meninos de rua, formam ali uma fila que começa a ser desenvolvida depois do meio dia. Cada um que chega deposita no seu lugar da fila um objeto – pedra, copo descartável, sacola plástica, mochila, prato de alumínio, latinha – que fica ali até uma determinada hora guardando o lugar de seu dono. Enquanto isso os homens (a maioria são homens) que fazem parte da fila se deitam, sentam ou conversam encostados nas bases do aqueduto. Formam um aglomerado estranho que lembra, num certo sentido, os grupos de bóias frias, que nas cidades do interior, se juntam nas praças à espera do transporte para as plantações. Uma fila de restos e fragmentos pavimenta os passos entre aquele grupo desvalido e o trabalho assistencialista religioso da sopa oferecida por irmandades de caridade, e que representam versões modernas de projetos que visam a aproximação dos homens com Deus (ver fig. 55 “a” e “b”). Os desvalidos, neste ritual representados pelos dejetos que escolhem para colocar na fila, e os representantes de Deus, transportados junto com a sopa numa Kombi, têm um encontro marcado na metrópole, em pleno centro urbano e caótico da cidade, todas as tardes, antes do sol se por e os gatos ficarem pardos e as calçadas cederam espaço para a boemia de rua que invade a Lapa de quinta a sábado. As igrejas, os conventos, os espaços religiosos são freqüentados e procurados pelos fiéis e por aqueles que precisam de algum tipo de ajuda, mas há também este trabalho de rua que chama a atenção nas rotinas da cidade e que encontram nas praças, nas calçadas, nos vazios urbanos um lugar excelente para serem postos em prática.

A Fundação São Martinho ocupa um imóvel reconstruído na rua do Riachuelo ao lado do aqueduto e funciona segundo parâmetros diferenciados. As crianças em situação de risco social<sup>15</sup> são atendidas neste local e a elas são oferecidas uma série de atividades e apresentadas propostas de trabalho que ajudam a socializá-las e inserí-las no mercado de trabalho. A adesão de muitos à rotina da Fundação é voluntária e sua permanência no local preservada com certa liberdade. Os trabalhos com este tipo de grupo social, a exemplo do desenvolvido na Escola Tia Ciata, indica que “não se sentir preso” é um item importante na dinâmica deste trabalho, além do desenvolvimento de trabalhos que respeitem a ausência de organização e rotinas próprias da criança que busca na rua, também sua liberdade.

A complexidade das sociedades contemporâneas modifica a tradição religiosa dos lugares, mesmo que sejam tradições recentes como o fenômeno da disseminação das igrejas protestantes, ou que seja a reinvenção de práticas assistenciais como as desenvolvidas pela Fraternidade Católica Toca de Assis, ou a repetição do mesmo que quase extingue as atividades católicas como missas e procissões – e que desfiam um rosário entre burocrático e missionário, muito pouco apaixonado, como deveriam ser as ações que tem por objetivo a captura (ou sedução) do outro para o universo religioso.

Durante algum tempo acompanhei o trabalho religioso realizado pela Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, que realiza a festa da padroeira no mês de julho com uma novena e procissão pelas ruas do bairro (ver fig. 58 “a” e “b”).

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro teve sua construção autorizada pela provisão de 2 de fevereiro de 1751. Sua construção, assim como a do convento anexo e a capela do Divino Espírito Santo, deram ao sítio no qual foram erguidos o

---

<sup>15</sup> Por situação de risco, entende-se que nela estão a criança e o adolescente originários de famílias que, por suas condições sócio-econômicas, de moradia, pelo nível de escolaridade e de profissionalização, não possuem os meios necessários para prover, em condições de dignidade, sua própria sobrevivência ou a sobrevivência de seus filhos, vivendo em condições que comprometem as possibilidades de desenvolvimento e a frequência regular ao ensino fundamental. Para a criança e o adolescente, a situação de risco deixa de ser pessoal e passa a ser uma situação de risco social se, em virtude das condições acima, estejam sujeitos a exploração de sua força de trabalho, de serem explorados pela própria família ou serem envolvidos em situações de delinquência e de criminalidade.

caráter de lugar religioso (Gerson, 2000). Este conjunto formava com outras edificações religiosas localizadas nas imediações do Morro das Mangueiras e da Praia de Espanha, referências geográficas desaparecidas na evolução urbana da Lapa, o aparato primitivo de organização e controle daquele trecho da cidade colonial e sua população. Denominado de Largo dos Formigões, por causa do tipo de vestimenta que os frades usavam, o Largo em frente à igreja resiste ao tempo na curva de entrada da rua da Lapa. O grande Largo da Lapa, entretanto, se abre urbanisticamente de modo enviesado em relação à Igreja e nele se encontra implantado, na ponta mais próxima da Igreja, no canteiro central ladeado por palmeiras imperiais, o Lampadário da Lapa, obra escultórica de Rodolfo Bernardelli, encomendada pelo Prefeito Pereira Passos para a inauguração da avenida Mem de Sá, em 1905 (ver fig. 58c).

Hoje a Lapa e sua vizinhança congregam um número significativo de edificações de caráter religioso como: a Igreja de Santo Antonio dos Pobres, na rua dos Inválidos; a Capela do menino Deus na rua do Riachuelo; alguns templos evangélicos espalhados pela área; o Grande templo israelita Rio de Janeiro, na rua Tenente Possolo próxima à Praça da Cruz Vermelha; a Igreja de São Crispim e São Crispiniano na rua Carlos Sampaio (próxima ao Bairro de Fátima); a Catedral Metropolitana na esplanada de Santo Antonio (terrenos criados pelo desmonte do Morro de mesmo nome); a Igreja e Convento de Santa Teresa na vertente de Santa Teresa voltada para a Lapa; a Igreja Ortodoxa de São Nicolau, na rua Gomes Freire; a Igreja e dispensário São Vicente de Paula, na rua Mem de Sá; a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, na rua Tadeu Kosciusko, próxima ao Bairro de Fátima; além de lugares de meditação budista, práticas de ioga, pequenos terreiros de Candomblé etc (ver fig. 57 “a”- “detalhe” e 57a). Cada lugar destes tem sua história relacionada com a origem de sua implantação na geografia da cidade e desempenha um papel religioso, espiritual e filosófico tanto na vida do bairro e sua vizinhança quanto no da cidade do Rio de Janeiro como um todo. A região central da cidade, e a região da Lapa em particular, ainda atuam como pólos de

atração e articulação da vida na cidade, o que lhe confere o status de centralidade<sup>16</sup>, a despeito de seu esvaziamento e muitas vezes desvalorização percebida na degradação dos espaços urbanos, no envelhecimento descuidado de muitos prédios antigos, no descaso do poder público com as pessoas que aí vivem e trabalham.

A diversidade religiosa da Lapa é mais uma característica que reafirma o caráter plural, fragmentário, deste lugar na cidade, e que reforça a idéia de complexidade própria das sociedades urbanas contemporâneas. Os espaços sagrados, constituídos desde os primórdios da formação da cidade e da Lapa, são hoje representações dos lugares de memória (Nora, 1984-1992) reconstruídos social e institucionalmente ao mesmo tempo em que desempenham um papel religioso na vida dos habitantes e usuários da cidade.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro foi tombada pelo Iphan em 1938 como um exemplar da arquitetura religiosa do século XVIII. “Bem proporcionada, construída com sobriedade, equilíbrio e apuro artístico próprios da época que presidiu a sua fábrica, a fachada da igreja possui dois corpos laterais – um inacabado e o outro terminado por um campanário com inequívoco valor plástico”.<sup>17</sup> Outro elemento importante da arquitetura da igreja é o revestimento de azulejo que, segundo o arquiteto Lúcio Costa<sup>18</sup>, é da época do império.

O conjunto arquitetônico original era formado pela Igreja e Convento do Carmo assim como pela Capela do Espírito Santo, construída entre 1763 e 1773, anexa. Por ocasião do tombamento o único bem qualificado como portador de valor e, portanto, inscrito no Livro do Tombo das Belas Artes, é a igreja, não merecendo qualquer comentário os outros dois elementos do conjunto. A capela é objeto de descrição apenas no que diz respeito ao equívoco

---

<sup>16</sup> Caráter articulador e de atração de fluxos, movimento, interesses.

<sup>17</sup> Texto extraído de parecer elaborado por Lúcio Costa quando a irmandade responsável pela Igreja tentou impedir o seu tombamento.

<sup>18</sup> Lúcio Costa, arquiteto e urbanista representante exponencial do modernismo brasileiro e autor do projeto da capital, Brasília, era nesta época funcionário do Iphan e colaborador de Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Iphan, nos assuntos ligados de preservação do patrimônio ligados à arquitetura e ao urbanismo.

de ter a fachada revestida com pó de pedra o que, segundo os arquitetos do Iphan, deveria ser modificado para retomar a feição original. Segundo a história da cidade elaborada por Brasil Gerson<sup>19</sup> a Lapa, assim como o Campo de Santana onde se localizaria outra Capela em devoção do Espírito Santo, teriam sido palco da festa do Divino realizada na cidade do Rio de Janeiro no período entre o sábado de Aleluia e a terça feira seguinte.

Em 1958 o convento anexo à igreja sofre um grande incêndio e embora a foto de época mostre o quanto as paredes ficaram íntegras ele é demolido e em seu lugar surge a edificação que lá está até hoje. De composição moderna, com janelas recobertas por grandes painéis de cobogó<sup>20</sup> e friso de concreto aparente, elementos finamente escolhidos pelo arquiteto modernista Lucio Costa, para não competirem ou comprometerem a igreja tombada.

Em 1969 a capela do Espírito Santo sofre reformas, a principal das quais é o revestimento de azulejos novos da fachada, imitando o revestimento antigo da igreja principal e falsificando, aos olhos dos técnicos do patrimônio, a integridade e originalidade do bem tombado. Independente do julgamento do Iphan o revestimento da fachada da capela permanece até hoje “comprometendo integridade e originalidade” e recriando, a partir da apropriação contemporânea desta antiga tradição portuguesa, a técnica de revestir fachadas com azulejos. Talvez o mais importante argumento desta discussão esteja em que original ou não, verdadeiro ou falso, preservado ou descaracterizado, o expressivo conjunto encontra-se integrado à paisagem urbana na qual está inserido, não levantando suspeitas ou a sensação de que algo está errado aos olhos da população leiga que por ali passa diariamente e convive com a historicidade dos lugares. O conceito de historicidade relacionado ao que se constitui no tempo e é pelo tempo esculpido, transformado. Este conceito aparece na obra do historiador da arte Giulio Carlo Argan, assim como nos teóricos do restauro, como Giovanonni e Brandi, e remete à noção de história como processo e não como valor cristalizado.

---

<sup>19</sup> História das ruas do Rio de Janeiro, Brasil Gerson.

<sup>20</sup> Elemento cerâmico ou feito de cimento vazado utilizado na construção de paredes ou fachadas vazadas com o objetivo de impedir a passagem do sol.



Hoje igreja e capela preservam suas funções históricas de realização de cultos em horários determinados não permanecendo abertas durante todo o dia, por questões de segurança. Além dos horários em que ficam abertas ao público as duas edificações contíguas encontram-se envolvidas por grades de segurança a elas incorporadas ao longo do tempo e a igreja permanece com sua porta principal fechada durante boa parte do dia nos horários em que não há missa. De segunda a sexta feira são realizados três cultos por dia, um pela manhã, outro na hora do almoço e o último no início da noite. No sábado e domingo são realizadas duas missas na igreja pela manhã e à tarde. Fora do período de festas da padroeira observei que o público rotineiro se fixa entre 20 e 50 pessoas em cada um dos cultos realizados durante o dia. No domingo a afluência de público é maior, tanto de manhã quanto à tarde, o que ratifica uma tradição de ir à missa no domingo, um dia especial para os católicos segundo interpretações dos ensinamentos bíblicos.

Mais do que uma referência para os moradores, a igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa é muito visitada por transeuntes ou pessoas que trabalham nas imediações do Largo da Lapa durante o dia, de segunda a sexta feira ou que por ela passam nos percursos diários pela cidade. Nela ocorre, no mês de julho, os festejos e procissão de Nossa Senhora do Carmo o que costuma manter a igreja cheia durante todo o período da novena que antecede a procissão. Neste período a igreja é freqüentada não só pelos moradores do bairro, como por pessoas que vem de outras partes da cidade e que são fiéis de Nossa Senhora do Carmo.

Durante nove dias, às seis horas da tarde, os fiéis se reúnem na igreja para rezar a novena de Nossa Senhora do Carmo, ritual preparatório da procissão. Neste período a procissão é recorrentemente divulgada durante as missas e são pedidas contribuições em dinheiro para enfeitar a igreja e preparar a procissão que acontece no domingo mais próximo ao dia da padroeira. Além da procissão, neste domingo são realizadas várias missas ao longo do dia, assim como rituais de imposição de escapulários – objeto religioso, feito de fitas ou

cordões, com duas imagens em cada ponta, simbolizando a ligação do fiel com o divino, sinal de devoção que representa o manto de Nossa Senhora usado nas escápulas (ombros). É interessante observar que, ao contrário do que pude perceber no trabalho de Graça Índias Cordeiro sobre a Bica em que a comunidade local se mobiliza para realizar os preparativos das festas religiosas, inclusive e principalmente as marchas (Cordeiro, 1997), os festejos de Nossa Senhora do Carmo realizados em 2006 e que pude acompanhar na distância imposta pela priora que não me concedeu uma entrevista e não quis ouvir falar de minha pesquisa, não são acontecimentos sociais que envolvem ou mobilizam um grupo expressivo de pessoas da Lapa. De fato o que pude observar durante os meses que freqüentei missas e os preparativos que antecedem a procissão é que a realização destas atividades é muito centrada nas próprias pessoas da igreja como a priora, os funcionários contratados pela Igreja e alguns voluntários que não pude entender como se relacionam com a Igreja, sendo estas poucas pessoas as responsáveis pela organização do cotidiano e do extraordinário da vida religiosa desta Igreja.

A organização da festa da padroeira começa com a divulgação a respeito da novena, da procissão, do calendário de comemorações através de cartazes colados nos quadros de aviso da igreja e de notícias prestadas durante as missas. Uma das pessoas que trabalha na igreja me informou que antigamente os fiéis que freqüentavam a igreja moravam perto da igreja mas que hoje as pessoas se mudaram da Lapa e vêm à igreja por tradição e não mais porque continuam morando na vizinhança.

No dia 07 de julho de 2006 teve início a novena de Nossa Senhora do Carmo, na Igreja da Lapa, em missa solene às 19 horas. A partir daí, durante nove dias, os fiéis se reuniram para proferir rezas para a Nossa Senhora, ao fim das quais participaram de uma festa em sua homenagem no dia 17 de julho, com procissão e a realização de vários ofícios religiosos ao longo do dia.

Às 18:30, aproximadamente, tem início a reza do terço puxado por vários fiéis. É uma espécie de ladainha, rezada em coro, puxada por uma voz, que tem sempre a mesma entonação e repete as mesmas orações. É um som monocórdio, contínuo, que remete a um lamento, mais do que a uma louvação. Lembra a reza das carpideiras. Terminada a reza do terço tem início a missa que a cada dia é oficiada por um padre diferente, especialmente convidado para aquela ocasião e que nem sempre pertence àquela irmandade.

Durante toda a novena este ritual se repete e o público médio que frequenta esta atividade preparatória durante a semana é de mais ou menos 60 pessoas. No sábado e no domingo, como durante todos os outros fins de semana do ano, o público da missa aumenta consideravelmente e aparecem famílias inteiras, crianças e adolescentes que durante a semana não frequentam as missas. O contingente de fiéis que participam dos ofícios religiosos da Igreja de Nossa Senhora do Carmo é prioritariamente formado por mulheres e idosos, chamando a atenção a frequência de pessoas negras.

Na saída tentei observar para onde se dirigiam os fiéis, mas é difícil detectar onde moram. De qualquer forma aparentemente não se dirigem para pontos de ônibus o que permite inferir que moram por perto e vão à pé para casa.

Os caminhos da igreja em direção aos Arcos da Lapa ou em direção à Glória, tomados pelos fiéis depois da missa, são vazios e mal iluminados nas noites de sábado e domingo nas imediações da igreja, o que produz uma sensação de insegurança e faz com que as pessoas caminhem aos pares ou em pequenos grupos na direção de seus destinos. A frequência da igreja no domingo à noite, uma semana antes da procissão, é surpreendente a contabiliza mais ou menos 150 pessoas que mal cabem nos bancos e laterais da igreja. Normalmente esta missa é bastante cheia mas por ocasião dos preparativos da festa de Nossa Senhora o público aumenta.

Na igreja como em outros espaços de sociabilidade a relação entre “estabelecidos e *outsiders*” (Elias & Scotson, 2000) também pode ser percebida. A funcionária da igreja, por exemplo, que presta apoio ao padre durante as missas, cuida do pequeno balcão no qual se comercializam santinhos, escapulários, terços etc., parece conhecer todas as pessoas que habitualmente vêm à igreja, saudando-as com uma certa familiaridade. O hábito de freqüentar a igreja, a repetição da rotina de estar presente nas missas faz com que os “de fora” sejam aos poucos incorporados aos locais, o sinal de que se começa a fazer parte da comunidade religiosa são as saudações que se passa a receber dos funcionários da igreja e dos fiéis mais assíduos, o convite para participar ativamente do ritual, fazendo leituras durante a missa, ou receber de presente um escapulário, como foi o meu caso. Na realidade, quando fui abordada pela priora que me convidava a participar da procissão e da missa, pude perceber que existe uma atenta observação e controle do universo de pessoas que freqüentam e participam da igreja e seus rituais sem que isso seja ostensivo ou fique marcado pelo comportamento e a atitude das pessoas da igreja e da irmandade. É um controle discreto mas atento e que num primeiro momento surpreende pois é muito dissimulado na rotina dos rituais. Quando fui abordada pela priora que me presenteou com o escapulário da ordem, percebi que estava sendo observada desde que comecei a freqüentar a igreja, fato que não constatei desde o início. Interpretei aquele gesto como um convite à permanência, que passava expressamente por minha adesão ao ritual. Entendi que a entrada naquele universo dependia de uma disposição para participar das práticas religiosas e que desta forma, com o tempo, eu teria acesso à intimidade daquele espaço social. Decidi que não poderia prosseguir, na medida em que não sou adepta da religião católica, e nem pretendia me converter ou aceitar participar daquela encenação para entrar naquele universo, pois isso me parecia trair certos princípios que comprometiam o trabalho, como “fazer de conta” que eu era católica.

A igreja parece articular redes não necessariamente vinculadas a uma vizinhança ou vida de bairro. Aparentemente as pessoas só se encontram na igreja e não fora dela. O que têm em comum são as práticas religiosas, a frequência com que vão à igreja e participam de seus rituais – missas ordinárias, missas da Ordem Terceira, novenas, festejos da Santa padroeira – partilham os hábitos e a tradição religiosa, aparentemente não mais que isso.

A igreja funciona como um nó da rede de relações ali estabelecidas e elas não parecem vir de fora, da vida do bairro, de vizinhanças, por exemplo. Um dado de minha interpretação foi a forma como fui sendo paulatinamente incluída no rol dos frequentadores, a partir da persistência de minha presença nas missas de uma determinada hora do dia, processo que passava pelo convite para participar ativamente do ritual da missa, integrar a procissão e que no meu modo de ver culminou com o presente do escapulário, que já descrevi. É óbvia a superficialidade de minhas impressões cujo aprofundamento me pareceu demandar um maior envolvimento religioso. O que, como disse antes, produzia em mim um dilema ético. Por outro lado, para além das atividades religiosas das missas percebi não haver nenhum outro tipo de atividade que facilitasse o contato e a criação de certa intimidade que me permitisse entrar naquele universo por outra porta que não fosse a da profissão de fé. Esta tentativa de buscar um outro acesso, como o clube no bairro da Bica estudado por Cordeiro, me fez verificar que a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa não oferece alternativas de encontros além das missas (nesta igreja não são realizados casamentos nem batizados), o que faz com que ela não se constitua num espaço de articulação de sociabilidades e redes. A igreja, como a cidade, opera na lógica fragmentária e individualista da grande metrópole e não se propõe a constituir um espaço de convivialidade e estreitamento dos laços entre pessoas e com o bairro. A questão é que a Lapa, no caso da localização específica da igreja, é também um lugar de passagem, onde a vida de bairro, os laços de vizinhança as vezes se apresentam com intensidade menor, se esgarçam pela própria manifestação de individualismos, situações

passageiras e de passagem tão fortes nas grandes cidades hoje. É clara a perda de seu papel central e articulador da vida no bairro, até porque o centro parece ter se deslocado para o Aqueduto com a abertura de sua perspectiva monumental (ver fig. 6).

Não existe uma dinâmica que permita estabelecer um contato social mais próximo como reuniões preparatórias para a procissão, distribuição de tarefas, concorrência de esforços para realização da festa. Não há uma organização formal da festa que envolva a comunidade local como uma quermesse, barraquinhas etc. Um único fiel contatado pela priora da ordem enfeita a igreja com arranjos de flores, toalhas, tapetes e durante um dos dias da celebração a imagem de Nossa Senhora do Carmo, que desfilará na procissão, é colocada no interior da igreja próxima ao altar, na nave, onde fica acessível aos fiéis que têm o hábito singular de tocá-la e beijar-lhe os pés, durante todo o tempo que ela fica exposta. Junto dela são abençoados os escapulários pelos padres que oficiam as missas.

A procissão de Nossa Senhora do Carmo da Lapa tem a dimensão da igreja, das missas que ali se realizam e da novena que antecede à festa da “padroeira” da Lapa. Reúne aproximadamente 150 fiéis, em torno de uma imagem transportada num andor enfeitado com flores e que parece pesar muito pois carrega uma bateria de automóvel que serve para iluminar a imagem (ver fig. 58 “a” e “b”).

A procissão é protegida por um carro de polícia e policiais a pé que fazem o devido desvio do trânsito de carros e é acompanhada por um carro de som com a propaganda de um candidato à vereador nas próximas eleições.

Na saída e no retorno da imagem à igreja uma significativa queima de fogos anuncia o evento, assim como no final da missa uma cascata de fogos enfeita a torre inacabada da igreja provocando surpresa e alguma admiração nos transeuntes que não parecem estar informados à respeito do evento na igreja. O que mais uma vez mostra como a igreja não está ancorada no bairro em sua dinâmica religiosa.

Embora o número de fiéis seja pequeno as orações e cantos se desencontram como o samba que atravessa na avenida em dia de desfile de uma escola de samba com muitos componentes. Mas ninguém se importa.

A procissão sai da igreja e segue pela rua da Lapa até a Glória e faz a volta no primeiro retorno depois do término da murada de pedra que beirava o mar. Volta pela avenida Augusto Severo e segue até o retorno localizado no epicentro do Largo da Lapa, no cruzamento do prolongamento da avenida República do Paraguai com a rua Visconde de Maranguape, mais ou menos na altura da saída da travessa do Mosqueira e se posiciona para entrar de frente na Igreja outra vez. Este percurso, que não atravessa os Arcos, mas circula entre a Lapa e a Glória, em uma área fracamente identificada com a Lapa, é bastante simbólico e parece traduzir de outra forma, o lugar de franja, borda, que a igreja parece ocupar também nas sociabilidades locais.

A procissão que acontece no final da tarde de um dia do fim de semana não chega a ser um transtorno para a cidade, mas é um evento incomum, apesar de congregar um número pequeno de pessoas. Enquanto a procissão evolui em seu percurso passando por bares e transeuntes, é comum ver um certo ar de respeito e até gestos de benção nas pessoas. Algumas se juntam à procissão, outras apenas olham, não me deparei com olhares de deboche ou atitudes desrespeitosas pela rua, a procissão é observada à distância, mas com respeito e chama a atenção seu descolamento em relação ao campo social local.

Na volta à igreja a missa solene final e depois desta o último ritual de imposição de escapulários com as devidas e repetitivas explicações sobre valor simbólico, significado, tradição, crença etc.

O percurso da procissão não desenha um bairro, nem as pessoas na procissão parecem representar a rede de vizinhanças mais ou menos densas que se espraariam pela vida

cotidiana afora de cada um. A procissão parece um nó descosturado no meio de tramas frouxas de relações sociais.

Na época da procissão já sou cumprimentada na igreja como uma fiel. A frequência com que acompanhei os rituais que antecederam à procissão me incluíram no rol dos devotos, mas ainda não serviram para abrir as portas que gostaria de usar para entrar naquele universo de sociabilidades discretas e bastante reservadas. O limite em aderir aos rituais, a dificuldade de encenar um papel, assim como as impressões até ali colhidas me fizeram interromper este trabalho depois da procissão.

Os rituais da igreja católica, embora permeados por discursos que poderíamos considerar como modernos e até midiáticos, como a apologia das performances do conhecido padre Marcelo, a que tive a chance de presenciar numa das missas que acompanhei, quando o padre que celebrava o citou como uma espécie de *pop star* da igreja católica, capaz de fazer frente aos mais badalados bispos evangélicos e suas encenações de canto e coreografia, são tradicionais e conservadores na sua essência. Nesta igreja pude perceber o culto da tradição demonstrado na valorização dos padres mais velhos e na celebração da sua presença nas missas, seja conduzindo o ritual, seja permanecendo ao lado do padre mais jovem responsável pela missa. Embora não tenha um trabalho de campo intenso que me permita tirar conclusões um pouco mais acabadas sobre a atuação da igreja católica e suas estratégias de manutenção de um corpo de fiéis, o que pude perceber na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa é uma espécie de atitude passiva da igreja em relação aos fiéis, uma ausência de iniciativas que estimulem a participação através da proposição de atividades de congreguem e reúnam a comunidade de fiéis fora das missas regulares. Além de não ser a paróquia local, o que definiria o papel da igreja com outras características, pelo que pude entender, pois a paróquia realiza cursos, batizados, casamentos, primeira comunhão, enfim todos os rituais que conformam a vida cristã a partir da reunião dos fiéis em cursos e celebrações além das missas



ordinárias, na Lapa a igreja é um lugar de passagem e não o centro da vida local. Do ponto de vista geográfico ela está próxima do centro, do coração da Lapa, na área limítrofe com a Glória e a avenida Beira Mar, está na zona de transição para o Aterro do Flamengo, onde antes ficava o mar, mas a relação entre a Lapa e a igreja não é de centralidade.

A igreja representa uma espécie de papel possível em meio a uma sociedade para a qual a religião talvez esteja desempenhando um papel secundário. Acrescenta-se a isso, no caso da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, que a sua localização no cenário urbano foi se alterando sem que ela efetivamente saísse do lugar, mas é como se tivesse sido deslocada, afastada do núcleo da Lapa, que se transfere simbolicamente para a boemia, bares, casas noturnas etc. Além da transformação de todo o seu entorno, com a alteração volumétrica das edificações para um gabarito mais alto em muitos casos, a mudança dos usos e a exacerbação da função comercial na vizinhança imediata da igreja, tanto ao longo da rua da Lapa quanto na direção do Largo da Lapa, serviram para descaracterizar seu papel no jogo urbano quando ela fazia as vezes de articuladora da vida na cidade. Hoje a igreja parece ser apenas mais um lugar de passagem na correria da vida diária, ressignificado como bem cultural, lugar de memória, muito mais do que como lugar de culto e práticas religiosas.

Talvez qualquer pessoa familiarizada com o centro da cidade e mesmo com a Lapa pudesse desde sempre perceber que a questão religiosa desta igreja fosse esta, mas a tentativa de fazer um registro etnográfico das missas e procissão, como evento importante na dinâmica de sua rotina religiosa, me parece colorir com mais intensidade o que poderia parecer uma questão óbvia. Os moradores que entrevistei e que moram no quadrilátero do Programa de Saúde da Família e são católicos, freqüentam a Capela do Menino Deus, na rua do Riachuelo. Ali assistem a missas, homenageiam seus mortos, ou fazem um trabalho voluntário de assistência aos necessitados, representando esta capela muito mais um papel congregador das pessoas que moram na Lapa do que a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Interpreto que um

dado importante na diferenciação do uso de cada espaço religioso hoje é a sua localização geográfica no interior da Lapa.

### 5.3. A revitalização da Lapa

Para finalizar este capítulo abordo a questão da revitalização cultural da Lapa, aspecto de maior visibilidade do objeto de estudo por mim escolhido e que, apesar de não ser o foco principal de minha pesquisa, oferece outras possibilidades de interpretação sobre as dinâmicas sociais locais assim como a respeito dos limites difusos de mais esta Lapa – a cultural – abrigada no interior do Arco da diversidade local.

O texto “A Lapa Boêmia na cidade do Rio de Janeiro” (Vargas e Castilho, 2006), privilegia uma visão de revitalização da Lapa a partir dos usos chamados de culturais, e reifica a presença de jovens nas noites da Lapa como “consumidores” da música tradicional brasileira, como se fossem uma espécie de “novos boêmios” reinventando as tradições locais. Apesar de não ser este o foco da minha pesquisa fiz algumas incursões exploratórias ou mesmo de lazer na Lapa, durante a noite, que me permitiram perceber outras dimensões do Arco sob o qual várias Lapas se escondiam ou expunham. No circuito mais badalado, econômico ou não, formado pelos eixos das ruas Visconde de Maranguape, Lavradio, Mem de Sá e Riachuelo e pontuado pelos equipamentos culturais do Circo Voador, Fundação Progresso, diversos espaços culturais do calçadão da rua Visconde de Maranguape, o Teatro Odisséia, a Sinuca da Lapa, o Rio Scenarium, o Clube Democráticos, a casa noturna Estrela da Lapa etc., o que pude observar é que o movimento da “rapaziada” era o de deslizar pela superfície da fama de *estar* na Lapa, muito mais do que *ser* da Lapa, ou se identificar com a Lapa, experimentado por alguns. E o *estar* na Lapa significava ver e ser visto como um consumidor do glamour que a revitalização da noite local oferece. Assim também me parece acontecer com a questão musical, especialmente voltada para as chamadas músicas de raiz –

samba, choro, forró, mpb, maracatu, jongo – consumidas numa Lapa que abriga também um universo de shows de cantores e músicos que fazem muito sucesso entre o público jovem carioca e que não necessariamente cantam música de raiz. O Circo Voador, o espaço Estrela da Lapa, a Fundação Progresso e o Teatro Rival na Cinelândia produzem uma programação musical invejável e suficientemente eclética para consolidar o pote de miscigenações culturais em que se transformou a Lapa.

O desfrute da Lapa como lugar da moda produz um desgaste, uma imagem talvez restrita e uma banalização do próprio lugar, a partir de um excesso de valorização da tradição cultural voltada para as casas noturnas e a boemia e que joga fumaça cor de rosa sobre a realidade local, encobrendo os moradores, as culturas nativas locais não necessariamente associadas ao que pensam os empresários e frequentadores da noite lapiana.

As autoras do artigo citado, por exemplo, identificam que existe uma “valorização da cultura local” neste processo de revitalização que me parece merecer reflexão e aprofundamento. Se cultura pode ser entendida como a dimensão do que vivem e fabricam as pessoas do local, o que a noite boêmia da Lapa mostra é uma cultura de vida noturna em muitos casos fabricada externamente à Lapa, ou como uma visão empresarial de produzir um tipo de atração, interpretada como “nativa, local, tradicional” e que seja capaz de conquistar para a Lapa um espaço nos circuitos de diversão da cidade. Os cantores e músicos que aí se apresentam, na maioria das vezes, não moram na Lapa e não são da Lapa, como o eram antigamente. Não nasceram na Lapa, não são herdeiros diretos de uma Lapa musical que existiu nos anos 30, não revivem uma tradição mas reinventam-na. As diferenças entre reviver ou reinventar podem ser muito sutis mas numa pesquisa qualitativa de dados me parecem ser essenciais. É importante para isso revisitar a história que tentei mapear no capítulo 3 e imaginar uma Lapa habitada por Noel Rosa, Cartola, Di Cavalcanti, Ismael Silva, Mário de Andrade, Madame Satã, etc.

Mas então qual seria a cultura local da Lapa? Esta é uma pergunta difícil de ser respondida. Eu diria que há uma tradição local de prostituição, tanto de mulheres como de travestis, por exemplo. Um circuito gastronômico tradicional de restaurantes e bares como o Cosmopolita, o Bar Brasil ou o Capela (e o Nova Capela). Uma tradição, quase extinta, de boates de *strip tease*, como a Carrossel. É também uma tradição, em vias de extinção na Lapa, os hotéis e pensões de solteiros, tanto para mulheres quanto para homens. A Lapa foi provavelmente, em algum momento, um lugar de chegada no Rio de Janeiro, tanto para um fluxo de migração estrangeira quanto brasileira. Impressionou-me, por exemplo, o fato de que a maioria das pessoas por mim entrevistadas ao longo do trabalho de campo não ser oriunda do Rio de Janeiro, mas principalmente do nordeste. A Lapa foi também um reduto da imprensa carioca, abrigando a redação de vários jornais importantes, caracterizou-se por um tipo de fluxo próprio deste tipo de trabalho que despejava funcionários madrugada adentro pelos bares e restaurantes locais. A tradição religiosa da Lapa é discreta, mas se mantém nas igrejas e capelas espalhadas pelo bairro e nas suas fronteiras, na realização de cultos e procissões. Ou nas estranhas práticas reinventadas pelo jovens voluntários vestidos de “São Francisco”, e que circulam pelas ruas e largos do bairro. Igrejas protestantes, japonesas, uma sinagoga, locais para prática de ioga e meditação hindu também se espalham ecleticamente pela Lapa. Na categoria clubes de recreação e lazer o mais famoso e resistente é o clube Democráticos, sobre o qual falei anteriormente, e que por questões financeiras não funciona mais como um clube de associados apenas, mas aluga seus espaços durante boa parte da semana para shows e eventos de música e dança noturnos, reservando os domingos para os associados. Além disso a Lapa abriga a Associação Cristã de Moços que embora não funcione como um clube propriamente dito, abriga instalações para prática de diversos esportes que atrai não só o público morador das imediações mas grande quantidade de pessoas que trabalham na cidade. O clube Turma OK já apresentado anteriormente, e que realiza

memoráveis shows com transformistas, *drag queens* e travestis. Assim a tradição da Lapa é muito mais do que música de raiz e as casas noturnas e botecos que a toda hora abrem nas suas ruas.

A revitalização cultural da Lapa hoje não é apenas local, vem de fora, é inventada, pelo poder público e empresários em projetos como o Distrito Cultural da Lapa, a Quadra da cultura, o Corredor Cultural. Estes títulos e a delimitação de uma área de vizinhança e abrangência redesenham constantemente a cartografia da Lapa, gerando expectativas, frustrações, projetos bem sucedidos, propaganda enganosa, mas indicando, sobretudo, a capacidade local de resistir e se reinventar.

Vargas e Castilho, apontam ainda em seu texto para uma “participação da população” nos projetos de revitalização cultural da Lapa, mas não qualificam esta informação, indicando quais parcelas desta população participam e de que forma (Vargas e Castilho, 2006). Talvez se refiram aos comerciantes locais e empresários que são donos de vários empreendimentos no local e que é importante dizer, vêm de fora da Lapa. O trabalho de campo junto ao público do Programa de Saúde da Família-Lapa indicou, num certo sentido, a exclusão da população local de acesso aos lugares mais famosos do circuito oficial. São lugares caros e, como disse anteriormente, feitos para atrair um público das classes médias e turístico que não habita ou se hospeda na Lapa. Além disso, o trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes na área de fonoaudiologia e psico motricidade no PSF-Lapa, mostra que o jovem da Lapa nutre uma certa melancolia que se origina da frustração desta experiência de exclusão.

A revitalização cultural experimentada pela Lapa e adjacências hoje é um fato construído socialmente por grupos de pessoas que apostaram nesta possibilidade de desenvolvimento para aquele importante conjunto urbano, localizado no interior da área central de negócios. Ancorado numa lógica de conservação integrada ao desenvolvimento urbano, que entende a conservação principalmente como a manutenção da materialidade do

casario e arruamentos originais, a revitalização da Lapa se ressentiu do desconhecimento do conteúdo guardado pelas formas arquitetônicas que pretende preservar, ou seja, os grupos sociais e as redes de relação que, de alguma forma, fizeram com que aquela cidade chegasse até nossos dias e pudesse ser objeto de um processo de revitalização.

## 6. *Entre o sagrado e o profano – o espaço da moradia.*

A vastidão lapiana se espraia pela geografia da cidade e do imaginário de cada um que com ela convive ou dela ouve falar. Várias Lapas se revelam e reinventam a cada ciclo temporal do dia, em cada região espaço-temporal que recorta a sua silhueta móvel como a sombra fotogênica do aqueduto projetada no piso do largo despovoado que o circunda (ver fig. 7b). Neste grafismo de luzes a calçada da praça é ocupada de maneira inusitada por uma estranha procissão de objetos inanimados que (in)formam uma fila. A repetição diária da cena a edita como uma nova tradição no interior complexo da vida na metrópole, no cenário do lugar de memória – a caridade da sopa oferecida aos que não tem o que comer representa um fragmento universal da alma da cidade. A necessidade de produzir um recorte de pesquisa e a curiosidade a respeito dos moradores locais fizeram com que de alguma forma o dia se impusesse sobre a noite, o cotidiano sobre o raro, o banal sobre o extraordinário, o infame sobre o excepcional.

Etnografar o dia na Lapa significou descobrir as várias Lapas que como camadas se acumulam umas sobre as outras, ou se justapõem umas ao lado das outras, no frenesi do cotidiano que acontece sob o Arco temporal que vai das seis da manhã até as seis da tarde nos quarteirões badalados das animadas noites boêmias revitalizadas. Significou experimentar as diferenças entre fazer uma antropologia na cidade e uma antropologia da cidade, quando esta deixa de ser cenário a passa a ser investigada em seu papel “atuante”, transformador e de forte interação com a vida social que nela se desenrola (Cordeiro, 2003). E significou também penetrar na complementaridade dos olhares que tentam vasculhar e relacionar informações e dimensões *na e da* cidade.

Lugar de passagem a Lapa abriga também um comércio local – padarias, farmácias, botequins, pensões, locadoras de vídeo – e outro especializado que atrai pessoas de outros

bairros e regiões da cidade como oficinas mecânicas, lojas de materiais de construção, de móveis de escritório, antiquários, depósitos de bebida e gelo, atividades de prestação de serviços – gráficas, consertos e reposição de peças de eletrodomésticos, laboratórios, escritórios de profissionais liberais. A diversidade local faz com que ao andar pelas ruas do que se convencionou chamar Lapa fique difícil distinguir o transeunte do morador, o que está de passagem do que permanece, parece que todos passam. Talvez a maneira de vestir mais à vontade pudesse indicar o morador, as sacolas de compras, o uniforme da escola, mas ainda assim a avaliação seria duvidosa pois a proximidade e permeabilidade com Santa Teresa, Glória, Bairro de Fátima e tantas outras localidades centrais faz com que pessoas destes locais passem pela Lapa e se confundam com seus moradores. São moradores da cidade mais ampla, das vizinhanças próximas, cujas fronteiras se interpenetram e esfumaçam no desenho que tento compor como uma cartografia imperfeita de campo. Lugares nos quais a apresentação de si (Goffman, 1975) observada na aparência e no comportamento em público não explicita distinções óbvias e grosseiramente perceptíveis. As diferenças e semelhanças no modo de usar e se comportar nas ruas do bairro, são sutilmente compartilhadas com as vizinhanças próximas do Centro da cidade.

Acostumada a desenvolver estudos de caráter histórico ou arquitetônico com o objetivo de conhecer uma determinada realidade, compreender como se constituiu e desenvolveu ao longo do tempo a cidade, um bairro, uma rua ou mesmo um edifício, assim como para elaborar um projeto de intervenção que tivesse como pressuposto a sua restauração<sup>1</sup>, a investigação antropológica se abria diante de mim como um mar desconhecido e por desvendar nas minúcias de suas diferenças e semelhanças de enfoque e metodologia. É fato que, de alguma forma, meu trabalho em arquitetura e preservação do patrimônio foi aos

---

<sup>1</sup> Algumas são as definições com que lido no ensino da Restauração de Bens Materiais, desde Viollet-le-Duc no século XIX, até o italiano Cesare Brandi, teórico do século XX que redigiu o livro *Teoria da Restauração* em que tenta construir uma teoria sobre o tema. Entende-se por restauração a intervenção praticada na matéria do bem de valor cultural, considerado como obra de arte, e que visa restituir a integridade do objeto em sua dupla polaridade estética e histórica.



poucos sendo permeado por um interesse especial pelas pessoas dos lugares que estudava, os acontecimentos, as relações humanas que se desenvolvendo no lócus da cidade passavam a interagir com esta. Interação dos homens com a cidade que produzia uma estranha relação ambígua de determinar e ser por ela determinado onde sempre foi muito difícil separar uma situação da outra e mais do que isso estabelecer uma hierarquia de qual seria a mais importante: se o que as relações humanas determinavam na cidade ou se o que a cidade passava a determinar nas relações humanas.

De qualquer modo uma das coisas que aprendi ao longo do tempo dedicado ao doutorado foi reduzir o ímpeto de intervir na realidade a partir de meus conceitos pré-estabelecidos e tentar elaborar uma escuta que fosse antropológica (distinguindo-a de outras como a histórica ou a de caráter mais psicológico), capaz de apreender, interpretar e de alguma forma traduzir o que meus interlocutores me diziam sobre a cidade que eu parecia conhecer tão bem. Uma escuta antropológica porque capaz de revelar perspectivas inusitadas, pessoais, humanas, singulares e pontos de vista diferentes dos habituais em outras disciplinas, em geral, construídos a partir de fora. Aos poucos a cidade e seus moradores desconstruíram o entendimento da cidade, produzindo um estranhamento em relação à familiaridade que eu pensava ter do objeto urbano e tentei me aventurar pelo fluxo móvel da vida que dava outros sentidos àqueles lugares. Entendi que as entrevistas não produziriam uma história oral, embora estivessem cheias de dados históricos, biográficos sobre as pessoas e suas famílias, as redes de relações; que a etnografia viria a ser esta história contada por vários, inclusive pelas paredes das casas, as fronteiras invisíveis, os novos e os velhos, os que acabaram de chegar, os que já se mudaram, e pelo antropólogo numa reconstrução diferente de qualquer restauração que eu já tivesse pensado ou projetado. Percebi que poderia assumir o papel de uma *bricoleuse* (Lévi-Strauss, 2002), no lugar de uma restauradora científica, embora certas restaurações possam ser vistas como verdadeiras bricolagens realizadas a partir de

geneNormas licenciosidades poéticas, o que não vem ao caso discutir. Para isso foi estratégico agenciar-me com o “pensamento selvagem” de Lévi-Strauss e incorporar a possibilidade de existirem dois tipos de pensamento ou de saberes, o mágico e o científico, e perceber que esta etnografia tinha um tanto de movimento incidental, da ausência de um projeto pré-concebido, da juntada de fragmentos de realidade que sempre poderiam servir para algo, de uma bricolagem, portanto, e quem sabe um saber mítico sobre a realidade obtusa da complexidade da vida urbana na Lapa.

“O conjunto de meios do *bricoleur* não é, portanto, definível por um projeto; ele se define apenas por sua instrumentalidade e, para empregar a própria linguagem do *bricoleur*, porque os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que ‘isso sempre pode servir’”. (Lévi-Strauss, 2002: 33) Assim, o antropólogo poderia ser visto como uma espécie de catador de lixo reciclável, que coleciona histórias através das “coisas”, dos “vestígios materiais” (e simbólicos) que recolhe no seu carrinho de frete, e que numa certa medida, ao serem relatadas na etnografia representam, de alguma maneira, o caráter e a maneira de olhar e dizer de seus autores – o observador e o observado (Geertz, 1989). A etnografia assim construída poderia ser vista como um gesto inacabado, de quem não tem por objetivo completar um projeto, mas que na labuta de suas reflexões está sempre a colocar alguma coisa de si na bricolagem proposta (Lévi-Strauss, 2002: 37), a sua curiosidade, a sua vontade de registrar o fugidio da vida, o desejo de mudar o mundo, a pretensão de mover o pensamento.

O ecletismo das visadas e perspectivas encontrados no trabalho de campo restituíam um texto polifônico como sempre imaginara ser a cidade, que nesta medida não era capturável pelas lentes de uma única disciplina. Por isso muitas vezes pensei em me refugiar na literatura onde fantasiava bordejarem ventos de maior liberdade na tradução do observado a partir de

métodos atravessados pela ousadia de seduzir ao invés de induzir o objeto pesquisado. Estratégia que parece se adequar ao método da observação participante em muitos momentos.

Entender de quais histórias falavam meus interlocutores, que cidades traduziam nas memórias de fatos vividos e narrados mas, sobretudo, a cidade que experimentavam no cotidiano presente, como seus corpos se relacionavam e interagiam com os lugares freqüentados, visitados, transitados repetitiva e infinitamente na rotina da vida que transcorre diversa sob o Arco das Lapas. Assim ao olhar se ajusta uma lente antropológica que aprende a registrar e relatar o que ouvia e o que via e que nem sempre se superpunham como versões ajustadas de uma mesma realidade.

Tratava-se, em alguma medida também, de agir como uma fotógrafa. Conseguir capturar o instante em que o “selvagem”, aqui entendido como o outro da cena urbana, se distraía e era capaz de encarar a objetiva do olhar, da observação do pesquisador, com a coragem e o desprendimento de quem enfrentava a morte. É possível então comparar a etnografia com um trabalho fotográfico e considerar o que diz Baudrillard que “só há foto daquilo que é violado, surpreendido, desvelado, revelado contra vontade, daquilo que nunca deveria ser representado porque não tem imagem nem consciência de si próprio” (Baudrillard, 1990: 159). Há momentos, no trabalho de campo, em que esta é precisamente a sensação que se tem ao registrar determinadas situações. Uma sensação de surpreender e violar ainda que muitas vezes só se perceba isso com o passar do tempo, na hora de escrever.

Por outro lado, Oliveira em entrevista concedida a Samain, trata a questão da escrita etnográfica da seguinte maneira:

“(...) Nele trato o “escrever” como ato cognitivo fundante da antropologia, pois procuro mostrar que o ato de escrever não é apenas um ato simplesmente expositivo. Você não escreve apenas para comunicar. Claro que a questão da comunicação está posta, mas você escreve porque você está escrevendo, pensa, reflete! E isso é, então, uma forma de produção de conhecimento em si mesma, para a qual eu chamava a atenção dos alunos, no sentido de que eles nunca esperem “saber tudo” para, só então escrever; e isso porque eles só vão saber – não digo tudo, mas o necessário para produzir sua tese, seu texto – no próprio processo de produção do discurso escrito, isto é, na medida em que não esperem muito para textualizar suas observações etnográficas, suas interpretações. O escrever e o

pensar são dois atos extremamente integrados e é por isso que ponho muita ênfase na articulação de ambos nesse texto. Nele quis mostrar como o antropólogo podia revelar um pouco dos três atos fundantes do exercício da antropologia, o ato de olhar, o ato de ouvir, o ato de escrever, e tentando fazer com que cada um desses atos pudesse ser tematizado, isto é, questionado pelos estudantes. Que interrogasse sobre eles. Fossem induzidos a estranhá-los. Que não se olha impunemente, que não se ouve impunemente e muito menos se escreve impunemente. Meu intuito era mostrar um pouco essa relação, essa dinâmica desses três atos fundadores do exercício da antropologia.” (Etienne Samain e João M. de Mendonça. Diálogos com Eduardo Cardoso de Oliveira)<sup>2</sup>

Associar o trabalho antropológico com o registro de imagens em movimento remete à discussão do cinema documentário (etnográficos ou não), nos quais a curiosidade e o olhar do diretor e do roteirista ficam registrados, tanto quanto a imagem e a fala dos entrevistados. Misturam-se observador e observados, diretor e atores, compartilham-se olhares e visões, com platéias e leitores que a partir do acesso a certos registros passam a interagir com determinadas realidades. O personagem documentado quer ser fotografado (filmado), quer torna-se imagem, e não é para durar, mas para melhor desaparecer (Baudrillard, 1990: 161). Então a etnografia de uma sociedade complexa, que no devir do processo de seu constante vir a ser só é passível de ser capturada pela lente móvel de um caleidoscópio, pode ser pensada como o registro deste fugidio desejo silencioso de melhor desaparecer de cada um, de cada grupo social. A etnografia urbana é o registro de um grupo social no cenário de uma cidade, num determinado momento de sua trajetória histórica, um tempo feito texto – uma crônica (O'Donnell, 2007), um fragmento localizado no tempo e no espaço. Dar visibilidade a esta imagem que a cada instante é outra é a homenagem possível ao que no mundo existe em forma perene e condenada ao desaparecimento, que é a vida e as infinitas variedades encenadas no vasto campo das relações sociais. Dar visibilidade ao anonimato destas vidas, compartilhar a curiosidade do antropólogo<sup>3</sup> com todos aqueles que de uma forma ou de outra acessam sua pesquisa é uma maneira de interferir na realidade, mesmo que discreta e delicadamente apenas devolvendo-a em imagens e relatos aos interessados. Um outro debate

---

<sup>2</sup> Fragmento de entrevista do antropólogo Eduardo Cardoso de Oliveira em que ele comenta o prólogo de seu livro *O trabalho do antropólogo*.

<sup>3</sup> Neste caso estou parafraseando observação feita pelo cineasta João Moreira Salles sobre o filme *Morro da Conceição* dirigido por Cristiana Grumbach estreado em 2006. O filme mostra uma série de relatos, com pessoas idosas, colhidos durante oito anos de pesquisa entre moradores do Morro da Conceição, no Rio de Janeiro.

que atravessa a discussão do cinema documentário é a da presença/desaparecimento das equipes de filmagens na gravação das cenas com pessoas que não são atores e que não estão familiarizadas com filmagens, gravações etc. A questão da espontaneidade e autenticidade das cenas, das falas, dos comportamentos é uma preocupação, tanto quanto a condução da cena, a definição de um roteiro pré-estabelecido segundo o qual as seqüências são filmadas etc. Foram preocupações que de alguma forma acompanharam o trabalho de campo na Lapa. A entrevista da diretora de cinema Sandra Kogut que acompanha o DVD do filme *Passaporte húngaro*, apresenta com simplicidade uma outra maneira de lidar com esta questão, traduzida na sua opinião de que só é possível tornar a câmera transparente tornando-a completamente visível e explorando sua presença. Num *set* de filmagem, como numa entrevista de campo, não existe a relação do de fora, do que desaparece; o pesquisador, assim como o diretor de cinema, estão sempre dentro da cena. Um filme, como uma etnografia, é um olhar e não um rosto<sup>4</sup> e na medida em que revela o personagem filmado (o observado) expõe o olhar de quem filma (o observador).

O relato etnográfico, como uma imagem, é dramático por seu silêncio, por sua imobilidade<sup>5</sup>. E seu paradoxo consiste precisamente em tentar apreender o processual do objeto observado, seu movimento vital. Estabelece-se assim uma luta entre o objeto e a tentativa de capturá-lo (como na fotografia), através de imagens ou de palavras, luta na qual em geral o objeto vence, se esquivava da captura, e o que dele guardamos é uma pálida imagem do que já não é mais.

Para Baudrillard (1990) o desejo de fotografar é o de olhar o pormenor (não o conjunto), de se surpreender, encontrar uma evidência perfeita ao invés da decepção com o mundo. Esta fotografia permite compreender que o Outro é feito de fragmentos (não de totalidades) aos quais se chega por linhas quebradas, desvendando as fraturas que compõem a

---

<sup>4</sup> A frase sobre o filme é de Sandra Kogut, eu apenas acrescentei que na etnografia acontece a mesma coisa.

<sup>5</sup> A noção de imagem associada ao silêncio e à imobilidade vem de Baudrillard, op. cit.

forma secreta do Outro (Baudrillard, 1990: 163). A antropologia fotografa o pormenor em muitas situações e ao se dedicar a estudar as sociedades complexas contemporâneas. Se esta (in)compreensão fragmentária, fraturada não for a questão da antropologia urbana em geral, é pelo menos a minha, sobre a Lapa. Fragmentos, linhas quebradas e fraturas é o que colecionei fazendo antropologia urbana na Lapa.

### *6.1. A primeira entrevista – memória e tradição reinventada.*

Comecei, como indiquei nos capítulos anteriores, meu trabalho de campo entrevistando seu Edson, freqüentador do Rio Scenarium<sup>6</sup>, e antigo morador de uma casa de cômodos na rua do Lavradio. Fizemos um programa de televisão juntos, em que ele falava da sua própria vida que tinha por cenário as casas que eu descrevia e interpretava, como arquiteta.

Depois da gravação marquei uma entrevista explicando meu trabalho e ele se prontificou imediatamente a colaborar com a pesquisa.

Seu Edson nasceu no Centro da cidade e viveu até os sete anos de idade na rua André Cavalcanti, próxima do Bairro de Fátima, quando se mudou com a família para uma casa de cômodos na rua do Lavradio. Passou nesta rua a infância, adolescência e parte da vida adulta até ter seu projeto de vida consolidado e com perspectiva de se realizar quando se muda para a Tijuca nos anos 1970. Sua entrevista é principalmente constituída pelo relato minucioso de sua trajetória de vida, feito de maneira independente, sem a minha intervenção e a partir do que ele imaginava ser meu interesse pesquisar e conhecer. A par disso é possível pensar que seu relato era também a chance de organizar uma história que, guardada dentro dele, anônima e esquecida, não era iluminada pelo foco do sentido, não era valorizada, não se transmitia a ninguém. Percebi, em alguns momentos, que a fala de seu Edson nos ultrapassava, se

---

<sup>6</sup> Casa noturna localizada na rua do Lavradio, nas imediações da Praça Tiradentes.

descolava da entrevista para atingir uma zona indiscernível de memórias individuais e coletivas que tiveram por cenário uma Lapa, que por sua vez, já havia desaparecido. O seu relato era, como tantas histórias de velhos, a saudável resistência à devastação do tempo, discretas barricadas construídas contra o desaparecimento, patrimônio intangível em estado bruto a ser transmitido às gerações futuras. E eu exercitava calar minhas perguntas para ouvi-lo melhor e dar curso a um relato que talvez me levasse para outro lugar diferente do que eu havia imaginado. E assim foi.

A mudança para a Tijuca se deu dentro do projeto de melhoria de vida e casamento quando iniciou a constituição de sua família. A relação com a cidade se dá na medida em que frequenta bares e restaurantes da moda com sua família. É um autêntico consumidor da revitalização cultural da Lapa e adjacências e uma referência de memórias individuais e coletivas sobre a Lapa. Através de seu relato entrecortado posso perceber a densidade de fatos e vivências históricos que ainda ecoam nas paredes antigas dos casarões espalhados pelo centro antigo. A força de seu relato não reside, como bem observa Debert, na veracidade dos fatos, mas na vivacidade com que são contados, de como aquela narrativa parece nos aproximar sensivelmente do passado, da memória a que nos remete, qualidade que a antropologia resgata e mostra, relatos que tem o poder de retratarem uma época da mesma forma que a “boa literatura” (Debert, 1986).

Não apenas este relato, mas outras entrevistas que realizei com idosos na Lapa, me mostraram um denso filão que escoia para uma história a ser construída a partir de memórias individuais e coletivas (Halbwachs, 1976) que um projeto de pesquisa na área de história oral talvez fosse capaz de recuperar e dar-lhe um lugar na fundamental transmissão de patrimônios orais. Este patrimônio intangível, feito de biografias, projetos de vida, visões de mundo, memórias que nos informam a respeito de outros modelos de vida, de uma outra cidade talvez perdida nas sucessivas reconstruções a que foi e é submetida e que estes relatos ajudam a tirar

do esquecimento. Patrimônio oral que nos ajuda a ver de outra maneira o familiar e o conhecido ou a descobrir dimensões que nunca imaginamos existirem; que representa a sabedoria, o conhecimento acumulado, a tradição de um grupo social, e que na medida em que é compartilhado se transforma num bem (memória) coletivo e se constitui em lastro de uma das possíveis identidades sociais daquele grupo, motivo pelo qual talvez lugares permaneçam dentro de cidades que se transformam. Ao falar sobre a maneira como viviam, estes idosos me descrevem uma outra cidade, que quando saio à rua sou capaz de encontrar nos vestígios mal preservados das casas, das ruas, praças, terrenos baldios... Um sobrado inexpressivo e silencioso, em obras, se enche de sentido – ruídos, cores, cheiros – quando o relato de Edson me informa ter sido uma casa de cômodos, com uma padaria no andar térreo (que ainda existe e impregna a rua do cheiro de pão quente e fresco, saindo do forno), e em cuja sala recebeu o cantor Ismael Silva que desfilou seu repertório madrugada adentro num violão que dormia quieto sob a cama.

“(...) Mas um fato muito intenso dessa relação é que um dia o Ismael, já mal das pernas, ele tinha um problema sério, que se não fosse o Antonio Hermínio de Carvalho com a namorada que ele tinha na época, nem sei se ainda hoje ele é casado com essa moça, uma enfermeira alemã, bonita toda vida, brincalhona assim igual a ele, eles é que cuidaram do Ismael. Pegaram o Ismael dentro de casa, ele já morava ali na avenida Gomes Freire quase no último quarteirão, onde tem até uma placa lá, dizendo que ali tinha morado o Ismael, os últimos dias da vida dele foram ali. Mas um dia, quando eu ainda trabalhava no Banco do Estado da Guanabara, tive uma hepatite, daquelas brabas, e a médica disse que ou eu me tratava, ou morria. E o Ismael sentiu falta porque eu não aparecia mais por aqui, nem ia aos shows dele, nem ia no Zicartola, então ele veio aqui para saber o que estava acontecendo e acabou encontrando com um dos meus irmãos e soube que eu estava com hepatite. Ai numa noite entre seis e meia, sete horas bateram na porta lá de casa, meu pai abriu, e entra o Ismael Silva. Imagina como ele subiu aquela escadaria toda! E lá veio ele com uma caixinha de caquis, deliciosos, me fazer uma visita. Cumprimentou meu pai que ele já devia conhecer da rua, mas não sabia que era meu pai. Então ele disse que tinha vindo me fazer uma visita e meu pai convidou ele para entrar. E ai Ana eu fiquei com uma pena enorme de não ter gravado aquela visita, de não ter registrado esta história, ainda que fosse oralmente, porque o Ismael saiu lá de casa devia ser umas duas horas da manhã, falou tudo, e eu tenho um violão histórico na minha casa, ele cantou e tocou naquele violão que eu guardei. Depois que ele entrou na nossa casa a gente começou a conversar, o meu pai também participou da conversa, meus irmãos chegaram do trabalho, ai meu pai disse: ‘ah eu gosto de uma música sua, aquela música assim e tal’ e ele respondeu que se tivesse um violão ele cantava para o meu pai e eu retruquei: ‘por isso não Ismael, violão eu tenho aqui, só não tem quem toque violão’ e meti a mão por debaixo da cama, puxei a caixa do violão, ele afinou o violão, e saiu daqui duas e meia da manhã. Foi assim um acontecimento memorável. Eu tenho inclusive lá em casa três ou quatro letras de música que ele escreveu de próprio punho naquela noite, com dedicatória e tudo, e que estão lá no meu relicário.” (Edson, entrevistado em 2004)



De volta à rua, olho o sobrado com outro interesse, embora sempre o tenha considerado esteticamente interessante, ele agora parece ter adquirido uma vida que as paredes revestidas de azulejos friamente escondiam. Como bem observa Lins de Barros (1999) “A importância da cidade se faz sentir nas lembranças não como uma entidade em abstrato, mas como experiência de vida. Essa experiência recorta a cidade em pedaços, fazendo de um bairro, de brincadeiras de crianças, de jogos de futebol em terrenos baldios do subúrbio do Rio, a própria cidade”. Para Edson o reencontro com alguns marcos construídos de sua história restitui, como na “A cidade dos velhos”, de Lins de Barros, os quadros sociais de uma memória que insiste em resistir ao esquecimento. Uma memória que mais do que resistência vem embalada pelo orgulho da história de vida que ultrapassa o abandono físico do lugar, que não sucumbe à degradação moral das vizinhanças, que de alguma forma explicita uma espécie de mobilidade social cuja trajetória tem início no sobrado de fachada azulejada, em frente à badalada casa noturna Rio Scenarium, que em 1950 também era uma casa de cômodos, e termina à volta de uma mesa no Rio Scenarium, com a família bem sucedida reunida para brindar e celebrar a revitalização do bairro.

Para Halbwachs é no enquadre social que as memórias individuais constituem as coletivas, é como se as memórias individuais fossem pontos de vista sobre uma memória coletiva (Halbwachs, 1975). É evidente a relação entre memória individual e memória coletiva e o interesse de cada autor em privilegiar a importância de uma em detrimento da outra, para Halbwachs a memória social é determinante, embora a individual se expresse e esteja presente. O que foi possível depreender de algumas entrevistas realizadas é que a memória coletivamente construída sobre a Lapa fala dos aspectos boêmio, musical, malandro e transgressor como traços marcantes, responsáveis pela constituição desta identidade que ainda hoje reverbera nos discursos sobre a Lapa. São memórias que se orgulham especialmente da tradição musical, dos encontros de escritores, músicos e artistas nos

botequins da Lapa, da circulação discreta e marcante de personagens ilustres ou carismáticos pelas ruas do bairro (Mário Lago, Madame Satã, Orlando Silva, Cartola, Villa-Lobos, etc.), ao mesmo tempo em que se envergonham ou ficam constrangidas diante da prostituição de mulheres e travestis, dos endereços ocupados por *rendez vous* e que nos anos 1920 proliferavam pelo bairro. Nas entrevistas que pude realizar a questão da prostituição e da presença dos travestis oscila entre algo que faz parte do cenário da Lapa e está incorporado, não gerando nenhum tipo de incômodo, e algo que não é aceito, que contribui para a degradação do local e que provoca mal estar e um desejo de se diferenciar do lugar ao invés de se identificar com ele. Isso de certo modo vai caracterizar os diversos tipos de laços de pertencimento estabelecidos pelos moradores com o lugar e entre si.

O *trottoir* de travestis que hoje se concentra em ruas de grande movimento e circulação como as avenidas Mem de Sá e Augusto Severo e a rua do Lavradio, segundo meus interlocutores, se concentrava antigamente nas ruas Joaquim Silva, Conde Lages e Taylor, onde ficavam os prostíbulos e que eram ruas mais afastadas dos eixos principais, menos iluminadas, mais discretas, ruas um pouco escondidas do centro nevrálgico do bairro formado pelas ruas Visconde de Maranguape, Riachuelo, Mem de Sá, Evaristo da Veiga, onde se concentravam os cabarés, restaurantes e botequins importantes.

Os prostíbulos foram substituídos pelas Termas e saunas hetero ou homossexuais, motéis, clubes de acesso privado de praticantes de podolatria, *swing*, sado masoquismo, boates gays com suas *dark rooms*<sup>7</sup>, que se espalham, discreta ou explicitamente pelo centro da cidade como um todo, seguindo o rastro da ostensiva exibição dos travestis em alguns percursos principais do bairro.

As memórias coletivas mostram como determinados hábitos e práticas vivenciados no plano social, se modificaram ao longo do tempo, fazendo com que o uso e a apropriação da

---

<sup>7</sup> Ver sobre isso a dissertação de mestrado de Maria Elvira Benitez Dias, *Negros homossexuais: raça e hierarquia no Brasil e na Colômbia*. PPGAS, 2005. Segundo a autora este tipo de espaço, existente em algumas boates gays, serve para a manutenção de relações sexuais sem que os parceiros se vejam.

cidade e seus espaços – públicos ou privados – também se modificasse. Além disso, como bem observa Lins de Barros, estes idosos ao reconstruírem suas histórias de vida no bairro reconstroem também sua forma de apropriação da cidade hoje e enxergam (Lins de Barros, 1978), por exemplo, na revitalização do bairro a partir da inauguração de inúmeras casas noturnas, um processo de valorização do local extremamente importante, que lhes traz segurança para caminhar pelo bairro nas mais diversas horas do dia, assim como os estimula a saírem de casa para desfrutarem um pouco desta cultura boêmia reinventada na Lapa. É evidente que a escolha dos locais tem um crivo econômico bastante determinante, mas a Lapa atual ainda é um lugar que se sobressai no cenário urbano do Rio como um território democrático e inclusivo onde existe programação para todos os gostos e bolsos.

As histórias de meus interlocutores se somam na lógica de uma operação que não é aritmética, mas qualitativa e em muitos momentos, guardadas as diferenças de recorte e preocupações estabelecidas por cada pesquisa, assim como a competência antropológica em mapear o campo e apresentar respostas, pesquisar a Lapa me remeteu a experiência empreendida pioneiramente por Gilberto Velho, nos anos 70, quando investigou o bairro de Copacabana (Velho, 1973). Entender que a “experiência existencial” de meus entrevistados não poderia se restringir ao fato de viverem ou terem vivido na Lapa, mas a importância de suas redes de relações internas e externas ao bairro, seus trânsitos pelos diversos mundos – sociais, culturais, profissionais – elementos que dão caráter ao que chamamos de sociedades complexas e que por sua vez a antropologia urbana permite conhecer e traduzir. Como Velho eu também buscava “(...) as representações de meus entrevistados. Como eles se viam, como se situavam no mundo,(...)” (Velho, 1973: 86-94), de que maneira portavam uma cidade nas suas memórias (Lins de Barros,1999), como usavam na prática cotidiana esta cidade, de que forma o uso e a memória estruturavam redes de sociabilidade fundadas no pertencimento e em identidades (Costa, 1999) produzindo um bairro. As situações e interpretações por vezes

diferenciadas que encontrei e produzi mostram apenas o infundável manancial de questões postas para a antropologia urbana pelas grandes cidades contemporâneas e vice versa.

Edson tinha muitas histórias para contar, uma biografia sobre lutas e vitórias, desde a infância<sup>8</sup> com o pai padeiro, morando com os três irmãos num lugar em que, segundo ele, vários caminhos se ofereciam desde o empenho em estudar e trabalhar, para poder disputar um emprego, imbuído do espírito de um projeto de ascensão social, até sucumbir à malandragem da boemia, convivência e desfrute das prostitutas locais, acompanhando o sucesso e a decadência dos compositores e músicos de então. Ele escolheu o caminho do estudo e do trabalho, e não o da malandragem e da boemia, mas aprendeu na Lapa e com o pai a apreciar a boa música brasileira que compositores como Cartola, Orlando Silva, Pixinguinha nos legaram como uma preciosa tradição.

“(...) O meu pai estudou apenas 10 meses em escola formal, estudou dez meses e tinha uma caligrafia linda. Escrevia qualquer coisa com princípio, meio e fim. Agora, lia muito. A diversão do meu pai era ler e ouvir rádio. Ouvir rádio que tocasse música popular brasileira. A nossa ligação, minha dos meus irmãos com a música popular brasileira de qualquer parte do país era muito forte, muito intensa por causa dele.”

“(...) Você sabe porque é que eu fui estudar, porque é que eu despertei para estudar? Por causa da música *Pedro pedreiro* do Chico Buarque de Holanda. Por causa daquele disco do *Pedro pedreiro* que a letra diz que ‘fica assim pensando e pensando o tempo passa e a gente vai ficando prá trás’, e eu contei com muita emoção isso ao Chico Buarque, e ele ficou espantado. (...) Conheço ele por causa de amigos, o Nelsinho Rodrigues, filho do falecido Nelson Rodrigues, graças ao Nelsinho eu ia uma vez ou outra jogar no Politeama, mais eu ia lá jogar pelada, não era contra ele e o time dele, pelada de amigos, né? (...) Nesse dia o Nelsinho, eu já tinha contado esta história do *Pedro pedreiro* para ele, chamou o Chico e depois do final do jogo, enquanto a gente bebia uma cerveja, me apresentou a ele dizendo que provavelmente ele já me conhecia de vista mas que eu não tinha coragem de chegar perto dele. Ai o Chico se aproximou e o Nelsinho disse: ‘O Edson é um grande fã seu, mas ele criou aquele mito não é, te respeita.’ ‘A mim, pô tira este peso das minhas costas!’ Foi ai que ele disse pro Chico que eu tinha uma história interessante para contar sobre o *Pedro pedreiro* e me fez contá-la para o Chico. Então o Chico disse: ‘Rapaz, mas eu não sabia que um dia aquela letra ia servir para isso.’ E me perguntou o que eu tinha feito na vida e eu contei que tinha estudado administração e ele disse assim: ‘Porra, agora eu vou prestar mais atenção na letra do *Pedro pedreiro*, e quando cantar vou me lembrar de você.’ Um dia eu fui a um show do Chico e ele passou e me cumprimentou. Quando cantou *Pedro pedreiro* ele disse: ‘Isso aqui é uma homenagem a uma pessoa que está aqui presente e ele sabe quem é’. Mas o encanto pelas letras de música eu aprendi com o meu pai. Ele sempre falava pra gente sobre as poesias por exemplo, nas letras de músicas do Cartola. Pouca gente conhecia o Cartola, até a década de 60 depois que a Nara Leão gravou a primeira vez, quer dizer, o pessoal ligado ao samba conhecia o Cartola, para os outros ele era um ilustre desconhecido. Meu pai chamava a atenção da gente para o fato de que o Cartola não tinha estudado, e como ele escrevia coisas bonitas, meu pai chamava a atenção da gente para a letra das músicas, não para a melodia, mas para o que estava escrito, o registro da poesia, o que tinha de lição atrás da sabedoria popular, como quando o

<sup>8</sup> Seu Edson viveu na rua do Lavradio de 1956 até 1973.

sujeito diz “o dono da dor sabe onde dói”. É uma coisa tão simples de dizer, mas é por ser tão simples que as vezes é tão difícil de dizer, e que não é para qualquer um! Meu pai falava também do Noel Norma e contava para a gente que ele escrevia só com duas estrofes, uma coisa fantástica, isso despertou na gente muito cedo, não só em mim, como nos meus irmãos, o interesse pela música, deixou a gente muito atento a essas coisas não é, depois a gente passou a freqüentar um programa de auditório na rádio nacional que passou a ser na realidade uma espécie de recurso alternativo na renda familiar, e o Ari Barroso era o apresentador do programa.” (Edson, 2004)

Muitos locais hoje na Lapa procuram homenagear esta herança musical através do resgate, da reedição de uma programação deste repertório na voz de jovens grupos e cantores.

O pai, sem profissão, era entregador de pães da padaria que ficava no térreo da casa de cômodos onde moravam, trabalho que realizava durante a madrugada pela cidade. Às cinco da manhã já tinha saído, deixando o café preparado e servido para os filhos. Ao voltar fazia o almoço e trabalhava no segundo emprego que era o de entregar títulos de bancos na região do centro.

A entrevista que me concedeu retrata o orgulho de um projeto de vida que *deu certo* na medida em que permitiu a sua ascensão social a partir do próprio esforço do trabalho. A biografia se recobre de modéstia ao mesmo tempo em que frisa a exemplaridade ética e moralmente irreparável da trajetória de vida.

A biografia de Edson traduz uma vida de luta contra a mediocridade e a pobreza, a busca de uma formação capaz de profissionalizá-lo de forma a torná-lo um homem bem sucedido. Escolhe, ao contrário dos irmãos que optaram pelo comércio, o caminho dos estudos até chegar a Escola Nacional de Administração Pública e se tornar um administrador público, por opção, como ele mesmo diz.

“Trabalhando nos Correios eu percebi que esta é uma empresa que tem aquela preocupação que eu aprendi dentro de casa com o meu pai, que a Escola Brasileira de Administração Pública onde eu estudei intensificou muito da coisa pública, do coletivo, da consciência da função pública, função social, da prestação do serviço, da solidariedade... estas coisas todas que eu aprendi dentro de casa e de certa maneira a Ebp me ajudou a aprimorar. (...) O servidor do correio descobre, até por causa dos treinamentos que recebe, o papel interessante que existe nesta função, ele não está simplesmente entregando uma carta, ele está fazendo um elo de ligação entre alguém que está fazendo ou um negócio, ou o que é mais importante, o papel social do correio, ele está fazendo a ligação dos laços afetivos, familiares, da sociedade, isso é um sentimento muito forte dentro do correio. (...) então a função pública e social do Correio me sensibilizou muito e me fez escolher ser um funcionário daquela empresa. Muitos amigos meus, de faculdade, que me viram iniciar profissionalmente nos correios me diziam assim: você joga com outra camisa por baixo, se tirar essa tua camisa ai tem uma camisa dos

correios, e isso é verdade. Eu saí dos correios por causa da ida para Brasília, aquilo era demais para mim. Até porque eu trabalhei em todo o projeto de instalação dos Correios em Brasília, todo o *lay out* de instalação, na época ainda eram os administradores que faziam isso, hoje até é o pessoal da área de arquitetura que faz isso, mas naquele tempo eram os administradores, na realidade nossa maior preocupação era com a funcionalidade, depois a arquitetura começou a entrar e a juntar as duas coisas, para fazer o *lay out* da instalação. Eu passei um bom tempo ficando em Brasília durante a semana e voltando para o Rio no fim de semana para saber como era viver naquela cidade e decidir que eu não queria ir para lá. As perspectivas de crescimento eram grandes e a Ebap havia me ensinado a não ter medo do desafio. Eu acho que é por causa da segurança que a escola transmitia para a gente na transferência do conhecimento, na obrigação de você sair pesquisando e trabalhando, discutindo. Eu não falava isso tudo que eu falo hoje, eu era até inibido, até entrar na Ebap, e fazer os cursos iniciais em que você aprendia a escrever de forma estruturada seu pensamento e se apresentar, isso tudo faz com que você não tenha medo de enfrentar o público.” (Edson, entrevistado em 2004)

Seu relato é atravessado pela intenção de salvaguardar a história de sua ascensão profissional, sinônimo da social, como eixo central de sua biografia, que poderia ser considerada como a de um vencedor.

É preciso fazer um esforço para fazê-lo falar e descrever os lugares, a Lapa do seu tempo. São as relações transformadoras com os estudos, de afincamento e disciplina com o trabalho, de solidariedade e respeito com os colegas de trabalho (foi funcionário do Banco do Estado da Guanabara) ou de escola que o atraem, sempre sem deixar de lado a relação com a música nas figuras conhecidas e amigas de Cartola, Ismael Silva, Chico Buarque.

“Com a minha formação, eu já tinha o segundo grau completo, além disso tinha estudado para o concurso e passado, o que me distinguia das pessoas que entravam no banco porque tinham parente trabalhando lá dentro, eu rapidamente descobri que haviam oportunidades grandes de crescimento rápido. Por outro lado havia o fato de as pessoas verem que você tinha disposição para o trabalho então em cinco meses de banco eu fui designado para uma função gratificada, quer dizer, independente do meu salário eu passei a receber uma gratificação para ocupar o cargo chamado de assistente administrativo. Era uma função de comando, pequenos líderes, líderes de pequenos grupos em que dividiam a organização que ainda era muito primária.” (Edson, entrevistado em 2004)

A boemia passa de raspão pelo seu relato. Até mesmo as idas a cafés, concertos e bares é limitada pela rotina dura de trabalho e estudos, que não podiam ficar de lado, que parecem ter sido a sua grande ambição.

Os travestis existiam, assim como os malandros e os vícios também. A Lapa era um lugar decadente. O prédio vizinho ao seu era um enorme *rendez vous*. Havia drogas e o risco de se perder pelos descaminhos sedutores de uma Lapa boêmia e perigosamente atraente.

“Então a gente convivia com estas coisas aqui, agora, por exemplo, eu nunca, nem na minha fase de adolescente, nunca fui incomodado por estes travestis. A gente os conhecia e eles respeitavam a agente, como filhos do seu Alacrino, ou seu Cristiano como eles chamavam, nós sabíamos o que que era, o que significava isso, a prostituição, mas ninguém, nem os gigolôs da região, faltavam com respeito nem com a gente, nem com a minha irmã que passava por ali e todo mundo tratava com muito respeito.” (Edson, 2004)

E o que fica desta relação era o respeito com que ele e seus irmãos eram tratados por estes vizinhos nem sempre tão nobres quanto algumas das famílias vizinhas que se tornaram amigas e com as quais são construídos laços de solidariedade e afinidade que estruturavam a Lapa de então.

“...por serem pessoas muito humildes, a solidariedade, que era praticada dentro da casa, que o pai ensinava, isso era muito comum. Quer dizer, quando você não via o vizinho abrir a janela, ai você se preocupava. Não que você quisesse se meter na vida da pessoa, mas você ficava preocupado em saber se tinha alguém doente dentro da casa, e de uma forma muito sutil, perguntava por um, perguntava por outro e vinha a resposta: ‘Não, minha mãe não está muito legal não, hoje ela amanheceu assim assado.’ Ai as crianças faziam seu papel de pombo correio e espalhavam a notícia pela vizinhança para que os vizinhos pudessem ajudar, por exemplo, fazendo comida, porque as pessoas tinham que se alimentar. Se informavam se havia necessidade de se fazer um dieta, preparavam, levavam a comida, uma solidariedade forte que eu guardei muito comigo e que até hoje eu persigo.” (Edson, 2004)

A versão que Edson me legou é a de uma Lapa onde a família e, no interior desta, o indivíduo empreendedor, tem um espaço social estruturado por redes de solidariedade, por um passado comum de pobreza e luta pela sobrevivência. Laços de amizade fundados na identidade da partilha de coabitarem uma mesma região na cidade, em que a decadência e as condições precárias de vida não comprometiam os valores éticos e morais. Por outro lado, em relação aos “outros” sobreviventes – malandros, travestis, prostitutas – havia um certo respeito recíproco, exigido pelas condições de vizinhança e por uma moral que sabia separar o *certo* do *errado* e aceitar as diferenças. Uma Lapa que neste caso pertence ao passado.

É interessante, entretanto, a resposta que ele me dá quando indago sobre quais seriam os limites do bairro da Lapa para ele (ver fig. 43). Então pergunto: “A rua do Lavradio está dentro da Lapa na sua geografia?”, e ele responde:

“Durante muito tempo aprendi que sim, e todas as vezes que eu recebi correspondência, se eu for abrir o meu baú talvez encontre algumas cartas que foram remetidas a mim, e que eram endereçadas à rua do Lavradio 15, segundo andar, quarto 14, Lapa, Rio de Janeiro. Acho até mesmo que hoje, olhando

para o passado, eu inseriria a rua do Lavradio na Lapa. Talvez hoje, a rua seja mais Lapa do que foi no passado, até porque os bairros cresceram, talvez por causa da especulação imobiliária... antigamente, por exemplo, as pessoas nem sabiam onde ficava a Aldeia Campista. Onde é? De repente um especulador imobiliário diz que é Tijuca, o outro diz que dependendo da situação, pode ser Maracanã, ou que em outra situação é Grajaú, mas na realidade existe ainda na geografia da cidade um bairro chamado Aldeia Campista, oficialmente delimitado etc. Os bairros foram se ampliando em função de interesses vários e aí não tem mais jeito, não é mais o que diz a delimitação geográfica oficial é o que o povo diz que é. É como a língua falada. A língua é a que o povo fala senão algumas preciosidades na música popular brasileira teriam que ser desfeitas, para serem ditas corretamente. Os grandes compositores do passado<sup>9</sup> eram oriundos das classes populares, não era comum ter um Chico Buarque de Holanda, filho de classe média alta, ou mesmo um Paulinho da Viola já filho de classe média mas conhecedor da língua... os compositores do passado eram gente humilde, gente que tinha poucas letras (conhecia pouco e língua erudita) e eles escreviam e escreviam preciosidades. Essa é a língua falada, é a língua do país. A mesma coisa, eu acredito, ocorre com os bairros. Hoje até em função destes projetos, estas restaurações e revitalização, o movimento novo que existe em torno de toda esta região, eu acho que inclui a Lavradio mais no bairro da Lapa, do que no passado. A Lavradio era um espaço muito musical, no passado, por causa das pessoas que passavam por aqui e paravam num bar e noutro, cantavam e brincavam... Talvez no passado a Lavradio fosse muito mais uma rua da Praça Tiradentes, que na época se chamava Centro da Cidade, do que da Lapa. Hoje, como eu disse, a Lapa cresceu, porque o centro nervoso da Lapa desapareceu, ele acabou.” “Onde era esse centro?” “Esse centro era, o que está representado numa publicação do Iplan Rio, onde foram editadas várias perspectivas, em momentos diferentes, dos Arcos da Lapa. Ali onde hoje é a Sala Cecília Meireles e era o ponto terminal dos bondes, a rua Visconde de Maranguape que acabou, e que formava uma espécie de triângulo e tinha a sua base voltada para o Largo da igreja, onde ficava a base do lampião que hoje enfeita a frente da Sala Cecília Meireles. Ali tinha um canteiro onde estacionava o bonde dos dois lados, como no Largo de São Francisco. No casario que formava este triângulo tinha umas construções lindas. E nestas casas antigas tinha uma parada clássica, em frente ao canteiro tinha a Laranjada Americana (...) e do lado da rua, na base do triângulo, formado pela esquina da rua Mem de Sá com Visconde de Maranguape o que tinha ali era um negócio chamado Hidrolitol, (...) uma espécie de água que não era água mineral e que tinha um sucesso muito grande entre os boêmios. É como se o sujeito acabasse toda aquela farra da boêmia e lá ia tomar o hidrolitol para se hidratar. Tinha um sabor terrível! Eu detestava aquilo e tomei só para experimentar, algumas vezes, de curiosidade... Fazia uma fila enorme e era uma portinhola minúscula (...)” “A rua dos Inválidos era Lapa?” “Era Lapa. A rua do Riachuelo ela era só Bairro de Fátima, na época nem era bairro oficialmente, depois da subida da Nossa Senhora de Fátima, até alí todo mundo dizia que era Lapa. A André Cavalcanti era Lapa. A praça da cruz Vermelha era um outro limite da Lapa. Para os lados dos Arcos da Lapa o limite era a Glória, onde ficava a rua Taylor, famosa né, até a Taylor era Lapa. O Manuel Bandeira ia lá por causa dos prostíbulos, cansei de cruzar com o Manuel Bandeira pelas ruas da Lapa.” (Edson, entrevistado em 2004)

A densidade deste relato qualifica de modo irreparável a (re)descoberta da Lapa e a tentativa de delimitar fisicamente o bairro. Aqui, como em outras entrevistas, a força do relato é o que conta e nos aproxima de um passado que podemos quase tocar, porque conseguem retratar uma época como se fosse uma página de boa literatura (Debert, 1986). Esbarra nos conteúdos que pesquisei e descrevo no capítulo 3, quando falo da história da cidade e sua transformação no tempo. A profundidade de sua vivência e a riqueza de suas lembranças

<sup>9</sup> Aqui a metáfora predileta de Edson, tudo pode ser comparado e medido pelo conhecimento e fascinação que tem pela música popular brasileira.



aguçam o desejo de aprofundar as descrições, apurar a memória voluntária ajudada pela ida aos locais descritos e deixar a memória involuntária emergir como um submarino em missão de salvamento. Pode ser que o limite geográfico se torne uma linha tênue que a insistência no rHugo em separar os lugares faça desaparecer, sucumbindo à força a um modo de experimentar a cidade em sua fluidez, permeabilidade, interseção entre lugares.

Esta entrevista, em particular, remeteu a discussão das diferenças de resultado entre uma pesquisa histórica e outra antropológica na abordagem do modo de viver urbano, mostrando, como assinala Lins de Barros uma quantidade expressiva de dados biográficos capazes de revelar uma cultura forjada no espaço urbano e em estreita sintonia com o bairro da Lapa e suas tradições (Lins de Barros, 1998). Edson não me revelou uma rede de pessoas com as quais eu pudesse (re)construir teias de sociabilidade locais, mas tornou mais densas as cores com que retratamos as histórias que constroem a imagem da Lapa no tempo. Embora única esta entrevista tem o poder de reafirmar e confirmar o que relatam textos como a biografia de Madame Satã ou os romances de Luís Martins. Recriam uma Lapa de luzes lilases esmaecidas pelo tempo; acendem as fantasias dos bordéis decadentes; dos músicos boêmios, também decadentes, de um bairro que começava a se esconder na penumbra do esvaziamento do centro pela criação de novas centralidades como a de Copacabana e da Tijuca. A entrevista torna o imaginário palpável, dá sentido ao muitas vezes já sabido, transforma uma casa abandonada num lugar habitado por histórias.

A saída de Edson da Lapa, nos anos 1970, representa um momento de “melhoria de vida”. A Lapa vivia então os estertores de sua decadência transformada em degradação cuja culminância foi marcada pela demolição do núcleo duro do bairro. Desde os anos 1950 a Lapa vinha perdendo para Copacabana o posto de lugar de lazer e diversões. Ao mesmo tempo as ofertas habitacionais se deslocavam para os bairros periféricos da cidade, tanto na direção da zona Norte como da zona Sul, nos quais novos empreendimentos imobiliários, com qualidade

moderna, começavam a atrair uma população com maior poder aquisitivo. Ir viver em Copacabana ou na Tijuca, neste período, era optar por bairros florescentes e eminentemente residenciais que por sua vez provocaram o esvaziamento do centro e o condenaram definitivamente a um processo de desvalorização.

Hoje Edson considera o processo de revitalização das casas noturnas no centro e na Lapa um verdadeiro sucesso e ele e sua família se tornaram consumidores habituais do local. Seu trânsito pela cidade acompanha a decadência e a revitalização da Lapa da qual guarda a boa lembrança da tradição musical reinventada pelas ações de caráter cultural e comercial/turístico implantadas pelos empresários que investem na Lapa. As reminiscências de seu Edson deságuam sobre a Lapa onde reencontram o leito de tradições recriadas e que podem ser uma das manifestações das novas identidades produzidas pelo mundo contemporâneo.

### *6.2. Vasculhar a vida na Lapa – garimpo de diamantes.*

Meu segundo passo oficialmente antropológico na Lapa foi entrevistar Verônica, a professora de violão da namorada de meu filho, que morava numa vila na rua Joaquim Silva. A primeira ida à casa de Verônica me revelou um programa de habitação multifamiliar que lembrava, sob certos aspectos, os condomínios horizontais e que talvez fosse, na verdade, a origem popular de um modelo habitacional distinto do edifício que ao longo do tempo e de acordo com a classe social, assumiu características muito particulares.

Historicamente as vilas parecem surgir como programas habitacionais decorrentes da industrialização das sociedades. Associadas à implantação de fábricas as vilas se destinavam a abrigar a população de operários nas imediações do trabalho de forma a garantir a produtividade a partir da minimização do desgaste provocado pelo deslocamento entre a casa e o trabalho.

Com o tempo as vilas vão se reproduzir como soluções de moradia encontradas por diferentes “padrões” em diversas situações urbanas e modelos econômicos, até assumirem a forma de empreendimento residencial a ser explorado pelo dono de um terreno grande em áreas adensadas por construções, sem possibilidade<sup>10</sup> de verticalização e com demanda habitacional. A vila é, principalmente, em sua origem, um modelo popular habitacional, se comparado com os modelos unifamiliares localizados em centro de terreno. Atualmente são lugares que ganharam valor especialmente quando comparados aos modelos de edifícios de apartamentos.

A vila onde Verônica mora no número 9 é formada por 7 casas, algumas das quais subdivididas entre térreo e sobrado, e que são numeradas descontinuamente de 1 a 9. Hoje as casas da vila constituem 12 unidades individuais que podem ser ocupadas por pessoas que não tem qualquer laço de parentesco ou pertencerem a uma mesma família que subdivide a habitação entre o térreo e o sobrado. A ocupação da vila em 2007 é a seguinte: na casa n.º 1 moram pessoas que pouco aparecem na vila e que são, portanto, pouco conhecidas. Verônica as considera quase como fantasmas. A casa n.º 2 é subdivida entre o térreo e o sobrado. Nela mora dona Maria e sua família (marido e dois filhos) em um dos andares e seu pai no outro. Dona Maria já foi síndica da vila e seu pai é dono das casas n.º 2 e n.º 4 enquanto seu tio é dono da casa n.º 1, tendo esta família uma certa ascendência sobre decisões e destino da vila. A casa n.º 3 é ocupada no térreo por um grupo de músicos da Orquestra Sinfônica que utilizam os espaço esporadicamente para dormir e para estudar e ensaiar. No segundo andar mora uma família formada por um casal e uma filha. Na casa n.º 4 mora uma senhora de origem angolana, seu marido e dois filhos. Na casa n.º 5 térreo, mora uma senhora com dois filhos adultos e no segundo andar mora a filha desta senhora, que é a proprietária de todo o imóvel, com o marido e dois filhos. Esta família é a dona de um restaurante localizado na

---

<sup>10</sup> A possibilidade de verticalização pode estar associada a dois fatores: um de ordem tecnológica construtiva e outro de limitação de gabarito e taxa de ocupação impostas pela legislação urbana vigente.

vizinhança da vila. A casa n.º 6 não existe. A casa n.º 7 é ocupada no térreo por um casal com uma filha, e no segundo andar mora a proprietária da casa que vive sozinha, mas tem uma família bastante presente que sempre a visita. A casa n.º 8 também não existe e na casa n.º 9, hoje também subdividida mas não oficialmente, moram Verônica (minha informante local) e Alícia, amiga com quem alugou inicialmente a casa da qual são hoje proprietárias. A casa n.º 9 é originalmente uma casa térrea sendo que ao longo do tempo lhe foram sendo feitos acréscimos de pavimento na parte dos fundos o que permitiu a divisão entre duas unidades – Alícia ficou com a casa da frente e Verônica com o acesso lateral onde instalou uma simpática sala de visitas, uma cozinha numa espécie de entre piso e o quarto e o banheiro no andar superior.

“Aqui, na verdade, é uma casa, a parte principal da casa é aquela lá da frente. Eu não sei por conta de que, os donos desta casa eles foram construindo os cômodos: aqui era um quarto abandonado, ali era um buraco que eu não sei o que era, mas era cheio de entulho e tal, e tinha uma pia, então eu imagino que em alguma época foi uma cozinha; lá em cima era um quarto também meio largado, ali também tem um outro quartinho que parece um quarto de empregada, mas era largado, e aí eu fui recuperando o lado de cá, e a Alícia foi ficando com a parte principal da casa. No início, não tão no início, um pouco depois foram surgindo as diferenças entre a gente e foi começando a ficar meio ruim, aí eu falei não, eu vou aproveitar o lado de cá, vou reformar. E a Alícia disse: mas você tá maluca isso aí é um barraco! Mas eu recuperei o lado de cá. Fiz a reforma toda, abri ali, que era fechado. Dois amigos meus me ajudaram com a marreta, abrimos tudo e aí fiz uma cozinha, depois se você quiser eu te mostro tudo. Então a casa foi transformada em duas casas, mas nem o dono sabe, porque o contato que a gente tem com ele é nenhum, já falamos com ele duas ou três vezes, por telefone, durante estes sete anos que moramos aqui.” (Verônica, moradora de uma vila na Joaquim Silva, 2004)

Desde que fiz a primeira entrevista com Verônica, em 2004, muitas coisas aconteceram e se transformaram na sua própria percepção da vila e dos vizinhos. Desde o aluguel inicialmente dividido com a amiga Alícia, passando pelos momentos de redefinição da parceria, até o encontro da solução ideal de subdividir a casa em duas e cada uma ocupar uma parte, houve a grande passagem de inquilinas a proprietárias do imóvel, vendido em leilão por causa de dívidas de seu antigo proprietário. Verônica ainda dividiu sua casa com uma terceira amiga mineira Carol que hoje não mora mais aí, se mudou para outro local no centro. Alícia é argentina e produtora musical. Verônica é professora de violão e fotógrafa e sua família é da Baixada Fluminense, de São João de Meriti. Sua mãe é nordestina e veio para

o Rio trazida por uma família que a empregou como doméstica em sua residência. O pai, carioca, fazia o gênero de homem que mantinha relações com várias mulheres e tinha filhos com todas. Com o tempo se separaram e Verônica chegou a cumprir o ritual de passar finais de semana com o pai durante a infância, rotina que eliminou na adolescência a partir de quando não mais viu o pai ou procurou saber notícias dele. Além da mãe, Verônica tem um irmão, que trabalha em plataformas de petróleo, e uma tia que também é empregada doméstica e faz, inclusive, faxina na sua casa. Carol trabalha na área de informática e chegou de Minas Gerais em São João do Meriti onde conheceu Verônica e de lá vieram juntas para a Lapa. Alícia passou por outros endereços na cidade como Copacabana, desde que chegou ao Brasil.

Em relação à vila as três compartilham uma mesma versão de ser um lugar extremamente bem localizado, em termos de acessos, proximidade do centro, acessibilidade a outros bairros da cidade, existência de uma infra-estrutura de serviços e lazer bastante boa, assim como parecem não se ressentir de insegurança ou medo em relação à violência, ou dos incômodos da proximidade com a efervescência das noites lapianas.

“Trabalho parcialmente em casa em parcialmente na rua. Nos períodos de pré produção eu trabalho em casa, e quando começam os espetáculos eu trabalho no Municipal, na Sala Cecília Meireles, ou viajando. Faço tudo à pé, estudo também aqui no centro na Candido Mendes, faço uma pós graduação em gestão cultural, então faço tudo à pé, passo um mês sem pegar um transporte público (...) Ando pela cidade tranqüilamente. Tem alguns lugares que eu evito, por exemplo, à noite, tarde, ali o Passeio Público, a calçada das Lojas Americanas... é que muitas vezes eu saio meia noite do Teatro e acabo pegando um táxi por causa de cinco quarteirões, porque eu fico com medo de vir à pé, mas durante o dia ou mesmo no início da noite não tem problema... domingo é mais vazia a cidade então também, eu evito um pouco, andar assim por qualquer lugar, eu presto atenção no movimento e vejo se é seguro ou não, mas aqui na rua, sem problema, a qualquer hora do dia eu me sinto super segura.” (Alícia, vizinha de Verônica, 2005)

“Pois é, eu vim morar aqui porque na época eu estava fazendo a faculdade, a Unirio lá na Urca, então tudo meu estava voltado para cá. Antes, logo no iniciozinho da faculdade eu morava em São João, fazia faculdade aqui e trabalhava num Ciep lá em São João, e dava aula também numa escola particular aqui em Botafogo, aí a minha vida foi ficando dividida, depois eu fui achando que não era legal ficar dando aula assim em escola porque você ganha menos é explorado, e entrei numa de dar aula particular, e a coisa foi começando a dar certo, aí eu já saí de um, saí do outro, e fiquei dando só aula particular. E aí as minhas aulas todas eram para cá, então a minha vida ficou toda voltada para cá, faculdade e trabalho, eu só ia em casa para dormir, foi ficando complicado isso, e aí surgiu essa casa aqui..” (Verônica, moradora de uma vila na Joaquim Silva 2004)

É bem verdade que hoje a rua Joaquim Silva, que já foi o local de maior badalação a céu aberto na Lapa, completamente ocupada pela polícia, perdeu sua popularidade e frequência para as calçadas próximas aos Arcos e o Canto do Rato<sup>11</sup>, este último, *point* de sucesso atual das ocupações de rua e que se localiza na continuidade da rua Joaquim Silva, quase na esquina da avenida Augusto Severo provando que na Lapa tudo é nômade e as desterritorializações animam a vida (ver fig. 4e). De qualquer modo a implantação da vila no terreno faz com que as casas fiquem afastadas da rua e desfrutem de um silêncio que chama a atenção por causa da relativa proximidade com o burburinho da cidade.

Uma das questões que se coloca sobre a vila diz respeito ao problema abordado por Bourdieu no texto “Efeitos de lugar”, no qual ele procura enfaticamente demonstrar a imbricação existente entre o espaço social e o espaço físico, e como um determina o outro e vice-versa (Bourdieu, 2001). Ou seja, na medida em que ele analisa a complexidade das cidades contemporâneas a partir de seu trabalho (e do trabalho de seus parceiros) com os subúrbios franceses, tanto do ponto de vista das “novas” aglomerações espaciais produzidas, quanto das aglomerações humanas que passam a coexistir e coabitar estes espaços, ele observa ser intolerável a proximidade física (vivenciada como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes.

“Na verdade a primeira impressão que eu tive quando eu cheguei nesta rua, me assustou, foi há muitos anos atrás. A primeira vez que eu vim aqui na vila achei horrível, muito largado, escuro, sujo (...) mas na verdade, aqui na vila, tirando a vizinhança, é um paraíso: temos jardins, portas abertas e eu gosto muito disso. A vizinhança que eu não gosto é a da vila, não a da rua. Existem exceções, as meninas (Verônica e Carol) aqui do lado e os músicos da orquestra sinfônica que moram na casa três. Os outros são moradores muito antigos que brigam há décadas, o objeto da briga vai mudando mas as pessoas são muito grosseiras... (...) na verdade esta vila poderia ser um sonho, com vizinhos amigos.” (Alicia, vizinha de Verônica, 2005)

---

<sup>11</sup> Beco do Rato era o nome do local quando a ocupação era mais informal, e que era diferente pois as mesas ficavam instaladas ao ar livre, num “beco sem saída”.

O que a análise de Bourdieu quer dizer no caso da vila e quem sabe no caso da Lapa?

No caso da vila o que pude perceber dos relatos de minhas interlocutoras é exatamente esta diversidade social, nem sempre marcada pela diferença de padrão econômico de cada indivíduo ou família, ou seja, do capital econômico acumulado por cada um, mas pela impossibilidade de partilhar os capitais cultural e social acumulados e que, em última análise, permitem que os vizinhos se aproximem, na medida em que têm algo em comum, ou se afastem por total incompatibilidade de visões de mundo.

“Eu acho o esquema de vila numa cidade como o Rio de Janeiro, fantástico. Porque torna o lugar mais seguro, porque são mais pessoas tomando conta de uma coisa só, que é a vila toda. Porque se alguém entrar na vila, pode entrar em qualquer casa, então as dez casas tem que estar atentas a isso. Mas as pessoas são muito complicadas, o ser humano é um bichinho muito complicado. A gente tem uma vila pequena, mais ou menos organizada, poderia ser ótimo, mas as pessoas têm valores diferentes. No fundo eu acho que é um tipo de pessoa que nasceu na Lapa, que são as pessoas que causam os maiores problemas na vila. Uma delas é uma senhora que nasceu aqui na vila e que vive aqui desde então. Casou e está criando a família aqui na vila, na Lapa. Ela é um produto da Lapa. Porque a Lapa tem esse lado bom, da boemia, de que nada é proibido, existe uma liberdade e liberalidade na Lapa que favorece a uma certa marginalidade. Um lugar onde pode tudo é também um lugar permissivo. Atrai pessoas que querem se divertir sem restrições, que deixam um monte de lixo, um monte de sujeira, pelas ruas. O que gera um sentimento de desvalorização e desrespeito em relação ao lugar mas também em relação às pessoas. É uma coisa complicada.” (Carol, divide a casa com Verônica, 2005)

Em outras palavras, muitas situações de vizinhança na Lapa confirmam o que Machado (Cordeiro, Baptista e Costa, 2003) identifica em seus estudos sobre Lisboa, de que a coexistência espacial não significa sociabilidade, podendo ou não existir fortes vínculos de base vicinal. Por outro lado a degradação dos espaços públicos e habitacionais, a ausência de equipamentos coletivos é experimentada, em muitos casos na Lapa, como em Lisboa, como um limite objetivo às relações de vizinhança (Machado, 2003: 137). Soma-se a isso a exacerbação das individualidades (Simmel, 1973) que marcam os comportamentos nas grandes metrópoles, assim como o pouco tempo que resta para investimentos no plano das relações sociais de tipo face a face, em função exatamente do excesso de trabalho e do trânsito por vários mundos (Velho, 1981) – desde o campo afetivo pessoal até o plano profissional – como me pareceu ser o caso de Verônica, Carol e Alícia.

Na verdade a entrevista com Verônica me mostrou que, vinda da Baixada Fluminense, e tendo morado sempre em casa com a vizinhança participando ativamente da vida de sua família, até porque a mãe saía para trabalhar e deixava os vizinhos encarregados de olharem os filhos, sua expectativa era poder reproduzir na vila um clima de vizinhança parecido com o da sua infância, com churrasco nos finais de semana em que participassem todos os vizinhos.

“Pois é, um dos maiores defeitos da Lapa, que está em primeiro plano, é o pessoal que mora na vila, pois esta vila poderia ser um paraíso. Quando esvazia uma casa aí eu já dou um toque nos meus amigos, sabe, mas ninguém nunca pode alugar porque o aluguel é caro. Se os vizinhos fossem amigos a vila ia ser ótima, a gente poderia ficar ali fora tomando sol, batendo papo, fazendo um churrasquinho comunitário... Se todos fossem pessoas amigas que moram próximas, mas sempre acaba vindo um pessoal esquisito sabe, acho que rola um clima, não sei bem qual é. Então isso é muito ruim, o tipo de vizinhança. (...)

“Aqui do lado é uma ‘cabeça de porco’. Quando a gente subir ali no terraço, você vai ver, são vários quatinhos, casas pequenas. As crianças ficam brincando no quintal mas as vezes rolam uns bate bocas. E você vê também que troca muito de gente, tem uma rotatividade de moradores.” (...)

“É exatamente assim, aqui é tudo misturado. De repente tem essa vila aqui que é bonitinha, arrumada e logo ao lado do muro tem uma favelinha, um imóvel invadido, caindo aos pedaços. Então tem os lugares, que são um pouco melhores, onde moram estas pessoas que você citou: músicos, o pessoal de teatro, ou que tem uma profissão melhor como comerciantes, ou o pessoal aposentado... que moram nestes espaços melhores, e aí tem estas entradinhas que eu te falei e que tem ao longo da rua toda. Você olha e tem um portão, depois um corredor, e se você entra e segue, vai até a encosta do morro, porque todo este lado fica no pé do morro de Santa Teresa. Outro dia mesmo (...) tinha uma senhora que estava completamente bêbada, na rua, caindo, já toda machucada. E aí eu e um amigo decidimos ajudar a mulher e perguntamos onde ela morava. Descobri que ela mora aqui numa dessas casinhas/quatinhos e aí quando a gente entrou, viu que ela morava num quatinho menor do que esse aqui, devia ter um banheiro comunitário, um colchão e um aparelho de ar condicionado no quarto, um fogão pequeno, a cama dela, tudo muito largado. Você imagina uma mulher alcoólatra, mas com um aparelho de ar condicionado no quarto. O quarto dela era muito quente e ela conseguiu dar um jeito e instalar um ar condicionado, não sei como é que ela paga a luz, mas eu achei interessante isso: todo aquele espaço decadente, tudo tão horrível e um aparelho de ar condicionado, que é um símbolo de conforto, de quem tem grana, é muito estranho o contraste.” (Verônica, 2004)

Alícia é argentina e suas referências habitacionais são atravessadas por modelos próprios de seu país de origem e, portanto, distintas da de Verônica, entretanto, também expressa em sua entrevista o desejo de que a vila fosse habitada por amigos num clima de maior convivência e interação: “Bem, seria fantástico se só morassem amigos, pessoas legais, mas não sendo assim, eu acho que pelo menos tem a vantagem de que se tem alguma coisa estranha acontecendo os vizinhos vão reparar e vão fazer alguma coisa, não sei se é pura fantasia”. Sua experiência de morar em Copacabana e em edifícios de apartamentos conjugados foi ruim pois, sobretudo, não gosta de morar em apartamento. Elas chegaram a me



dizer que sempre que desocupa uma casa na vila procuram trazer uma pessoa amiga ou pelo menos conhecida para morar, na tentativa de criar um clima de maior interação. As diferenças de visão de mundo e de capital cultural e social, não apenas impedem a criação de uma rede de sociabilidade em função da vizinhança como, no caso da vila, geram um clima de guerra, acusações, desconfianças que só uma mediação externa ao grupo, em certas situações, parece poder ajudar. É o caso, por exemplo, da organização para administração do condomínio, uma vez que existem contas e serviços que são cotizados entre todos. Situações de desvio do dinheiro para pagar contas de luz e água, relatadas em detalhe mais adiante, levaram a conflitos e tomadas de posição por parte dos diferentes moradores, desde aqueles que se mudaram da vila para não brigar até o caso de Verônica e Alícia que resolveram assumir juntas a gestão do condomínio durante um período.

O episódio do desvio de dinheiro gerou um clima de muito conflito e desconfiança na vila, fazendo surgir categorias de acusação e discriminação que explicitaram outras dimensões do problema como o jogo de observar e controlar a vida de cada um, identificando quem entrava e quem saía, como viviam, o que diziam, facilitado pelo modelo construtivo de casas localizadas ao longo de uma simpática e arborizada ruela interna. Da janela de suas casas, especialmente as localizadas na entrada da vila, é possível controlar todo o movimento local. As vilas têm esta peculiaridade de reproduzirem no interior de um espaço privado, o espaço público da rua, um ambiente ao ar livre, diferente, por exemplo, dos corredores, pavimentos de uso comum como *play grounds* e portarias dos edifícios. As ruas das vilas podem, as vezes, estimular a confusão de comportamentos que são esperados apenas nos espaços públicos, considerados como não pertencentes a ninguém, das ruas da cidade, onde é possível agredir e se dizer o que se pensa sem se preocupar com as conseqüências. As ruas das vilas são espaços intermediários entre o público e o privado. O fato é que Verônica me relatou o acontecimento de dois episódios de agressão física no interior da vila: um com a antiga

síndica, em 2004, e outro agora em 2007 com sua amiga Carol. Viver na vila, entretanto, provoca também um sentimento de segurança, exatamente porque é controlada por todos, e este sentimento parece ser mais importante do que as desavenças, pelo menos para as minhas informantes.

Outro dado interessante apresentado por minhas interlocutoras é o fato de que consideram como pessoas problemáticas da vila as mais antigas e ligadas ao bairro, pessoas que, segundo elas, se ajustariam mais ao perfil popular tradicional da Lapa. Neste caso a categoria popular aparece quase como uma acusação, uma desqualificação social facilmente associada aos maus modos que elas classificam como “baixaria”. É interessante como esta situação explicita as nuances delicadas que envolvem o contexto cultural local na Lapa entre seus próprios moradores que no caso de Verônica, Alícia e Carol praticam distinções entre o que parece ser um popular inculto representativo do universo a que pertencem os vizinhos e o seu próprio universo cultural aparentemente “superior”. Nesta situação a fala de meus interlocutores demonstra hierarquizar e separar em níveis as diferentes culturas (visões de mundo) que integram o campo social, sem perceber que talvez seja uma questão, como propõe Costa, de entender como modos culturais diferentes interagem no espaço urbano (Costa, 1999).

Por outro lado, em dez anos de Lapa, elas já acumulam algum tipo de memória e nostalgia em relação a aspectos da vida do bairro que se perderam, como a simplicidade dos botequins, a discrição de uma boa música ouvida sem muito aparato mas refletindo uma tradição de gosto musical das pessoas mais antigas do bairro, pelas calçadas da rua.

“(…) tinha ali o botequim do seu Cláudio que funcionava logo depois da escadinha colorida do lado direito, tem um boteco pequeno ali. Ficava mais aberto de dia e ia só pinguço, era um público de botequim, não esse tipo de botequim moderninho, botequim tradicional mesmo. Agora ele ficava ali sentado o dia inteiro e tocava as músicas dele, que eram músicas antigas. Um dia eu sentei ali com uns amigos para tomar uma cerveja e a gente reparou como era legal o repertório musical dele, só música antiga mesmo. Não acontecia nada ali, tinha o Semente lá na esquina que também funcionava mais durante o dia, para almoço e não tinha música ao vivo.” (Verônica, 2004)

“(…) depois abriu aquele Arco da Velha, aquele boteco cor de abóbora, na esquina da Ladeira de Santa Teresa, sempre existiu como botequim e continua até hoje como ele sempre foi tendo um pouco mais

de movimento mas manteve e ai, um pouco depois, abriram o Arco da Velha que durou pouco tempo, não deu muito certo, ai o Semente passou a colocar música ao vivo à noite. Eu lembro que as vezes a gente descia para tomar uma cerveja lá naquele botequim cor de abóbora, ficávamos sentadas no meio fio e não tinha ninguém sabe, tinha os moradores de sempre. Sabe aqui tem um esquema dos moradores sentarem na calçada à noite para ficarem batendo papo, e o movimento que tinha era esse, muito pouquinho, ai depois com música ao vivo no Semente já melhorou um pouco mais o movimento ali na esquina e ai de repente, no seu Cláudio uns sambistas começaram a vir, e ficava aquele grupinho gostoso.” (Verônica, 2004)

Diferente de seu Edson, mas nem tanto, elas vivem uma Lapa em transição, numa de suas regiões mais degradadas urbanisticamente que é a rua Joaquim Silva e onde existe uma concentração significativa de moradores. A rua Joaquim Silva tinha uns botecos despreziosos onde se podia comer bem e até de graça, onde a música não era para atrair o freguês, ela fazia parte do gosto do dono do boteco. A rua sempre concentrou um grande número de sobrados ocupados como cabeça de porco e uma expressiva população marginal – desempregados, sub-empregados, ambulantes, mendigos – habita formal ou informalmente seus espaços meio degradados, meio conservados. A rua Joaquim Silva lembra as ruas limítrofes à favelas e uma conformação urbana muito peculiar mistura os vários personagens destas zonas de fronteiras nas calçadas, entradas dos cortiços, no largo da escadaria (que leva à Ladeira de Santa Teresa) – são jovens, “bebuns”, meninos de rua, aposentados, artistas, músicos, desempregados, estrangeiros, partilhando este espaço urbano tão singularmente diverso na cidade. Na Lapa a invasão, a ocupação irregular, a viela, as casas irrespiráveis, sem janelas, as pessoas amontoadas em cômodos minúsculos de um antigo casarão ficam no número ao lado do edifício de apartamentos de classe média, na mesma calçada, sem morro a separar as classes sociais. Elas se mudaram para o local antes que o movimento de revitalização dos anos 90 invadisse a Lapa e a rua Joaquim Silva fosse toda ocupada por bares (que invadiam as calçadas), música ao vivo, moradores e muitos jovens vindo de toda a cidade. Nas noites de sexta e sábado a rua era fechada pelas pessoas que a ocupavam em toda a extensão e ali ficavam bebendo, conversando e ouvindo música.

Não só a Lapa muda como também as opiniões de Verônica a respeito dos vizinhos e suas atitudes. A vida no interior da vila, passados 10 anos, ganha uma certa transparência conquistada pelo hábito da convivência e aprofundamento das relações, pela repetição das rotinas, pelo desvendamento do caráter e da moral de cada um, dos que permanecem, dos que se expõem mais, para o bem e para o mal.

Desta maneira o episódio da briga de dois moradores ocorrido em 2004 e que levou Verônica a fazer um julgamento acerca da atitude das pessoas envolvidas na briga, baseado num conhecimento superficial da situação e das pessoas, se modificou com o passar do tempo e o que parecia ser o vilão se transformou no herói. Ou então as alianças de poder e confiança se modificaram radicalmente como pude constatar nos dois momentos em que falei com Verônica em um intervalo de dois anos.

“Eu não sei o que houve, mas eles estão sempre batendo boca. E aí teve um dia que teve uma discussão lá da mulher da escada com a mulher do Paulo que é a maior... não tenho palavra para dizer o que que ela é, e aí ele foi e bateu na mulher da escada (mulher que mora na casa que fica na altura da escada que dá acesso à parte da vila que fica na encosta). Aí o pai dela, que é um velho, muito velho já, foi tomar as dores da filha, e o cara bateu no velho também, e foi parar todo mundo na delegacia. Mas aí você vai ver, um mês depois, dois meses depois, está todo mundo amigo de novo, conversando... o processo tá rolando lá na polícia e eles amigos, então é isso, não dá para a gente se envolver.” (Verônica, primeira entrevista em 2004)

Em 2007 Verônica tinha uma outra versão para esta história. Com o passar do tempo descobriu que a mulher que apanhou cuidava, naquela época, do pagamento das contas da vila, era uma espécie de síndica, e estava desviando o dinheiro sem pagar as contas. O motivo da briga era este e a mulher que ela julgou ser a vilã, a agressora, casada com o dono de um restaurante local estava, na realidade, cobrando o uso devido do dinheiro que os moradores entregavam àquela senhora para pagamento das contas comuns. Depois que Verônica e Alcília assumiram o condomínio passaram a ser perseguidas por esta senhora que mora na casa da escada que, inclusive, interceptava sua correspondência. Era uma espécie de pressão branca por parte de alguns moradores, principalmente os familiares, aliados da antiga síndica e que se reuniam para boicotar seu trabalho, desacatá-las e até mesmo ameaçá-las. Procuraram, por sua

vez, a parceria com pessoas da “comunidade” da rua para mandarem recados aos vizinhos que vinham lhes criando estes problemas e só depois de uma reação de ameaças de parte a parte tudo se acalmou e elas se desligaram do trabalho de administração da vila sugerindo que a mesma fosse assumida por uma empresa especializada em administração de condomínios, sem a participação dos moradores. É interessante observar aqui a interseção de duas vizinhanças: a imediata do interior da vila, e a ampliada aos limites da rua Joaquim Silva na qual a vila é apenas mais um dos números da rua, nas situações de conflito e busca de alianças para solucionar problemas. Quando Carol descobriu que a correspondência estava sendo retirada de sua caixa de correio foi tomar satisfações com a moradora da escada e foi por esta agredida fisicamente.

Assim se apresentam as relações de vizinhança imediata na vila, frágeis, tensas, desiguais e exigindo tempo para ganhar consistência e integridade. As sensações de passageiro, diversidade, complexidade que parecem atravessar a Lapa potencializam este sentimento de efemeridade que cresce na contramão das tradições e vínculos de pertencimento num cenário impregnado de dramaticidade histórica, edificações envelhecidas e memória.

Uma questão recorrente na minha curiosidade sobre a Lapa era a dos limites do lugar definido por seus moradores. Verônica, Alcília e Carol consideram que a Lapa é o lugar onde moram, vizinhança imediata dos Arcos, inclui um pedaço da rua da Lapa, o coração bate na praça em frente aos Arcos, e na direção Norte vai no máximo até a rua Gomes Freire.

“Então a Lapa para mim começa ali da Glória, tem um limite com a Glória ali onde começa a Conde Lajes, para mim ali começa a Lapa, ai vem seguindo a Conde Lajes, tem a Joaquim Silva, vai até ali os arcos, desce um pouquinho a Riachuelo até a Lavradio, mais uma rua, um quarteirão depois da Lavradio (a Gomes Freire), descendo a Gomes Freire, isso para mim é a Lapa, até ali, a Francisco Muratori, um pedacinho dela, porque depois já é Santa Teresa, e volta pelos arcos, a rua da Lapa, acho que é esse pedaço.” (Carol, divide a casa com Verônica, 2004)

“Bom, eu entendo como Lapa mais esse miolinho aqui mesmo sabe, rua Joaquim Silva, rua da Lapa, o Passeio Público, passando um pouco dos arcos e indo até a rua Gomes Freire ou um pouquinho mais e desse morro aqui atrás de casa para cima já é Santa Teresa. Vejo Lapa assim, para mim seria este trecho. Fica mais claro uma Lapa neste pedaço.” (...)“O circo voador é Lapa, é o centrão da Lapa, esse

miolo que eu te falei é digamos o centro da Lapa e ela se estende um pouco mais mas eu não sei até onde, eu acho que é meio confuso. As fronteiras vão se apagando porque os limites vão se misturando aos outros bairros, então não sei, mas o Circo voador eu acho que é no miolo.” (Verônica, 2004) (ver fig. 45)

É interessante confrontar esta delimitação com a fornecida pelo poeta Alexei Bueno<sup>12</sup> que, morador da rua do Riachuelo na esquina da rua André Cavalcanti, considera que a Lapa é um triângulo cujo vértice estaria na Igreja da Lapa e se abriria na direção da Praça da Cruz Vermelha envolvendo a rua do Riachuelo e a Avenida Mem de Sá (ver fig. 44). A Lapa seria em alguns destes mapas mentais o que desapareceu da Lapa e o vazio do grande Largo em frente aos Arcos é uma espécie de repaginação do lugar que se sobrepõe, em termos de importância e referência, ao casario remanescente das ruas da Lapa, Moraes e Vale, Beco dos Carmelitas, Conde Lages, que historicamente formariam a pura Lapa romântica, de Manuel Bandeira, Luís Martins, Di Cavalcanti, Mário Lago e outros, dos *rendez vous* e cabarés, da passagem do século XIX para o século XX.

De um modo geral a discussão dos limites da Lapa varia de uma resposta formal a uma pergunta de entrevista ao observado quando se participa do dia à dia de alguns de seus moradores. O que no discurso se restringe aos Arcos e seu entorno imediato, na prática da rotina diária se estende até a Praça da Cruz Vermelha, a Praça Tiradentes e o Campo de Santana. Em cada uma destas direções as características do lugar vão variando. Por exemplo, na direção da Praça da Cruz Vermelha e Bairro de Fátima percebe-se uma concentração de uso residencial, assim como de equipamentos médicos bastante significativos. O uso residencial expressivo faz com que nas suas imediações se concentrem os grandes supermercados locais – Mundial e Sendas – utilizados pelos moradores da Lapa que vivem nas proximidades do Aqueduto. Na direção do Campo de Santana o uso residencial parece rarefazer, embora tenha edifícios enormes na sua vizinhança, há uma concentração de

---

<sup>12</sup> Escritor, editor e tradutor, é colaborador em diversos órgãos da imprensa no Brasil e no Exterior, dirigiu o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro e foi membro do Conselho Estadual de Tombamento.

comércio ligado à construção civil e muitas sedes de repartições públicas. Na direção da Praça Tiradentes também o uso residencial é menor e cede lugar às atividades comerciais cujo apogeu se dá na região conhecida como Saara, que já usou um antigo *slogan* de ser “o mais antigo *shopping center* a céu aberto da cidade”. Nesta região se concentram importantes casas noturnas antigas e recentes da Lapa, teatros tradicionalmente aí instalados, assim como centros culturais, restaurantes e bares, antigos ou nascidos do processo de revitalização da área que é objeto de investimentos internacionais (Programa Monumenta, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento). A praça Tiradentes, como a Lapa, tem a densidade da diversidade de ser um lugar freqüentado por todos os tipos de públicos nas mais diferentes horas do dia. O terminal de ônibus a volta da praça e o tráfego pesado de carros, ônibus e caminhões, lhe confere uma atmosfera diferente e os jovens das outras partes da cidade que vão à Lapa não chegam a ocupar suas ruas a não ser quando animadas festas agitam a Estudantina, o Cinema Íris ou o Cine Ideal, estes dois na rua da Carioca. É uma praça, como a XV de Novembro, que acompanha a história da própria cidade, e na decadência da área central passou a abrigar o baixo meretrício, que se espalha nas vielas a sua volta. Atualmente tem sido palco dos lançamentos das coleções da grife Daspu, que desenha roupas para prostitutas e faz deste local cenário dos seus desfiles. Aí também se localiza um batalhão da Polícia Militar e recentemente foi inaugurado o primeiro Hotel da rede Fórmula 1, no Rio de Janeiro. Na Praça Tiradentes havia, como indiquei, bar Messan Orun, do pai Jobi, que explorava comercialmente a temática de cultos afro brasileiros e servia o melhor acarajé da região. Por causa deste bar assinalei no capítulo 4 que a Lapa seria também protegida por Orixás.

O estudo sobre os moradores da Lapa me permitiu, além de conhecer a vila da rua Joaquim Silva, freqüentar outros locais de moradia como o Edifício Adolfo localizado na rua

do Riachuelo, por exemplo, e estabelecer algumas comparações preliminares sobre estilos de vida e sociabilidade.

A vila e o Edifício Adolfo, que teria sido construído no início do século XX para abrigar um hotel na região da Lapa, representam dois tipos de programas de habitação coletiva no centro da cidade cuja arquitetura e maneira de usar guardam diferenças e semelhanças. Fotografias feitas pela família Ferrez no início do século, da varanda de sua casa na rua Joaquim Murтинho em Santa Teresa, mostram o prédio em construção. Esta fotografia elucidada, por exemplo, o misterioso desalinhamento existente na fachada do prédio voltado para a rua do Riachuelo, mostrando que ele foi construído por etapas, registradas sutilmente nas diferenças de acabamento, modulação dos vãos, ângulo da fachada etc. da parte mais recentemente construída. Conta a lenda que seu proprietário, um alemão simpatizante de Hitler, teria decorado o piso dos corredores de determinados andares com um mosaico de pastilhas que reproduzem o desenho da suástica nazista (o que se pode constatar visitando o prédio ainda hoje). A derrota nazista na segunda guerra apagou, de alguma forma, o final da história de seu proprietário e o empreendimento hoteleiro sucumbiu com a decadência lapiana, tendo sido transformado num projeto residencial pelos herdeiros da família proprietária. Os quartos foram reagrupados e reformados para abrigar o novo projeto de edifício de apartamentos – cujos tamanhos variam entre 1, 2, 3 e até 4 quartos – destinados à locação.

Neste prédio moram alguns de meus entrevistados aos quais tive acesso através do terceiro passo antropológico que dei pela Lapa (sempre com a impressão de que ainda não conseguia me sustentar nas pernas do recém aprendido caminhar), agora através da rede organizada pelo Programa de Saúde da Família – PSF/Lapa que funciona no Hospital do Carmo, localizado na rua do Riachuelo e sobre o qual falei nos capítulos anteriores.



Participando do grupo de colagem e do coral conheci dona Socorro e sua filha Olga que um dia, na saída do coral, me convidaram para ir até a casa delas, para ver se seu filho havia chegado do trabalho para que eu o entrevistasse. Isso aconteceu no dia em que o psicólogo que mediava o grupo do coral pediu que eu me apresentasse e dissesse o que estava fazendo ali. Tentei explicar rapidamente minha pesquisa e como a maioria dos antropólogos tive a maior dificuldade de fazê-los entender o que seria uma etnografia. Na verdade desisti de dar explicações quando me perguntaram o que era um antropólogo e acabei sendo classificada, de algum modo, como alguém interessado pela história da vida das pessoas e, portanto, uma espécie de historiadora da vida privada. O fato de ser pesquisadora fazia sempre com que meus interlocutores não se sentissem a altura de minha pesquisa e procurassem entre seus familiares e conhecidos, pessoas “letradas” que pudessem responder às misteriosas perguntas que imaginavam, eu tinha para lhes fazer. É como se para o senso comum a vida cotidiana, a vida ordinária e infame de cada um não tivesse nenhum tipo de interesse na lógica da produção de conhecimento inerente ao trabalho de uma pesquisa científica. Se nos debates acadêmicos esta questão é enfrentada com alguma dificuldade, no meio de meus interlocutores era como tentar explicar o sexo dos anjos, e preferi usar a estratégia de deixar todos participarem da entrevista e me ouvirem perguntar e falar e daí poderem tirar suas próprias conclusões a respeito do trabalho.

Assim Socorro, a mãe negra de uma família bem sucedida de negros na Lapa, imediatamente escolheu seu filho, considerado por ela como o mais intelectualizado da família, para conversar comigo sobre a Lapa e não ela ou sua própria filha. Quando chegamos no edifício ele estava chegando também com sua esposa, e subimos para conversar. Foi uma experiência diferente: uma entrevista em família, da qual participaram Socorro, a filha Olga, o filho Fábio e a mulher Leila, várias pessoas a volta de uma mesa redonda, para escutarem o que eu teria para perguntar e o que ele teria para responder. O que pude observar na família

foi mais do que uma apologia sobre a trajetória bem sucedida de vida, a existência de uma relação de parceria, respeito, afinidade familiar, mostrando uma família estruturada e empenhada em conquistar melhores condições de vida, através da capacitação e aperfeiçoamento profissional e intelectual de cada um dos seus membros, inclusive a mãe<sup>13</sup>. O outro aspecto inusitado foi o contato com a família inteira na intimidade de sua casa, um apartamento espaçoso (com quatro quartos) digno e elegante na subdivisão dos espaços, pé direito, materiais de acabamento, mobiliado com simplicidade e conforto. Fábio tem 42 anos, é advogado e me relatou que está em constante processo de aperfeiçoamento e atualização como sua profissão, o Direito, exige, além de seus projetos de se candidatar a novos concursos e dar aulas. É funcionário do Tribunal Regional do Trabalho, na rua do Lavradio, a poucos metros de sua residência.

Morando neste lugar há aproximadamente 15 anos eles são unânimes nos elogios que fazem da área e no sentimento de orgulho de morar no centro que, embora não tenha sido verbalizado, me pareceu representar o êxito de um projeto de ascensão social. Fábio e sua família são oriundos do subúrbio enquanto sua mulher veio do Jardim Botânico. Conheceram-se estudando, antes de Fábio começar a estudar Direito, quando ele ainda trabalhava como fisioterapeuta/massagista em hospitais. Ele conta que se conheceram: “Fazendo um curso de massagem shiatsu, eu trabalhei um bom tempo ali no Pedro Ernesto, e eu estava fazendo um curso de shiatsu na época, no Senac, e aí nós nos conhecemos, era uma turma fantástica, tinha todo tipo de gente: tinha militar, oficial da aeronáutica da época, tinha a Beth que era médica, uma turma fantástica”. Leila é enfermeira e depois que se casaram, Fábio deixou esta profissão, segundo ele, para procurar outra que fosse mais bem sucedida e menos desgastante.

---

<sup>13</sup> Durante este período Socorro fez um curso de teologia na igreja que freqüentava e passou a trabalhar com a catequese de crianças.

Para ela morar na Lapa é um sucesso e uma comodidade em termos de localização e acesso. Do ponto de vista da rotina da casa ela adora fazer compras no supermercado Mundial, localizado próximo ao Bairro de Fátima e freqüentar o Saara<sup>14</sup>.

“Eu acho aqui maravilhoso, se eu puder fazer tudo a pé, ir para o Saara que eu adoro! Eu vou a pé, tem ônibus para todos os lugares, eu amo isso aqui! Eu faço toda a minha vida por aqui, só que eu trabalho na Lagoa. Hoje eu to chegando um pouquinho mais cedo, mas em geral eu chego seis e meia. (...) O cotidiano aqui é fácil, uma coisa que eu gosto é de supermercado, e eu vou no Mundial, e ele é maravilhoso porque é enorme.(...) Uma vez por semana eu vou ao supermercado, toda semana agente vai no hortifruti, a gente sai da igreja e passa no hortifruti e traz as frutas, alguns legumes, verduras, e a gente vai aqui também no Bairro de Fátima, no Sacolão, aqui nos gostamos muito do hortifruti, aquele lá da Machado de Assis (no Catete), e aqui nos temos um sacolão ótimo” (Leila, mulher de Fábio, 2006)

Para Fábio, que é orgulhoso e generoso em relação aos limites da Lapa, o coração fica localizado exatamente onde ele mora, na rua do Lavradio entre a Mem de Sá e a Riachuelo. Para justificar esta sua escolha, tão parcial, ele aproveita para listar os principais empreendimentos comerciais de casas noturnas abertos na área como Carioca da Gema, Sacrilégio, Estrela da Lapa, Teatro Odisséia, Encontros Cariocas, Circo Voador, Fundação Progresso, e os tradicionais Bar Brasil, Capela, Arco Íris, Sinuca da Lapa, praticamente todos localizados na mesma quadra. Mas a Lapa se espalha “perdendo” força em todas as direções: a Cinelândia, mostrando que o Clube do Bola Preta respira Lapa, a Sala Cecília Meireles na direção da Glória que é uma Lapa “menos forte”, o Clube Democráticos na direção norte como uma referência importante para a Lapa, o Rio Scenarium e a Praça Tiradentes com seus teatros que também são Lapa. Para ele, enquanto a Cinelândia guardaria a referência de ser o coração político da cidade, a Lapa seria o coração boêmio e de diversões noturnas da cidade.

“Então tá, o limite mesmo geográfico, nós estamos no seio da Lapa, rua do Lavradio, você vê que aqui é o corredor cultural, (entre Riachuelo e Mem de Sá) é, eu penso que o limite da Lapa mesmo ele vai perdendo esta força enquanto Lapa dentro do imaginário coletivo, que as pessoas tem da Lapa, já chegando no Bairro de Fátima, ali tem o Mundial como referencial porque até ali ainda é Inválidos, ainda é Lapa, mas quando vai saindo dali este limite vai diminuindo porque ali nós temos um referencial histórico também muito grande que é aquele clube, o Democráticos, que respira a Lapa, até ali vai, passou um pouquinho dos Democráticos a Lapa vai diminuindo (...) para cá, subindo aqui,

---

<sup>14</sup> Área comercial antiga do Centro da cidade formada pela Rua da Alfândega e adjacências. São várias ruas que formam uma trama ortogonal, ocupadas por sobrados antigos com comércio no térreo, que lembra um shopping center a céu aberto. Originalmente era uma região de comércio árabe, turco e judeu, hoje no comércio local predomina a presença de coreanos.

Santa Teresa vai diminuindo também, e eu penso que até a praça Tiradentes respira ainda Lapa, (Leila interfere e diz: ‘eu só penso aqui, este pedaço aqui, isso aqui é Lapa, ali no Mundial não é Lapa para mim, Inválidos não é mais Lapa’) da Inválidos para lá já perde” (Fábio e Leila, 2006)

“(…) o limite para cá ele é mais estreito ainda, se você usar como referencial o sentido, o valor simbólico ai eu vou te dizer, eu penso que vai até o clube Bola Preta, ainda respira, uma força menor mais respira Lapa, a Cinelândia ainda respira Lapa, o pulmão político, ainda respira um pouco, com uma força menor porque a grande concentração é aqui mesmo, aqui onde a gente está, não tem jeito, tanto é que se você considerar estes novos bares que abriram, se a gente olhar para a rua, o lado mercadológico econômico, vai ver que foi feita uma análise que aqui realmente é o coração da Lapa, como a Cinelândia é o coração político do Rio, a Lapa é o coração boêmio do Rio, não tem como, para lá então é o Bola Preta, tem a Joaquim Silva ainda, pega alguma coisa e vai saindo, vai diminuindo alcançando Glória, lá onde você mora... tem a Cecília Meireles, eu penso que ainda chega lá o limite da Lapa, ainda respira um pouco, mas o pulsar mais forte é aqui, todo mundo conhece, acho que aqui, é o miolo.” (Fábio, 2006)

Se novamente pensarmos na categoria de lugar de memória (Nora, 1984-1992), as representações que estas localidades trazem para Fábio são interessantes para refletir sobre a cidade e seus símbolos, os lugares impregnados por sentidos que como rastros foram desenhados pelo tempo nos edifícios, ruas e praças. O lugar de memória evocado por este morador da Lapa está embebido pela função boêmia, do lazer e da diversão na cidade e pude constatar que alguns de seus moradores carregam isso como uma vivência forte e móvel da memória de vida na cidade, tenha esta memória o lastro de convivência de 50, 15 ou 10 anos com o lugar. Não posso deixar de relacionar as falas de Fábio e Alexei Bueno, por exemplo, em função do fato de pertencerem a uma mesma geração (Fábio tem 42 anos e Alexei 43), sendo que Alexei se mudou para a Lapa em 2000, tendo frequentado o bairro durante toda a sua juventude, ou seja desde os 18 anos de idade, quando por aí passava na volta para casa na Tijuca. A diferença maior talvez esteja no modo de usar a Lapa que me parece estar estreitamente ligado a maneira como cada um olha o mundo, o capital cultural de cada um, assim como o tempo que passaram na Lapa. Embora resida a menos tempo na Lapa, Alexei a frequenta há mais de 20 anos, quando jovem passeava pelas boates de *strip tease* interessado, segundo suas próprias palavras, no feminino. O relato de Alexei sobre a Lapa, sua rotina de vida no bairro, a descrição sumária do edifício onde mora, transpiram esta atmosfera boêmia de sua alma cultivada também na Lapa. Desde uma parada de final de noite nos dias de hoje,

antes de voltar para casa, para assistir ao segundo show de *strip tease* na boate Carrossel bebendo um ou dois uísques, “por puro pitoresco, porque está numa decadência total”, passando pela maneira como reconstrói a fotografia do edifício onde mora:

(...) “todo o resto do prédio são apartamentos pequenos com um perfil social, muitos são alugados, o perfil social é basicamente o seguinte: pequenos comerciantes, aposentados, funcionários públicos, vários camelôs que montam suas barracas ali embaixo, numerosos travestis, de vez em quando a gente desce ou sobre com os travestis, mas isso é uma população flutuante, pois existem muitos apartamentos que são alugados, então de vez em quando dois ou três travestis vão morar num apartamento daqueles e depois desaparecem, muitas moças de vida airada também, visivelmente dá para perceber o movimento sutil que fazem, os travestis não são sutis, são acintosos, mesmo os mais bonitos digamos assim, então é um perfil tipicamente lapiano sob este aspecto tem de tudo. Tem, por exemplo, a Taberna da Glória que eu frequento muito e como eu já falei tem um senhor, é um garçom antigo lá que mora no prédio que eu moro, eu encontro muito ele tanto no elevador quanto lá na Taberna, quer dizer há garçons, pequenos comerciantes, travestis, etc., estudantes, famílias que também moram em apartamentos pequenos, é um negócio de classe média baixa para baixo, o único apartamento maior e realmente mais bem decorado e esta coisa toda é o meu.” (Alexei, 2006)

Até a generosidade com que delimita a Lapa:

“Isso é extremamente sutil, eu acho que o que determina é mais um limite consuetudinário, do que um limite geográfico municipal, oficial digamos assim. Para mim ela começa implacavelmente ali na Moraes e Vale, fronteira da Glória por vários motivos, aquilo historicamente é Lapa, vem pela Joaquim Silva pega obviamente toda a Praça dos Arcos que é o símbolo máximo, a igreja, quer dizer a origem toda é da igreja da Lapa do Desterro, a Sala Cecília Meireles essa coisa toda e vai até a Praça da Cruz Vermelha, eu acho claramente inclusive porque eu tenho prestado atenção há muito tempo no nome das lojas, o que as pessoas consideram Lapa. Quando você vê que na esquina da rua Ubaldino do Amaral com a Mem de Sá que é quase Cruz Vermelha, tem aquele restaurante bastante grande até, chamado Nova República da Lapa, foi fundado justamente na época do Tancredo Neves com a história da nova república, quer dizer aquilo ali claramente se considera Lapa, então eu acho que o limite onde realmente termina a Lapa é a Praça da Cruz Vermelha. Da Cruz Vermelha para lá não há a menor possibilidade de se chamar de Lapa, mas da Moraes e Vale até a Cruz Vermelha, descendo pela rua do Riachuelo – a rua do Riachuelo é outro limite – subindo já é Santa Teresa, claramente o mapa é esse: é Mem de Sá, quer dizer Moraes e Vale, Praça dos Arcos, Mem de Sá até a Cruz Vermelha e Rua do Riachuelo até chegar na Praça dos Arcos. (A Mem de Sá e a Riachuelo são os limites) É como uma pinça exatamente mas até a Cruz Vermelha. Se você pegar o início, o finalzinho da Riachuelo e da Mem de Sá onde se encontra a Frei Caneca, ali já é a praça da República, ali não tem absolutamente nada a ver com a Lapa. O ponto que muda inclusive o pessoal chama a Cruz Vermelha como se fosse um bairro, entre Cruz Vermelha e Bairro de Fátima, Bairro de Fátima é uma sub denominação, quer dizer aquele trecho que vem da Cruz Vermelha. O outro limite seria provavelmente a avenida Nossa Senhora de Fátima, que determina o bairro, isso num mapa dá para marcar com uma clareza cristalina, quer dizer, esse é o limite que eu diria delimitar antropologicamente a Lapa, que obviamente não deve bater com os da Prefeitura ou com coisa que o valha, mas é o que funciona na prática inclusive para esta coisa que é implacável que é o nome das lojas e dos restaurantes. Quando o pessoal usa o nome é porque eles estão se sentindo na própria casa.” (Alexei, 2006) (ver fig. 44)

(...) “eu acho que a praça Tiradentes vai ser o grande ponto, mas a rHugo a Lapa termina para mim ali no início da Lavradio, nas primeiras casas ainda perto da esquina (com a Mem de Sá), andando para lá ai você já pega o velho Morro de Santo Antonio, e um lugar como o Rio Scenarium está categoricamente dentro da Praça Tiradentes.” (Alexei, 2006)

Alexei como Fábio, apesar das diferenças de olhares e experiências, coabitam (são vizinhos de bairro, mas não se conhecem pessoalmente) e transitam pelos limites alargados da Lapa com a familiaridade de quem se sente em casa e tem prazer com a qualidade de vida adquirida por morar no centro. São pessoas que fizeram desta opção de morar uma escolha que os leva a se depararem diariamente com a mudança e mobilidade espacial e social do bairro, dialogando com ela e procurando inventar seu próprio caminho de vida na complexidade do centro da grande metrópole.

Na fala da família de Fábio a Lapa se confunde com o centro, com o modo de usar a cidade, rastreada em percursos para pedestre e pelo prazer de encontrar o que não procura na errância pelo templo do acaso que é a metrópole<sup>15</sup>. Lapa é simbolicamente sinônimo de boêmia – levar a vida de modo hedonista e livre, bebendo e se divertindo<sup>16</sup> – e o sentido da palavra delimita especializações que parecem acompanhar as infiltrações do uso na epiderme da cidade.

A família de Socorro se insere numa rede de vizinhança que inclui algumas pessoas do edifício e outras que habitam nas ruas adjacentes e foram descobertas nos grupos de atividade propostos pelo PSF-Lapa. Além disso, o relato inclui a familiaridade e segurança de conhecer as pessoas na rua: desde os donos dos restaurantes e bares que freqüentam, passando pelos motoristas de táxi dos pontos existentes no bairro, os vizinhos, as novas redes estabelecidas dentro do PSF-Lapa. O reconhecimento de que morar no olho do furacão da badalação noturna tem seus inconvenientes, mas permite também descobrir atitudes civilizadas entre os empresários que vêm cada dia mais investindo no tratamento acústico de seus espaços comerciais para minimizar o desconforto provocado pela poluição sonora.

O que esta família me ensina sobre a Lapa é que a possibilidade de estabelecimento de laços de solidariedade fundados na vizinhança são concretos e se manifestam da mesma forma

---

<sup>15</sup> Este comentário, escrito com palavras um pouco diferentes, reflete minha leitura do texto de Hannerz, *Explorer la ville*, p. 154.

<sup>16</sup> Um dos sentidos atribuído a palavra segundo verbete do Dicionário Houaiss.

que o anonimato e a atitude blasé mapeados por Simmel e válidos até hoje para identificar comportamentos nas grandes cidades. Eles demonstram que morar no centro de uma grande cidade pode significar também se implicar e interessar pelo outro, fazer visitas, levar presentes, compartilhar alimentos, enfim, uma série de atitudes comuns nas cidades pequenas, nos bairros de subúrbios e que são recriadas pelo cosmopolita dos grandes centros, este homem fadado a transitar por vários mundos, e que nem por isso se torna indiferente. O importante, como assinala Costa (Cordeiro, Baptista e Firmino, 2003), é usar como metodologia a observação direta, próxima, intensa, contextualizada, interacional que permite encontrar “relações sociais” no interior das cidades aparentemente fragmentadas, desconexas, caóticas, descobrir a diversidade dos estilos de sociabilidade urbanas que as sociedades complexas contemporâneas desenvolvem (Costa, 2003: 123-124). No caso específico do Edifício Adolfo moram várias pessoas que freqüentam o PSF-Lapa e suas relações cruzam diferentes mundos como o da vizinhança de habitar o mesmo prédio ou de participar dos mesmos grupos de atividades do PSF-Lapa (coral, colagem, caminhada), ou ainda de serem pacientes da mesma equipe médica. É interessante observar que a participação nos grupos leva ao conhecimento de pessoas que moram em outros endereços e a criação de uma rede de vizinhança mais ampla, menos circunscrita ao imediato da moradia.

São situações que se repetem em suas diferenças quando as pesquisas se debruçam sobre sociedades urbanas complexas e que no Rio de Janeiro tem como estudo seminal a pesquisa de Velho sobre Copacabana nos anos 1970 (Velho, 1973). Na Lapa, como em Copacabana, diversidade é quase sinônimo de complexidade. Estes bairros são habitados por grupos sociais heterogêneos, por pessoas que participam de vários mundos, as pesquisas, entretanto, desvendam diferenças importantes no pensar/investigar a cidade. Habitada por uma população proveniente das camadas baixas e médias, freqüentemente consideradas “populares”, a Copacabana estudada por Velho representava um projeto de ascensão social e

melhoria de vida, mesmo que as condições reais de vida não ratificassem este desejo. No caso da Lapa a escolha de moradia se relaciona muito mais com a centralidade do local, a acessibilidade, assim como com o baixo custo de vida que a decadência local favorecia até bem pouco tempo. Assim, morar na Lapa pode significar usar da melhor forma possível as facilidades da cidade, mas pode também significar estagnação e até mesmo decadência social. É possível prever uma mudança deste quadro em função do processo de revitalização local que, no início, passava pela revitalização chamada cultural dos estabelecimentos comerciais voltados para uma programação musical brasileira e que hoje passa pela decisiva revitalização do uso residencial na área.

Exceção à rede criada pelo PSF-Lapa é a relação estabelecida entre Fábio (que não participa de nenhum grupo do PSF) e João, um vizinho que mora no segundo andar do prédio. Construída pela afinidade do mundo intelectual compartilhado e pelo fato de morarem no mesmo prédio a relação entre os dois é antiga e se reveste de uma aura de aconselhamentos do mais velho, Fábio, em relação ao mais jovem, João, que tem 26 anos, vive com a mãe num apartamento de sala e quarto e me recebeu com a generosidade e disposição de quem tem uma longa história para contar.

Nascido na Lapa, João cursou filosofia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Sua entrevista tem a peculiaridade de ser única em termos da faixa etária do entrevistado, assim como de ilustrar a biografia de uma pessoa que viveu toda a vida na Lapa. Depois de conversar com ele durante duas visitas que tiveram mais de quatro horas de duração e um passeio completo pela Lapa num feriado, cartografando os recantos que como reminiscências ficam imbricados na sua história, fiquei com a impressão de que este interlocutor foi o que mais encarnou, um dos modelos de personagem urbano analisado por Simmel. Bombardeado por milhares de informações vindas da própria cidade, das mídias impressas, eletrônicas, televisivas, dos vários mundos pelos quais transita, ele constrói uma armadura de (aparente ou



real) indiferença para se proteger<sup>17</sup>. Além da atitude blasé (Simmel, 1979), João incorpora uma espécie de tédio de viver no mesmo lugar há 26 anos e me conta ser muito incômodo esbarrar com a própria história em cada esquina do bairro quando cruza com pessoas que o conhecem desde que era criança. Ao tentar explicar este incômodo ele me fala de uma estranha sensação de imobilidade, refutando a noção de evolução pois considera o conceito suspeito ou insuficiente. Ele procura traduzir o quanto a permanência espacial provoca, no seu caso, um desconforto social. Se compararmos sua história com a dos amigos de infância e adolescência, vamos ver que ele é um dos poucos, senão o único, que ficou na Lapa e impressiona a maneira meticulosa como sua entrevista registra cada fase de vida, os amigos e onde estão hoje. Por outro lado a mobilidade dos amigos de João mostra o que se pode chamar de uma potência desterritorializadora da Lapa, o quanto o movimento constante das pessoas chegando e se mudando do bairro não permite construir uma memória coletiva expressiva e que tenha impregnado os espaços sociais, não permite constituir grupos sociais com algum tipo de identidade que se possa perceber observando as ruas locais, praças, lugares de encontro. A Lapa tem uma dimensão de lugar de passagem que as histórias de vida confirmam.

Seus pais não são cariocas, a mãe é cearense e o pai mineiro, e a entrevista lhe revela a surpresa de desconhecer como os pais vieram morar na Lapa. A reflexão de João sobre esta lacuna, operando com ferramentas diferentes da minha, me leva a pensar na questão da memória e do patrimônio, categorias que no âmbito da vida privada familiar, numa pesquisa de cunho antropológico, assumem um sabor diferente. A memória que ele me apresenta é individual e imperfeita, mas meticulosa e cheia de detalhes, ou seja, é a memória de um “coleccionador” de lembranças, de alguém que tem uma preocupação com a própria história de vida, ou para quem tudo ainda é muito recente e não foi apagado. É uma memória voluntária

---

<sup>17</sup> Para Gregório Carnevale meu filho, um jovem adolescente de 12 anos de idade interessado em algumas categorias de classificação do comportamento social nas grandes cidades, blasé é uma pessoa que parece estar desligado mas presta atenção a tudo.

como a classificariam Bergson e Proust<sup>18</sup>, feita de escolhas a partir do que imagina ser do meu interesse e nesta medida me remete diretamente à primeira entrevista de campo feita com seu Edson (Bergson, 1990; Proust, 1957). Estou diante do Baú de Guardados de um jovem de 26 anos, a história de vida que ele reconstrói diante do meu pequeno gravador, somos<sup>19</sup> um espelho no qual depois de algum tempo ele descobre se olhar e é precisamente neste momento que as falhas de sua história emergem defeituosas e ele se envergonha de não ter mais dados sobre a história dos pais ou pelo menos de não ter se importado com ela antes. Penso nos patrimônios imateriais das famílias, as histórias de vida que se entrecruzam no tempo e no espaço das quais somos produto e produtores, diante das quais não podemos agir como meros arquivistas<sup>20</sup> – guardadores de papéis/documentos em gavetas – ou observadores, mas para as quais talvez devêssemos guardar nossa melhor performance de escritores, historiadores, aqueles sujeitos que diante da ameaça do desaparecimento (do fato, da história, do documento, do edifício) partem como verdadeiros guerrilheiros na defesa da sua preservação. Histórias privadas que talvez, no limite, fossem capazes de nos reconduzir aos papéis de guardiões dos lugares de memória<sup>21</sup>, nos tornassem parte de grupos sociais portadores de identidades culturais. Para Benjamin o historiador, aqui entendido como aquele que “guarda” a história passada, a preserva e a transmite, é um sujeito ativo, que interfere e escreve, em alguma medida, a história futura.

Ao longo do tempo João frequentou diferentes escolas, no centro, em local próximo ao trabalho da mãe (no Catete) e na Tijuca, assim como brincou na praça do Bairro de Fátima (onde passou a primeira infância), no terreno que hoje é o estacionamento do supermercado Mundial (na rua do Riachuelo), nos corredores dos edifícios pelos quais foi se mudando até

---

<sup>18</sup> *Em busca do tempo perdido*, obra completa do autor que reinventa nesta coleção de romances literariamente sua biografia. O outro autor que analisa a obra de Proust é o filósofo Gilles Deleuze que no livro *Proust e os signos*, oferece interessantes análises sobre a questão do tempo, da memória e dos signos na obra de Proust.

<sup>19</sup> Eu e o gravador.

<sup>20</sup> Walter Benjamin, “Sobre o conceito da história”, in *Obras escolhidas – magia, técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987. (3ª edição)

<sup>21</sup> No capítulo 4 tratei um pouco da importância do trabalho de Pierre Nora sobre a questão dos lugares de memória inscritos na ausência de memórias das sociedades contemporâneas.

chegar no Edifício Adolfo em 1997, no Aterro do Flamengo que o viu crescer e mudar de hábitos, na Urca que é o seu bairro predileto no Rio de Janeiro. Crescer no centro da cidade fez dele um conhecedor desta área, menos pelo nome dos lugares, mais pela função, mas acima de tudo um apreciador da acessibilidade desta área da cidade, de vasculhá-la à pé, do desfrute dos equipamentos culturais e de lazer instalados no centro. Neste último aspecto é interessante observar o seguinte: durante toda sua infância e adolescência ele foi freqüentador assíduo dos cinemas existentes na cidade e das quadras de futebol do Aterro do Flamengo. Apenas quando chegou à Universidade, aproximadamente no ano 2000, é que ele começou a descobrir lugares como o Centro Cultural Banco do Brasil, Biblioteca Nacional, Museus e Centros Culturais existentes no Centro. Diz ele:

“Eu vou ser sincero, eu moro desde que eu nasci aqui, só em 2000, 2001, 2002, quando eu entrei na faculdade, que o pessoal da faculdade começou a me falar olha tem o CCBB, o Centro não sei das quantas, tem a biblioteca em tal lugar, e eu vi que tinha muita coisa perto de casa, e você efetivamente não tem uma visão disso, porque também é algo um pouco elitista, porque são coisas bem específicas, o CCBB apesar de você não precisar de dinheiro nenhum para ir lá, há uma certa necessidade de quem está indo lá, de ter uma certa escolaridade, porque senão não vai entrar, não vai entender uma pintura, não é que precise entender, mas não vai se sentir interessado por aquilo, aquela pintura, aquela exposição, pelo cinema que tem lá, tem uma parte que tem uma cinemateca, biblioteca, se você não tem um ... não quer um livro não tem porque ir a Biblioteca, e tem outros lugares assim que só de um tempo para cá, que eu fui tomando mais consciência, primeiro partindo das pessoas que me cercavam na faculdade. Antes a única coisa que eu tomei mais consciência do centro antes foi a Biblioteca Nacional, só que a BN com a burocracia que é, porque para você pegar um livro, não pode tirar um xerox, eu até entendo que eles estão certos e tal, mas até onde eu conheço não tem um lugar onde se possa estudar razoavelmente pegar material e fazer uma pesquisa, então eu fui uma vez lá e nunca mais eu fui, era tão difícil para arrumar um livro, tirar uma xerox, você tinha que, isso já no segundo grau, copiar tudo, eu deixei isso de lado, é algo cultural mas há um ritual ali que atrapalha mais do que ajuda, o contrário da biblioteca do CCBB, eu acho que lá não se tira xerox, mas você pode entrar manusear um livro, tem um lugar lá com um silêncio sensacional você pode sentar, pode estudar pegar o livro, ou pegar só as suas anotações de casa e o livro, você pode entrar lá não com caderno você não pode, pode entrar com folhas soltas, é a biblioteca mais acessível para uma pessoa que está entrando numa biblioteca, não na Biblioteca Nacional que é mais perto de casa mas pelo fato de ser tão burocrática não atrai.” (João, 2006)

Sua observação a este respeito é a de que o acesso a estes lugares não faz parte da rotina de vida de um sujeito como ele, morador do centro, e ele conclui que é um acesso elitizado. Quando usa este termo ele mesmo o estranha, porque afinal de contas a maioria dos lugares não cobra ingresso de entrada e, portanto, podem ser freqüentados por pessoas de qualquer classe. Outra vez a questão que se coloca, como no caso de Verônica na vila, é a dos

diversos capitais que cada um acumula ao longo da vida, desde o econômico até o cultural, passando pelo social (Bourdieu, 2001). Neste sentido o acesso a estes lugares não lhe foi transmitido pela família, ou pelos vizinhos locais, mas apenas pelos colegas de universidade que, portadores de outros capitais culturais e sociais, passam a partilhá-lo no espaço estudantil. Há lacunas na sua herança cultural, ausência do hábito de cultivar o espírito com atividades culturais; isso não vem “de berço”, mas pode ser adquirido numa cidade que oferece possibilidades, dispõe dos lugares, abre seus acervos. O que João traduz é que talvez isso não seja suficiente, existe uma exclusão ou inibição produzida pela aparência dos lugares, tipo de pessoas que freqüentam; barreiras invisíveis, simbólicas, que provocam várias reações – desde a indiferença até o constrangimento, por exemplo.

O discurso de João fala de exclusões, explícitas ou sutis, fala da ausência de um tipo de herança cultural, fala dos movimentos de se apossar da cidade e seus lugares meio secretos porque inacessíveis, fala da conquista (ou aquisição) de capitais culturais disponíveis na cidade, fala do seu capital social e cultural tão sensivelmente ligados ao da própria cidade (que são várias) com a qual ele partilha uma intimidade invejável e que para ele não parece se traduzir em valor. A cidade de João é o comércio do Saara e do camelódromo da rua Uruguaiana, são as agências bancárias para pagamento de contas, os cursinhos de vestibular e preparatórios para concursos, os cinemas, as livrarias... não é a cidade dos bares, dos shows, do *happy hour*, dos centros culturais e museus, das exposições, dos cafés, das empresas, dos cursos de idiomas, outra cidade, dentro de várias cidades. É possível dizer que seus percursos pela cidade reafirmam uma cultura nativa popular? Talvez. Mas, sobretudo, a de um jovem das camadas médias, que leva uma vida econômica, que não pode comprar roupa de marca ou freqüentar lugares caros, mas sabe encontrar alternativas.

Sobre a cidade propriamente dita e a Lapa seu afeto se divide claramente. Desde as primeiras más impressões de que a avenida Mem de Sá era uma rua de prostituição de

homossexuais, até o estigma de morar num lugar que a tradição cunhou como sendo de boêmia e, portanto, não um lugar de moradia, João construiu uma visão de cidade bastante acurada pelo caminhar incansável pelas calçadas mal conservadas, edifícios arruinados, entre cidadãos desprovidos de urbanidade. Para ele a decadência da Lapa, das ruas, dos edifícios antigos, a falta de conservação dos espaços públicos, a má iluminação, a coleta deficiente de lixo, os camelôs nas calçadas atraem um tipo de morador que não se importa com isso ou até pior, gosta deste estado de coisa. São pessoas que vivem à margem da sociedade, ou porque não tiveram opção, ou porque escolheram este lugar social. Isso não apenas caracteriza, grosso modo, a Lapa como um determinado tipo de lugar, como cria enormes abismos entre as pessoas, mesmo dentro de um edifício como o Adolfo, onde ele mora. São 6 andares com 17 apartamentos nos cinco andares acima do térreo que é ocupado por lojas, o que perfaz um total 85 apartamentos. Alguns apartamentos mudam constantemente de moradores, gerando um clima de desconhecimento e anonimato muito fortes. Por outro lado a população mais permanente é bastante eclética do ponto de vista social, e João registra que moram no prédio um violinista, músico da orquestra sinfônica; uma doutora em tecnologia da informação; funcionários públicos; aposentados; famílias inteiras; solteiros etc. De fato os apartamentos variam de tamanho podendo abrigar diversas conformações familiares, números de habitantes variáveis de acordo com a quantidade de cômodos. No prédio mora também Norma, agente comunitária do PSF-Lapa, e seus dois filhos casados.

Assim e a despeito da diferença de tamanho tanto na vila quanto no Edifício Adolfo as distâncias sociais estão presentes e são percebidas, registradas e sentidas por alguns de meus interlocutores. Se existe uma “proximidade física (vivenciada como promiscuidade)” como nas pesquisas realizadas por Bourdieu nos subúrbios franceses, não percebi. Os corredores do edifício são limpos e desobstruídos e em minhas idas ao local, para as entrevistas, percebi que não existe o hábito de se deixar as portas dos apartamentos abertas. Os pátios internos são os

lugares por onde o barulho de uns invade a casa dos outros, mas isso é comum num determinado tipo de arquitetura em que estes prismas de iluminação e ventilação funcionam como verdadeiras caixas de ressonância. Em uma das entrevistas com João havia um som muito alto proveniente de um apartamento vizinho e além do som do rádio se ouvia a conversa (gritos) entre mãe e filho no mesmo apartamento. João refletia no quanto aquela mãe não tinha condição de educar seu filho para falar baixo ou respeitar os vizinhos; educá-lo a viver em sociedade, em meio a um grupo social com regras de convivência pactuadas. Velho já observava esta característica em seu estudo sobre os conjugados de Copacabana, quando a arquitetura do edifício é representada e analisada, e a questão do barulho dos vizinhos laterais, assim como de cima ou de baixo é apontada como um quesito importante na deterioração das relações e falta de qualidade do ambiente (Velho, 1973). Infelizmente não tive acesso aos moradores considerados barulhentos, sem educação, desclassificados, para ouvir sua versão a respeito desta mesma questão tanto na vila quanto no edifício Adolfo.

Ainda sobre o aspecto da conformação social da Lapa é interessante observar o que diz João a respeito da ausência de livrarias na região de moradia do centro.

“(...) você nota muito isso quando fala de coisas culturais, os equipamentos culturais vão da zona sul até o centro e acabou, para lá não se fala mais nada, parece que não tem teatro, não tem cinema, não tem nada, (...) livraria não tem realmente, isso é uma coisa, por exemplo aqui também não tem, outro dia eu estava numa livraria em Botafogo ao lado do Estação, aquela livraria mais perto da praia, eu estava ali e eu pensei: tem essa livraria aqui, tem a do Rio Sul que é a Saraiva, e dentro do Botafogo Praia Shopping tem uma outra livraria, então num perímetro pequeno tem livraria para caramba, e o problema não é nem ter livraria, é ter livraria com algo específico, por exemplo, essa livraria que você citou de Botafogo (Prefácio) ela tem coisas específicas, você nota que tem certos livros que não é em todo o lugar que tem, já observa umas coisinhas assim à parte, coisa que na zona norte não tem, e é estranho porque tem uma população grande. Foi feita uma pesquisa e se constatou que tijucano não sai da Tijuca, não muda da Tijuca. Eu convivi com um pessoal da Tijuca na graduação, um pessoal de nível altíssimo, consumidor de certos livros, e na Tijuca, até onde eu sei, só tem uma livraria dentro do Shopping que é uma Saraiva, e tem a livraria da própria Uerj, que era boa e agora está mais ou menos. Tem alguns andares, por exemplo, lá no nono andar da Uerj, tem um cara que vende livros, aí se você catar uns livros bem específicos você encontra. Aqui no centro também tem livrarias, mas só na parte comercial, aonde ninguém mora, o centro tem livrarias mas você tem que ir de segunda à sexta, não pode ir num sábado, num domingo, que não está aberto, que é a Travessa na rua da Travessa do Ouvidor, a Saraiva que é na rua do Ouvidor, e tem aquela outra Travessa depois da presidente Vargas, a do CCBB etc (...).” (João, 2006)

As livrarias existentes no centro, e são muitas, estão todas localizadas nas áreas de trabalho e funcionam de segunda a sexta feira, ou seja, para atender a quem trabalha no centro. Os moradores não dispõem deste tipo de comércio nos finais de semana, nem próximos às suas residências o que de certa maneira contribui para a constituição de um tipo de perfil sócio cultural, pessoas que não têm o hábito da leitura, não têm acesso a livros.

Para João, assim como para a maioria de meus entrevistados, morar na Lapa é usufruir do centro da cidade, com todos os defeitos e as qualidades que esta proximidade potencializa. Ao fim e ao cabo me rendo às conclusões de Costa (Cordeiro, Baptista, Firmino, 2003) de que ao invés de interpretar que as relações sociais não existem, é preciso enxergá-las como outras, novas, diferentes, diversas das conhecidas e mapeadas, estabelecidas a partir de novos modos de convivência e de novos valores simbólicos – não necessariamente ligados à tradição, à ancianidade dos lugares, mas que de algum modo incluem estas dimensões. Perceber a duração e a efemeridade como condições de possibilidade que estruturam as relações sociais, os modos de viver atravessados pelas condições físicas, morais, de saúde de viver na cidade, em suma entender a cidade como lugar da diversidade capaz de produzir novas sociabilidades.

Uma análise comparativa entre o edifício e a vila nos leva a observar algumas questões, a primeira delas relacionada com o tamanho de cada programa residencial e a capacidade de conhecer, controlar, participar, estabelecer laços de vizinhança entre 10 casas ou 85 apartamentos.

“Existe um maior controle sobre a vida das pessoas na vila. Todo mundo sabe quem entra e quem sai, mas ao mesmo tempo isso me dá segurança. Eu também sei que o Rio é uma cidade perigosa, e eu me sinto segura aqui na vila, as pessoas controlam, são curiosas em relação a vida dos outros, e com certeza a nossa vida é bem mais interessante para se conversar sobre ela, mas eu me sinto segura. Se eu tivesse que me mudar para um outro lado também daria preferência a um condomínio de casas, uma vila, porque acho legal este esquema.” (Alicia, vizinha de Verônica, 2005)

“Neste prédio, a minha vizinha de frente, eu vou ser sincero é chatíssima, fala alto para caralho, as crianças pegaram esta mania de falar alto também, ela não tem educação e os filhos não tem educação também. (...) mas no meu prédio, ai já é um ponto de vista meu, tem pessoas que a gente sabe da boca pequena, são pessoas que vivem da contravenção, ou coisa do tipo, não posso afirmar isso porque eu não tenho provas disso, mas você percebe que tem algo estranho, não dá para entender como ela consegue se manter. Você nota a rotina das pessoas, é uma forma de você observar, uma pessoa que

não tem uma rotina de trabalhador, de repente aparece com um celular novo, é estranho. Quando uma pessoa tem uma certa rotina de horários é porque normalmente ela trabalha. Por exemplo, eu tenho uma certa rotina, mas é uma rotina de estudante, e que se pode colocar assim, a palavra vagabundo, colocar se a pessoa é ocupada ou não, eu sou um vagabundo, agora nota-se que há uma rotina na minha vida, eu sou uma pessoa que não faz nada, só estuda, mas não demonstra para os outros que faz alguma coisa, porque estudar é um negócio que você entra no quarto e fica estudando. Mas de qualquer forma eu não ando com celular novo, eu não faço determinadas coisas que você observa que são estranhas, porque a pessoa não parece ter poder aquisitivo para ter. Neste prédio tem de tudo, mas tem um cara que sabe violino para cacete, que é da Orquestra Sinfônica Brasileira, eu sei disso porque a minha mãe me conta isso, porque minha mãe foi síndica aqui. Tem uma doutora em tecnologia da informação, pena que eu não tenho tanta intimidade com ela se não eu te apresentava ela, esqueci o nome dela agora também. Tem o Fernando que você entrevistou, que é um cara esforçado, que você nota que está indo para frente, um cara que trabalha no TRT, porque fez um concurso público, passou, (tomara que eu passe também!). Existe uma diversidade, o teu vizinho pode ser um traficante, você pode estar morando ao lado de um traficante ou de um músico, ou de um doutor em tecnologia da informação, é muito variada essa coisa.” (João, 2006)

As entrevistas e a observação de campo mostraram que as redes sociais dependem principalmente da proximidade/distância social existente entre as partes do grupo. Nos dois casos as distâncias sociais e culturais geram retraimento, exacerbação do individualismo ou situações de conflito e desconfiança extremamente constrangedoras embora no edifício eu não tenha ouvido falar em agressões físicas entre vizinhos como na vila. Do ponto de vista espacial os programas de habitação coletivos – edifícios, vilas, condomínios – possuem áreas de uso comum que se conformam de modo muito distinto, ordenando de certa forma o comportamento em áreas como a ruela a céu aberto que interliga as casas da vila, ou os pavimentos de uso comum (portaria, *play ground*, salão de festas) corredores, escadas e elevadores que interligam os apartamentos do Edifício Adolfo. Se existem áreas de uso comum para lazer no edifício elas não foram mencionadas por meus entrevistados e não parecem propiciar o fortalecimento das relações de vizinhança. O espaço da vila, mais gregário em torno do bucolismo de áreas livres ajardinadas, varandas e pequenos quintais parece produzir uma demanda de maior relacionamento social, expresso na vontade de meus interlocutores de trazer para a vila amigos e criar uma comunidade mais afinada social e culturalmente, capaz de promover confraternizações de fim de semana, tais como churrascos coletivos, por exemplo. Este tipo de sentimento não encontrei no edifício onde a individualidade, o anonimato, a discricção, o respeito aos códigos de boa vizinhança parecem



ser mais importantes. Código de boa vizinhança entendido principalmente como respeito ao silêncio, mas também como bons modos em público, vestir-se adequadamente, saudar vizinhos nos elevadores e portaria etc.

### *6.3. Da indução à sedução – observar é participar*

O passo final que dei na Lapa, que como um passo dentro de um labirinto se abriu para uma infinidade de outros caminhos, foi entrar no Programa de Saúde da Família – Lapa e observar um pouco as redes criadas por ele. O PSF-Lapa é em si mesmo um rico objeto de pesquisa para a antropologia urbana no que diz respeito à identificação de novas políticas públicas, capazes de produzir novas formas de sociabilidade fundadas em outros valores e contextos sociais (Costa, 1999) e penso em desdobrar e aprofundar minha pesquisa no futuro dentro do Programa caso este não seja interrompido. O Programa de Saúde da Família resulta de uma política pública de saúde que deveria ser mais bem explorada como mecanismo de salvaguarda da qualidade da vida urbana num sentido mais amplo do que significa habitar com qualidade e saúde a cidade complexa, de que tipo de infra estrutura é preciso dotar os espaços para que as pessoas vivam melhor, as questões físicas da cidade, como calçadas decentes e casas ventiladas e ensolaradas, mas também os hábitos alimentares, os hábitos sociais, os hábitos culturais, os mecanismos de inclusão e convivência, os facilitadores das dinâmicas da vida social na urbis.

Este é, como já descrevi, um projeto do Ministério da Saúde apoiado pela Prefeitura do Rio de Janeiro e pela Universidade Estácio de Sá, sobre o qual tive oportunidade de falar no capítulo 2 deste trabalho, onde esclareço os acessos e a dinâmica do trabalho de campo realizado na Lapa.

No PSF-Lapa deparei com a diversidade humana e social existente na Lapa. Uma parte da população de idosos atendida pelo programa e que adere voluntariamente ao grupo de

caminhada, renova seu espírito e controla a pressão alta provocada pelo estresse, pela solidão, por hábitos de vida pouco saudáveis (entre os quais a alimentação é um item importante), nas caminhadas promovidas pelos fisioterapeutas do Programa, com direito a alongamentos cheios de comentários brincalhões, no Passeio Público, três vezes por semana. Além de ser uma atividade eminentemente voltada para a melhoria do condicionamento físico dos participantes, o fato de ser uma atividade realizada ao ar livre e que precisa de espaços urbanos do tipo de praça ou passeios, a escolha do Passeio Público, ali instalado desde o século XVIII, estabelece um interessante mecanismo de atribuir novos sentidos aos espaços urbanos existentes. Trata-se, neste caso, de um exemplo de lugar de memória e patrimônio cultural preservado que a atividade da caminhada reinsere, resignifica na vida dos habitantes locais que talvez não usassem este espaço em outras condições. Os frequentadores da caminhada passam a conhecer os gatos que vivem no Passeio Público e a se interessarem por suas vidinhas, conhecem a senhora que os alimenta, cumprimentam os seguranças do parque, identificam alguns *habitués* – entre mendigos e *homelesses* – enfim estabelecem com o lugar uma relação de familiaridade que se adensa na musculatura de redes de sociabilidade novas e cultivadas e para as quais a presença do parque/jardim é essencial. Antes de sair para caminhar o grupo se reúne no Posto de Saúde e todos medem a pressão arterial conversando sobre a vida, brincando uns com os outros, atualizando informações sobre as famílias que passam a participar desta rede, numa intensa troca social que, segundo alguns, é o verdadeiro valor da atividade, mais do que a própria caminhada.

Como resultado da interação do grupo os aniversários são comemorados uma vez por mês em memoráveis cafés da manhã organizados pela fisioterapeuta do grupo com a ajuda da agente comunitária que participa da caminhada, ou em encontros noturnos pelos bares mais populares (mais baratos) da Lapa. São promovidos almoços coletivos em que todos participam, seja preparando o prato principal do almoço, seja contribuindo com bebidas e

sobremesas, por exemplo. Desta forma a atividade da caminhada estrutura novas relações e outros modos de encontro que fortalecem uma sociabilidade que eu diria criada de fora para dentro pelo Programa (agente externo) e aceita pelos que aderiram (os de dentro) ao Programa. Aqui os *outsiders* (equipe do PSF-Lapa) encontram os estabelecidos (Elias & Scotson, 2000) num modelo/conformação social bastante desarticulado e fragmentado. Sua estratégia de aproximação é buscar pessoas da comunidade dispostas a fazerem as pontes necessárias, mas sua mercadoria de troca tem um valor inestimável que é a preocupação com a saúde da população urbana, fundada na qualidade de vida. Em pouco tempo os *outsiders* estão produzindo pequenas transformações sociais, articulando redes, criando novas sociabilidades, mostrando como o campo social é lócus (e talvez fôcus) da saúde no sentido mais amplo do termo. Diferente da chegada de “estrangeiros” dentro de um grupo social razoavelmente estruturado e homogêneo como o caso estudado por Elias (Elias & Scotson, 2000), a condição exógena dos profissionais do Programa de Saúde é trabalhada por uma metodologia de aproximação construída em campo e de acordo com as particularidades sociais locais. Aqui *outsider* não é, em princípio, uma categoria de acusação. Após cinco anos de trabalho posso perceber uma intimidade própria de relações em que os de fora já estão integrados ao grupo estabelecido. Particpei inclusive de uma reunião de fim de ano na casa de um de meus interlocutores, na qual uma antiga psicóloga que participou dos grupos enquanto aluna da Estácio de Sá, e que já não participava mais do grupo como estudante, foi convidada e compareceu como amiga.

A partir do ingresso no grupo as pessoas descobrem que são vizinhas de edifício e passam a se encontrar para vir para as diversas atividades do Programa ou para fazerem outros programas nos dias em que não há a atividade da caminhada, por exemplo. Além disso, o conhecimento estabelecido no grupo faz com que se produza um interesse pela vida dos outros, especialmente quando existe um quadro de doença, e uma dinâmica de visitas se

estabelece, gerando uma rede de solidariedade e vizinhança particular e diferente numa cidade como o Rio de Janeiro, onde a violência, a desconfiança, o medo, o excesso de população, muitas vezes gera exatamente o contrário, o isolamento e a indiferença em relação aos vizinhos. Visitar um vizinho doente, levar uma comida para alguém que não cozinha e que por algum motivo não pode sair para almoçar na rua, convidar para uma caminhada no Campo de Santana (outro espaço verde importante da cidade) nos dias em que não se vai ao Passeio Público, se oferecer para trazer alguma coisa do supermercado que o outro precise, são alguns dos gestos que percebi terem voltado à moda na Lapa diurna à partir do PSF-Lapa.

A bricolagem (Lévi-Strauss, 2002) que sustento revela meu olhar muito mais do que os rostos<sup>22</sup> de meus interlocutores nas Lapas por onde andei. Considero que a solidão e o isolamento são traços marcantes de alguns moradores, fato que não os distingue de moradores de outros bairros da cidade, mas que no caso de meu estudo revelou-me a importância de ações que estimulem a reestruturação de redes de sociabilidade e vizinhança. Sair de casa e encontrar pessoas é um belo pretexto para conversar, ouvir e ser ouvido, reaprender a dimensionar problemas a partir das trocas, se desfazer de angústias jogando-as pelas calçadas ou diluindo-as no suor que a caminhada acelerada produz.

Encontro moradores especialmente preocupados com as mudanças que se avizinham na Lapa em relação à subida do custo de vida, na medida em que o bairro começa a se vender como uma opção residencial para pessoas com maior poder aquisitivo, como é o caso dos novos empreendimentos imobiliários, especialmente o Condomínio Cores da Lapa a respeito do qual falarei no final deste capítulo.

Descubro que existem pessoas que escolheram morar na Lapa e outras que moram porque não tem outra alternativa econômica, que umas vivem a Lapa enquanto outras usam a Lapa. É como se viver a Lapa fosse estar ali há muito tempo e usufruir de sua tradição, da

---

<sup>22</sup> Entrevista com Sandra Kogut citada anteriormente.

espessura de hábitos cultivados ao longo do tempo, no rastro dos personagens famosos que por ali passaram. Usar a Lapa, por outro lado, é ter uma relação funcional, se beneficiar da comodidade da localização acessível, do custo barato de vida, da opção de apartamentos pequenos, da fartura de oferta de comércio e serviços, conforme me afirmou Hugo, morador da rua dos Inválidos e adepto do grupo da caminhada, com quem desenvolvi uma intensa troca no grupo de caminhada durante minha participação observante nas caminhadas<sup>23</sup> pelo Passeio Público. Para ele na Lapa se pode viver muito economicamente e seu estilo de vida transpira uma transitoriedade difícil de ser apreendida no pouco tempo de convivência que partilhamos. Sua casa é simples, um apartamento conjugado que pode ser desmontado em dois tempos e fechado para que seu dono se mude para outro lugar. Meio nômade, meio cigano, meio cosmopolita, Hugo tem uma história de vida admirável, como cada um detrás das inúmeras portas anônimas dos edifícios da Lapa. Russo de origem, ele atravessou o mundo e fixou residência no Brasil, mas tem a alma cosmopolita dos que transitam e trocam com cada lugar e suas gentes experiências, fazendo de si mesmos e dos lugares por onde passam sempre outros. Os cosmopolitas, como bem observa Hannerz (1983), transformam o mundo num todo e não em um somatório de partes, ajudam a misturar os mundos, amalgamando novas sociedades e lugares. Para isso a Lapa parece colaborar de modo estranhamente dócil – como um lugar de intensas passagens e de trocas (e misturas). São estas passagens individuais ou partilhadas coletivamente que constituem as Lapas num mapa imaginário que tento em vão descrever.

O interessante na interlocução que estabeleci com Hugo é que, embora não tenha se disposto a me conceder uma entrevista, por não se considerar um “autêntico morador da Lapa”, mas alguém que está de passagem e não deixa crescer raízes, sua relação com o bairro

---

<sup>23</sup> As conversas com Hugo fizeram parte da observação participante que realizei em campo, não foram gravadas, e me revelaram dimensões importantes sobre a Lapa e sobre a história deste personagem hoje tão ancorada naquele bairro.

me pareceu ser extremamente refinada e interessada. Apesar de ter se colocado completamente avesso a uma entrevista, de dizer que nada sabia sobre a Lapa que pudesse ajudar a minha pesquisa, me recebeu em sua casa e me fez companhia durante as caminhadas do Passeio Público, ensinando coisas sobre a vida, a Lapa, o PSF, que não vou esquecer. Ele foi um dos únicos interlocutores que registrou preocupação com o processo de transformação social em curso na Lapa, tanto motivado pela elitização dos bares e restaurantes, quanto pelos novos empreendimentos imobiliários. Contou-me que na sua avaliação dentro de dez anos, teremos duas Lapas, sem explicar muito bem quais seriam estas duas Lapas. Seu prédio é vizinho ao empreendimento imobiliário “Cores da Lapa”, e ver aquele conjunto de prédios surgir no terreno vazio faz com que ele tenha uma visão bastante apurada e sensível no sentido de antever o que vai acontecer, da grande transformação que vai ser operada. Alertou-me para o fato de que muitas famílias numas moram em apartamentos pequenos o que faz com que as pessoas, especialmente os idosos, tenham uma demanda de sair de casa e ficar na rua e que uma das opções sempre foi ficar no botequim da esquina bebendo e conversando, opção que vem desaparecendo em função do surgimento dos barezinhos da moda para atrair a garotada. Falou-me de sua preocupação com o aumento do custo de vida na Lapa, que deve se concretizar com a inauguração e ocupação do conjunto residencial “Cores da Lapa” e seus 668 apartamentos destinados à classe média. Mostrou-me seu olhar sobre a Lapa incluindo a curiosidade em relação aos angolanos que vivem na proximidade do Bairro de Fátima e as inúmeras suspeitas e suspenses que os envolvem como uma aura não decifrada; as conversas com os mendigos de rua, a observação de seus hábitos de vida e como estruturam lideranças dentro do grupo, as relações de solidariedade que mantém e os bichos de estimação que carregam; os vizinhos doentes ou não aos quais presta atendimento terapêutico, que pode ser uma massagem ou a boa disposição de um ouvido atento. Através de sua conversa pude perceber uma crítica construtiva ao PSF-Lapa e como seria fácil ir corrigindo o percurso do

projeto se houvesse uma disposição para ouvir os usuários do programa e analisar criticamente certos mecanismos do trabalho ou pelo menos torna-los públicos e transparentes. Aprendi, por exemplo, que um dado quantitativo como a idade das pessoas pode ser visto como um dado relativo numa pesquisa de cunho antropológico em que o dado qualitativo relativo aos feitos e fatos da vida de uma pessoa era o que enriquecia a biografia e tornava a etnografia mais densa. Segundo ele, cada pessoa é o que vive e o que faz, o que experimenta, o que partilha, o que guarda para si, e não o tempo cronológico perdido na vida, tatuado nas rugas que recobrem a pele.

Com Hugo pude experimentar, em outros contextos de interação e diálogo<sup>24</sup>, a importância da escuta e do interesse pela vida do outro numa cidade grande, no sentido de recuperar a dimensão humana das relações assoladas pelo medo, pela violência, pela decepção em relação ao humano, pelo uso defensivo do anonimato e da individualidade. Pude perceber que no falar de si, diante da escuta interessada, o outro se transforma, se reinventa, se organiza e estrutura, se redescobre cheio de valores, histórias e memórias o que dá a sensação de estar cheio de futuro também.

Assim foi não apenas com Hugo, mas com dona Gilda, dona Letícia, Cosme, Inara, Socorro, João, Verônica, Judite, Alexei, Edson e com todos os que generosamente me acolheram e caminharam comigo nesta breve etnografia sobre as Lapas. De alguma forma e sem saber eles também me diziam coisas sobre o meu trabalho e sua importância. Em entrevistas ou convivendo nos grupos de atividades eles me contaram e mostraram suas histórias de vida e assim experimentaram reviver suas próprias memórias, recuperando as coisas boas, as coisas ruins, podendo falar sobre vários assuntos (inclusive sobre a morte, por exemplo) e na medida em que falavam, colocavam as coisas ditas em algum lugar, arrumavam-nas, facilitando a saída daquele lugar incômodo em que imaginam estar em que a

---

<sup>24</sup> O grupo de caminhada e as relações estabelecidas a partir daí, as relações de vizinhança dentro do prédio em que mora.

vida não tem sentido, o lugar do vazio da falta de perspectiva, uma espécie de aprisionamento a um futuro fatal onde o que lampeja é apenas a morte. De algum modo cada um se movimenta um pouco diante do gravador de meus ouvidos e da câmera do meu olhar e isso espanta os fantasmas, recupera o gosto de falar da vida, reanima a alma com o sopro da atenção do outro, ratifica que estar vivo é estar em relação com o outro e que isso é, de alguma forma, a matéria prima da antropologia. Em muitas entrevistas acabei sendo entrevistada pelos meus interlocutores que queriam saber sobre a minha vida, me conhecer melhor, trocar comigo. Era um ritual de passagem na entrada do mundo que eu pesquisava e do qual me tornava parte.

Solidão, barulho, sujeira, calçadas mal conservadas e ocupadas por camelôs são motivos para o desagrado de morar na Lapa, mas ir ao supermercado Mundial fazer compras e encontrar no caminho pessoas recentemente descobertas no grupo da caminhada, cumprimentá-las, abraçá-las e trocar algumas palavras devolve um outro tipo de prazer, raro, de se sentir em casa e no meio de conhecidos, é uma sensação boa no meio do caos da vida apressada da metrópole. É, enfim, uma sensação de pertencimento que traz bem estar social e fornece outras dimensões para as noções de qualidade de vida urbana, condições de saúde do habitante da metrópole. O acompanhamento dos grupos que me levou à Lapa três vezes por semana durante alguns meses serviu para me dar uma certa intimidade com o lugar, andar mais à vontade pela rua, também experimentar o prazer inclusivo de encontrar pessoas conhecidas e parar para conversar pelas calçadas do bairro.

Os grupos de colagem e canto coral são menores do que o da caminhada e algumas pessoas participam dos dois grupos. O objeto de trabalho de cada grupo leva a dinâmicas diferenciadas pois, se por um lado o canto coral não permite que as pessoas conversem entre si durante as aulas, gerando uma relação menos pessoal, no grupo de colagem as conversas sobre a vida rolam soltas, enquanto as atividades manuais são feitas sob a orientação do



professor Cosme. Este grupo costuma levar um pequeno lanche que é compartilhado no final da aula e tem o hábito de se encontrar fora do espaço do Posto, na casa das pessoas, em restaurantes e bares, ou mesmo para ir a espetáculos de teatro e música. É um grupo pequeno que estruturou uma relação social fora da atividade do PSF.

Do ponto de vista da metodologia do trabalho em grupo existe uma questão referente ao acompanhamento psicológico destas atividades, com o objetivo de estruturar e fortalecer os grupos, que me pareceu estar mal resolvida e demandando uma reflexão por parte do grupo de trabalho do PSF-Lapa. Nos grupos de colagem e canto coral havia a participação de alunos de psicologia que pelo que pude perceber, no período que acompanhei as atividades, não foi bem assimilada, sobretudo, porque seu papel não foi explicitado aos professores e grupos. Nas duas situações os alunos de psicologia entraram em conflito com os professores pois pareciam querer tomar a si a direção dos trabalhos, liderando as dinâmicas de grupo e colocando num segundo plano a atividade principal – o exercício do canto ou da colagem. Paradoxalmente nas outras atividades, nos encontros de nutrição, hipertensão, caminhada, Hugo apontou exatamente para o fato de que o grupo não tirava melhor proveito das discussões e atividades porque faltava a orientação de um psicólogo ou pedagogo capaz de trabalhar as questões do grupo para além das atividades e discussões sobre alimentação, doenças ou exercícios físicos. O papel de mediadores neste tipo de trabalho parece ser uma coisa importante especialmente para alcançar objetivos do tipo constituir e fortalecer grupos, redes, sociabilidades, valorizar a participação de cada um nas discussões, fortalecer a interação entre mundos, as vezes muito diferentes, como condição do êxito da atividade coletiva. Este é, entretanto, um trabalho extremamente delicado e que pelo que pude observar precisa estar profundamente articulado com cada proposta do programa como as visitas domiciliares, os grupos de atividade, as consultas médicas, palestras, oficinas, assim como com os responsáveis por cada rotina: médicos, alunos, agentes comunitários, professores, usuários etc. Também as agentes

comunitárias precisam de um apoio profissional<sup>25</sup>, no plano subjetivo e psicológico, em relação ao acompanhamento familiar que exercem e sobre o qual têm dúvidas, dificuldades, experiências que sentem necessidade de partilhar para melhor conduzir suas atividades.

As visitas domiciliares revelam pessoas invisíveis e complexos universos pessoais inimagináveis quando passeamos pelas calçadas da Lapa e trocamos olhares com os transeuntes. Nestas visitas encontrei várias pessoas e pude compartilhar a intimidade de suas casas quando os estilos de vida ganham cores, cheiros, sabores, intensidades e delicadezas que se bem assimiladas podem produzir um arsenal enorme de conhecimento sobre cada um e a partir daí facilitar diagnósticos e potencializar o papel dos profissionais da saúde e dos gestores urbanos na recuperação e manutenção da qualidade de vida nas grandes cidades. É também um farto material para uma etnografia que pretende apresentar informações qualitativas sobre os moradores da Lapa. Ali descobrimos mais do que condições de vida, classe social, salubridade dos espaços, encontramos os animais e as plantas de estimação, provamos do café e da água, percebemos o asseio e o cuidado de si nas vestes domésticas, descobrimos que canais de televisão são assistidos, a divisão doméstica do trabalho e os hobbies, encontramos o restante das famílias nas fotografias, tristezas e alegrias, iluminação e ventilação dos cômodos, a vizinhança real e suas interferências, encontramos a cultura local em estado de latência bruto a ser interpretado (Geertz, 1989).

Para duas entrevistadas, dona Raquel e dona Judite, que moram na rua do Resende há mais ou menos 30 anos, se mudar para a Lapa foi motivo de tristeza e representação de uma decadência social difícil de ser superada. A presença de travestis e homossexuais no bairro e circulando pela rua onde moram é um fator de permanente incômodo para estas duas irmãs, que vindas do nordeste, trabalharam como enfermeira e recepcionista até se aposentarem. Vivem no apartamento de sua propriedade, com três quartos, onde cultivam um lindo jardim,

---

<sup>25</sup> Aspecto que já abordei no capítulo 2 quando falo um pouco sobre o trabalho das agentes comunitárias.

possuem um gato de estimação e dividem a casa com uma terceira irmã que ainda é trabalhadora ativa. Judite e Raquel têm mais de 60 anos e são cadastradas pelo PSF-Lapa, onde cuidam da saúde mediadas pela agente comunitária Julieta, que vive na mesma rua.

“(E onde que é a Lapa?) Lapa é lá em baixo onde tem aquele relógio, onde tem os Arcos, (Ali tinha uma porção de casas, a senhora lembra dona Judite?) Lembro. (A senhora chegou a ver?) Cheguei, fiz até unha ali, tinha uma manicura ali e o marido dela era marginal. (Que tipo de marginal: era traficante, capoeirista?) Eu não sei. (Será que ele era amigo do Madame Satã?) (risos) Eu só sei que ele me olhava o tempo inteiro, depois alguém me disse: ‘Judite você tem muita coragem de fazer unha ali’, ai não fiz mais. (Mas era um lugar suspeito?) Era uma casa horroNorma. (E a senhora já morava aqui?) Já. E um dia também ele veio aqui para ela fazer a minha unha. (...) (Mas a senhora tinha medo ou se sentia bem morando aqui?) Bem, quando eu cheguei aqui era tão ruim que a gente não podia chegar naquela porta, e ai eu entrei na fossa, fiquei deprimida, depois passou. (Raquel começa a falar) Tinha o general que dizia que aqui era bom, que era para a gente não ficar triste não, porque aqui tinha muito homossexual, muito viado, muito travesti, mas era um lugar bom para se morar. (...) Mas eu achava horrível, até chorei de tristeza, mas depois acostumei. Todo mundo falava que aqui era bom, tinha um rapaz que visitava a gente e ele dizia: ‘Aqui é bom, vocês vão se acostumar, tem vários mercados, várias farmácias’, e ele me confortava porque eu não gostava daqui.” (Raquel e Judite, 2006)

Elas são oriundas da Bahia de onde saíram jovens para enfrentar o desafio de vencer na cidade grande e nunca se casaram, constituíram família ou tiveram filhos. No dia em que as visitei pela primeira vez dona Judite, a irmã mais velha, estava deitada e se sentindo mal. Contou-me a história de toda a sua vida e da profissão de enfermeira, os desgostos, os prazeres e sucessos de sua vida; que era uma pessoa lutadora, que se orgulhava de ter se curado de um câncer, e que sofria de depressão. Queria ouvir a gravação da entrevista e saber mais sobre a minha vida. Depois de conhecê-las passei a encontrá-las outras vezes na calçada em frente ao edifício fazendo pequenas caminhadas matinais para tomar sol, demonstrando que mesmo cansadas, desiludidas com a vida e desgostosas de morarem na Lapa, sua disposição para cuidar da saúde as movia para a discreta caminhada matinal que pude espreitar. A distância entre o discurso que me apresentaram em casa e o gesto saudável de caminhar praticado numa manhã de sol me chamou a atenção. Conversando com uma agente comunitária ela me disse que esta é uma atitude comum entre os velhos: se perguntarmos a cada um destes idosos como vai a vida, encontraremos mais queixas do que notícias alegres, o que no entendimento dela é uma maneira de chamar a atenção, de dizer que querem (ou

precisam de) companhia. No seu dia a dia estas pessoas demonstram possuir estratégias de sobrevivência razoavelmente estruturadas e saberem buscar o bem estar físico e social que lhes torna a vida melhor. O que ela me diz é que existe uma diferença entre o que as perguntas inseridas numa trama social induzem e o que podemos observar andando distraídos pela rua.

Segundo Julieta, neste edifício vive uma população grande de idosos dos quais além destas duas irmãs conheci dona Carlota, que participa do grupo de colagem, e dona Gilda, que morreu enquanto eu fazia o trabalho de campo e não pude entrevistar diretamente. Com dona Gilda experimentei a importância da escuta atenciosa e interessada, no trabalho de recuperação da saúde física e mental, de um ponto de vista mais global, que considera a auto estima, a valorização da história de vida, a interação com o interesse do outro, como fatores essenciais no tratamento da saúde.

Conheci dona Gilda em uma visita domiciliar feita pela médica da área, duas enfermeiras e a agente comunitária. A visita foi agendada à pedido da paciente que não se sentia bem e, de fato, poucos dias depois veio a falecer em casa. Ela nos recebeu de pé, arrumada como se estivesse pronta para sair, e não havia indício aparente de uma doença ameaçadora, apenas a expressão da velhice e de um certo cansaço, na meia luz do entardecer de um apartamento pouco iluminado pela luz do dia. No início da conversa ela expôs todo o seu desânimo e o quanto um sentimento de inutilidade e falta de sentido lhe deixavam a sensação de que a morte lhe rondava. Aos poucos a conversa, nossas perguntas sobre sua história de vida, foram lhe devolvendo a vitalidade de revisitar memórias, reencontrar os pais, o marido traidor, as alegrias e as tristezas, sua própria honra e moral em episódios de uma biografia rica e singular. Gilda era filha de uma mãe mineira e um pai baiano, foi casada durante nove anos e tinha um filho deste casamento, com quem vivia à época de nossa visita. Casou-se virgem e apaixonada e se separou do marido quando descobriu que ele a traía com uma amiga e nunca o perdoou por isso, motivo pelo qual acreditava que depois de morrer não

iria para o céu. Foi professora e violinista e aquele encontro, como tantos outros que realizei, me fez pensar na dimensão da escuta e da fala – a história oral – como uma questão de saúde pública e bem estar social, um mecanismo que opera não só na dimensão da construção de memórias sociais e coletivas, mas na efetiva melhoria da qualidade de vida, no que esta tem de subjetivo e substancial.

Considero o circuito em que Judite, Raquel, Gilda, Carlota e Julieta moram como *off* Lapa, alternativo ao corredor principal formado pela Mem de Sá e Riachuelo, com um comércio próprio e diferenciado do dos eixos principais. A rua do Resende é o endereço do Clube Turma OK, do clube de podolatria Valhala, de dois motéis e um hotel, além de alguns botecos mais discretos e um expressivo número de edifícios residenciais de classe média e baixa. A rua do Resende é a continuação da rua dos Arcos, começa na rua do Riachuelo, um pouco antes do Bairro de Fátima, e vem até a rua do Lavradio. Seu traçado retilíneo e ortogonal faz pensar que seja uma rua aberta durante as reformas de Pereira Passos, a exemplo da avenida Mem de Sá e da rua Gomes Freire. É uma rua que fica à margem do circuito oficial e quanto mais se aproxima das imediações do Bairro de Fátima e da Praça da Cruz Vermelha mais congrega em seus botequins uma população de habitantes locais mais popular, diferente da Mem de Sá, da Lavradio, do Largo da Lapa, onde pessoas de toda a cidade freqüentam seus bares, restaurantes e casas noturnas. Na rua do Resende encontramos os moradores, de todas as idades, nas calçadas conversando nas diferentes horas do dia. Judite e Raquel, entretanto, não partilham deste meu olhar sobre a rua, elas têm um olhar crítico em relação à Lapa por causa da tradição de prostituição e dos travestis, que consideram uma espécie de agressão moral. Elas preferem considerar que sua residência está localizada no centro da cidade e não na Lapa, o que não atenua muito, por exemplo, a sensação incômoda de morar num lugar degradado. Elas têm amigos que as visitam, inclusive do próprio prédio. Uma destas pessoas é dona Carlota, do grupo de colagem que sempre visita as duas irmãs.

Seu gosto e habilidade para fazer trabalhos manuais a aproxima das pessoas que sempre lhe pedem trabalhos. Ela fez, a pedido de dona Judite que estava com a vista muito cansada e não podia mais fazer trabalhos manuais, uma toalha de crochê para enfeitar o altar da igreja protestante freqüentada pelas irmãs. Segundo ela o pastor, muito agradecido, vivia querendo lhe convidar para freqüentar a igreja e se converter àquela religião, mas ela tem uma certa independência e não se sente atraída por aquele tipo de filosofia religiosa de vida. Sua amizade com Cosme, o professor de colagem, tem um tom diferente do da relação estabelecida com as vizinhas do prédio, embora seja caracterizada pelo mesmo tipo de solidariedade e companheirismo; gosta de tomar uma cerveja quando saímos para conversar, parece ser bastante esclarecida e crítica, com uma educação impecável e um comportamento bastante independente e livre pelo pouco que pude observar. Minhas impressões sobre dona Carlota foram construídas a partir da observação participante que desenvolvi no grupo de colagem que, por sua vez, me levou a freqüentar a casa do professor Cosme onde por diversas vezes estivemos juntas em almoços, lanches, cafés da manhã e pequenas reuniões sociais promovidas por ele. Carlota é uma mulher discreta e bem humorada, não faz perguntas e fala pouco, mas participa e parece gostar das relações sociais que cultiva. É uma pessoa curiosa e desconfiada e sua relação com Cosme me chamou a atenção em função dos aparentes estilos de vida diferentes de cada um – Cosme um artista homossexual e Carlota uma dona de casa tradicional, viúva de um militar – relativizados por um enorme afeto e respeito que um nutre pelo outro, não apenas na relação professor/aluna. Aqui os diferentes capitais sociais são aproximados pela parceria de uma sensibilidade artística comum.

Cosme é artista plástico formado pela Escola de Belas Artes e coordena o grupo de colagem do PSF, além de ser morador da Lapa e usuário do programa. Tem uma vida há mais de trinta anos ancorada na Lapa e faz da sua casa um lugar de encontro de amigos, além de freqüentar exposições, teatros, casas noturnas como o clube Turma OK, vários restaurantes e

bares da Lapa. Transita pela Lapa nas suas extensões mais ampliadas, desde a Praça da Cruz Vermelha, onde vai comer no boteco conhecido como Bar das Quengas, até a Rua Visconde do Rio Branco (imediação da Praça Tiradentes) onde emoldura os trabalhos que cria, ou a Rua da Lapa onde amplia e reduz os trabalhos de colagem, ou a Praça Tiradentes onde vai ao teatro. O Bar das Quengas foi um dos locais mais pitorescos que visitei. Tem este nome por causa do bloco de travestis e gays que ai se concentra na terça feira de carnaval. Parece uma versão lapiana da “banda de Ipanema”, mais borrada e intensificada por cores trágicas e patéticas, caricaturais, como se estivéssemos diante de uma pintura de Toulouse Lautrec. Um pouco dos frequentadores do clube Turma OK estão ai representados, mas existe um saudável ar de lugar não televisionado naquela manifestação que reúne tanta gente naquele trecho da cidade, no encerramento do carnaval. Atualmente (2007, quando termino de escrever a tese) o “bar das Quengas” passa por reformas para inserir-se no circuito oficial da revitalização do bairro e não sei se as *Quengas* resistirão e permanecerão fazendo desta esquina privilegiada o *point* de seu carnaval nos próximos anos (ver fig. 54a).

Passeando com Cosme pela Lapa sou apresentada a todos os botecos que são frequentados por “entendidos” do sexo masculino e feminino. Olhamos os antigos sobrados e os botecos e ele me fala um pouco de cada um. Mostra uma boate que tem num sobrado pintado de verde e amarelo e cuja porta é vermelha com espelhos berrantes. Reclama de como ficou caro comer no bar Brasil ou no Capela, onde antigamente ele fazia refeições. Mas lembra que bons restaurantes baratos têm aberto na Lapa como um que inaugurou recentemente na esquina da Mem de Sá com Gomes Freire. Ele gosta de sair, mas como qualquer mortal gosta de ter companhia. Quando fica só tem uma tendência a deprimir e ficar deitado. Tem uma empregada que vem a sua casa uma vez por semana, fazer a limpeza e cuidar da sua roupa. É homossexual e não tem qualquer problema em assumir sua sexualidade, pelo contrário, gosta muito de brincar com este assunto. Quando passeamos pela

Lapa vamos compartilhando nossa visão estética sobre a arquitetura eclética que com seus excessos decorativos atrai nosso olhar. Analisamos proporção, pinturas, elementos em relevo, as sombras e as luzes nas fachadas e nos divertimos imaginando as histórias de vida que estas casas devem guardar.

Nossos passeios animados e pontuados por gestos de “dar na pinta”<sup>26</sup> fazem bem a ambos. Cosme é popular no bairro, cumprimenta várias pessoas pela rua, incluindo os porteiros dos edifícios. Sua popularidade tem cheiro de tradição lapiana e não é vulgar, pelo contrário, Cosme tem gosto exigente e um olhar aguçado pela distinção dos bons modos, da cortesia, dos rituais de dom e contra dom aprendidos no seio de uma família tradicional que tive chance de conhecer num almoço de domingo em Itaboraí, na inauguração de uma capela na casa do irmão. Ao passar por uma loja de ferragens se lembra que um dos vendedores embolsou o dinheiro com o qual ele pagou por uma saboneteira e o quanto isso era feio, mas lembrou também que já foi caixa de banco e que um dia, por raiva de um cliente, também embolsou uma grana. São memórias, revelações, confissões, histórias cujo contexto urbano faz emergir na medida em que os espaços, o casario, as ruas são preservados. A cidade, os lugares de memória são como âncoras para o barco da vida de cada um.

As memórias se misturam com a rua. O fato vivido na loja atíça e memória de outros fatos e o encadeamento é livre como nossos passos pelas calçadas da Lapa. Quando ando com Cosme pela Lapa, durante a semana, indo ao clube Turma OK na rua do Resende ou passeando pela Feira do Rio Antigo que ocupa a rua do Lavradio em determinados fins de semana, ou vou com ele aos teatros da Praça Tiradentes, fico me perguntando se desenhar um limite para a Lapa é de fato importante e necessário. Retomo sempre a questão apontada por Cordeiro de que a compartimentação de uma cidade em bairros mostra a maneira como a cidade se pensa (Cordeiro, 2003); que existe assim uma compartimentação de caráter prático e

---

<sup>26</sup> Expressão usada por Cosme que significa demonstrar que é gay.



administrativo a qual vêm somar-se valores simbólicos, questões subjetivas e afetivas, de identidade que são “forjadas” no tempo, à partir de laços sociais de convivência ou disputas (Cordeiro, 2003), limites negociados seja na Bica em Lisboa, seja na Lapa. E quando flexiono Lapa para o plural é como se procurasse mostrar que a diversidade social faz par com a nebulosa que envolve a rigidez dos limites geográficos e ambos são elementos essenciais do que se entende por sociedades complexas.

#### *6.4. Travestis num sobrado meio mocambo*

No sobrado de um casarão antigo, na rua Mem de Sá, quase esquina da rua Gomes Freire moram Luanas, Carlas, Brunas, Zairas, Rafaelas, Lunaras, Sabrinhas, guerreiros carnis produzindo um jogo de indistinção sexual (Denizart, 1997: 8). Aos nomes femininos correspondem identidades oficiais masculinas – são travestis.

O casarão tem dois andares, comércio no térreo, residência no sobrado e o interior bastante degradado. A escada desemboca num amplo hall, iluminado pela janela sem esquadrias de um pátio interno, para o qual se abrem dois quartos e um corredor que leva para os fundos da casa, iluminado e cheio de ruídos. Sujeiras diferentes impregnam o interior da casa, como a que se espalha pelas paredes, pisos, forros, mal conservados e desgastados pelo tempo, e uma outra feita de restos de comida, pulgas, moscas, interditos, agressões, desconfianças, humores instáveis...

A casa parece manter a estrutura de cômodos originais, com vários quartos, salas, pátios, janelas e portas faltando ou substituídas por novas de alumínio e vidro. A falta das janelas e o pé direito original generoso fazem com que no interior dos cômodos haja uma ventilação surpreendente, um sistema de circulação cruzada que torna o micro clima interno especialmente confortável, contraste sutil com a atmosfera densa do lugar, tenso, afiado, obscuro... O imóvel é um verdadeiro sobrado do século XIX, daqueles que Gilberto Freire

(1968) estudou e descreveu relatando a novidade da vida que se transferia do campo para a cidade, as casas grandes virando sobrados, as senzalas virando mocambos. Tipo de edificação urbana que espacializa as transformações sociais experimentadas por uma sociedade agrária que se aburguesa e urbaniza.

No interior dos espaços impregnados de antiguidade e decadência a vida contemporânea destila suas contradições sem pena ou culpa, rascante como uma cachaça Mosca. O sobrado tem estilo e classe, é fidalgo como diria Freire (1968), os espaços são generosos, os materiais nobres, o uso residencial está comprovado na planta baixa preservada, mas ali tudo parece estar mal conservado e decadente. Transformado em casa de cômodos (cabeça de porco como tentou extinguir o Prefeito Pereira Passos no início do século XX) e habitado por um grupo numeroso de travestis e seus pares, o edifício resiste as adversidades do tempo e da falta de conservação, num estranho pacto com seus moradores. À casa mal conservada se junta os maus tratos com a vida dos moradores, uma certa rudeza masculina que os trejeitos de uma afetação feminina tornam caricatos, artificiais e contundentes.

A pretexto de ajudar a aplicar um questionário solicitado por uma estudante de psicologia sou convidada a participar desta visita domiciliar na qual a agente comunitária leva camisinhas para distribuir gratuitamente ao mesmo tempo em que investiga o motivo do não comparecimento de uma das travestis à consulta médica marcada para aquele dia.

A agente comunitária faz seu papel e busca os caminhos de entrada que a prática lhe ensinou. Manipula bem os mecanismos do ritual de passagem e entrada naquele mundo, que cobra pedágio e é bastante reativo a qualquer abordagem mesmo a da representante do PSF, que por motivos óbvios não informa com antecedência que levaria os questionários para serem respondidos, nem pede licença para aplicá-los. Registro que naquele universo certas abordagens devem ser feitas de surpresa pois as travestis são muito arredias e não gostam de ser usadas para nenhum tipo de trabalho, pesquisa ou coisas do gênero, procurando sempre

negociar qualquer tipo de abordagem sobre suas vidas pessoais. É uma reação que desenvolveram observando o aumento do interesse de pesquisadores, fotógrafos, cineastas, mídia em geral, pelo seu universo e modo de vida. Por outro lado as pesquisas de Silva e Denizart mostram que como todo campo social as travestis também estão sujeitas às artimanhas metodológicas da indução e da sedução de lentes investigativas e uma vez “conquistadas” para colaborar revelam uma riqueza e densidade humanas tão surpreendentes quanto exóticas (Silva, 1992; Denizart, 1997). Para Silva os travestis são uma versão transformada por realidades urbanas cada vez mais complexas dos antigos malandros e sua vida transita entre os paradoxos da purpurina e da humilhação. Por outro lado sua pesquisa identifica, por exemplo, que “são poucos os lugares em que se fala tanto de família quanto na Lapa dos travestis” (Silva, 1992: 65). Para ele os travestis são produto de identidades construídas socialmente e sua ambigüidade é um traço inequívoco do quanto estão inseridos na modernidade. Para Denizart os travestis “estão para além do gênero e da espécie, afirmando uma virilidade toda criada e inesperada. (...) É preciso ter muito peito para se exibir noite após noite em uma cidade violenta e preconceituosa. (...) Fascínio e terror estão presentes em qualquer percurso para se tornar travesti.” (Denizart, 1997: 8). Ainda segundo Denizart, os travestis como que abandonaram “a ilusão de um ‘solo da natureza’ e, ao acaso de um remoinho barroco, construíram um corpo pop-art”, dispostos a qualquer coisa para encantar um homem. Se, como diz Silva, no jogo da interação os travestis ajustam com a altura do salto a bala deflagrada pelo policial é também, como aponta Denizart, do alto de seus sapatos, soberanamente, que mostram que a sexualidade é “uma fantasia passageira” para ser usufruída com a liberdade que cada um permitir.

Jogos malandros e excessivos de liberdade e servidão esculpem o mundo dos travestis, seus corpos, seus afetos. É possível pressentir isso nas poucas horas em que junto delas fiz o exercício de preencher um questionário de caráter psicológico cujas respostas deixavam

entrever o misterioso e fascinante mundo que se escondia sob aqueles rostos e corpos “desmontados” na intimidade diurna da rotina caseira dos travestis, quando acabam de acordar da noite de trabalho e começam a enfrentar a rotina doméstica ao final da qual já se preparam outra vez para a encenação do jogo noturno de presa e predador.

Ao chegar no sobrado percorremos a casa toda a procura de seus moradores. No final do corredor, ladeado por um pátio que filtrava uma iluminação interessante, localizava-se outra sala onde um rádio ligado no volume máximo impedia de pensar. Sabrina lavava roupas no pátio dos fundos enquanto a água da caixa d’água jorrava por um ladrão até a bomba ser desligada. Ela se justificou com a agente comunitária dizendo que não foi à consulta porque dormiu até tarde, tem os cabelos descoloridos e longos e uma barriga sarada exhibe uma musculatura de tipo “tanquinho”<sup>27</sup>.

Sou apresentada a Carla que é informada que vou fazer-lhe umas perguntas e que deve, por gentileza, responder. Sem ter lido com antecedência o questionário vago entre surpresa e insegura pelas perguntas sem saber direito aonde me leva o redemoinho das perguntas e respostas. Tento disfarçar tudo o que atrapalharia a nossa aproximação mas principalmente o mal estar de invadir o seu quarto e interromper sua rotina doméstica.

Durante a entrevista não consigo me livrar de uma certa formalidade. Diante de seu aborrecimento pela invasão me disponho a ajudá-la enquanto faço as perguntas, mas ela pára com tudo o que está fazendo, se senta, cruza as pernas e se prepara para me responder com paciência e presteza (me sinto na mira de um olhar ajustado à altura da soberania de um salto alto, embora ela esteja descalça). Ao longo da entrevista ela se desarma, não sei se por causa das perguntas ou da minha atitude investigativa. Ela é suave e tem um recato que desarruma toda a cena e os meus estereótipos. Não consigo perceber se é máscara, escolha de estilo ou personalidade ou a mistura equilibrada de tudo isso num corpo mais do que feminino. Quando

---

<sup>27</sup> Nome dado à modelagem da musculatura do abdômen masculino em academias de ginástica.

pergunto qual o seu sexo ela não titubeia: masculino. Aos poucos eu também me livro da sensação de estar tomando o tempo dela, de desconhecer o teor das perguntas que vou fazer e a conversa flui revelando uma Carla romântica, solitária, que não gosta de escândalo, que se veste com o recato que o tipo de trabalho que faz permite. No mundo dos excessos Carla talvez se enquadrasse num perfil mais comedido e pensar o comedimento neste universo é um paradoxo tramado por delicadezas e sutilezas, como por exemplo, observá-las à noite, usando as roupas que escolhem na estratégia de atrair clientes. O que é possível desde logo observar é que as travestis da avenida Augusto Severo, rua menos freqüentada por um público de pedestres, se vestem (ou desnudam) de modo completamente diferente do das travestis da avenida Mem de Sá, hoje localizada no coração da badalação lapiana. Lá as roupas são mais ousadas e grande parte dos corpos são exibidos como chamariz de clientes. Aqui desfilam mini saias, calças justas, decotes generosos, mas nenhuma nudez ostensiva, pois o lugar é freqüentado, muitas vezes, por um público familiar, por causa dos bares e restaurantes aí localizados.

As travestis entrevistadas demonstraram gentileza em responder ao questionário, que tinha uma característica interessante, porque envolvia conteúdos psicológicos e comportamentais provocando-as a falar sobre agressividade, solidão, vazio existencial, confiança, desconfiança, amizade, opinião dos outros sobre suas atitudes, fidelidade etc. As perguntas levavam a uma conversa íntima, estranha, na medida em que não havia intimidade alguma entre o pesquisador e os entrevistados. A entrevista surge então como um jogo e a maneira de fazer as perguntas soa como um jazz improvisado.

Cada travesti naquele universo demonstrava uma surpreendente singularidade e diferença de atitude que me chamou a atenção no pouco tempo que pude observá-las. Recato, agressividade, dissimulação, executar tarefas domésticas, sensibilidade, inteligência, afeto, um pouco de tudo tremeluziu na contra luz das perguntas e da observação. Muitas coisas

aconteciam ali dentro e discursavam subliminarmente à nossa presença. Elas, de alguma forma, nos desafiavam a descobri-las, a encantá-las para obtermos as “respostas” ao questionário.

As entrevistadas<sup>28</sup> tinham entre 20 e 30 anos, com exceção de Zaira que tinha 37. Nas entrelinhas da entrevista conversei sobre as famílias, os vínculos afetivos, os sonhos, a assunção da sexualidade e as transformações corporais. Carla e Luana operaram os seios, reconstituindo bicos e usam próteses. Zaira tem o peito aumentado por causa do uso de hormônios. Quando indago sobre os peitos elas pedem licença e perguntam se podem mostrar. Então mostram o peito no lugar de falar sobre o peito, isso chama a minha atenção e tento entender se aquela exibição é orgulho, ou competição, ou ambos. Fico com a última conclusão enquanto me encanto com o gesto desinibido de exibir os seios para mostrar o quanto são perfeitos, e são! Quando pergunto sobre a questão de quando assumiram sua sexualidade recebo respostas diferentes: desde aquelas que datam um momento e este momento é o da revelação para a família, até levar um fora, pois consideram que isso não é uma questão pois para elas: “veado já nasce veado, não vira veado!” De fato todas disseram isso de algum modo, pois identificavam que desde crianças se sentiam diferentes dos outros, ou seja, não havia uma transformação ou descoberta, mas uma afirmação da diferença experimentada desde sempre, num determinado momento. Já a modificação do corpo é uma coisa que acontece quando elas chegam no Rio de Janeiro, todas as entrevistadas são do Norte e Nordeste. A transformação do corpo tem o significado implícito de uma escolha entre ser travesti ou ser homossexual, como me ensinaram. Travesti não é gay, não é homossexual, não gosta de fazer o papel ativo nas relações sexuais, quer ser mulher mas está atravessado por componentes, subjetivas ou não, masculinas, que lhe conferem esta aura de indistinção sexual.

---

<sup>28</sup> Como se pode notar no meu texto não consegui escolher um gênero através do qual nomear o universo travesti. São homens e de um modo geral o senso comum flexiona a palavra travesti no masculino. Os travestis, entretanto, se sentem ofendidos de serem postos na categoria masculina e gostam de ser tratados no feminino. Como não consegui escolher usei de propósito os dois tratamentos.

O mundo diurno dos travestis é sombreado por uma solidão que chama a atenção e por trejeitos que me pareceram denunciar uma certa carência afetiva, desejo de afago, saudade das famílias, vontade de habitar um espaço de descanso onde não seja preciso guerrear. A Lapa é um território de guerra e lugar de guerreiras em determinadas situações. A convivência parece não ser muito fácil, elas não constituem uma família, estão ali aparentemente entre iguais mas brigam, se agriam, desconfiam umas das outras, disputam e competem entre si, sentem inveja, amaldiçoam. Só uma pesquisa mais profunda talvez mostrasse o tipo de aliança e redes que se estruturam naquele espaço de convivência e mesmo no trabalho. Ali tudo parece estar por um fio e não ter raízes. Entre as perguntas respondidas, por exemplo, pude perceber que todas são capazes de brigar e bater em situações específicas, de perder a cabeça, mas nenhuma se disse ser capaz de “puxar o tapete” da outra em situações de trabalho. Será que esta lealdade resistiria a investigação de uma observação participante?

O instantâneo que flagrei me permitiu ver que a vida de uma travesti tem complicações morais, é uma vida afetivamente complexa na medida em que enfrenta o vazio e a desterritorialização do afastamento da família consangüínea, seja por preconceito da família, seja porque não é possível viver a vida de travesti nas cidades de origem, seja para conquistar a liberdade de assumir a sexualidade e o trabalho de prostituição. Quando perguntei a Luana se ela tinha uma visão muito crua<sup>29</sup> da vida, me respondeu que tinha sonhos e que seu sonho era voltar para a cidade natal, comprar uma casa, um carro, e sair da vida de prostituição. Que significado tem esta resposta? Será que significa poder viver em paz com as suas próprias escolhas? Se desarmar, ser menos vulnerável, ter amigos, poder confiar? As travestis não parecem encarnar em momento algum uma atitude blasé em relação à vida ou à cidade. Estão implicadas, são passionais, reagem com intensidade, sua defesa não é a indiferença mas a agressão, o ataque... afrontam de modo masculino o mundo que as discrimina e têm força

---

<sup>29</sup> Aqui este termo é usado no sentido de sem fantasia.

física, estatura, para manter esta atitude. São personagens eminentemente urbanos e metropolitanos. Combinam com a decadência lapiana, as ruas mal iluminadas, as casas mal conservadas, as calçadas esburacadas por onde os transeuntes não passam e se mudam com certa rotatividade. Por outro lado são agraciadas com a abertura de uma loja especializada em roupas para seu gênero (ver fig. 51).

A última travesti entrevistada, Zaira, participa dos narcóticos anônimos para se livrar do vício de drogas (todas as drogas, segundo ela: álcool, cocaína, maconha, comprimidos...), uma luta segundo ela mesma que ainda não está vencida. A maioria delas é portadora do vírus da aids, estão ali lidando com os limites da vida, lutando contra a morte, como todos nós, talvez, – mas neste contexto as cores parecem ser mais berrantes. As vezes me dá a sensação de que elas lutam contra a própria escolha de vida, uma espécie de puro paradoxo que tem um acento meio trágico, ao mesmo tempo em que parece ser uma celebração de guerreiras, como se aquele corpo homem/mulher, fosse muito mais do que simplesmente um corpo que tem um peito e um pau, fosse um corpo e um ser que guardassem muito mais contradições do que simplesmente o antagonismo óbvio da sexualidade e nesta medida fosse portador de um outro tipo de força.

A interpretação que construo surge do incômodo da observação e da tentativa obstinada de tornar inteligível a história que se desdobra fora do glamour do trabalho – da prostituição noturna, quando as travestis estão todas montadas, lindas e maravilhosas, preparadas para caçar (ou serem caçadas) – , a história exposta numa espécie de espaço do entre, o meio do dia, ali onde todos aos poucos se desarmam e podem ser facilmente confundidos com presas. O clima é intenso, exige delicadeza, é feito de inter ditos, sub entendidos, mal entendidos, algo que não é da ordem do inteligível, o que não se mostra e está guardado numa intimidade permanentemente violada. A subjetividade travesti está ali latente,



é inquietante e parece ficar guardada como um segredo que apenas a intimidade do hábito permite revelar.

Ilumino o travesti morador da Lapa porque não seria Lapa, mesmo diurna, se não incorporasse este traço, ainda que indelevelmente impresso nesta etnografia. A prostituição é tradição lapiana e o travesti o modelo decadente e trágico de realidades que se apagam, cobertas por camadas de asfalto que pavimentam novas Lapas sobre Lapas ancestrais. As jovens travestis, como as prostitutas de Luís Martins (Martins, 2004) são jurássicas na investidura esculpida de seus corpos ambíguos e múltiplos. Mesmo jovens parecem carregar o peso da tradição ancestral do mundo escuro, interdito, proibido, latente que a revitalização enobrecedora tende a destituir, expulsar, confinar nas margens da cidade. Estes traços desenham uma Lapa melancólica e triste, como a que descreveu Luís Martins, como se as repetições continuassem a nos pregar peças diferentes.

Pela primeira vez tento traduzir minhas sensações diante daquela tarde entrevistando as travestis com a palavra *excesso*: são excessivos seus corpos, seus gestos, meu desgaste emocional de ouvi-las, o peso dos conflitos que vivem. Parece que o corpo delas é uma questão resolvida, mas o isolamento, a discriminação, os riscos, as lutas interiores estão travadas e não estão ganhas, como a luta contra a morte, ou contra o vício. Percebo que minhas impressões/sensações vêm do excesso de humanidade da situação, nada teatral, nada “montada”, nada cenográfica de encontrá-las no interior de suas casas, seus quartos, lidando com o mesmo dia a dia que qualquer um de nós, no meio de uma miséria tocante. É uma sensação muito diferente, tudo o que elas vivem pode ser explicado, pode ser vivido pelos outros moradores da Lapa, ou da cidade, como os que tenho entrevistado, mas ali tem um algo a mais, um diferencial que faz a vida parecer um fio de navalha sempre pronto para cortar, uma dimensão que a antropologia captura, ainda que fugazmente.

### 6.5. *Colorir de So Ho a Lapa – uma balada<sup>30</sup> para poucos*

Em 2005 a Lapa foi invadida por um outro tipo de evento, o lançamento relâmpago de um mega empreendimento imobiliário, cuja estratégia de propaganda informava que as 668 unidades residenciais do condomínio Cores da Lapa tinham sido vendidas em menos de 24 horas. Um evento com cara de fenômeno para ninguém esquecer ou deixar passar despercebido e foi o que aconteceu: todos ouviram falar deste lançamento e de algum forma procuraram formar uma opinião a respeito do surpreendente sucesso do empreendimento. Instalava-se na Lapa, depois de aprovado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o projeto Cores da Lapa, uma nova concepção de moradia, diretamente importada de São Paulo e inspirada no So Ho nova-iorquino, destinada à classe média e a uma nova população que assola os grandes centros denominada de “turista de negócio”<sup>31</sup> no jargão dos corretores de imóvel com quem tive chance de falar brevemente por telefone em algumas ocasiões.

O empreendimento residencial tem as características dos condomínios verticais que vêm sendo implantados na Barra da Tijuca desde a década de 1970, quando o bairro ainda dispunha de uma precária infra-estrutura de serviços, o que levava a se projetar programas residenciais que traziam embutidas facilidades de pequeno comércio, diversões, entretenimento e lazer, tudo devidamente cercado e com acesso restrito, vendendo também uma segurança especial, ao mesmo tempo em que uma cultura de circulação completamente motorizada e indiferente ao bairro era criada. Os condomínios fechados e os *shopping centers* são as duas faces de um projeto de substituição da cidade a céu aberto por guetos, mais ou menos franquados ao acesso público e consumidos por perfis de pessoas que de alguma forma explicitam o desejo de não se relacionar com ruas, calçadas, esquinas, acaso, surpresa,

---

<sup>30</sup> Gíria paulista usada para designar as saídas noturnas para diversão. Usei aqui esta expressão porque o empreendimento “Cores da Lapa” foi concebido por um grupo empresarial paulista.

<sup>31</sup> Sofisticados “bóias frias urbanos pós-modernos” que passam parte da semana trabalhando numa cidade fora do seu domicílio oficial.

acontecimentos inesperados, tráfego, diversidade etc., ingredientes que fazem de uma cidade um lugar da vida em sociedade.

Na lógica do condomínio vertical fechado o projeto Cores da Lapa possui, além de apartamentos de 1, 2 e 3 quartos uma infra-estrutura de serviços que permite/induz seu morador a não fazer qualquer contato com a vizinhança degradada e quiçá socialmente distante do seu estilo de vida. A infra-estrutura da área comum conta com os seguintes equipamentos: lavanderia com *cyber café*, pista de *skate* e paredão para escalada, pista de boliche, salão de jogos, atelier, *playground*, salão de festas infantil, churrasqueira, *lounge*, espaço *gourmet*, cinema, *garage band*, lanchonete da piscina e do *fitness*, quadra poliesportiva, piscina coberta, academia de ginástica, praças, espelhos d'água e paisagismo assinado. Dos 12 mil metros quadrados do terreno apenas 4.760 metros quadrados serão construídos.

Para a Prefeitura do Rio de Janeiro os aproximadamente dois mil novos moradores de classe média que o condomínio vai abrigar constituirão a força de pressão<sup>32</sup> necessária para fazer o poder público atuar e melhorar a infra-estrutura do bairro como drenagem, segurança, iluminação, conservação do espaço público, coleta de lixo, etc. Pergunto se efetivamente os moradores de um empreendimento que lembra uma cidadela medieval, fechada sobre si mesma e com perspectiva de autonomia e independência de funcionamento em relação ao entorno no qual está situado, produzirá cidadãos dispostos a lutarem por uma cidade melhor ou se estes não ficarão apenas espreitando das varandas de seus apartamentos se os porteiros, auxiliados pela arquitetura do gueto, serão eficientes em impedir que o exterior contamine a qualidade de vida no interior do condomínio, e por fim passarão algumas horas redigindo

---

<sup>32</sup> O então secretário de urbanismo, Alfredo Sirkis, declarou em artigo publicado na coluna Opinião da *Revista meu imóvel*, especialmente dedicada ao lançamento do Cores da Lapa, sob o título “Eu, tu, nós, eles, somos a Lapa” que “Questão crucial para a revitalização é a ampliação significativa do uso residencial. Ai também a Lapa sai na frente com o empreendimento Cores da Lapa, da Segal Klabin, com seus 668 apartamentos que atrairão para o bairro aproximadamente dois mil moradores novos, de classe média, que dinamizarão o comércio, ampliarão o mercado cultural e de diversões e exercerão certa pressão pela melhoria dos serviços públicos. *Sem pressão, diga-se de passagem, nenhum governo funciona direito*”. (p. 2) (grifo meu).

regras para o funcionamento da vida social e uso dos espaços comuns atrás das grades, restringindo acessos, por questões de conforto, segurança e “harmonia” social.

O condomínio Cores da Lapa, cujas obras já estão iniciadas e bastante avançadas ainda é um projeto no papel na medida em que não se sabe de fato qual será o impacto de sua inauguração e ocupação nos próximos anos. Segundo notícias que obtive por telefone junto à imobiliária responsável pela venda do empreendimento na época do lançamento, a maioria dos imóveis foram adquiridos por investidores que pretendem ganhar dinheiro com dois tipos de renda: uma advinda de aluguéis tradicionais propriamente ditos e outra de aluguéis de temporada, como os que são praticados em empreendimentos de tipo *apart* hotel. Para isso o condomínio disporá de toda uma infra-estrutura de serviços como limpeza, lavagem de roupas, refeições, cujos custos serão cobrados no condomínio. Apenas 20% a 25% do total de apartamentos foram adquiridos por pessoas que compraram diretamente os imóveis para morar na Lapa, no centro do Rio. Estes dados, embora não confirmados oficialmente, indicam que o empreendimento é ainda uma caixa de surpresas e que uma intervenção deste porte numa área tão complexa social e urbanisticamente, talvez tivesse merecido a análise de um Relatório de Impacto Ambiental, para avaliação das conseqüências de sua implantação. Caso o relatório tenha sido produzido faltou que ele fosse publicado no sentido de informar às pessoas que hoje moram, trabalham, vivem no e do centro, as perspectivas do poder público em relação à Lapa.

A dinâmica social e urbana da Lapa, analisada ao longo do tempo, me fez considerar que o processo de esvaziamento e degradação sofrido desde os anos 30 e 40, levou à constituição do que Wacquant (2001: 168) classificaria como gueto, analisando a situação dos guetos americanos que foram durante anos abandonados pelo Estado em sua “missão primeira, que é a de sustentar a infra estrutura organizacional indispensável ao funcionamento de toda sociedade urbana complexa. Adotando uma política de erosão sistemática das

instituições públicas, o Estado abandona às forças do mercado e à lógica do ‘cada um por si’ camadas inteiras da sociedade, em especial aquelas que, privadas de todos os recursos, econômico, cultural ou político, dependem completamente dele para chegar ao exercício efetivo da cidadania”. Alguns bolsões de miséria completamente incrustados dentro da Lapa e a presença de uma expressiva população de baixa renda, além da ausência total de uma política de preservação e conservação dos imóveis antigos existentes na área reforçam, de um modo dramático, esta analogia que proponho. O interessante é observar como, com o passar do tempo e ainda na lógica da ausência de um Estado exercendo sua missão, a solução encontrada pelo mercado é a de produzir guetos invertidos, como é, na minha opinião, a proposta do empreendimento Cores da Lapa. Um gueto do lado de dentro para se proteger de um outro gueto do lado de fora, um jogo de grades que não permite saber quem está dentro e quem está fora, quem é o prisioneiro, mas apenas que existe a grade; uma construção arquitetônica e social que não leva em consideração a importância, a necessidade, a realidade contemporânea da circulação entre os mundos; a necessidade de se preservar o paradoxal cosmopolitismo da Lapa e do centro do Rio e descobrir o quanto pode ser saudável apostar na diversidade na construção de novos mundos possíveis a partir da interação.

Lembro, num certo sentido, as empreitadas habitacionais modernistas quando não raro se percebe uma intencionalidade de mudar o mundo, forjar comportamentos, instruir e produzir uma cultura embutidas no padrão arquitetônico. As análises feitas sobre os processos de “pós-ocupação” (Silva, 2000) de conjuntos residenciais modernistas mostra o quanto as culturas locais, os modos de viver dos moradores interferiram no curso destes projetos, recriando realidades forjadas na interação da intencionalidade do projeto arquitetônico com a realidade sócio-cultural dos moradores e suas vizinhanças.

No caso deste e de outros empreendimentos é preciso esperar o tempo passar para contabilizar os aspectos positivos e negativos do empreendimento, assim como avaliar os processos de interação, absorção e recriação da cidade que cada intervenção nova provoca.

Concordo com o secretário de urbanismo, Alfredo Sirkis, que “haverá uma Lapa antes deste empreendimento e outra depois dele”. A questão é pensar o que será esta outra Lapa para pessoas que não pertencem necessariamente à classe média, que estão no bairro há muitos anos, que não estão incluídas entre os que potencialmente dinamizam a economia local fundada no mercado cultural e de diversões, que resistiram à degradação do local e ao descaso em relação a qualidade dos espaços urbanos e do casario antigo construído, que sobreviveram ao gueto e em muitos momentos se comportaram como verdadeiros cosmopolitas fazendo as trocas e as passagens necessárias à preservação do lugar. Uma das apostas possíveis, nesta altura do jogo urbano encenado na Lapa é que a população, a exemplo do território Lapa que resistiu a tantas intervenções urbanas, resista ao novo fluxo econômico que invade o local. Resistência que não dependa de um conjunto de princípios originais, como uma forte identidade social, por exemplo, e que seja capaz de produzir trânsitos e permeabilidades entre campos aparentemente construídos para se excluírem uns aos outros. Os processos de recriação da Lapa talvez se fundem exatamente sobre a polaridade do peso da história e da insustentável leveza das trajetórias humanas presentes.

Os exemplos de que temos notícias mundo afora indicam que sem o apoio e a mediação do poder público a permanência das populações mais desfavorecidas é uma utopia que, no caso do Rio de Janeiro, vem sendo vigorosamente combatida desde as gestões mais antigas como a do Prefeito Pereira Passos (1903-1906)

Para Sirkis (secretário de urbanismo da Prefeitura do Rio) e Klabin (o empreendedor que resolveu apostar no projeto Cores da Lapa) a revitalização do centro exige uma retomada da reabilitação do uso residencial na cidade, onde há mais de 30 anos projetos residenciais de

envergadura não são realizados. O que chama a atenção nos discursos veiculados para promover o empreendimento é que o investidor reconhece que se por um lado o Corcovado e o Pão de Açúcar representam a imagem do Rio para outros estados brasileiros e no Exterior, por outro a Lapa é um ícone para o carioca, para a cidade<sup>33</sup>. Esta valorização do ícone Lapa nos faz voltar a questão do típico, da identidade carioca, do que representa ser carioca da gema e como esta representação pode estar ligada à idéia de revitalização de uma área degradada. Entretanto, no que diz respeito ao lado popular local, a referência estética do empreendimento Cores da Lapa é o SoHo nova-iorquino. Uma perspectiva estrangeira (no caso a do empreendedor paulista) que quando pensa em revitalização tem como modelo os processos de *gentrification*, e não o da cultura local que ele evoca quando se refere ao que viria a ser este jeito carioquíssimo de ser, entre o despojamento da praia, um toque de cidade do interior e a proximidade do centro nevrálgico do Rio. Aparentemente a elaboração do projeto não levou em consideração um olhar que circulasse pelas ruas do bairro; que enxergasse de fato a gente que ali vive e que merece permanecer, porque é a responsável pela paisagem cultural valorizada pelo discurso empresarial que enaltece o jeito carioca de ser; que identificasse o expressivo estoque de imóveis antigos degradados e abandonados existente na Lapa e que poderia ser objeto de uma política de reabilitação e fixação da população tradicional fornecendo outras hipótese de desenvolvimento para a área e as dinâmicas sociais existentes<sup>34</sup>. Não é apenas o lugar, mas a gente do lugar que (re)cria o que o empreendedor vende como qualidade intrínseca da Lapa. É preciso iluminar de algum modo esta questão para se pensar a Lapa mas, sobretudo, para se pensar uma política pública de revitalização da função residencial para a área central do Rio de Janeiro (ver fig. 59, onde represento a incidência de edificações com uso residencial na área)

---

<sup>33</sup> Informações retiradas de artigo escrito por Sergio Segall, Diretor da Klabin Segall, intitulado “Eu sou da Lapa” e publicado na *Revista meu imóvel*, ao lado do artigo de Alfredo Sirkis citado anteriormente.

<sup>34</sup> Sobre este assunto ver Costa, *Sociedade de Bairro*, Parte III, “Permanência e Mudança” e a maneira como se deu a reabilitação urbana do bairro da Alfama em Lisboa, que tinha como um dos princípios norteadores a manutenção da população residente.

## 7. Considerações finais

“Blanchot insiste na necessidade de ‘manter aberta a pesquisa naquele ponto em que encontrar é mostrar pegadas e não inventar provas.’”<sup>1</sup>

O estudo sobre a Lapa não revela surpresas, mas intensidades. A pesquisa sobre o familiar, sobre a própria sociedade ou cidade, como demonstram os trabalhos da escola de Chicago e os estudos brasileiros empreendidos pioneiramente por Velho, revelam a inquietação e preocupação com os processos sociais no interior das cidades em desenvolvimento. Ao mesmo tempo dão corpo e forma à investigação da experiência cotidiana, daquilo que está ao nosso lado diariamente, mesmo que de maneira invisível, as vezes, e que conformam as culturas urbanas das quais os pesquisadores, muitas vezes, fazem parte. Nesta medida e para pessoas acostumadas a olharem com curiosidade e o interesse de cientistas sociais que estudam o espaço urbano, a Lapa poderá ser um relato de coisas já sabidas, adivinhadas ou intuídas.

É um tipo de pesquisa para a qual, segundo Velho, não há cânone, nem regras rígidas na medida em que depende muito da sensibilidade e intuição (Velho, 1980). Assim o antropólogo lida com culturas, sociedades e grupos sociais e como estes representam, organizam e classificam suas experiências. A antropologia se torna um instrumento de captura do arbitrário cultural que define uma sociedade. Operando sempre a partir de um certo grau de subjetividade, o trabalho antropológico tem um caráter aproximativo e não definitivo, como explicita Geertz (1989).

Para meu olhar arquitetônico e urbanístico, acostumado a rastrear lugares de memória, artefatos investidos de valor patrimonial, no sentido de valor cultural, a pesquisa antropológica significou a conquista de densidades e espessuras que tornaram as cores locais

---

<sup>1</sup> Leyla Perrone-Moisés, “Recensão ao *Livro por Vir*, de Maurice Blanchot”. Publicado na Revista Polichinello n.º 6, julho 2006.



mais vivas; o mundo da Lapa mais rico; a pesquisa um filão em aberto; as interpretações, reflexões e considerações finais, uma aproximação possível com o objeto.

A Lapa se transforma, no recorte da pesquisa antropológica, em um lugar (Augé, 2004), escolhido, intuitivamente delimitado, a ser interpretado. Ao final do trabalho considero que as Lapas integram uma paisagem cultural no interior da cidade do Rio de Janeiro. Como Lapa, se presta generosamente a ser descrita como um bairro popular e tradicional dentro da morfologia urbana da cidade; mas é, sobretudo, espaço recheado de tempo vivido pelos seus transeuntes e habitantes, este grupo social, que escolhi observar. Mas é também um espaço multidimensional, porque além das dimensões espaciais, inclui a humana e a temporal, mostra que é feita de movimento, que seu espaço é feito de luz, cheiro, som de vozes, texturas, sabores, aceleração e velocidade, mas não apenas isso. A Lapa é espaço nobre da vida que se furta à captura de uma insuficiente tradução.

Quando escrevemos, e as vezes apenas descrevemos, perdemos a dimensão do vivido e se não somos capazes de fazer literatura, então sequer inventamos uma poética a altura do observado e apresentamos uma versão reduzida da cultura local apreendida pelo foco de nossa lente antropológica.

A descrição é, as vezes, mais pobre do que um dado estatístico descontextualizado. Foi o que procurei evitar e por isso operei como uma catadora de vestígios, testemunhos, intensidades, fragmentos da cultura local. Uma espécie de antropóloga fazendo arqueologia do campo social. Aos interlocutores espalhados sobre o tabuleiro irregular da Lapa dediquei meu olhar, ouvido, olfato, sentimento, curiosidade durante os meses de pesquisa para obter as informações e os relatos, que coloriram de sangue vivo as paredes descarnadas dos edifícios e ruas que com familiaridade eu percorria. O trabalho de campo é o resultado de uma abordagem das realidades locais, enriquecida pelas imperfeições dos dias e humores que se sucedem no desempenho desta tarefa, sem aparentemente trazerem grandes descobertas,

revelações ou *insights* para o relato etnográfico. Gostaria, entretanto, que ele tivesse guardado e revelasse as diferentes impostações de voz de meus interlocutores e da minha escrita, os momentos em que a emoção fez a voz faltar, os tremores de voz das irritações, os silêncios dos titubeios, os gritos de susto calados, as dúvidas varridas para debaixo do tapete.

“As incertezas e imprecisões desse discurso deliberadamente imprudente<sup>2</sup> têm assim, como contrapartida, o tremor da voz, que é a marca dos riscos compartilhados em toda troca generosa e que, se for percebido, por menor que seja, na transcrição escrita, parece-me justificar sua publicação.” (Bourdieu, 1990: 11,12)

Retomo aqui a consideração que apresentei na Introdução do trabalho e que para mim é uma importante elaboração sobre a pesquisa da Lapa que é a de pensar o relato etnográfico em sua dimensão histórica ou literária, como o registro da cidade, de pessoas, do bairro, do lugar investido de valor simbólico por seus habitantes (e não apenas por estes), num determinado momento da sua história, ou seja, a dimensão temporal, relativa de todo o trabalho. O relato etnográfico guarda os vestígios pálidos do momento em que frequentei a Lapa, conversei e observei seus moradores, os sentidos que eram socialmente conferidos àquele lugar, naquele momento, e que em seguida se transformavam, desapareciam. Vestígios feitos da história passada, da materialidade resistente da arquitetura, do efêmero presente das relações sociais, dos transitórios projetos de vida, da cultura urbana de um determinado grupo social, de uma sociedade, em uma parte específica da cidade, e que lampejam antes do desaparecimento.

Durante o trabalho vários autores assinalaram as distinções entre fazer um trabalho antropológico *na cidade ou da cidade* (Cordeiro, 2003; Hannerz, 1983) como reflexo da maneira de se aproximar e relacionar com a materialidade do espaço urbano na investigação do campo social. O que num primeiro momento me parecia ser uma novidade interessante do jogo de palavras e da separação de olhares, especialmente para uma arquiteta para quem a

---

<sup>2</sup> Discurso proferido por Bourdieu para um auditório em que esperava encontrar/provocar o máximo de resistência, dizer para o auditório o que para ele é mais difícil de ouvir e admitir.

familiaridade com o aspecto material da cidade era natural, com o tempo se revelou insuficiente.

Se para a antropologia urbana a mudança de visada representava uma aproximação inovadora em relação ao objeto, a conquista da dimensão de uma camada oculta, em minha pesquisa senti a necessidade de juntar o que aparentemente se apresentava como opostos, ou pelo menos, como diferenças de olhares e aproximações. Será que *o na e o da cidade* não seriam os dois lados complementares de uma mesma lente através da qual poderíamos ajustar nosso caleidoscópio para mirar a cidade e seus habitantes? A pesquisa sobre a Lapa indicou que ora eu fazia uma etnografia na Lapa, ora fazia uma etnografia da Lapa. Uma experiência era olhá-la no dia a dia, envolvida nas atividades e visitas que acompanhei, as entrevistas que fiz; outra era ler os mapas, a literatura, o material dos arquivos, as notícias de jornal, ou simplesmente caminhar a sós por suas ruas observando; duas perspectivas que na composição de um *patchwork*/bricolagem construíam diante do meu olhar o que terminei por designar de Lapas.

Desta forma a cidade se mostrava cada vez mais como uma representação humana, móvel, próxima e amalgamada pela subjetividade individual e dos grupos sociais que nela vivem, um caldeirão no qual interagem movimentos sociais, nem sempre organizados, mas próprios dos que são e estão no tempo e no espaço urbanos. Uma Lapa feita de espaços diferenciados, estratificados e classificados de forma sutil e quase imperceptível, onde mais importante me pareceu ser registrar a diversidade social abrigada sob o grande arco curvo que encobria sua geografia. Casarões e prédios antigos, ruínas do que foram nos áureos tempos, habitados pelo lumpesinato<sup>3</sup> remanescente no centro do Rio, ao lado de prédios e vilas que servem de moradia às classes médias que escolheram morar na Lapa ou moram na Lapa porque não têm escolha.

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada pelo poeta e escritor Alexei Bueno, morador da Lapa por mim entrevistado.

Lapas onde as identidades culturais, as tipologias e conformações urbanas a diferenciam de outros bairros cariocas como o Catete, Santa Teresa, Glória, Catumbi etc. Lugar em que a densidade histórica não apagada pela superposição de intervenções urbanas permite pensar a importância da memória que segundo Nora é matéria prima da antropologia ao contrário da história (Nora, 1984-1992). Por seu caráter vivo, móvel, que se recria na vida, diferente da história que é uma representação cristalizada do que já não é mais, do que passou e pertence ao passado, a memória seria mais nutritiva para alimentar a antropologia. Nora, entretanto, tem uma visão bastante crítica em relação à construção do conceito de lugar de memória. Para ele os lugares de memória são memórias territorializadas, conquistadas pela história, que representam num certo sentido a impossibilidade de habitarmos a memória o que faz com que ela seja transferida para a materialidade de lugares que estão fora de nós.

“Mémoire, histoire: loin d’être synonymes, nous prenons conscience que tout les oppose. La mémoire este la vie, toujours portée par des groupes vivants et à ce titre, elle este en évolution permanente, ouverte à la dialectique du souvenir et de l’amnésie, inconsciente de ses déformations successives, vulnérable à toutes les utilisations et manipulations, susceptibles de longues latences et de soudaines revitalizations. L’histoire est la reconstruction toujours problématique et incomplete de ce qui n’est plus. La mémoire est un phénomène toujours actuel, un lieu vécu au présent éternel; l’histoire, une représentation du passé. Parce qu’elle este affective et magique, la mémoire ne s’accommode que des détails qui la confortent; elle se nourrit de souvenirs flous, télescopants, globaux ou flottants, particuliers ou symboliques, sensible à tous les transferts, écrans, censure ou projections. L’histoire, parce que operation intellectuelle et laïcissante, appelle analyse et discours critique. La mémoire installe le souvenir dans le sacré, l’histoire l’en débusque, elle pNormaïse toujours. La mémoire sourd d’un groupe qu’elle soude, ce qui revient à dire, comme Halbwachs l’a fait, qu’il y a autant de mémoires que de groupes; qu’elle est, par nature, múltiple et démultipliée, collective, plurielle et individualisée. L’histoire, au contraire, appartient à tous et à personne, ce qui lui donne vocation à l’universel. La mémoire s’enracine dans le concret, dans l’espace, le geste, l’image et l’objet. L’histoire ne s’attache qu’aux continuités temporelles, aux évolutions et aux rapports des choses. La mémoire est un absolu et l’histoire ne connaît que le relatif.” (Nora, 1984-1992: XIX)

O lugar de memória seria algo imposto de fora para dentro e que não necessariamente resultaria de uma prática social, merecendo, portanto, nossa desconfiança. De fato, na Lapa, lugares de memória como os Arcos da Lapa, comparecem nos discursos dos moradores como alguma coisa que faz parte da história do lugar, mas não da sua própria história. É como se fosse um objeto de vitrine e não um artefato que tem uso e integra as práticas do cotidiano. O Passeio Público, por outro lado, um outro lugar também representativo da memória da cidade,

encontra-se articulado à atividade da caminhada do grupo que frequenta o PSF-Lapa. Talvez nem todos conheçam sua história e antiguidade, mas ele está completamente inserido no dia à dia das pessoas que por ali caminham e é, sem sombra de dúvida, um cenário onde parte da história da vida de algumas pessoas, suas memórias individuais e coletivas são forjadas.

Se for verdade que a razão de ser do lugar de memória é estancar o tempo; bloquear o esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte; materializar o imaterial, para guardar o máximo de sentido num mínimo de signos é claro que os lugares de memória não sobrevivem senão de sua capacidade de se transformar (metamorfosar), de ressignificar, adquirir outros sentidos. O lugar de memória tem uma duplicidade que é o que o funda como lugar de memória, sua origem/intenção original, e a memória que se recria infinitamente a cada vez que é acessado.

Livros de história que lidam com memória, autobiografias, jornais íntimos, diários – são lugares de memória – uma etnografia também pode se constituir como um lugar de memória sob certos aspectos, especialmente quando relata as histórias de vida ou guarda descrições pormenorizadas de percursos, espaços, localidades, etc. Esta pesquisa pretendeu, em alguma medida, fazer este papel, ainda que de modo restrito.

O lugar de memória se fecha sobre sua identidade e próximo de si mesmo, mas se abre para o entendimento de seus vários significados e sentidos. No interior do lugar de memória tudo conta, tudo simboliza, tudo significa, mas é preciso encontrar a chave para entrar nele.

E por isso recontamos tantas vezes as histórias, interpretamos sob tantos ângulos diferentes os testemunhos que nos chegam às mãos descrevendo e comprovando a presença humana no mosaico de tempos que compõe a cidade.

A análise da evolução urbana local trás informações interessantes. A Lapa é fundada pela Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro e neste caso o nome Lapa talvez estivesse associado ao significado de gruta ou lápide. O seminário, casas, capela surgem à sua volta, a

igreja é o epicentro e daí parte o caminho tortuoso pelas fraldas do Morro de Santa Teresa, que era do Desterro, na direção da zona norte da cidade. Era o caminho de Mata Cavalos porque devia ser de difícil travessia, entre os alagados e o morro.

O enobrecimento da cidade no século XIX, mantém a Lapa e as terras conquistadas aos terrenos alagados como um lugar de chácaras e habitações de parte da nobreza que acompanhava a Corte. Nesta condição recebe as melhorias e os embelezamentos dedicados à cidade que se moderniza sob inspiração dos modelos europeus, como avenidas, monumentos comemorativos, balaustradas de pedras, iluminação especial, etc.

A boêmia e a prostituição fina do local ratificaram a região a volta da igreja como Lapa. Eram as ruas Moraes e Vale, Taylor, Conde Lages, Joaquim Silva, aquelas por onde os bordéis se alastravam, setorizando as nacionalidades das prostitutas (Lustosa, 2001) e misturando o religioso e o profano (Gerson, 2000).

Em 1942 “uma cruzada policial moralista fechou bordéis, expulsou prostitutas, perseguiu malandros e varreu a boemia. As velhas casas continuaram no lugar, escorando-se umas as outras nas ruas tortas de sempre, só que, de repente, esvaziadas dos prazeres, poesia e música que, até há pouco tempo, alimentavam suas mulheres e seus homens. Em meados dos anos 1940, a Lapa já se reduzia a famílias que só se deitavam de pijama e camisola e a algumas profissionais desavisadas, cujos corpos pareciam esfarinhar-se ao ritmo agônico das últimas casas ‘suspeitas’. Sanitizada de seus pecados, a Lapa viu a cidade dar-lhe as costas e trocá-la por Copacabana.”(Castro, 2004)

O Estado Novo, assim como Pereira Passos e os atuais projetos de revitalização da Lapa operam como dispositivos de ordenação e normatização da cidade. Os projetos urbanos, de embelezamento, alargamento de ruas, iluminação, ajardinamentos, extinção de cortiços, revitalização e sustentabilidade econômica, devolvem a cidade para uma parcela da população, especialmente aquela que tem recursos para consumir as mercadorias que passam

a ser oferecidas, são projetos de exclusão social que vem marcando de maneira incisiva a geografia humana do Rio de Janeiro/da cidade. São processos que tratam parcelas significativas da população como anomalias, desviantes, aquilo que está fora da norma e que precisa ser eliminado, por uma ação de ocupação e iluminação de todos os cantos da cidade.

O deslocamento do eixo de interesse da cidade para o bairro de Copacabana e o fim da prostituição na Lapa fez com que se mantivessem os bares e restaurantes como lugares de atração e permanência de uma certa vitalidade musical na área, cujo centro se deslocava para os quarteirões em forma de ferro de engomar, por onde circulavam e faziam ponto final os bondes que levavam para a zona sul e para a zona norte.

As demolições de parte deste tecido, os projetos viários inacabados, o esvaziamento da Lapa fez com que ela se tornasse um lugar econômico, porque desvalorizado, para se morar e freqüentar. A abertura da perspectiva do Aqueduto sublinhou a construção de uma nova centralidade para a Lapa agora focalizada na fotogenia da monumental obra de engenharia que funcionava como uma ponte entre a cidade e o Bairro de Santa Teresa, local de circulação dos bondes que faziam este circuito. À sombra dos Arcos da Lapa instalou-se o Circo Voador, no lado oposto ao vazio da praça, como se fosse um ponto de exclamação que silenciosamente devolvia para Lapa uma ocupação popular, jovem e bem humorada. A Lapa, de alguma forma, se irmanava com a vizinha Santa Teresa e sua população entre alternativa e popular, que descia o morro para participar dos shows de música e das animadas domingueiras voadoras que aos poucos passaram a atrair um público jovem de toda a cidade.

A Lapa se reinventou ou foi reinventada e lá está múltipla e diversa, na forma, na cor, na paisagem humana, que lhe conferem sentido e valor. Este trabalho procurou falar de sentidos, dos significados que nomeiam um lugar e o distinguem no interior da massa edificada indistinta de uma cidade complexa, constituída pela justaposição de lugares,

histórias, personagens e grupos sociais, fatos e feitos. Atravessada pelos fluxos de circulação cada vez mais velozes e invisíveis que fazem sua materialidade desaparecer.

Ao invés de um bairro fortemente vincado, como a Alfama (Costa 1999), mesmo que por variadas configurações sociais, a Lapa me parece ser um bairro tênue, com vincos superficiais e leves, que na porosidade do seu desenho difuso, guarda o segredo da permanência do lugar.

Buscar seus moradores e a dimensão diurna da vida parece ser algo corriqueiro e banal, da ordem do óbvio e *dejà vu*, mas foi onde encontrei a dramaticidade da ameaça do desaparecimento, a fragilidade da existência, a falta de glamour da luta cotidiana pela vida e a tenacidade das resistências brancas, que contracenam com as expulsões/exclusões nem tão brancas assim. Encontrei Lapas no lugar de uma Lapa una e indivisível. Diversidade e fraturas se comprimem entre si numa dança nem sempre (con)sensual, pelas casas noturnas e calçadas da Lapa. Existem estilhaços de Lapa no interior das reconstruções lapianas iluminadas pela luz de néon, pedaços de vidro que cortam e ardem na pele e nos olhos, afirmando que não é possível “sanitizar” o tecido humano que dá sentido ao lugar, que irriga sangue naquele corpo antigo, cuja presença silenciosa ensina o quanto é fundamental manter o uso habitacional nos centros das grandes cidades (Jacobs, 2000).

Além disso, é preciso refletir sobre os processos de enobrecimento<sup>4</sup> e substituição das populações, dos moradores que resistiram à decadência e apostaram na permanência mesmo nas condições mais desfavoráveis da ausência de um Estado que velasse por eles. Enriquece pensar esta questão o exemplo além mar de Alfama onde segundo Costa a presença do Estado e de instituições públicas que exercem papel importante no uso da cidade se fazem sentir (Costa, 1999). As juntas de freguesias são procuradas pela população para auxiliarem na resolução de problemas como: pobreza, saúde, mau estado da habitação, insegurança,

---

<sup>4</sup> Ver o conceito de *gentrification* apresentado no capítulo 2.



preocupações específicas quanto a jovens ou idosos, conflitos entre inquilinos, comerciantes, habitantes, vizinhos etc. É claro o papel da instância pública como mediadora de relações, soluções de problemas, escuta interessada, que mostra que a cidade é gerida por alguém e que as pessoas de determinadas áreas têm a quem se dirigir em certas situações – pessoas que conhecem o local e seus problemas – o que faz o cidadão se sentir parte da cidade, do bairro, no caso de Lisboa, da freguesia.

Na Lapa, e de alguma forma na cidade do Rio de Janeiro, guardadas as diferenças sociais, políticas e culturais que marcam estas duas sociedades, as instâncias do poder público estão diluídas ou dissimuladas em redes burocráticas pouco claras, em que raramente se vê o rosto do subprefeito ou do administrador regional e suas equipes. E eles não parecem estar ali para resolverem problemas entre vizinhos, por exemplo, como os ocorridos na vila onde Verônica mora, em que a solução foi constituir um condomínio e eleger um síndico ou contratar uma empresa privada para exercer este papel. A ausência do poder público leva, na opinião de alguns interlocutores locais<sup>5</sup>, a um comportamento social mais individualista e menos preocupado com o exercício de seus direitos e deveres. Tudo se esgarça: uns não olham pelos outros porque ninguém olha por todos. A falta de apressos e o desrespeito pelos espaços públicos contamina os espaços privados produzindo cidades e sociedades sem ética e sem estética.

Para João<sup>6</sup>, por exemplo, isso atrai um tipo de morador para a Lapa, a quem convém a desordem, a decadência, a ausência do poder público e que constitui um grupo social do qual não há interesse em se aproximar na medida em que partilham culturas muito diferentes.

Esta pesquisa apresenta alguns personagens característicos do universo de moradores locais, sem pretender ser representativa do universo mais amplo ou querer operar como uma amostragem. Abordei nesta etnografia algumas situações de morar na Lapa no sentido de

---

<sup>5</sup> Especialmente Alicia, Verônica e João pontuaram estas questões.

<sup>6</sup> Morador da Lapa.

demonstrar a riqueza e diversidade que constitui a cultura urbana do bairro. Considero que as histórias fragmentadas, colecionadas ao acaso, no interior de um território dado – constituem a alma e dão sentido às rugosidades que estriam a região da Lapa e lhe conferem singularidade.

Interpretei os mapas históricos e aqueles produzidos pela etnografia como construções de sentido e, portanto, como linhas que delimitam os lugares. Eles me remeteram à cartografia que o antropólogo faz da aldeia – os “esquemas” espaciais da organização social – a representação no espaço das construções sociais – e a cidade despontou como uma superposição de construções sociais, estabelecidas ao longo do tempo, representativas de uma história passada e vivida e apropriadas pelo presente. Os mapas confirmam que cada um tem dentro de si uma Lapa, pessoal, fundada em experiências e no jogo de valores simbólicos que a estratégia das entrevistas estimula a revelar. Existe uma Lapa percorrida com o corpo e outras construídas de memória, na cabeça, a partir de significados e valores que viver no lugar constroem. Considerando esta uma explicitação do conceito de lugar talvez seja possível considerar a Lapa nesta categoria do patrimônio imaterial.

O perfil de meus interlocutores, diluído pelo tempo, formou uma trama através da qual pude visitar, freqüentar, pensar e guardar a cidade. Estes personagens, de alguma forma catalogados, se oferecem as vezes como conceitos, caricaturas, traços marcantes que vincam a cidade com suas biografias e modos de viver.

Edson tem a biografia de vida, infância e juventude, completamente ligada à Lapa e ao final dos tempos áureos do bairro – é o observador participante de uma Lapa definitivamente desaparecida, como os escritores das Antologias, mas com o sabor do relato vivo, da densidade da fala que revela a cidade experimentada na pele, entre os anos 1950 e 1970. É um tipo de boêmio particular, chefe de família e funcionário público de carreira, admirador incontestado da música popular brasileira, seus compositores e intérpretes. Edson se mudou da

Lapa e seu estilo de vida parece não se coadunar com o que percebi entre meus outros interlocutores que moram atualmente na Lapa. Do ponto de vista social o parâmetro de comparação seria com outra família residente na Lapa – a família de Socorro ou das agentes comunitárias Norma ou Julieta – mas estas três famílias são claramente mais populares e menos abastadas economicamente do que a família de Edson. Neste ponto é possível perceber que o nível de renda e padrão de vida, determinam em alguns casos a escolha de morar na Lapa.

Verônica vive na Lapa desde 1997, quando resolveu sair de São João de Meriti e morar num lugar que fosse mais próximo das atividades que desenvolvia como estudar e dar aulas. Representa um tipo de morador que, vindo do subúrbio carioca, escolheu se mudar para a Lapa em função da praticidade da localização, mas também por causa da aura do lugar – decadência, mistura de padrões de vida e comportamento, uma boemia popular que de alguma forma lembra a que se encontra nos subúrbios. A Lapa é um lugar que atrai artistas, pessoas solteiras, músicos interessados numa vida menos convencional. Verônica é música e fotógrafa. Teme o enobrecimento da Lapa e a chegada de uma população que não tenha nada a ver com o bairro. Por outro lado reage fortemente às diferenças culturais que mantém em relação aos vizinhos e se recente de morar numa vila onde não tem muitos amigos e não consegue estabelecer vínculos sociais mais próximos.

De um ponto de vista comparativo a história de vir do subúrbio ou de um outro estado e morar na Lapa por causa de sua localização privilegiada é partilhada com Norma, a agente comunitária que veio de Maria da Graça, Luis Fernando e família que vieram do subúrbio, as travestis que vivem no Casarão da Mem de Sá e que vieram todas do Nordeste, assim como alguns idosos, como Judite, Raquel, Gilda e Carlota. No grupo da caminhada também identifiquei que a maioria das pessoas era oriunda de outros estados brasileiros, em especial

da região nordeste, o que me fez considerar que a Lapa, ainda hoje, deve funcionar como um lugar de chegada no Rio de Janeiro.

Alexei Bueno, intelectual e artista, pertence a uma geração um pouco mais velha que a de Verônica e carrega um tipo de bagagem cultural que não é possível comparar com qualquer outro de meus interlocutores. Cultivado intelectualmente, boêmio, dono de um singular acervo bibliográfico e de objetos antigos em seu apartamento de cobertura, se mudou para a Lapa interessado pela aura local e no bom negócio da moradia econômica. Aprecia a centralidade e acessibilidade do bairro e parece se ressentir, de modo discreto, do comércio excessivamente popular, especialmente na compra de gêneros que não são de primeira necessidade como bebidas, tira-gostos, frios, pães, pastas etc. Tem um gosto mais apurado e atração pelo mundo marginal da cidade decadente. Acha que o enobrecimento da Lapa pode ser interessante. Usa e vive a Lapa como uma espécie de boêmio do século XXI e que se adequa perfeitamente a um público de artistas e intelectuais que costumam se aproximar das áreas degradadas das cidades e participar, em alguma medida, de sua revitalização, permanecendo quando as áreas são valorizadas. Para mim Alexei encarna o tipo de público que com a revitalização local tende a ocupar esta área.

Socorro e família pertencem às camadas médias, populares, cujo projeto de vida é ascender social e profissionalmente. Não são *habitués* da boemia lapiana e têm uma cultura que se interessa por música, teatro, arte, elementos que a cidade oferece de sobra em seus circuitos revitalizados. Não são artistas, nem têm um perfil intelectual, são trabalhadores, pessoas que conquistam com o esforço pessoal cada novo patamar na escalada da vida. Têm um espírito mais solidário, estabelecem laços de vizinhança, não lhes chama tanto a atenção as diferenças de estilo de vida que guardam em relação aos vizinhos ou outros moradores. São menos passionais em relação à cidade, têm uma relação de certa distância com os problemas à volta, procuram não se envolver, embora sejam solidários e amigos.

João tem 26 anos e é nascido na Lapa. Nunca morou em outra parte da cidade e tem uma relação visceral e crítica com a cidade. Fez curso universitário e na época que o entrevistei estava se preparando para fazer concursos públicos e conseguir um emprego. Entende as vantagens de viver na cidade, do ponto de vista estratégico da localização e economia que isso significa, mas se sente incomodado por não ter saído do bairro como a maioria de seus amigos de infância. Como Verônica se ressentiu das diferenças sociais e culturais em relação aos vizinhos e moradores do bairro. Não gosta do edifício onde mora mas dentro da própria Lapa tem suas preferências em termos habitacionais. Mantém com a Lapa uma relação de ser fruto do bairro quando este já havia perdido a aura boêmia e malandra e vive o processo de revitalização local de uma maneira meio desgarrada. Sua entrevista relata a biografia de um jovem morador do centro de uma metrópole, vincado por mecanismos de proteção, como uma certa indiferença e uma observação exacerbada em relação aos detalhes da vida cotidiana, dos vizinhos, da decadência dos edifícios, da desmoralização provocada pela existência de prostituição nas ruas, da ausência do poder público etc. Como habitante de uma metrópole ele não se referencia em nenhum momento à história e tradição da Lapa. A intensa memória do passado recente de sua vida não está fixada num quadro social de memória coletiva local.

Cosme é artista plástico e é um morador da Lapa dos mais antigos, embora fale muito pouco a respeito de uma relação atávica com o local. É professor do grupo de colagem do PSF-Lapa e uma pessoa completamente sociável. Promove muitas reuniões em sua casa, um edifício bastante grande situado na rua do Riachuelo, próximo ao clube dos Democráticos e do empreendimento imobiliário Cores da Lapa. Vive sozinho e tem o hábito de almoçar nos restaurantes locais, assim como de frequentar o clube Turma OK, a Feira do Rio Antigo, os teatros e casas de espetáculo locais. Tem muitos conhecidos espalhados pela Lapa – garçons, camelôs, policiais, frequentadores e moradores do bairro – e uma vida completamente

ancorada no comércio e serviços do bairro. É um personagem da Lapa, tradicional e popular. Como artista plástico trabalhou muitos anos com escolas de samba e a criação/execução das alegorias. Seu trabalho artístico, desenvolvido a partir dos estudos feitos na Escola Nacional de Belas Artes que funcionava onde hoje se localiza o Museu de Belas Artes, transpira um pouco do que pressinto ser viver a Lapa como ele experimentou. É um trabalho de cores fortes, que vai do grafismo simétrico e equilibrado, às paisagens surreais, elaboradas à partir de material recortado e rasgado de revistas. Cosme transita entre ser meio dândi e meio *kitsch* e a sua arte reflete esta atitude. É irmão da Ordem Terceira do Carmo e cuida da saúde no Hospital do Carmo e no PSF-Lapa. Por outro lado a vida solitária, no meio de uma cidade grande, o leva a permanecer em casa grande parte do dia e querer que os amigos o venham visitar, o que nem sempre acontece. Solidão e velhice são duas componentes acentuadas neste momento de sua vida e não raro seu comportamento deixa entrever o que Debert (1988) identifica como uma espécie de temor da perda de independência, da autonomia de ir e vir, do confinamento provocado pela falência física e mental. De um modo geral percebi no idoso com quem convivi na Lapa uma tendência à depressão provocada pelo envelhecimento e pela solidão.

Nas mulheres como Inara, Carlota, Socorro, Letícia, bastante ativas e de um modo geral independentes, à despeito de viverem com a família ou não, a velhice traz este incômodo do fantasma de perder o vigor físico e a autonomia para realizar tarefas contra o qual parecem lutar, cada uma a seu modo, cotidianamente. São mulheres que, ao contrário dos homens, mesmo quando vivem sozinhas, mantêm laços com a família a qual se remetem e para a qual prestam algum tipo de apoio, estando de um modo ou de outro ocupando o lugar de serem úteis e necessárias.

Hugo é um morador solitário que vive na Lapa há pouco tempo, desde que se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, pois já viveu em vários países e outros estados brasileiros.

Como um personagem sua atitude lembra a de um cosmopolita, uma pessoa que transita entre vários mundos, fazendo trocas e transformando os lugares por onde passa. Um traço importante do seu discurso é exatamente o de não ter uma relação tradicional, de pertencimento, com a Lapa. É um estrangeiro ou um *outsider*, no sentido conferido por Elias & Scotson (2000), completamente sensível e atento ao local onde mora, tem um grau de percepção do bairro, dos movimentos locais, das mudanças em curso, muito mais acurado do que muitos dos moradores tradicionais e com mais tempo de vida na Lapa que entrevistei. Tem namorada, ex-mulher e duas filhas e uma relação generosamente fraterna com os vizinhos. É uma pessoa extremamente solidária, preocupado com as pessoas que estão a sua volta, participa do PSF apostando no conceito do Programa mas muito desconfiado da eficácia do mesmo tendo em vista os limites de quem executa o trabalho e as questões políticas envolvidas. A Lapa lhe serve como um modelo perfeitamente adaptado de roupa, é transitória, modesta, anônima, mas ele está longe de ser um homem blasé. É, como disse, um cosmopolita e vive intensamente o bairro, com o comedimento que seu estilo de vida lhe permite.

O objeto principal desta pesquisa não é a velhice, como indiquei anteriormente, mas o morador da Lapa. As diversas entradas em campo para encontrar este universo me levaram ao Programa de Saúde da Família da Lapa<sup>7</sup> e no interior de suas redes encontrei a velhice como habitante da Lapa. Uma velhice que incluía desde aquela “classificada” como “velhice-problema”, escondida, doente, solitária, como aquela vista como um “período derradeiro da vida” (Lins de Barros, 1998: 121). Não me interessava o velho em particular, mas o morador, as relações com o bairro, as representações do lugar, o modo de viver. Nesta medida as considerações a respeito da velhice são breves relações que estabeleço com as pesquisas desenvolvidas por alguns pesquisadores deste universo. De qualquer modo percebi que entre

---

<sup>7</sup> Ver Capítulo 2.

os velhos havia uma disponibilidade maior em aderir às propostas do PSF-Lapa, na medida em que este lhes oferecia algumas alternativas para o enfrentamento das questões postas pelo envelhecimento e relacionadas com a saúde física e mental, assim como apresentavam uma certa disposição para me ouvir, receber, falarem de si, o que facilitava as conversas, entrevistas e convivência das quais tirei importante parte do material aqui apresentado.

O que a pesquisa mostrou é que o morador idoso não é um sujeito necessariamente acomodado e passivo diante da vida e do envelhecimento, que ele procura ajuda, apoio, tem curiosidade e necessidade de conhecer uma proposta no plano da saúde pública como a do PSF-Lapa, ao mesmo tempo em que mostra possuir relações vivas e intensas com o bairro que passam pelas memórias, pelos hábitos e rotinas de vida que não são rígidos e podem aproveitar as novidades que a cidade lhes oferecem. Os velhos são fontes inesgotáveis de histórias sobre a cidade (Lins de Barros, 1999), as ruas, os estabelecimentos comerciais, culturais, e a transmissão deste patrimônio imaterial é pouco explorada como mecanismo de saúde e salvaguarda da própria vida.

Neste sentido um projeto como o PSF-Lapa parece ser crucial e ao mesmo tempo impotente, na medida em que se limita ao universo médico, das biografias e estilos de vida associados a sintomas e doenças, e não no que Velho apresenta como quando ao estudar Copacabana identifica a importância de um trabalho interdisciplinar para lidar com as sociedades complexas (Velho, 1973). Esta me parece ser uma questão importante quando resolvemos lidar com o que significa habitar áreas centrais degradadas que passam por processos de revitalização em grandes cidades, como o Rio de Janeiro. Identificar a cultura dos grupos sociais que habitam os bairros de uma cidade, entender a lógica de articulação da vida presente com as tradições e as mudanças em curso, lidar com as condições de permanência e as ameaças de mudança que atingem cada um de modo diferente, isolado ou



não, são questões que apenas um trabalho interdisciplinar talvez possa dar conta e principalmente respostas, tanto para a definição de políticas públicas capazes de mediar as relações entre o “mercado” (comercial, habitacional, etc.) e os habitantes locais, como para informar e estruturar políticas públicas que visem a (melhoria da) qualidade de vida.

Para além do que um gravador pode registrar, os dados sócio culturais existentes, perfis construídos estatisticamente, o que a pesquisa sobre a Lapa pretendeu foi revelar o lado qualitativo das informações garimpadas no campo, nas entrevistas, na convivência com os informantes locais. As interpretações e recortes de minha responsabilidade são uma tentativa de adensar as informações e o conhecimento que se tem hoje da Lapa, um lugar que virou notícia a partir da revitalização econômica em curso no local. Este trabalho, como se fosse um documentário etnográfico, pretendeu tornar públicos os dados relativos ao cotidiano, e menos anônimas as pessoas que participam da vida diurna da Lapa. Entendo a etnografia escrita como modo de dar visibilidade a este olhar e a esta escuta antropológicos, a esta curiosidade que anima o pensar sobre a cidade e para que a partir daí, de alguma forma, estas pessoas e as realidades sociais das quais participam passem a comparecer menos indiferentemente nos destinos da cidade.

O trabalho foi também uma aproximação, no âmbito do Programa de Saúde da Família-Lapa, no sentido de estabelecer uma escuta que ultrapassasse o universo circunscrito pela medicina e profissões afins – nutrição, psicologia, fisioterapia, enfermagem – e que permitisse pensar a construção/criação de um corpo social saudável a partir de uma visão multidisciplinar (Velho, 1973), acrescentando as dimensões urbana, social e cultural dos grupos que habitam as metrópoles contemporâneas, aos dados individuais biográfico e médicos, podendo, desta forma, apresentar respostas mais holísticas aos desafios postos pelas grandes cidades contemporâneas. A pesquisa antropológica teve para mim o mérito de ser qualificada por uma curiosidade ética, construída no entendimento da vida como uma obra de

arte aberta e em permanente construção, mesmo quando aparentemente a única coisa que divisamos é o fantasma da morte. A fala e a escuta são importantes instrumentos de resgate da dimensão de tempo infinito existente no presente (re)vivido com intensidade.

O que a pesquisa no PSF-Lapa mostrou é que o programa, através de suas atividades de grupo, criou redes de sociabilidade antes inexistentes. Na verdade estas redes operam entre uma parcela pequena das pessoas que aderiram e que se dispõem a freqüentar outras atividades no programa para além das consultas médicas, exames etc. Das quatro mil pessoas cadastradas, cerca de 10% participavam dos grupos de caminhada, colagem e coral. No ano de 2007 os grupos de colagem e coral não retomaram suas atividades após as férias sendo mantido apenas o grupo de caminhada que reunia uma média de 25 pessoas.

Participar dos grupos pressupõe uma disposição para sair de casa, encontrar outras pessoas, fazer algum tipo de atividade, o que não parece ser a tônica do comportamento vigente entre os moradores da Lapa. Por outro lado é importante refletir sobre a necessidade e importância de estimular as pessoas, ou mesmo seduzí-las para participarem de atividades de socialização. O Programa parece pouco aparelhado para desenvolver este tipo de trabalho pois a junção de um programa acadêmico, voltado para a formação de profissionais, e a implantação de uma política pública de saúde baseada no médico de família pressupõem a concorrência de uma série de fatores que a iniciativa privada, no caso a Universidade Estácio de Sá, não pode assumir sozinha. Não tenho condição de aprofundar este tipo de análise em função do pouco acesso que tive a informações mais detalhadas sobre o funcionamento deste tipo de parceria. O que é possível perceber é que o PSF-Lapa é uma ação isolada na área central da cidade do Rio de Janeiro não se traduzindo em uma política de saúde pública para a cidade, mas que ainda assim, pode ser uma interessante resposta aos complexos desafios das sociedades/cidades contemporâneas em termos de equacionar a questão da qualidade de vida nos grandes centros urbanos.

O PSF poderia, neste sentido, ser visto como uma ação política que tem uma dimensão que transcende a especificidade do setor saúde e que tem efeitos determinantes sobre as condições de vida e saúde – estabelecimento de laços sociais, redes de vizinhança, escuta qualificada – da população urbana.

No caso do PSF-Lapa seria oportuno, por exemplo, propor uma investigação aprofundada sobre a comunidade de terceira idade atendida – para se criar estratégias de envolvimento em projetos que visassem a recuperação e valorização das memórias e das habilidades – um projeto de inserção do velho nas dinâmicas de trocas de informação com jovens/crianças, de sua valorização como guardião de saberes e de histórias. É possível, por exemplo, pensar na construção de um projeto de memória oral – coletiva e individual – que mostre as trajetórias de vida, a história do bairro, dos lugares de origem, de valores e símbolos que podem ser partilhados e transmitidos.

Não encontrei na Lapa estruturas – materiais ou imateriais – fixas e repetidas que explicassem alguns comportamentos, relações, maneiras de viver. Encontrei a diversidade muitas vezes em estado bruto e de conflito com os diferentes. Percebi que a cada passo, dado no tempo e no espaço, uma nova configuração urbana e social se estabelecia, heterogênea e complexa, mesmo que familiar. Decidi que para mim o importante na Lapa era registrar a capacidade de não desaparecer frente às mudanças das composições de cenas. A história da Lapa era uma história de recriação no tempo, mais do que de preservação imóvel de um lugar dentro da cidade. As suas cristalizações eram temporárias e as pessoas que moram ali são atores desta cena em movimento, fadada a ceder lugar para outras cenas no tempo e no espaço. A dimensão do passageiro recolhi dos relatos literários que acessei. Crônicas – tempo feito texto – como tão sensivelmente me mostrou O'Donnell ao estudar os relatos de João do Rio (O'Donnell, 2007), redimensionando meu próprio trabalho, as vezes desviado pela

perspectiva viciada na lida do Patrimônio, de querer a permanência dos processos de preservação no formol do para sempre.

A Lapa que estudei se localiza no entrecruzamento de um lugar de passagem com um lugar de memória em que permanece aquele que sabe se recriar. Na Lapa o passado é um tempo que se desloca colado como um adesivo ao presente, condensado, descaracterizado, reinventado.

A pesquisa qualitativa revelou a cada passo o diferente e o singular, mesmo nas confortáveis situações das conversas descontraídas nos botequins, nas caminhadas, nas festas de confraternização. Mostrou a diversidade e padrões de aceitação da alteridade como forma de construir pontes entre o isolamento e a possibilidade de compartilhar a solidão.

A presença e a permanência das travestis na Lapa, declarada, explícita, exposta (ao contrário do tráfico de drogas) é talvez o traço mais caricato das liminaridades espaço-sociais da Lapa no sentido das representações de borda, periferia e marginalidade que lhe são, de certa forma, tão características desde a mitologia malandra, boêmia dos anos 1930.

As travestis junto dos mendigos que dormem nos Arcos (ver fig. 56), dos traficantes locais, dos meninos de rua que assustam, dos bóias frias que se alimentam do sopão vespertino servido ao pé do aqueduto (ver fig. 55 “a” e “b”), conferem à Lapa a coloração transgressora que determinadas práticas desviantes transmitem aos lugares e permitem que sejam descritos como regiões morais (Park, 1979). É como se estranhamente certos aspectos desta permanência estruturassem o contraponto de uma *gentrification* em andamento no lugar.

Ruas mal iluminadas, portas entreabertas, casas de cômodos, comportamentos suspeitos ou dissimulados, zonas de prostituição, interceptam os fluxos de revitalização local e vão formar as zonas de sombras constituídas pelo excesso de luzes.

A população que reside na Lapa, heterogênea em qualquer categoria que se queira estabelecer para identificar e classificar; habita as regiões de sombra e ocultamento a que um projeto de revitalização que as desconsidere, obrigatoriamente as submete.

Dar lugar e voz a estas pessoas é, em alguma medida, indagar a respeito da existência de políticas públicas – urbanas, de saúde, culturais etc. –, jogar luz sobre a necessidade de mediação nas relações de poder e valorização da área, questionar um debate franco e o enfrentamento do problema das exclusões e das estratificações sociais tatuadas à ferro no tecido urbano.

A heterogeneidade social e de olhares que compõem a Lapa é o que surpreende e que escapa mantendo a atenção e a tensão sobre o objeto que se deseja apreender, conhecer, desvendar. Lapa múltipla e descontínua – Lapas. Um território habitacional que como uma franja envolve o centro bancário, de negócios da cidade. Uma linha de uso residencial que se estende da Tijuca à Glória pelo fio condutor da Lapa. E na Lapa o curto circuito de classes que se misturam e interagem ou que se isolam no anonimato da possibilidade de adotar uma atitude blasé, mesmo sem querer. Na Lapa encontramos as inúmeras possibilidades que a metrópole oferece.

Esta pesquisa, como indica a epígrafe no início das Considerações Finais, procurou pegadas e não provas dos moradores da Lapa. O universo estudado nem sempre é o que imaginamos, mesmo quando pertencemos à mesma cultura do observado e nesta medida a pesquisa mostra inflexões, transformações, derivas, que paradoxalmente podem constituir a explicitação do já sabido – permanências.

As pegadas operam nesta etnografia como indicações das rotas, dos fluxos que passam pelas Lapas investigadas. Da mesma forma de fluxos é feita a cultura de um grupo social. Fluxos que delimitam territórios do que deve ser preservado; fluxos que movimentam

a roda da vida, mutantes e imateriais, são como rodamosinhos a girar energia vital para as cidades.

As pegadas são a frustração (e o alívio) de não encontrar o animal; o alento de ter a certeza de que o animal existe e não é uma fabricação de nossa imaginação; mas, sobretudo, são o estímulo essencial para prosseguirmos na sua busca.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de A. [1987]1997. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Iplan Rio, Prefeitura do Rio.
- ABREU FILHO, Ovídio. 1981. “O parentesco como sistema de representações: um estudo de caso”. In S.Figueira & G. Velho (Eds). *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro, Campus.
- ALQUIÉ, Ferdinand. 1993. *Le désir d'éternité*. 4ª édition. Paris, Quadrige/Presses Universitaires de France.
- ANDRADE, Moacyr. 1998. *Lapa - alegres trópicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, Prefeitura do Rio.
- ANSAY, Pierre & SCHOONBRODT, René. 1989. *Penser la ville - choix de textes philosophiques*. Bruxelles, Éditions Archives d'architecture moderne.
- ANTONIO, João. 1963. “A Lapa acordada para morrer”. In Isabel Lustosa (org.). 2001. *Lapa do desterro e do desvario - uma antologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.
- ARANTES, Antônio Augusto (org.). 1984. *Produzindo o passado*. São Paulo, Editora brasiliense.
- ARENDT, Hannah. 1983. *A condição humana*. Trad.: Roberto Raposo. 1ª ed. brasileira, 1981. 2ª ed. bras. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. 1992. *Entre o passado e o futuro*. 3ª edição. São Paulo, Editora Perspectiva.
- ARGAN, Giulio Carlo. 1984. *História da arte como história da cidade*. Trad.: Pier Luigi Cabra. São Paulo, Livraria Martins Fontes Ltda.
- ATHAYDE, Celso; BILL, MV; SOARES, Luis Eduardo. 2005. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva LTDA.
- ARIÈS, Pierre. 1978. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- AUGÉ, Marc. 2004. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4ª edição. Campinas, Papyrus Editora.
- BACHELARD, Gaston. 1989 (1961). *A chama de uma vela*. Trad. Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A.
- BADIOU, Alain. 1994. *Para uma nova teoria do sujeito*. Trad.: Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de. 1965. *Rio de Janeiro em prosa e verso*. Rio de Janeiro, José Olympio.

- BAPTISTA, Luís Vicente. 2003. "Territórios, imagens e poderes" In G. I. Cordeiro, L. V. Baptista e A. F. Costa (orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras, Celta Editora.
- BARREIRO, Eduardo Canabrava. *Atlas da evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IHGB.
- BAUDRILLARD, Jean. 1986. *América*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Editora Rocco Ltda.
- . 1990. *A transparência do mal - ensaio sobre os fenômenos extremos*. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Campinas, Papirus Editora.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. 1992. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Coleção Biblioteca Carioca, vol. 11, Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação.
- BENÍTEZ, Maria Elvira Díaz. 2005. *Negros homossexuais: raça e hierarquia no Brasil e na Colômbia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS/MN/UFRJ, em fevereiro de 2005.
- BENJAMIN, Walter. 1987. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 3ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense.
- . 1991. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 2ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense.
- . 1994. *Obras Escolhidas II: rua de mão única*. 4ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense.
- BERGSON, Henri. 1990. *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves da Silva. 1ª edição. Rio de Janeiro, Martins Fontes.
- BERNARDES, Lysia M. C. & SOARES, Maria Therezinha de Segadas. 1987. *Rio de Janeiro – cidade e região*. Biblioteca carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural.
- BLANCHOT, Maurice. 2005. *O livro por vir*. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- BOLLE, Willi. (1984) "Cultura, patrimônio e preservação – Texto I". In, Arantes, Antonio Augusto (org.). *Produzindo o passado*. São Paulo, Condephaat, Editora Brasiliense.
- BOSI, Ecléia. 1979. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo, Biblioteca de Letras e Ciências Humanas da USP.
- BOTT, Elizabeth. 1976. *Família e rede social*. Papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns. Rio de Janeiro, Francisco Alves.



- BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une theorie de la Pratique*. Genebra, Droz.
- \_\_\_\_\_. 1962. Célibat et condition paysanne. *Études Rurales*, 5/6: 32-135.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. 2001. (org.) *A miséria do mundo*. 4ª edição. Petrópolis, Editora Vozes.
- BRIGGS, Asa. c1985. *The collected essays of Asa Briggs*. (Brighton). Harvester.
- BRITO, Joaquim Pais de. (1999). “O fado: etnografia na cidade”. In Gilberto Velho (org.). *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. 2003. “A cidade exposta”. In G. I. Cordeiro, L. V. Baptista e A. F. Costa (orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras, Celta Editora.
- BUENO, Alexei. 2000. “O Rio de Janeiro de Brasil Gerson”. In Brasil Gerson. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. 5ª edição remodelada e definitiva. Rio de Janeiro, Lacerda Editores.
- CALVINO, Ítalo. 1990. *As cidades invisíveis*. Trad.: Diogo Mainardi. 3ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARDOSO, Ruth (org.). 1986. *A aventura antropológica – Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- CASTRO, Celso. 1999. “Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro”. In G. Velho (org.). *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CASTRO, Moacir Werneck. 1989. “Um paulistano no Catete”. In Isabel Lustosa (org.). 2001. *Lapa do desterro e do desvario - uma antologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.
- CASTRO, Ruy. 2004. “Apresentação”. In Luís Martins. *Lapa*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, José Olympio Editora.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis, Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2003. *A invenção do cotidiano – morar, cozinhar*. 5ª edição. Petrópolis, Editora Vozes.
- CHOAY, Françoise. 1992. *L'Allegorie du Patrimoine*. Paris, Éditions du Seuil.
- CORDEIRO, Graça Índias. 1997. *Um lugar na cidade – cotidiano, memória e representação no Bairro da Bica*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- \_\_\_\_\_. 2003. “A antropologia urbana entre a tradição e a prática”. In Cordeiro, Baptista & Costa (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras, Celta.

- CORDEIRO, Graça Índias & COSTA, António Firmino. 1999. “Bairros: contexto e intersecção”. In Gilberto Velho (org.). *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CORDEIRO, Graça Índias & BAPTISTA, Luís Vicente & COSTA, António Firmino (orgs.). 2003. *Etnografias urbanas*. Oeiras, Celta.
- COSTA, António Firmino da. 1999. *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Portugal, Celta Editores.
- \_\_\_\_\_. 2003. “Estilos de sociabilidade”. In Cordeiro, Baptista & Costa (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras, Celta.
- COSTA, Rosalina Maria. 1993. *Em busca do espaço perdido – a reconstrução das identidades sociais do bairro da Lapa*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação em Geografia da UFRJ.
- CUNHA, Olivia Maria Gomes. 1998. *Intenção e gesto: política de identificação e repressão a vadiagem no Rio de Janeiro dos anos 30*. Tese de doutorado apresentada ao PPGAS da UFRJ.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). 2000a. *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Casa da Palavra.
- \_\_\_\_\_. 2000b. *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Casa da Palavra.
- \_\_\_\_\_. 2000c. *Guia da arquitetura art decô no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Casa da Palavra.
- \_\_\_\_\_. 2000d. *Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Casa da Palavra.
- DAMATA, Gasparino. 1978. *Antologia da Lapa – vida boêmia no Rio de ontem*. 2ª Edição, Coleção Edições do Pasquim, vol. 41, Rio de Janeiro, Editora Codecri.
- \_\_\_\_\_. 1978. “A Lapa ficou na saudade”. In Gasparino Damata. *Antologia da Lapa – vida boêmia no Rio de ontem*. Rio de Janeiro, Editora Codecri.
- DEBERT, Guita Grin. 1986. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral.” In Ruth Cardoso (org.). *A aventura antropológica – Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra
- \_\_\_\_\_. 1988. “Envelhecimento e representações sobre velhice”, trabalho apresentado no seminário organizado pelos grupos de trabalho “Família e Sociedade” e “População e Sociedade no Brasil” da ANPOCS, Campinas, 18-19 de agosto. Publicado em *Ciência Hoje*, vol 8, n.º 44, julho de 1988.

- DELEUZE, Gilles. 1987. *Proust e os signos*. Trad.: Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1972. *O Anti-Édipo - Capitalismo e esquizofrenia*. Trad.: Joana Morais Varela e Manuel Maria Carrilho. Portugal, Edições Assírio & Alvim.
- . 1988. *Mil Mesetas - Capitalismo y Esquizofrenia*. Traducción: José Vásquez Pérez. Valencia, Pré-Textos.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. 1977. *Dialogues*. Paris, Flammarion.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. 2005. *Manual de intervenções em jardins históricos*. Brasília, Iphan.
- DENIZART, Hugo. 1997. *Engenharia erótica – travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DETIENNE, Marcel. 1988. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DI CAVALCANTI, E. 1964. *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S. A.
- DONZELOT, J. 1980. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro, Graal.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1983. *Três ensaios sobre a pessoa e a modernidade*. Boletim do Museu Nacional (41) (N. Série – Antropológico). Rio de Janeiro.
- DUMONT, Louis. 1971. *Introduction à deux théories d'anthropologie sociale. Groupes de filiation et alliance de mariage*. Paris, Mouton.
- ECO, Umberto. 1962. *Obra Aberta*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editores.
- ENNE, Ana Lucia Silva. 2002. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidades*. Tese de doutorado em antropologia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRJ – Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- FABRIS, Annateresa (org.). 1987. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo, Nobel/Edusp.
- FEATHERSTONE, Mike (org.). 1994 (1990). *Cultura global – nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda.

- FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). 1987. *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*. São Paulo, Global.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho (coord.). 2000. *Affonso Eduardo Reidy – arquitetos brasileiros*. São Paulo, Editora Blau, Instituto Lina Bo Bardi.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. 1997. *O patrimônio em processo*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/IPHAN.
- FOOTE WHYTE, William. 1973 (1943). *Street corner society. The structure of an italian slum*. Chicago and London, The University of Chicago Press.
- FOUCAULT, Michel. 1977. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.
- \_\_\_\_\_. 1984. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 4ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda.
- \_\_\_\_\_. 1987. *Vigiar e Punir - História da violência nas prisões*. Trad.: Raquel Ramallete. 11ª edição. Petrópolis/RJ, Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_. *La vida de los hombres infames, ensayos sobre desviación y dominación*. Trad.: Júlia Varela y Fernando Alvarez Uría. Buenos Aires, Editorial Altamira.
- \_\_\_\_\_. 1992. *O que é um autor?* Lisboa, Veja.
- FRADIQUE, Teresa. 1999. “Nas margens... do rio: retóricas e performances”. In Gilberto Velho (org.). *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- FREEMAN, J. D. 1961. On the concept of the kindred. *The journal of the Royal Anthropological Institute* 91: 192-220.
- FREIRE, Gilberto. [1936] 1968. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro, José Olímpio.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Casa grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34ª edição. Rio de Janeiro, Record.
- \_\_\_\_\_. 2000. *Sobrados e Mucambos*. In *Intérpretes do Brasil*. Santiago, Silviano (coordenação, seleção de livros e prefácio). Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC Editora.
- GERSON, Brasil. 2000. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. 5ª edição remodelada e definitiva. Rio de Janeiro, Lacerda Editores.
- GOFFMAN, Ervin. 1975 [1959]. *A apresentação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Editora

Vozes.

GOMES, Renato Cordeiro. 1994. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro, Rocco.

GUATTARI, Félix. 1991. *As três ecologias*. 3ª edição. Campinas, Papirus.

HALBWACHS, Maurice. 1968. *La mémoire collective*. Paris, PUF.

\_\_\_\_\_. 1975. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, La Haye, Mouton Editeur.

HANNERZ, Ulf. 1983. *Explorer la ville – elements d’anthropologie urbaine*. Traductions e presentation par Isaac Joseph. Paris, Les Éditions de Minuit.

HEILBORN, Maria Luiza. 1984. *Conversa de portão – juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HÉRITIER, F. 1981. “Les lois fondamentales de la parenté”. In *L’Exercice de la Parenté*, Paris, Le Seuil.

HOBSBAWM, Eric. 1994. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). 1984. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

JACOBS, Jane. 2000. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes.

JERUSALINSKY, A. 1994. Os filhos como sintoma conjugal. In C. Calligaris & e. al. (Eds.), *O Laço Conjugal* (pp. 12). Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

JUNIOR, Celso Azzan. *Antropologia e interpretação* (Explicação e interpretação nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz). São Paulo, Editora Unicamp, 1993.

KROEBER, A. L (dirección). *Conceptos y valores*. Tradução de Anibal Leal, Buenos Aires, Editorial Libros Básicos S.C.A., 1965.

LATIF, Miran de Barros. 1965. *Uma cidade nos trópicos - São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Agir.

LATOUR, Bruno. 1991. *Nous n’avons jamais été modernes*. Paris, La Découverte.

LEFEBVRE, Henri. 1991. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Editora Ática.

LE GOFF, Jacques. 1990. *História e memória*. Campinas/SP, Editora da Unicamp.

- LEITE, Sebastião Uchoa. 1986. *Crítica clandestina*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora.
- LESSA, Carlos. 2001. *O Rio de todos os Brasis*. 2 edição. Rio de Janeiro, São Paulo, Editora Record.
- LESSA, Washington Dias. 1973. *Indicações para uma leitura semiótica da Lapa*. Trabalho de formatura apresentado à Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ, Rio de Janeiro.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1983 [1956]. La Famile. In Lévi-Strauss, C. *Le regard éloigné*. Paris, Plon, (65-92).
- \_\_\_\_\_. 2001 [1955]. *Tristes trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. 2002 [1962]. *O pensamento selvagem*. 3ª edição, Campinas, Papirus Editora.
- LINS DE BARROS, Myriam. 1987. *Autoridade e afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. (org.) 1998. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.
- \_\_\_\_\_. 1999. “A cidade dos velhos”. In Gilberto Velho (org.). *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- LUSTOSA, Isabel (org.). 2001. *Lapa do desterro e do desvario - uma antologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.
- LYNCH, Kevin. 1999. *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.
- LYOTARD, Jean-François. 1989. *O Inumano - Considerações sobre o tempo*. Trad.: Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa, Editorial Estampa Ltda.
- MACHADO, Fernando Luís. 2003. “Etnicidade e sociabilidade dos guineenses em Portugal”. In G. I. Cordeiro, L. V. Baptista e A. F. Costa (orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras, Celta Editora.
- MAFRA, Patrícia Delgado. (2005). *Entre a “pista” e o “camelódromo” – o cotidiano dos camelôs no centro do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MAGNANI, José Guilherme & TORRES Lilian de Lucca. (orgs.). [1996] 2000. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 2. edição. São Paulo, Edusp.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1930. Kinship. *Man* 17-18: 19-29.
- MARTINS, Luís. 1979. *Noturno da Lapa*. 2ª edição. São Paulo, Vertente Editora.

\_\_\_\_\_. 2004. *Lapa*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Editora José Olympio.

\_\_\_\_\_. 2004. *Noturno da Lapa*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Editora José Olympio.

MINISTÉRIO da Saúde. Departamento de Atenção Básica, Saúde da Família.

<http://portal.saude.gov.br/saude;>

<http://dtr2004.saude.gov.br/dab/atencaobasica.php>.

MUMFORD, Lewis. 1998. *A cidade na história*. São Paulo, Martins Fontes.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. 1978. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores. Seleção de textos Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubem Rodrigues Torres; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. 2ª edição. São Paulo, Abril Cultural.

\_\_\_\_\_. 1988. *Genealogia da moral*. Trad.: Paulo Cesar Souza. 1ª edição, 1987. 2ª edição, 1988. São Paulo, Editora Brasiliense.

NORA, Pierre. 1984-1992. *Les lieux de mémoire*. Paris, Seuil.

NUNES, Edson de Oliveira (org.). 1978. *A aventura sociológica*. Objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar Editora.

O'DONNELL, Julia Galli (2007). *No olho da rua: a etnografia urbana de João do Rio*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. 2005. “Breve histórico dos jardins no Brasil”. In Carlos F. de M. Delphim. *Manual de intervenções em jardins históricos*. Brasília, Iphan.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). *Marcel Mauss – 1872-1950*. Coletânea de textos de Marcel Mauss, publicada na coleção Grandes Cientistas Sociais, coordenada por Florestan Fernandes. São Paulo, Editora Ática, 1979.

OLIVEN, Ruben George. 1985. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, editora Vozes.

PARK, Robert E. 1979. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In Otávio G. Velho (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

PEIXOTO, Clarice E. 2000. “Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais”. In Peixoto, C. E., F. d. Singly et al. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

PROUST, Marcel. 1957. *Em busca do tempo perdido*. Coleção Nobel. Rio de Janeiro, Editora Globo.

*REVISTA do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 24, 1996. Antonio

Augusto Arantes (org.). Brasília, Iphan.

*REVISTA Literária Polichinello*, n.º 6, 2006. Belém.

RIO, João do. 1987. *A alma encantadora das ruas*. Coleção Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal do Rio, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação.

ROLNIK, Suely. 1989. *Cartografia sentimental - Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Editora Clube do Livro Ltda. Estação Liberdade.

ROSSI, Aldo. 1995. *A arquitetura da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.

ROSSO DEL BRENA, Giovanna (org.). 1985. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos, uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro, Index.

SAHLINS, Marshall. 2003 [1976]. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

SANTIAGO, Silviano (coordenação, seleção de livros e prefácio). 2000. *Intérpretes do Brasil*. 3 volumes. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. 1981. *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. 1981. *Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 2ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro, Finep/Ibam.

SANTOS, Paulo F. 1981. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro, IAB.

SATÃ, Madame. 1972. *Memórias de Madame Satã*. Conforme narração a Sylvan Paezzo. Rio de Janeiro, Lidador.

\_\_\_\_\_. 1974. "Memórias". In Isabel Lustosa (org.). 2001. *Lapa do desterro e do desvario - uma antologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.

SCHNEIDER, David. 1968. *American kinship: a cultural account*. Englewood Cliffs (NJ), Prentice Hall.

SILVA, Helga Santos. 2000. *Um modelo para habitar ou habitar um modelo* – Proposta para a restauração do Conjunto residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho). Trabalho Final de Graduação apresentado à Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense.

SILVA, Helio Raimundo. 1992. *A Lapa dos travestis: a construção da identidade "feminina"*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS da UFRJ.

SILVEIRA, Carmen Beatriz. 1995. *Uso residencial na área central do Rio de Janeiro – um estudo na periferia do Centro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação de Geografia da UFRJ.



SIMMEL, Georg. 1971. *On individuality and social forms*. Chicago and London, The University Chicago Press.

\_\_\_\_\_. 1979. “A metrópole e a vida mental”. In Otávio G. Velho (org.). *O fenômeno urbano*. Rio, Zahar.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos*. Rio de Janeiro.

VALÉRY, Paul. *Eupalinos ou o arquiteto*. Rio de Janeiro, Editora 34.

VARGAS, Heliana Comin & CASTILHO, Ana Luisa Howard de. (orgs.) 2006. *Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. São Paulo, Editora Manole Ltda.

VELHO, Gilberto. 1973. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

\_\_\_\_\_. 1980. *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro, Editora Campus.

\_\_\_\_\_. 1981. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

\_\_\_\_\_. 1986. *Subjetividade e sociedade - uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

\_\_\_\_\_. 1994. *Projeto metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

\_\_\_\_\_. 1998. *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.

\_\_\_\_\_. (org.) 1999. *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

\_\_\_\_\_. (org.) 1999. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

\_\_\_\_\_. 2006. “Patrimônio, negociação e conflito”. In *Revista Mana*, vol. 12, n.º 1, abril 2006.

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) 1996. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/Ed. Da Fundação Getúlio Vargas.

VELHO, Otávio Guilherme (org.). 1979. *O fenômeno urbano*. 4. edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

VERNANT, Jean-Pierre. 1992. *As origens do pensamento grego*. 7ª edição. São Paulo, Editora Bertrand Russel S.A.

\_\_\_\_\_. 1990. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão - movimento folclórico brasileiro (1947- 1964)*

VIRILIO, Paul. 1984. *L'horizon négatif*. Paris, Galilée.

WACQUANT, Löic. 2001. “Da América como utopia às avessas”. In Pierre Bourdieu (org.) *Miséria do mundo*. 4ª edição, Petrópolis, Editora Vozes.

WIRTH, Louis. 1979. “O urbanismo como modo de vida”. In Otávio G. Velho (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

ZUKIN, Sharon. 1996. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura.” In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n.º 24*. Brasília, Iphan.

## **ANEXO A – ILUSTRAÇÕES**

ANA CARMEN AMORIM JARA CASCO

O ARCO DAS LAPAS: um estudo de antropologia urbana

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Orientador: Gilberto Cardoso Alves Velho

Rio de Janeiro  
2007

## ANEXO A - Ilustrações

Fig. 1 a, b, c, d, e, f – Arcos da Lapa, desenhos	p. 1
Fig. 2 a, b, c – Arcos da Lapa, iconografia histórica	p. 2
Fig. 3 a, b, c, d, e – Largo da Lapa, iconografia 1817 a 2007	p. 3
Fig. 4 a, b, c, d, e – Lapa, várias ruas – fotografias	p. 4
Fig. 5 a, b – Rua do Lavradio – fotografias	p. 5
Fig. 6 – Largo da Lapa, 2004 – fotografia	p. 6
Fig. 7 a, b – Aqueduto em perspectiva, 1970 e 2007 – fotografias	p. 7
Fig. 8 a, b – Rua Joaquim Silva, 1970 e 2007 – fotografias	p. 8
Fig. 9 a, b, c, d – Rua Visconde de Maranguape, vários momentos – fotografias	p. 9
Fig. 10 a, b, c, d – Redutos da boemia e tradição – fotografias	p. 10
Fig. 11 a, b, c, d, e – Lapa, várias ruas – fotografias	p. 11
Fig. 11a a, b – Avenida Mem de Sá, 1905 e 2007 – fotografias	p. 11a
Fig. 12 a, b – Arcos e rua Gomes Freire – fotografias	p. 12
Fig. 13 – Planta conjectural, 1565	p. 13
Fig. 14 – Rio de Janeiro em meados do século XVIII	p. 14
Fig. 15 – São Sebastião do Rio de Janeiro, 1758/1760	p. 15
Fig. 15a. – Detalhe ampliado	p. 15a
Fig. 16 – São Sebastião do Rio de Janeiro, 1808	p. 16
Fig. 17 – Detalhe ampliado	p. 17
Fig. 18 – São Sebastião do Rio de Janeiro, 1852	p. 18
Fig. 19 – Detalhe ampliado	p. 19
Fig. 20 – Rio de Janeiro e subúrbios, início do século XX, sem data	p. 20
Fig. 21 – Detalhe ampliado	p. 21
Fig. 22 – Rio de Janeiro, 1910	p. 22
Fig. 23 – Detalhe ampliado	p. 23
Fig. 24 – Rio de Janeiro Central Monumental, 1914	p. 24
Fig. 25 – Rio de Janeiro, 1929	p. 25
Fig. 26 – Detalhe ampliado	p. 26
Fig. 27 – Ville du Rio de Janeiro, ca. 1937	p. 27
Fig. 28 – Detalhe ampliado	p. 28
Fig. 29 – Foto aérea de trecho da Lapa	p. 29
Fig. 30 – Rio de Janeiro, c.1959	p. 30
Fig. 31 – Detalhe ampliado	p. 31
Fig. 32 a, b – Projeto do arquiteto Reidy	p. 32
Fig. 33 – Planta perspectiva do Centro do Rio de Janeiro, 1965	p. 33
Fig. 34 – Detalhe ampliado	p. 34
Fig. 35 – Centro do Rio, perspectiva isométrica, 1989	p. 35
Fig. 36 – Detalhe ampliado	p. 36
Fig. 37 – Catadores de lixo, c.1970 e 2007	p. 37
Fig. 38 – Rua Gomes Freire, calçadas do lado par e ímpar	p. 38
Fig. 39 – Rua do Lavradio em diversos momentos	p. 39
Fig. 40 – Limite áreas criadas pela Prefeitura do	p. 40
Fig. 41 – Limites da Lapa Brasil Gerson	p. 41
Fig. 42 – Limites da Lapa Moacir Werneck de Castro	p. 42
Fig. 43 – Limites da Lapa Adilson	p. 43
Fig. 44 – Limites da Lapa Alexei Bueno	p. 44
Fig. 45 – Limites da Lapa Cristina	p. 45
Fig. 46 – Limite do Programa de Saúde da Família-Lapa	p. 46

Fig. 47 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , 2000	p. 47
Fig. 47a – Arcos da Lapa, 2007	p. 47a
Fig. 48 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , mapa 2000	p. 48
Fig. 49 – Lapa na <i>Revista Veja Rio</i> , 2006	p. 49
Fig. 50 – Lapa na Revista <i>Veja Rio</i> , mapa 2006	p. 50
Fig. 51 – Matérias do Jornal <i>O Globo</i> , 2007	p. 51
Fig. 52 – “Cores da Lapa”, publicidade, 2006	p. 52
Fig. 53 – Mapeamento dos lugares de boemia na Lapa, 2007	p. 53
Fig. 54 – Turma OK, Democráticos e Bar das Quengas, 2007	p. 54
Fig. 55 – Fila do sopão e “formigões”	p. 55
Fig. 56 – Arco dormitório	p. 56
Fig. 57 – Espaços religiosos na Lapa	p. 57
Fig. 57a – Espaços religiosos na Lapa	p. 57a
Fig. 58 a, b, c – Procissão e Lampadário – fotografias	p. 58
Fig. 59 – Mapa indicando edificações com uso residencial	p. 59



"Boneca", Hugo Denizart.  
Detalhe carrinho de frete, catador de Lixo, Centro - Rio de Janeiro.



a



b



c



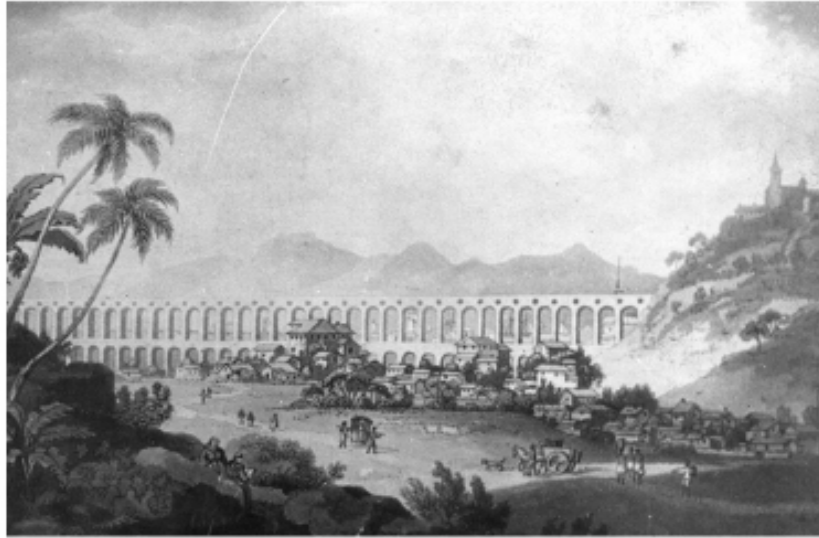
d



e



f



a



b



c





a



b



c



d



e

a



b



c



d



e





a



b





a



b



a



b



a



b



c



d



a



b



c



d





a



b



c



d



e



a



b



a



b



detalhe

A cidade do Rio de Janeiro na época da sua fundação em 1565  
Planta conjectural





A cidade do Rio de Janeiro  
em meados do sec.XVIII  
Baseada na planta de  
André Vaz Figueira de 1750











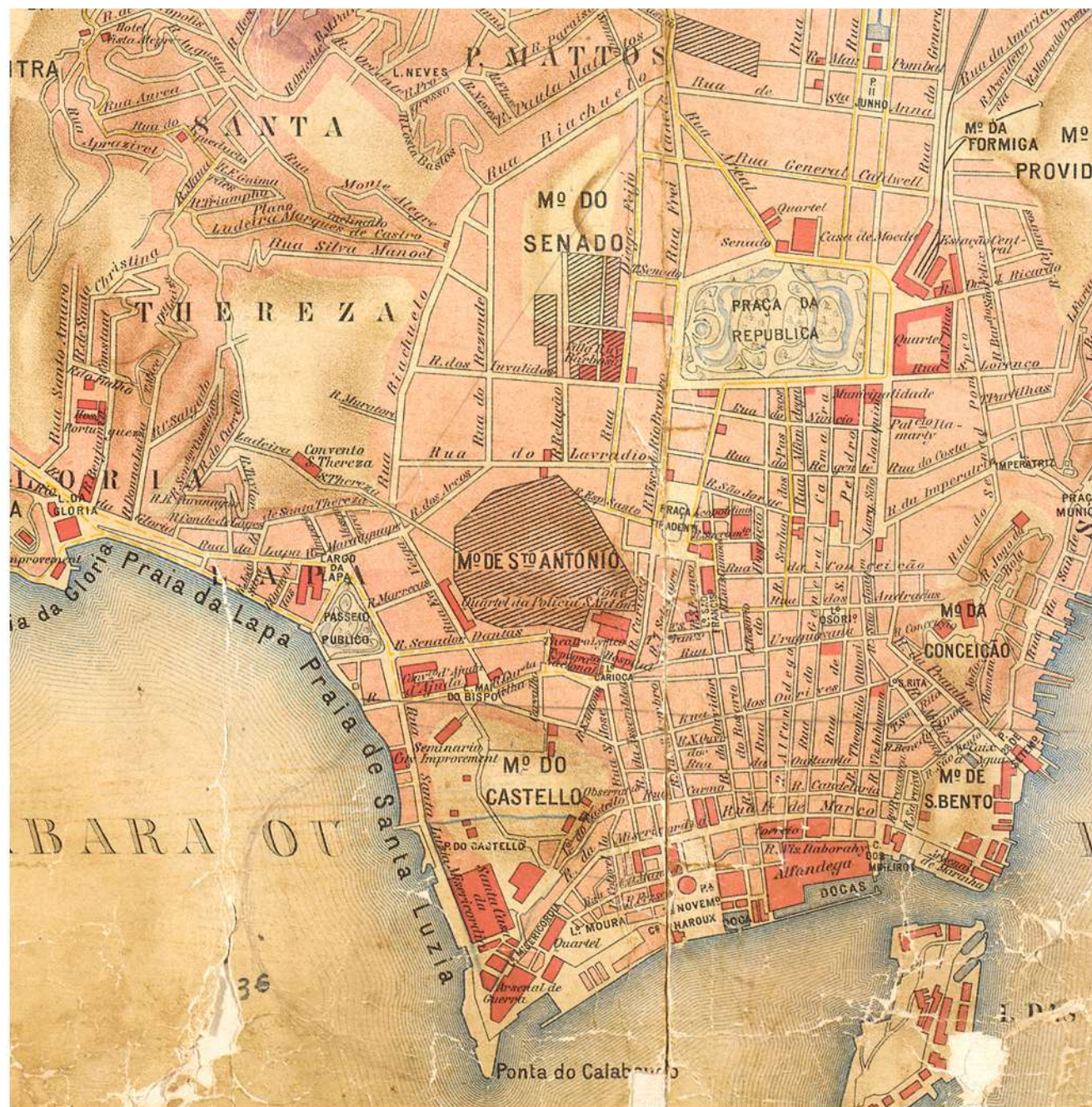
1808 Lapa



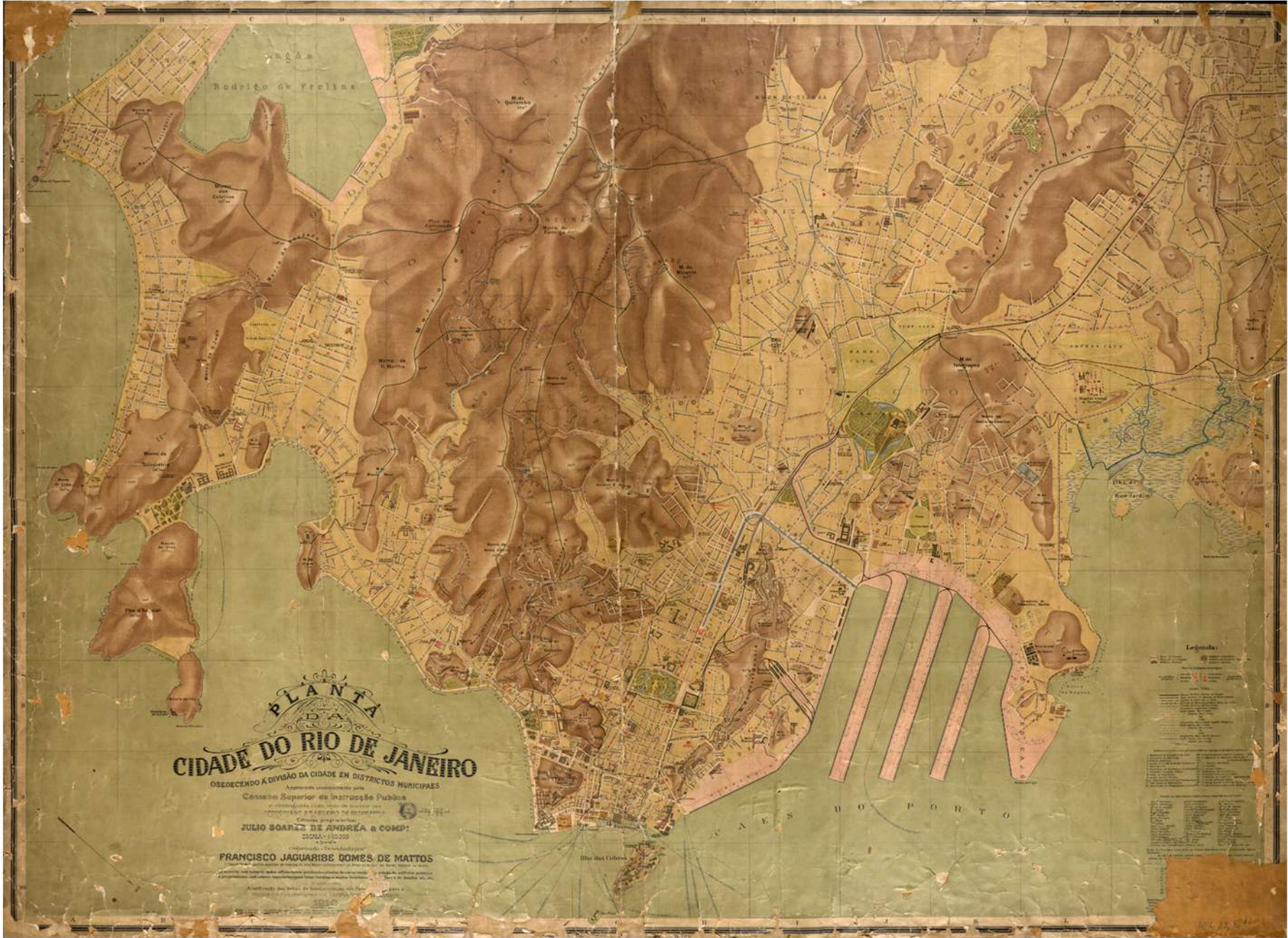


1852 Lapa





LAPA Início Sec. XX





1910 Lapa











**Casinos et Restaurants**

11 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

12 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

13 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

14 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

15 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

16 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

17 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

18 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

19 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

20 CASINO DE CARACARA - Au Casino de Caracara, Rua de Caracara, 111 - Tel. 21.111

**Les Sports**

21 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

22 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

23 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

24 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

25 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

26 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

27 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

28 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

29 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

30 CLUB DE TENNIS - Au Club de Tennis, Rua de Tennis, 111 - Tel. 21.111

**Jardins**

31 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

32 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

33 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

34 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

35 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

36 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

37 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

38 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

39 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

40 JARDIN DE BOTANIQUE - Au Jardin de Botanique, Rua de Botanique, 111 - Tel. 21.111

**INFORMATIONS UTILES**

**HOTELS**

41 HOTEL ...

42 HOTEL ...

43 HOTEL ...

44 HOTEL ...

45 HOTEL ...

46 HOTEL ...

47 HOTEL ...

48 HOTEL ...

49 HOTEL ...

50 HOTEL ...

**REPUBLICHE DES ETATS UNIS DU BRÉSIL**  
 Gouvernement, Ministères et Etablissements Publics.

51 ...

52 ...

53 ...

54 ...

55 ...

56 ...

57 ...

58 ...

59 ...

60 ...

**DISTRICT FEDERAL**  
 Gouvernement et Etablissements Publics.

61 ...

62 ...

63 ...

64 ...

65 ...

66 ...

67 ...

68 ...

69 ...

70 ...

**Transports aériens, ferroviaires et maritimes**

71 ...

72 ...

73 ...

74 ...

75 ...

76 ...

77 ...

78 ...

79 ...

80 ...

**MUSEES**

81 ...

82 ...

83 ...

84 ...

85 ...

86 ...

87 ...

88 ...

89 ...

90 ...

**BUREAUX D'INFORMATIONS TOURISTIQUES**

91 ...

92 ...

93 ...

94 ...

95 ...

96 ...

97 ...

98 ...

99 ...

100 ...

1932



**CARTE  
TOURISTIQUE  
DE LA  
VILLE DE  
RIO DE JANEIRO**

**LA CAPITALE DES  
ETATS UNIS DU  
BRÉSIL**



**Promenades et Excursions**

101 ...

102 ...

103 ...

104 ...

105 ...

106 ...

107 ...

108 ...

109 ...

110 ...

**Eglises**

111 ...

112 ...

113 ...

114 ...

115 ...

116 ...

117 ...

118 ...

119 ...

120 ...

**Académies, Ecoles**

121 ...

122 ...

123 ...

124 ...

125 ...

126 ...

127 ...

128 ...

129 ...

130 ...

**Museums**

131 ...

132 ...

133 ...

134 ...

135 ...

136 ...

137 ...

138 ...

139 ...

140 ...

**Monuments**

141 ...

142 ...

143 ...

144 ...

145 ...

146 ...

147 ...

148 ...

149 ...

150 ...



**Promenades et Excursions**

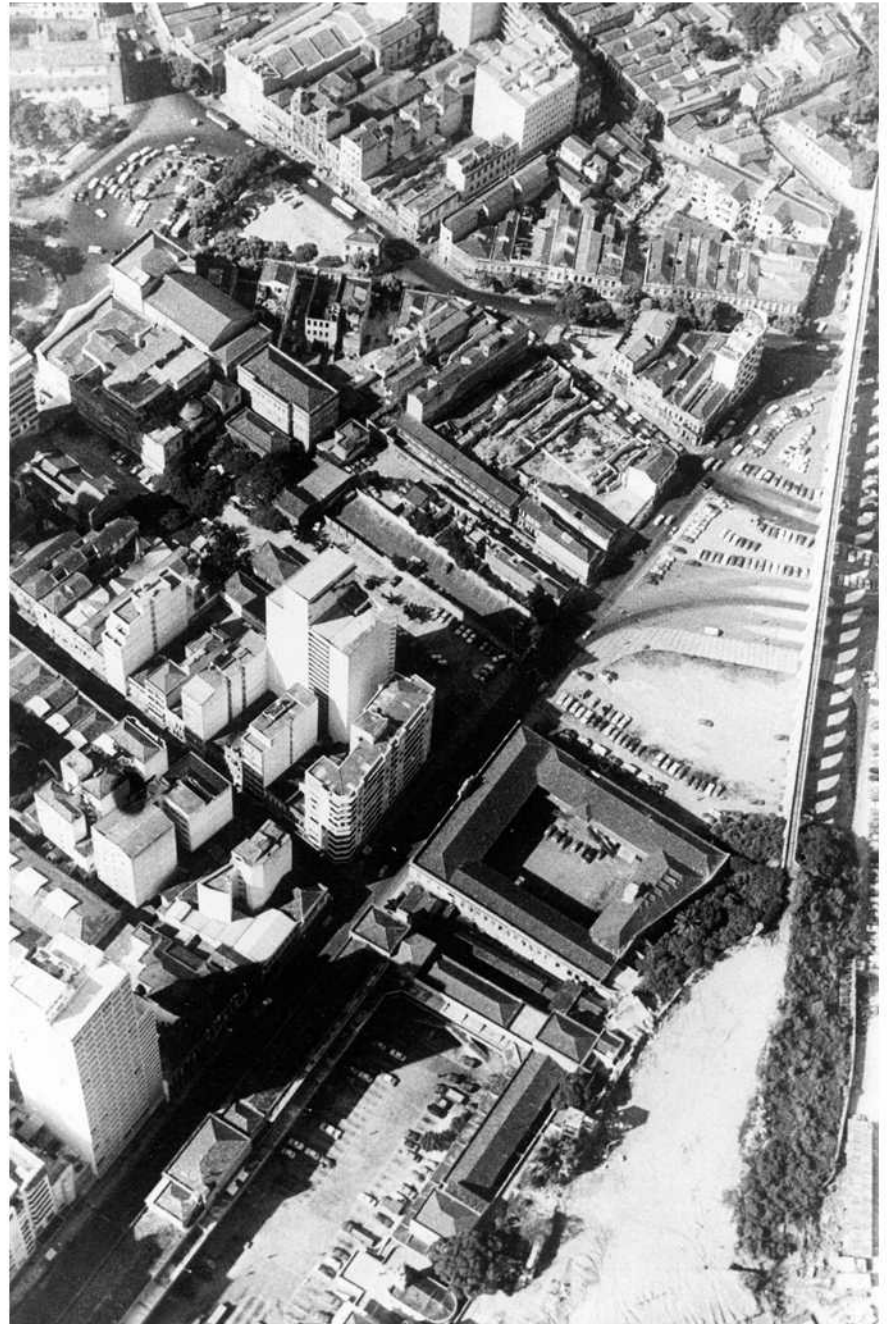
PLAGE DE COPACABANA - Plage et Casinos.  
 AVENUE NIEMEYER - Plages et Montagnes - Circuit de la Gavea - Rest. Job.  
 LE JOCKEY CLUB - Courses de chevaux - Lagoa Rodrigo de Freitas.  
 LE JARDIN BOTANIQUE - Plantes tropicales.  
 LA TIJUCA - Montagnes - Forêts merveilleuses. Promenades diverses: Excelsior, Furnas, Vista Chineso, Mesa do Imperador, Pic de la Tijuca, Pic du Papagaio, Cascatinha (haut de la Tijuca).  
 CIRCUIT DE LA TIJUCA - Tour de la Tijuca (Tijuca - Av. Niemeyer - Copacabana) (Tijuca - Silvesire - Santa Theresza) (Tijuca - Pente de la Gavea - Jockey Club - Lagoa Rodrigo de Freitas) (Tijuca - Jacarapaguá - Leblon - Copacabana) (Tijuca - Silvesire - Corcovado - Laranjeiras).  
 PAIN DE SUCRE - Funiculaire du Pain de Sucre.

**Eglises**

97 - CATHÉDRALE - rue 1.<sup>o</sup> de Marco... II-3  
 98 - EGLISE DE LA CANDELARIA - rue de la Candelaria - La plus célèbre Eglise du Brésil. II-4  
 99 - MONASTÈRE DE S. BENTO - r. D. Gerardo II-4  
 100 - COUVENT DE SANTO ANTONIO - Largo da Carioca - L'art Colonial... III-3  
 101 - EGLISE DE GLORIA DO OUTEIRO - Place Paris... IV-3  
 102 - EGLISE DE LA PENHA - Au sommet du Mont de la Penha - Chemin de Fer de la Leopoldina... V-5  
 EGLISE DE S. SEBASTIEN - rue Haddock Lobo  
 EGLISE DU ROSAIRE - rue Uruguaiana  
 EGLISE DE S. THERÈZE - rue Mariz e Barros  
 EGLISE SAINT ANNE - rue Sant'Anna  
 EGLISE MATRICE DE LA GLORIA - Piece de Machado.  
 EGLISE MATRICE DE COPACABANA - rue Copacabana.

1937 Lapa

c. 1965

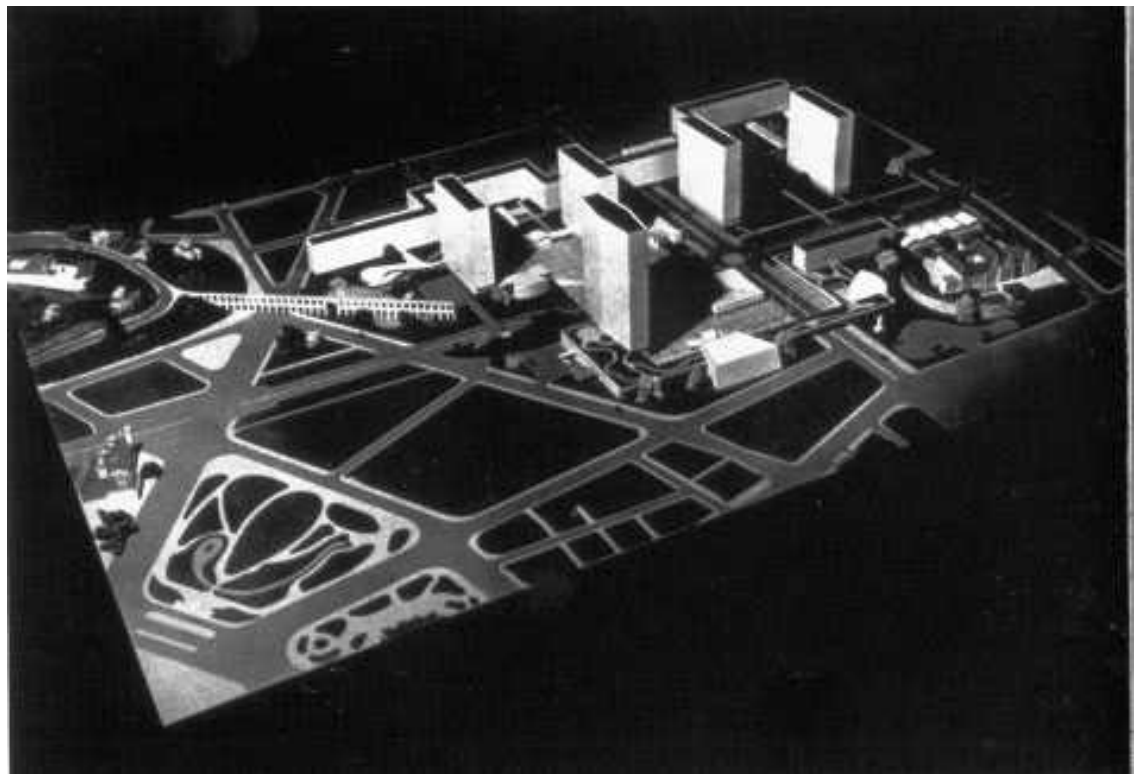






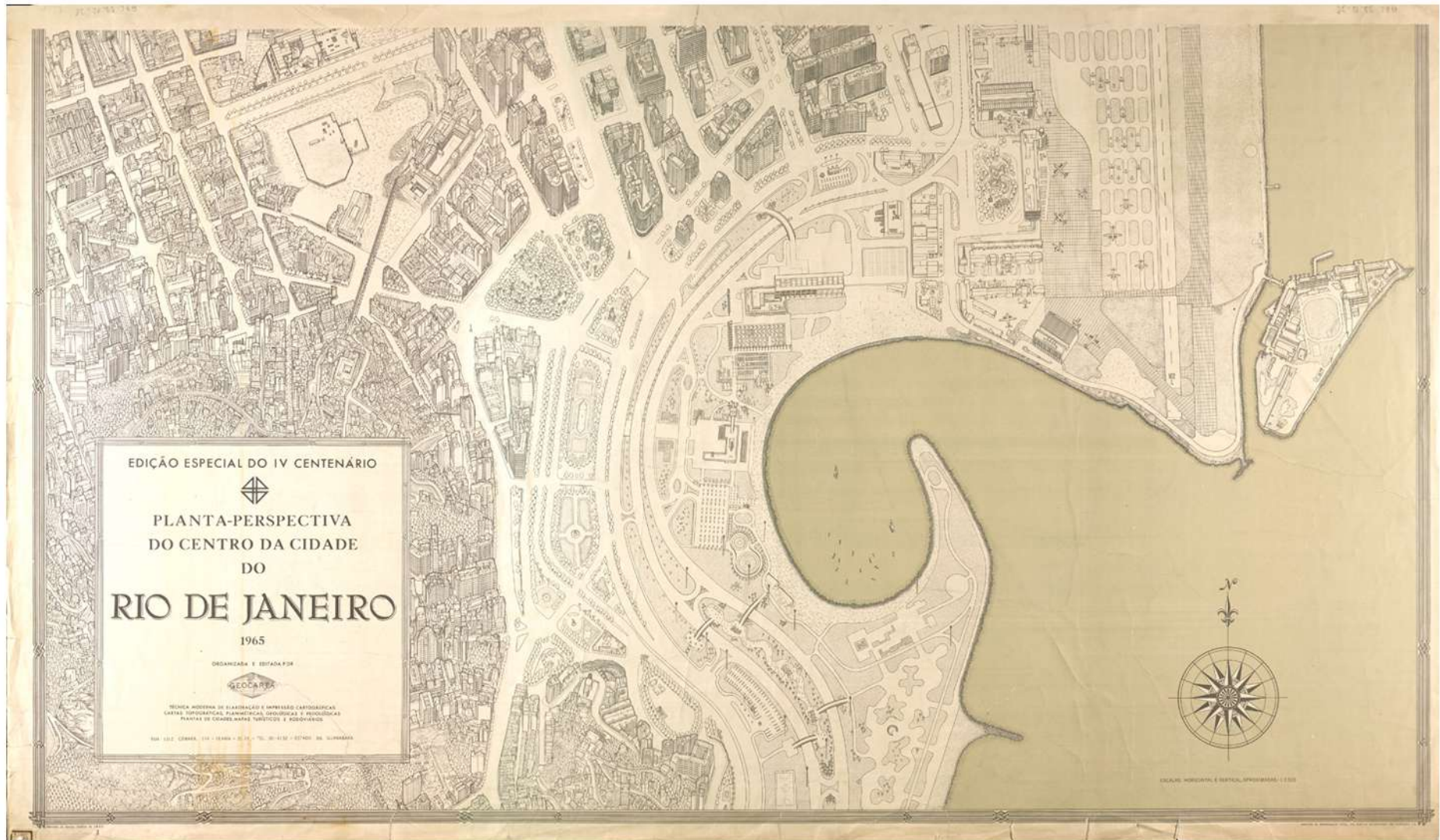


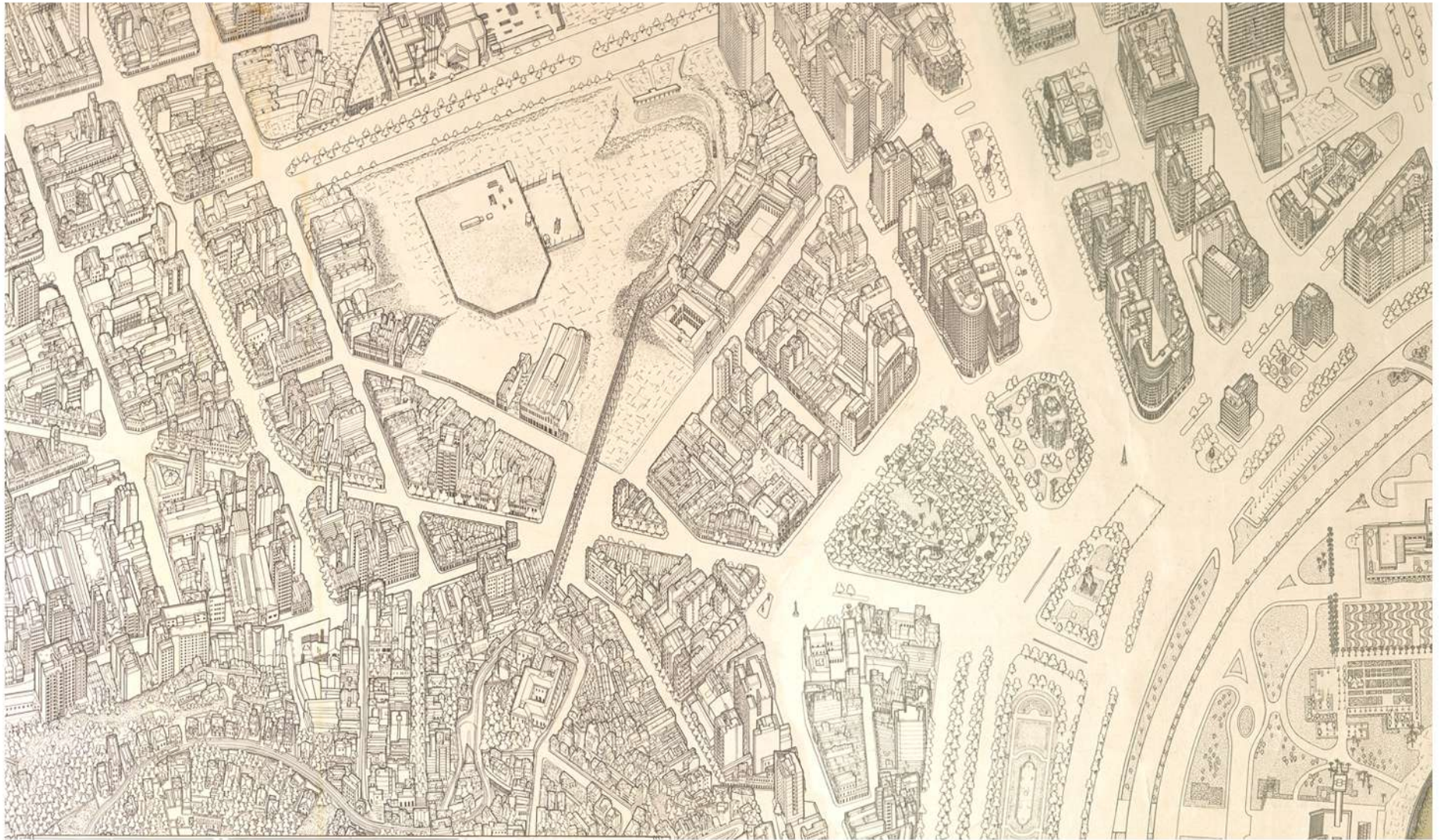
a



b

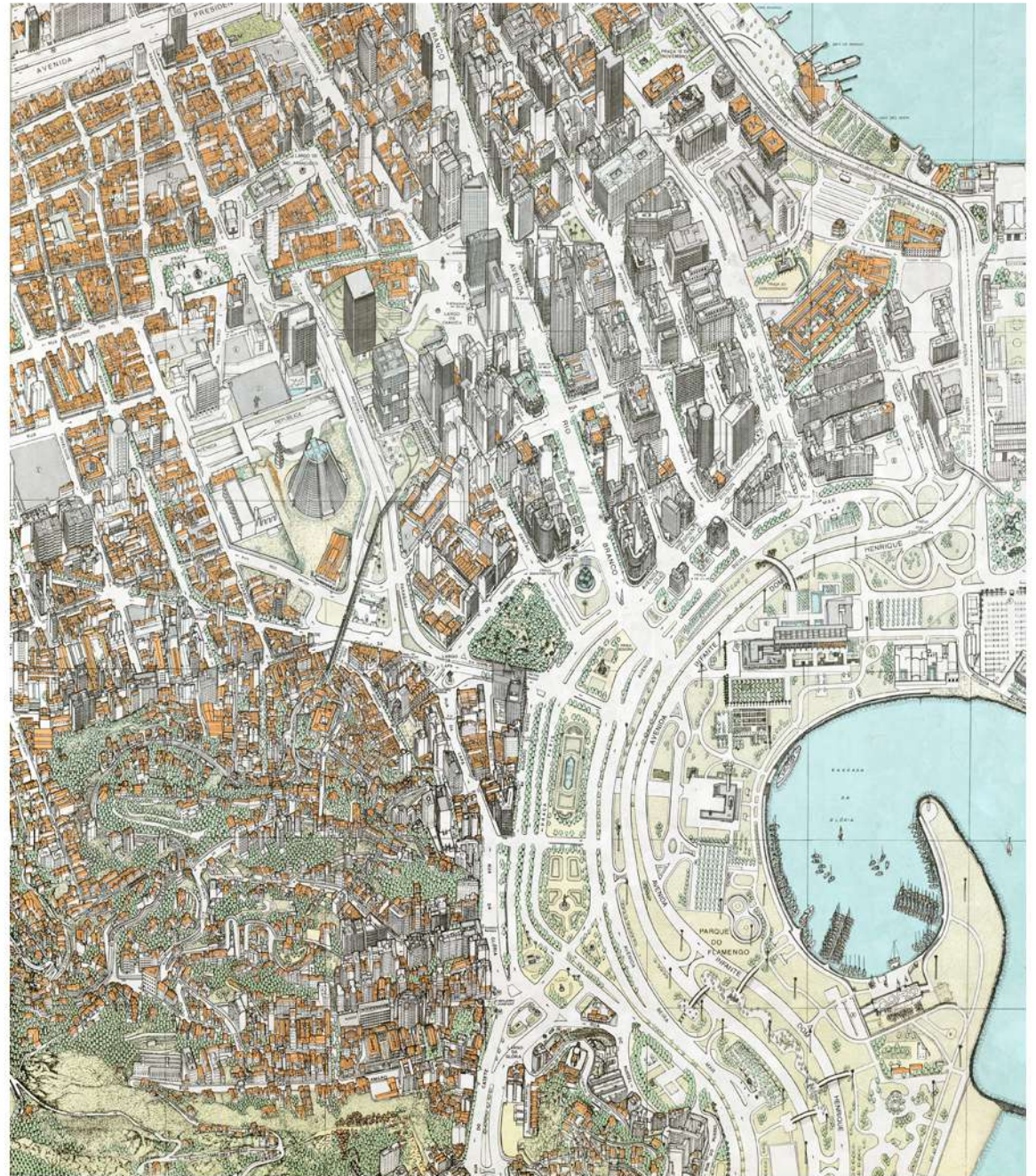






1965 Lapa

1989







a



b



a



b



a



b



c



d



e



f



AC 2

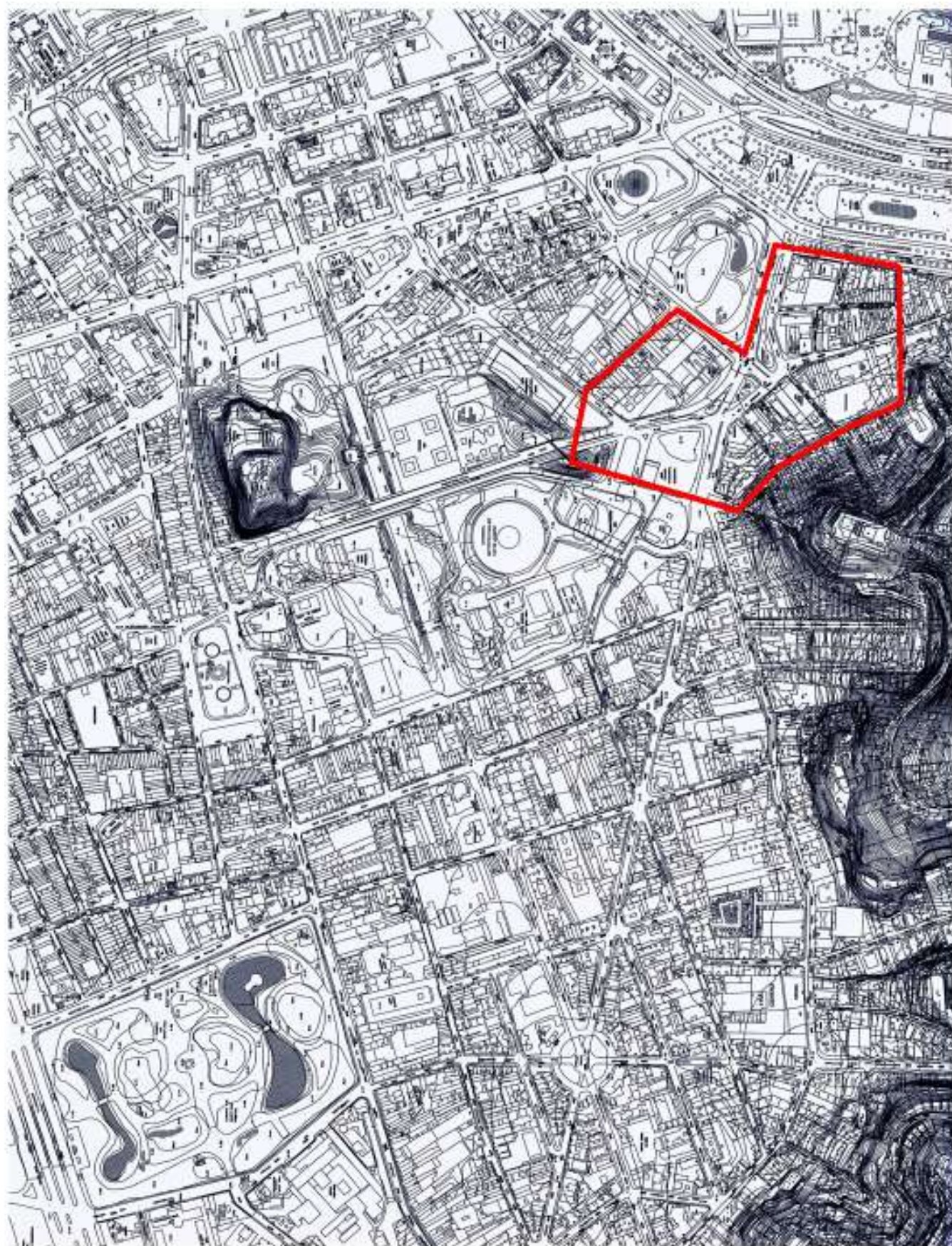
IIRA Area Especial Interesse Urbanístico



Lei 2236 (14.10.1995)



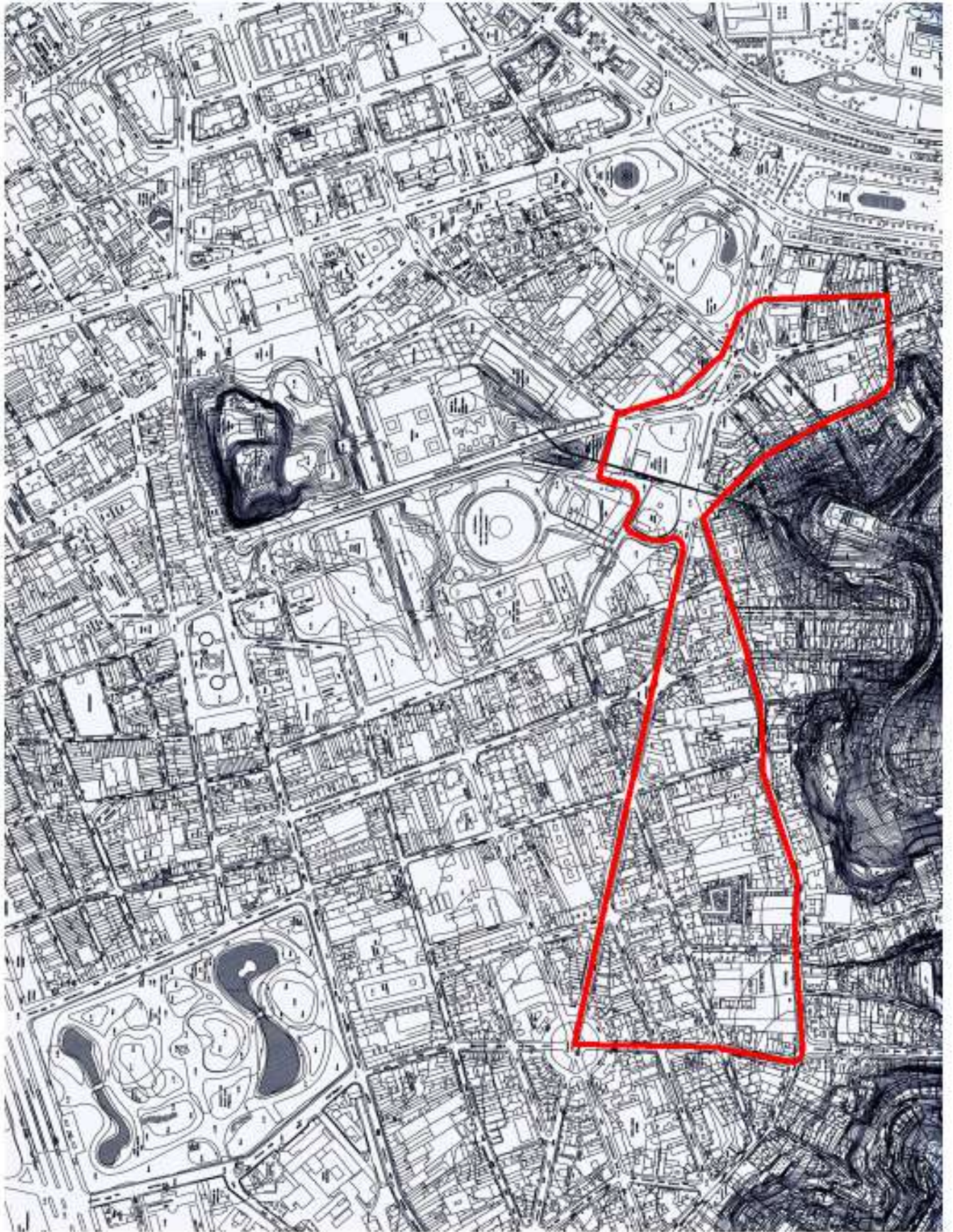




Moacir Werneck / Lapa/prostíbulo



Adilson









- bar/restaurante tradicional
- bar/restaurante novo
- restaurante pizzaria/kilo
- lanchonete
- espaço cultural
- casa noturna
- simuca



a



b



c





a



b



c



detalhe



detalhe





a



b



c



d



detalhe



a



b



a



b



c



- Residencial
- Empreendimento Residencial em construção Ano 2007

## LEGENDAS E COMENTÁRIOS SOBRE AS ILUSTRAÇÕES

*Abertura.* “Boneca” – fotografia Hugo Denizart. (Detalhe carrinho de frete de um catador de lixo do centro da cidade) p. 15

*Fig. 1.* *Arcos da Lapa – 1755 a 1991 – Um passeio no tempo.* Conjunto de seis desenhos em perspectiva do Largo da Lapa. 6ª edição, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2002.

- (a) 1755
- (b) 1840
- (c) 1906
- (d) 1958
- (e) 1988
- (f) 1991

Estas imagens, enriquecidas pelas fotografias feitas atualmente, pela interpretação dos mapas existentes sobre a cidade, pelos dados referentes à legislação urbana e análise das obras realizadas nesta área permitem construir um panorama da evolução urbana da Lapa.

*Fig. 2.*

- (a) Vista dos Arcos tomada do morro de Pedro Dias – Alexandre – 1806. Museu da Cidade – (MC). *In* Washington Dias Lessa. *Indicações para uma leitura semiótica da Lapa – 1973.* Trabalho de formatura, ESDI.
- (b) Vista dos Arcos tomada da estrada de Matacavalos – Therenin – 1832. Museu Histórico Nacional – (MHN). *In* Lessa, *op. cit.*
- (c) Rua dos Arcos e Aqueduto – foto Malta. Museu da Imagem e do Som – (MIS). *In* Lessa, *op. cit.*

*Fig. 3.*

- (a) Largo da Lapa – aquarela de Thomas Ender – 1817. Coleção de Gilberto Ferrez. *In* Lessa, *op. cit.*
- (b) Largo da Lapa – foto de M. Ferrez – c. 1908. Coleção de Gilberto Ferrez – (GF). *In* Lessa, *op. cit.*
- (c) Largo da Lapa – 1958. Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico – GB; Seção de Seleção e Documentação Fotográfica do Arquivo Histórico – (PHGB). *In* Lessa, *op. cit.*
- (d) Largo da Lapa. c.1970. *In* Lessa, *op. cit.*
- (e) Largo da Lapa 2007 – foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 4.*

- (a) Rua Joaquim Silva, botequim instalado no térreo de edificação residencial, 2007 – foto Ana Carmen Jara Casco.
- (b) Calçada da rua Visconde de Maranguape à partir da esquina com a rua Teotônio Regadas, 2007 – foto Ana Carmen Jara Casco
- (c) Mercado de usados na calçada da rua da Lapa, 2007 – foto Ana Carmen Jara Casco.
- (d) Rua da Lapa, 2007. Detalhe de muro com pintura de paisagem carioca – foto Ana Carmen Jara Casco.
- (e) Beco do Rato, esquina da rua Joaquim Silva com Moraes e Vale, 2007 – foto Ana Carmen Jara Casco.

No conjunto das ilustrações atuais da Lapa observar como a designação do bairro comparece no nome dos estabelecimentos comerciais.

*Fig. 5.*

- (a) Rua do Lavradio durante as intervenções urbanísticas dos anos 1990. Esquina da rua do Lavradio com Senado – foto Plínio Fróes.
- (b) Rua do Lavradio após as reformas – foto Plínio Fróes.

*Fig. 6.* Largo da Lapa 2004 – fotografia César Barreto.

Comparar esta fotografia com a fig. 1f (Lapa 1991), cuja única diferença fica por conta do porte das palmeiras que marcam a perspectiva do Lampadário.

*Fig. 7.*

- (a) Praça Cardeal Câmara, c.1970. *In Lessa, op. cit.*
- (b) Largo da Lapa, mesmo ângulo que a foto anterior em 2007. Primeiro plano, fila de objetos organizada pelos mendigos para refeição da sopa servida ao final da tarde. Ao fundo casario da rua Evaristo da Veiga, esquina da rua Joaquim Silva e início da Ladeira de Santa Teresa, que se mantém igual – foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 8.*

- (a) Rua Joaquim Silva entre rua da Lapa e Augusto Severo, c. 1970. *In Lessa, op. cit.*
- (b) Mesmo ângulo que a foto anterior, em 2007, perspectiva quase inalterada – foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 9.*

- (a) Rua Visconde de Maranguape, esquina com a Travessa do Mosqueira, c. 1970. *In Lessa, op. cit.*
- (b) Rua Visconde de Maranguape com Mem de Sá (fotografia de Antônio Henrique Nitsche). *In Lessa, op. cit.*
- (c) Rua Visconde de Maranguape, esquina com a Travessa do Mosqueira em 2007. Este terreno vazio abriga a Associação de moradores da Lapa e vários projetos como as aulas do grupo de capoeira do Mestre Barata. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (d) Rua Visconde de Maranguape com Mem de Sá em 2007. Mesmo ângulo da fig. 9b. Foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 10.*

- (a) Letreiro do restaurante “A Capela” – largo (fotografia Manchete Press). *In Lessa, op. cit.*
- (b) Entrada do “Casanova” – avenida Mem de Sá (fotografia Manchete Press). *In Lessa, op. cit.*
- (c) Calçada da avenida Mem de Sá para onde se mudou o restaurante “A Capela”, no fim dos anos 1960, e que hoje é chamado de “Nova Capela”, em 2007. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (d) Letreiro do “Cabaret Casanova”, na avenida Mem de Sá, em 2007. Foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 11.*

- (a) Travessa do Mosqueira, em 2007. À direita da foto esquina com a avenida Mem de Sá onde se localiza no térreo o Restaurante Cosmopolita. À esquerda da foto esquina com a Rua Visconde de Maranguape. Ao fundo encosta do bairro de Santa Teresa. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (b) Rua Teotônio Regadas, em 2007. À direita lateral da Sala Cecília Meireles e ao fundo encosta do Bairro de Santa Teresa. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (c) Rua Moraes e Vale, esquina com a Joaquim Silva, em 2007. Esta rua passa por trás da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa e vai até o Passeio Público. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (d) Rua da Lapa, quase esquina com a rua Taylor que desce do bairro de Santa Teresa, em 2007. Movimento da feira de objetos usados que se instala neste trecho da rua nos finais de semana. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (e) Calçada da rua Visconde de Maranguape, entre a travessa do Mosqueira e a rua Teotônio Regadas, que à noite é ocupada por vários camelôs que vendem comida, em 2007. Foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 11a.*



- (a) Abertura da avenida Mem de Sá, c. 1905. Fotografia M. Ferrez (Coleção de Gilberto Ferrez). *In Lessa, op. cit.*
- (b) Avenida Mem de Sá, esquina com a rua do Lavradio tendo aos fundos os Arcos da Lapa, em 2007. Foto Ana Carmen Jara Casco.

*Fig. 12.*

- (a) Rua Gomes Freire, esquina com rua do Resende. Edifício projetado em 1908, pelo arquiteto Adolfo Morales de los Rios para sediar a Associação dos Funcionários Públicos Civis, em 2007. Foto Ana Carmen Jara Casco.
- (b) Arcos da Lapa fotografados à partir da Fundação Progresso e mostrando o “diálogo” aberto pelas demolições realizadas nos anos de 1960/1970, entre a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa e os Arcos. Foto Ana Carmen Jara Casco. 2007.

*Fig. 13.* Planta conjectural de 1565, editada no *Atlas da evolução urbana do Rio de Janeiro*, organizado por Eduardo Canabrava Barreiros e publicado pelo IHGB. Ver círculo que assinala a área onde mais tarde se implantou a Lapa observando pequena reentrância que forma uma lagoa mais tarde denominada do Boqueirão e que depois de aterrada se transformou no Passeio Público.

*Fig. 14.* A cidade do Rio de Janeiro em meados do século XVIII, baseada na planta de André Vaz Figueira de 1750. *Atlas da evolução urbana do Rio de Janeiro, cit.* Neste momento a cidade se concentrava entre os Morros do Castelo, São Bento, Santo Antônio e da Conceição e havia um projeto de construção de fortificação que a protegeria na direção Norte, na altura da atual rua Uruguaiana. A região da Lapa era um emaranhado de caminhos onde já estava assinalado o aqueduto da Carioca.

*Fig. 15.* Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 1758/1760. É um desenho feito à nanquim e termina exatamente no Largo da Lapa, representando o seminário de Nossa Senhora da Lapa. Rua das Mangueiras e o Aqueduto pontilhado juntando “religiosas de Santa Thereza” com “Convento de São Francisco – linhas chamadas de “canos da Carioca”. Lagoa do Boqueirão representada e atrás dele um lote “religiosas de Jerusalém” e na altura da atual rua Evaristo da Veiga o “convento dos Barbadinhos”. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 15a.* Detalhe ampliado da *fig. 15.*

*Fig. 16.* Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, J. A. Reis, 1808. (920 x 1190). No canto esquerdo da planta existe uma legenda na qual estão identificados, por letras ou números, os elementos que selecionei por serem de interesse desta pesquisa: Passeio Público (a), largo da Lapa e o Seminário da Lapa (c), Rua da Glória (31), Rua do Desterro (32) (atual Joaquim Silva), rua das Mangueiras (33), rua dos Arcos (35), Matacavalos (36), Lavradio (37), Inválidos (38). Convento de Santa Teresa (D), Convento dos Carmelitas (B) (rua dos Barbonos), Chafariz das Marrecas (c), não havia o beco lateral da Igreja do Carmo. O seminário da Lapa e a igreja formavam um conjunto, a rua hoje conhecida como Moraes e Vale já estava representada neste mapa. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 17.* Detalhe ampliado da *fig. 16.*

*Fig. 18.* Planta da Mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, John Edgard Ker, 1852. (520 x 700). Mapa no qual aparecem as edificações religiosas da cidade pintadas de vermelho e em amarelo as edificações civis como quartel, telégrafo, escolas. Neste mapa vemos ser representado o Convento da Ordem do Carmo e a Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro, o Passeio Público e a rua do Passeio, a praia em frente ao Passeio é denominada de praia das Freiras de Santa Luzia e em seguida, na direção da Santa Casa de Misericórdia vem a Praia de Santa Luzia. Aparecem as ruas da Lapa, das Mangueiras, dos Barbonos (atual rua Evaristo da Veiga), travessa do Mosqueira, rua do Império (atual rua Teotônio Regadas), Santa Thereza (atual rua Joaquim Silva), das Carmelitas (entre a Moraes e Vale e a praia), Mata Cavallo, Lavradio, Inválidos. A cidade estava bem construída até a região do Mangue. Neste mapa há uma legenda com a seguinte inscrição: “Freguezias da cidade: Santíssimo

Sacramento – 3 districtos – 32 quarteirões; São José – 2 districtos – 20 quarteirões; Santa Anna – 2 districtos – 45 quarteirões”. A capela do Menino Deus (na rua Mara Cavallos) ficava na Freguezia de São José; a Igreja de N. S. da Lapa ficava na freguezia da Glória, assim como o Convento de Santa Teresa e a Igreja alemã na rua dos Inválidos. A igreja de Santo Antonio dos Pobres, na rua dos Inválidos, ficava na freguezia de Sant’ Anna. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 19.* Detalhe ampliado da *fig. 18*.

*Fig. 20.* Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios. Ulrik Greiner, início do século XX, sem data. (80 x 100). Esta planta possui algumas versões em que ficam registrados os “Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro em construção”, que eram: avenida Beira Mar, obras do Porto, Avenida Central e Mem de Sá (a rua Mem de Sá vinha até a rua do Passeio ou o Largo da Lapa e sua abertura criou os quarteirões “ferro de engomar”). Os proprietários da planta são os Editores Laemmert. A planta aqui reproduzida não mostra estes detalhes mas figura como o último registro da Lapa antes da abertura da Avenida Mem de Sá. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 21.* Detalhe ampliado da *fig. 20*.

*Fig. 22.* Planta da cidade do Rio de Janeiro, organizada e desenhada pelo tenente Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, 1910. (100 x 139). Esquina da avenida Augusto Severo com Passeio Público há uma edificação identificada como “Syllogêo” (local onde se reúnem associações literárias ou científicas). Já existia a Escola Deodoro, na esquina da rua da Lapa com Conde Lages. As ruas já possuem as denominações: Joaquim Silva, Moraes e Valle, Mem de Sá, Riachuelo, Lapa, Maranguape, Mosqueira, Teotônio Regadas. Aparece o edifício do Monroe, um Cassino na rua do Passeio e a linha de bonde sobre o Aqueduto. Em termos de distritos temos: 5° distrito dos Arcos na direção da Praça da Cruz Vermelha; 4° distrito – Arcos até a rua Teotônio Regadas, Passeio Público na direção da Cinelândia; 7° distrito – Teotônio Regadas na direção da Glória, incluindo a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 23.* Detalhe ampliado da *fig. 22*.

*Fig. 24.* Rio de Janeiro Central Monumental, Carlos Aenishanslin, 1914. (0,580 x 0,785). Este mapa acompanha um “Guia prático organizado especialmente para os estrangeiros por Carlos Aenishanslin”, com plantas do Rio e Niterói – e uma do centro do Rio com os principais monumentos. A população do Rio, nesta época, era de 1 milhão de habitantes. Nitheroy, capital do Estado do Rio de Janeiro tinha 60 mil habitantes. O guia foi editado em 4 idiomas: português, francês, suíço e inglês. Possui várias informações úteis entre as quais: “diferença de hora entre o Rio e diversos países e cidades”, localização de vários consulados, preço das taxas para cartas e encomendas, estações pneumáticas, uma das quais na Lapa, na rua Visconde de Maranguape n.º7, localiza agências bancárias, fornece o valor da conversão de moedas, os dias de festas nacionais, as estações de ferro: Praça da República – Central do Brasil, trem para São Paulo, Minas e Rio; Praia Formosa – Leopoldina, Petrópolis; Praça Visconde de Mauá – vapores; Caes Pharoux e dos Mineiros – Rio, Niterói, Ilha do Governador e Paquetá. Bondes e carros com tarifas. Hotéis: Freitas, na rua do Riachuelo 120; Grand Hotel, Largo da Lapa, 1; Continental, Rua do Passeio 40; dos Estados, Visconde de Maranguape 15; Guanabara, rua da Lapa 103. Pensões: Beethoven, rua da Glória 72; Portugal, Mem de Sá 72; Suissa, rua da Glória 68. Companhias de navegação, Revistas e jornais e suas sedes. Passeios recomendáveis: Alto do Corcovado, Pão de Açúcar, Silvestre e Sumaré, Leme e Ipanema (esplêndidas praias fora da Barra), Jardim Botânico, Praça da República (belíssimo parque franqueado ao público até 10 da noite no verão), Quinta da Boa Vista (esplêndido parque nele se acha instalado o palácio do Museu Nacional, antiga residência de D. João VI); Passeio Público, o mais antigo parque da cidade, aberto diariamente até 10 da noite, aí encontra-se o Aquarium. Estátuas, igrejas (Nossa Senhora da Lapa inclusive), hospitais

(Hospital do Carmo inclusive), Theatros, sport, principais repartições públicas e a indicação de tudo o que é mostrado nos desenhos das plantas. Este rico documento é o retrato de uma época da cidade e nesta medida um registro etnográfico da vida à partir do olhar de um estrangeiro. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 25.* Planta informativa da cidade do Rio de Janeiro especialmente organizada para o Guia Brigueit pelo professor Arthur Duarte Ribeiro, 1929. (615 x 930). O desenho mostra as intervenções urbanas projetadas pelo Plano Agache para a região do Castelo. Além disso, a cidade aparece dividida em bairros, e a LAPA aparece nomeada como uma área no mapa. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 26.* Detalhe ampliado da *fig. 25*.

*Fig. 27.* Carte touristique de la Ville du Rio de Janeiro: la capitale des Etats Unis du Brésil. ca. 1937. (53 x 43). Este mapa turístico representa a cidade na vigência do Estado Novo, antes da abertura da avenida Presidente Vargas, importante obra deste período. Um dado interessante é que o restaurante “Alba mer” está indicado como existindo no Mercado Municipal, ou seja, antes da demolição do mercado. O Guia apresenta lista de Hotéis, restaurantes, transportes, jardins, igrejas – roteiros turísticos – a Lapa aparece designada e diferenciada em relação ao Centro, e o Aeroporto Santos Dumont já aparece como referência de ponto de chegada no Rio. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 28.* Detalhe ampliado da *fig. 27*.

*Fig. 29.* Foto aérea de trecho da Lapa, com o Aqueduto à direita. Fotografia da Sursan. *In Lessa, op. cit.*

*Fig. 30.* Planta da cidade do Rio de Janeiro, c.1959. (37 x 47). Toda a intervenção urbana projetada pelo arquiteto Reidy e seus sucessores para a Lapa está registrada. Existe uma data, 1959, inscrita à caneta na foto. No verso tem a inscrição “Planta da cidade do Rio de Janeiro com melhoramentos projetados pela Sursan”. O desenho possui dois tipos de representação, um em linha cheia indicando o existente na cidade, e outro tracejado que parece indicar as intervenções propostas, entre as quais destaco a da Esplanada de Santo Antonio, na área criada pelo desmonte do Morro de mesmo nome, e a do Aterro do Flamengo. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 31.* Detalhe ampliado da *fig. 30*.

*Fig. 32.*

(a) Esquema do primeiro Plano de Urbanização da Esplanada de Santo Antônio, em 1948, elaborado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy. Reprodução à partir do livro *Affonso Eduardo Reidy – arquitetos brasileiros*. Coordenação Marcelo Carvalho Ferraz. 2000. Comparar com *figs. 31 e 32*.

(b) Maquete do primeiro Plano de Urbanização da Esplanada de Santo Antônio, de Reidy. Reprodução à partir da *op.cit.*

*Fig. 33.* “Edição especial do IV centenário – Planta perspectiva do Centro da cidade do Rio de Janeiro – 1965, organizada e editada por Geocarta” (planta em duas seções, cada seção mede 70 x 23). Mostra em perspectiva toda a área da Lapa. Não tem nome das ruas, a rua do Lavradio ainda está íntegra, ou seja, com os dois lados da rua edificadas. O desenho mostra como o Morro de Santo Antonio se articulava pelos fundos com a rua do Lavradio. Na região da Lapa observar na região existente entre o Aqueduto e a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, os dois quarteirões em formato triangular chamados de “ferro de engomar” e que ainda não haviam sido demolidos para a realização do projeto da avenida Norte-Sul, já que o projeto de Reidy para a Esplanada não foi aprovado. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 34.* Detalhe ampliado da *fig. 33*.

*Fig. 35.* Pôster do centro do Rio – perspectiva isométrica – Gauss, © Victor A. de Castro, 1989. (95 x 81). É um mapa em perspectiva com o mesmo ângulo do de 1965 (*fig. 33 e 34*) Observar a região da Lapa com parte da intervenção projetada para o local executada. No

lugar da Esplanda de Santo Antônio estão construídas a Catedral Metropolitana, uma unidade de CIEP, o prédio da Petrobrás, do BNDES e da Caixa Econômica Federal. Acervo da Biblioteca Nacional.

*Fig. 36.* Detalhe ampliado da *fig. 35*.

*Fig. 37.*

(a) Largo da Lapa, catador de lixo, c. 1970. *In Lessa, op. cit.*

(b) Rua Moraes e Vale, catador de lixo, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

*Fig. 38.*

(a) Rua Gomes Freire, calçada ímpar, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

(b) Rua Gomes Freire, calçada par, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

Observar a diferença de uso das calçadas e a presença dos camelôs no trecho de maior fluxo de pedestres.

*Fig. 39.*

(a) Rua do Lavradio durante enchentes. Problema que não foi resolvido com a remodelação urbana da rua, pois o sistema de drenagem da cidade ainda é, em parte, do século XIX. Foto Plínio Fróes.

(b) Rua do Lavradio durante as obras de remodelação urbana dos anos 1990. Foto Plínio Fróes.

(c) Rua do Lavradio depois das obras de reurbanização. Foto Plínio Fróes.

(d) Rua do Lavradio. A edificação em cor rosa, à direita da fotografia, é a Escola Municipal Celestino Silva, que teria sido o Teatro Apolo. Foto Plínio Fróes.

(e) Feira do Rio Antigo na rua do Lavradio. Foto Plínio Fróes.

(f) Feira do Rio Antigo. Foto Plínio Fróes.

A revitalização da rua do Lavradio, a partir da iniciativa de seus comerciantes, foi uma espécie de âncora de todo o processo de valorização da Lapa e centro do Rio.

*Fig. 40.* Base digital do levantamento aerofotogramétrico da cidade do Rio de Janeiro. Em linha tracejada assinalo o limite entre a Área Central 1, que vai da rua do Lavradio na direção da Praça da Cruz Vermelha e a Área Central 2, que vai da rua do Lavradio na direção da Praça XV de Novembro, criadas pelo Decreto 322 de 3 de março de 1976. Em 1995 a Prefeitura cria uma nova área chamada de “Especial Interesse Urbanístico” e que engloba toda a região da Lapa passando seu limite pelas fronteiras da rua Joaquim Silva e Riachuelo, o que demonstra o interesse em tratar a área da Lapa não mais fracionadamente como o decreto de 1976.

*Fig. 41.* Limites da Lapa para o jornalista, historiador e cronista Brasil Gerson que escreveu a *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. 2000.

*Fig. 42.* Limites da Lapa para o escritor Moacir Werneck de Castro, que descreve a Lapa como um lugar de prostíbulos nos anos 1930.

*Fig. 43.* Limites da Lapa para o entrevistado Adilson, que viveu na rua do Lavradio entre 1956 e 1973.

*Fig. 44.* Limites da Lapa para o escritor Alexei Bueno que vive na Lapa, nas imediações do Bairro de Fátima.

*Fig. 45.* Limites da Lapa para a fotógrafa Cristina que mora na rua Joaquim Silva.

*Fig. 46.* Área delimitada pelo Programa de Saúde da Família-Lapa, para atendimento domiciliar da população. Neste trecho da Lapa vivem aproximadamente 4 mil pessoas.

*Fig. 47.* A Lapa é matéria da capa da *Revista Veja Rio* em 2000.

*Fig. 47a.* Mesmo ângulo da fotografia de capa da *Revista Veja Rio* durante o dia, 2007. Esta foto procura ilustrar e sublinhar a escolha que fiz de trabalhar a Lapa diurna e seus moradores. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

*Fig. 48.* Mapa da região da Lapa publicado na Revista *Veja Rio*, em 2000, quando começava a efervescência da ocupação das ruas da Lapa, em especial a rua Joaquim Silva. Interessante observar os 13 estabelecimentos comerciais ou com atividades de caráter cultural listados.

*Fig. 49.* Em 2006 a Lapa é novamente matéria de capa da *Revista Veja Rio*. No novo mapa da boemia apresentado são listados 19 estabelecimentos comerciais ou com atividades de caráter cultural e a matéria aponta para o fato de que as fronteiras da Lapa se expandem.

*Fig. 50.* Ampliação do mapa publicado na *Veja Rio*, em 2006, ilustrando o circuito cultural da Lapa.

*Fig. 51.* Em 2007 mais matérias sobre a Lapa e o processo de “ocupação” do bairro. Destaque para o comércio de roupas destinado ao público de travestis.

*Fig. 52.* Em 2006 um grande empreendimento imobiliário agita a Lapa. É o lançamento do condomínio “Cores da Lapa” que durante a venda dos imóveis distribuiu pela rua folhetos com propaganda das vantagens de morar e ser da Lapa. Em um dos folhetos da publicidade apresentam um mapa de toda a área central da cidade desde a Praça Mauá até o Aterro do Flamengo, e deste até o Bairro de Fátima, mostrando o quanto a Lapa é bem localizada. Este mapa lista 49 estabelecimentos que representam as qualidades da localização do empreendimento.

*Fig. 53.* Mapa com os estabelecimentos comerciais ligados às atividades boêmias, incluindo o circuito “oficial” global e o “alternativo” local, em 2007. Levantamento de dados Ana Carmen Amorim Jara Casco.

*Fig. 54.*

- (a) Bar das Quengas, na esquina da avenida Mem de Sá. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (b) Clube Turma OK, edificação de cor amarela no centro da fotografia, rua do Resende, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (c) Clube Democráticos, rua do Riachuelo, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

*Fig. 55.*

- (a) Fila de objetos organizada a partir da hora do almoço, na sombra do aqueduto, e que marca o lugar das pessoas que ao final da tarde se alimentarão do sopão aí distribuído. Enquanto esperam durante toda a tarde as pessoas conversam, descansam ou dormem no chão, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (b) Adeptas da Ong Toca de Francisco, cuja vestimenta lembra os “formigões” que freqüentavam o largo da Lapa no século XIX, e que realizam trabalho assistencialista com os mendigos locais, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

*Fig. 56.* Os vãos dos Arcos da Lapa, símbolo do local, também se adapta aos usos produzidos pela complexidade das cidades contemporâneas e serve de dormitório.

*Fig. 57.*

- (a) Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, Largo da Lapa, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (b) Capela do Menino Deus, rua do Riachuelo, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (c) Igreja de São Crispim e São Crispiniano, rua Carlos Sampaio, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (d) Igreja Presbiteriana Alemã, rua Gomes Freire, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (e) Primeira Sinagoga do Rio de Janeiro, detalhe, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

A diversidade religiosa da Lapa se espelha nas inúmeras edificações, de diferentes crenças, espalhadas pelo bairro.

*Fig. 57a.*

- (a) Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, junto aos Arcos da Lapa, na esplanada de Santo Antônio, 2007. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.
- (b) Igreja Universal, rua do Riachuelo. Foto Ana Carmen Amorim Jara Casco.

*Fig. 58.*

- (a) Saída da procissão de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, 2006. Fotografia Ana Carmen Jara Casco
- (b) Evolução da procissão pela rua da Lapa, 2006. Fotografia Ana Carmen Jara Casco
- (c) Lampadário, monumento criado para marcar o eixo da avenida Mem de Sá, obra do Prefeito Pereira Passos e que está situado próximo da lateral da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, 2007. Fotografia Ana Carmen Jara Casco

*Fig. 59.* Mapa das edificações residenciais existentes no perímetro que vai até a rua Gomes Freire. Levantamento de dados Ana Carmen Amorim Jara Casco.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)